

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO
DEHA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ESCAVANDO A HISTÓRIA:
um estudo do Forte Maurício no contexto da Arquitetura
Militar do século XVII

Bianca Machado Muniz

MACEIÓ
2010

BIANCA MACHADO MUNIZ

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ESCAVANDO A HISTÓRIA:
um estudo do Forte Maurício no contexto da
Arquitetura Militar do século XVII**

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Angélica da Silva

**MACEIÓ
2010**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

M966e Muniz, Bianca Machado.
Escavando a história : um estudo do Forte Maurício no contexto da arquitetura militar do século XVII / Bianca Machado Muniz. – 2010.
208 f. : il. color.

Orientadora: Maria Angélica da Silva.
Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2010.

Bibliografia: f. [154]-159.
Apêndices: f.[160]-208.

1. Arquitetura militar – História – Séc. XVII. 2. Cidades. 3. Forte Maurício – Penedo (AL). I. Título.

CDU: 725.18

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO
DEHA

Bianca Machado Muniz

**ESCAVANDO A HISTÓRIA:
um estudo do Forte Maurício no contexto da Arquitetura Militar
do século XVII**

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. MARIA ANGÉLICA DA SILVA
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

Prof. Dr. MÁRIO MENDONÇA DE OLIVEIRA
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo PPGAU - FAUFBA

Prof^ª. Dr^ª. JOSEMARY OMENA PASSOS FERRARE
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

Prof. Dr. AUGUSTO ARAGÃO DE ALBUQUERQUE
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

Ao meu pai, Décio Muniz,
e aos meus filhos, Angela, Júlia e Miguel.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma das melhores coisas que se pode fazer por si mesmo, pois nos leva a reconhecer o que há de melhor ao nosso redor. Aqui, acredito que agradecer é mais do que justo, é quase um dever. Porém, me angustio, pois não poderia transmitir através de palavras o verdadeiro sentimento de gratidão que busco apenas referenciar. Nem tenho como eleger a importância desta ou daquela contribuição. Acredito que cada nome, e cada evento, foi especial à sua maneira.

Inicialmente agradeço à minha orientadora, Maria Angélica da Silva, por tudo o que representou na minha formação de arquiteta, e agora de mestra. Obrigada por me ensinar a ver a arquitetura, a cidade e o mundo de uma maneira que extrapola o óbvio. Obrigada por me ensinar que no aparentemente comum existem paisagens.

Agradeço à minha colega e amiga Roseline por estar sempre disponível a criticar e discutir aquilo que era necessário, e principalmente por ver em meu trabalho qualidades que às vezes nem eu mesma sou capaz de perceber. Obrigada também por ser para mim um exemplo de profissional e de profissionalismo.

Agradeço a todo o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem pelo carinho, pelo companheirismo e pelas trocas que realizamos. Se me “abrissem”, encontrariam em mim muitas paisagens das quais vocês fizeram parte.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas-FAPEAL pela bolsa que me permitiu dedicar-me mais integralmente a este trabalho.

Aos professores e colegas do DEHA – UFAL, por me ajudarem a ver o mundo de uma maneira diferente. Agradeço principalmente àqueles que se preocuparam em discutir meu tema, como os professores Geraldo Magela e Verônica Robalinho.

Ao Professor Sales, por ter aberto para mim as portas da Casa do Penedo com presteza e generosidade.

Ao professor Nicolaas Gosse Vale, pelas traduções dos mapas, realizadas com muita disponibilidade e cuidado.

À amiga Beatriz Souza, por me ajudar a traduzir para o inglês o resumo deste trabalho.

Agradeço ao professor Walter Matias por tornar todas as aulas algo maior e mais duradouro, e transformar a discussão de cada tema num verdadeiro prazer.

À professora Josemary Ferrare e ao professor Augusto Albuquerque, por comporem minha banca, mas principalmente por discutirem e criticarem o trabalho com estima e consideração.

Agradeço especialmente aos professores Mário Mendonça de Oliveira e Marcos Albuquerque: agradeço ao Professor Marcos Albuquerque pelas aventuras ao percorrer as fortificações, em especial o Forte Maurício. Por tornar a pesquisa algo tão interessante e por ajudar a acreditar que podemos “escavar” estas memórias. Ao professor Mário Mendonça, por acolher o meu trabalho, e principalmente por se mostrar disponível a me receber, responder perguntas e disponibilizar materiais. Eles estiveram muito presentes, muito próximos ao longo dos últimos anos, através de seus respectivos livros, assim como tantas personalidades que, embora próximas, estão separadas pelas muralhas do tempo: Barléu, Maurício de Nassau, Diogo da Sylveyra Vellozo e tantos outros que se tornaram mais “íntimos”.

Finalmente, agradeço aos meus filhos por darem sentido a minha vida e por serem o motivo principal para que eu continue sempre. Agradeço também à Zefinha, em quem eu pude confiar para cuidar daquilo que me é mais precioso enquanto eu me dedicava ao trabalho.

Agradeço ao meu marido, Fernando, por ser uma presença forte e segura ao meu lado, iluminando minha vida, sendo um verdadeiro companheiro, e muito mais que isso. Obrigada

por suportar as oscilações de humor de um coração angustiado pelo desejo de descobrir e ser sempre mais.

Agradeço à minha tia Magnólia por ter sido a mãe que eu já não tenho, e à minha irmã Catarina e meu cunhado Gustavo, por estarem sempre presentes e dispostos a ajudar e incentivar.

Sem vocês, este trabalho não poderia ser realizado.

Agradeço por terem me esperado, enquanto adiei tantos sonhos para me dedicar a “escavar” as imagens e paisagens do passado.

Agradeço especialmente a Deus.
Sem sua ajuda divina, eu não teria conseguido.

*No principio do mundo as mais belas campanhas eram as mais agradáveis
habitações; a segurança dos habitantes consistia na inocência de todos:
mas tanto que a cobiça, e ambição começaram a corromper os corações dos
homens, logo foi necessário armarem-se uns contra a violência dos outros,
donde nasceu a arte de fortificar.*

Diogo da Sylveyra Vellozo

RESUMO

Penedo é uma das cidades alagoanas que apresentam em sua paisagem urbana maior riqueza de prédios representando os vários períodos históricos que atravessou. Mas nem toda a memória se materializa na paisagem: algumas encontram-se apenas nos indícios, nas ausências e nos silêncios das camadas submersas da cidade. É assim com o Forte Maurício, que se constituiu na obra de fortificação mais importante construída no atual Estado de Alagoas. Edificado em meados do século XVII por ordem de Maurício de Nassau, sua forma e amplitude demonstram a importância estratégica da vila São Francisco para a defesa e manutenção do Brasil holandês. O forte já não existe, mas foram deixadas pelo holandese várias imagens – plantas e vistas – mapeando sua materialidade e inserção na vila. Sendo a iconografia holandesa a melhor referência a nos permitir acessar o forte, esta dissertação tem como objetivo reconstituir, através das imagens, as estruturas componentes do Forte Maurício e traçar considerações sobre o seu funcionamento dentro de um sistema de fortificações que visou garantir a presença holandesa na região Nordeste. Para tanto, foi realizado um estudo sobre a passagem do sistema de defesa medieval para o moderno. Também buscou-se compreender as fortalezas construídas no Nordeste do Brasil entre os séculos XVI a XVII, e, principalmente, realizar a análise das imagens do Forte Maurício à luz dos relatos de época, bem como compreender suas estruturas com o auxílio dos tratados de fortificação do século XVI ao século XVIII. Esta análise resultou na construção de infográficos que buscam explicar e decodificar as imagens, dando visibilidade aos resultados da investigação. Acredita-se que este estudo seja de interesse tanto para iniciativas arqueológicas, no sentido de resgate de indícios materiais do forte, como também para as voltadas ao enriquecimento da cultura alagoana, no sentido de fornecer subsídios para ações de reforço e manutenção da sua memória.

Palavras-chave: Arquitetura militar. História. Séc. XVII. Cidades. Forte Maurício – Penedo (AL).

ABSTRACT

Penedo is one of the cities in the state of Alagoas that better shows in their urban landscape a richness of buildings showing the various historical periods of which this city has passed thru. However, not all memories are materialized in the landscape; some of them are simply noticed through signs or the absence and in the silence beneath the city layers. This is the case with the Mauricio fort which was one of the most important fortress constructions in the state of Alagoas. Built in the mid 17th century by order of Mauricio de Nassau, its shape and amplitude demonstrates the strategic importance of the village of Sao Francisco for the defense and maintenance of the Dutch Brazil. The fort doesn't exist anymore; however, there are a lot of images – blueprints and views –representing its existence and its insertion in the village. Being the Dutch iconography the best reference that allow us access to the fort, this dissertation has as its objective to reconstruct , through the images, the component structures of the Mauricio Fort and make considerations regarding its operation inside a fortress system which aimed to guarantee the presence of the Dutch in the northeast region. For such, it was made a study about the changes of the defense system from the medieval to the modern times. In addition it was researched the way the fortresses were constructed in the northeast region of Brazil between the 16th and 17th century. It was also given particularly importance to analyze the images of the Mauricio fort taking into consideration reports of that time and the understanding of its structure with the aid of the fortification treaties from the 16th to 18th century. This analysis resulted in the infographic construction which aims to explain and decode the images, providing visibility of the results from the investigation. This study appeals not only to the archeological initiatives but also to the rescue of the fort evidence materials as to the increase of the culture of the state of Alagoas, and subsidize the reinforcement actions and maintenance of the fort memory.

Keywords: Military architecture. History. 17th Century. Cities. Mauricio Fort - Penedo (AL).

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Penedo: Praça do Forte com Catedral ao fundo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.	25
Imagem 2 - Centro de Penedo com Hotel São Francisco ao fundo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.	25
Imagem 3 – Perímetro de tombamento federal e estadual da cidade de Penedo. Fonte: Publicação da Secretaria Municipal de Planejamento - Usos, normas e cores: Manual do usuário do Centro Histórico de Penedo (2004).	25
Imagem 4 - Catapulta medieval. Fonte: Mori (2003, p. 21).....	33
Imagem 5 - Santiago do Cacém – exemplo de castelo gótico. Fonte: Monteiro & Pontes (2002, p. 14).	35
Imagem 6 - Exemplo de castelo português do período gótico. Fonte: Monteiro & Pontes (2002).	36
Imagem 7 - Imagem da Sagrada Família, com uma cidade e suas muralhas ao fundo. A fuga do Egito. Iluminura de Jacquemart de Hesdin extraída das <i>Très belles heures du duc de Berry</i> , c.a. 1400. Original na Biblioteca Real Alberto I. Fonte: Le Goff (1998, p. 103).....	38
Imagem 8- Plantas de 14 cidades da Europa Setentrional com seus sucessivos cinturões de muros até o século XIV. Fonte: Benevolo (2007, p. 259).....	39
Imagem 9 - Exemplo de bastião periscópico redondo. Fonte: Tzonis & Lefaivre, in: Seta & Le Goff (1991, p. 337).	42
Imagem 10 – Planta de baluarte cilíndrico com ponto cego hachurado. Fonte: Tzonis & Lefaivre, in Seta & Le Goff (1991, p. 328).....	44
Imagem 11 – Baluarte angular com o ponto cego eliminado. Fonte: Tzonis & Lefaivre, in, Seta & Le Goff (1991, p. 328).....	44
Imagem 12 - Foto aérea Neuf-Brisach. Fonte: Revista “L’actualité de Histoire”: Vauban – L’homme aux 300 fortifications. Janvier 2007, nº 30, p. 36.	46
Imagem 13 – <i>Plan de new Brisach</i> – Vauban, 1698. Fonte: Revista “L’actualité de Histoire”: Vauban – <i>L’homme aux 300 fortifications</i> . Janvier 2007, nº 30, p. 35.	46
Imagem 14 - Perspectiva mostrando um dos métodos de fortificar de Vauban. Fonte: Mori (2003, p. 26).	47
Imagem 15 - Fortificação de artilharia, séculos XVI-XVIII. Fonte: Keegan (2006, p. 192)...	47

Imagem 16 - Perfil ou corte de uma fortificação segundo Diogo da Sylveyra Vellozo. Fonte: Vellozo (2005, p. 331).	48
Imagem 17 – Conjunto de Pernambuco, com Igarassu ao centro, cercada pelos nativos. Fonte: Staden (1974, p. 48).	58
Imagem 18 – Bahia de Todos os Santos Capitania de Sua Magestade. Fonte: Albernás (1631, il. 21).	60
Imagem 19 – Torre Torre de São Tiago – detalhe da imagem 18. Fonte: Albernás (1631, il. 21).	61
Imagem 20 – Torre de São Felipe (hoje Monserrate) – detalhe da imagem 18. Fonte: Albernás (1631, il. 21).	61
Imagem 21 - Torre de Santo Alberto – detalhe da imagem 18. Fonte: Albernás (1631, il. 21)	61
Imagem 22 – Torre de Santo Antonio - detalhe da imagem 18. Fonte: Albernás (1631, il. 21)	61
Imagem 23 – Claes Jansz Visscher e Hessel Gerritsz. S. Salvador / Baya de Todos os Sanctos. (C.a. 1624). Gravura. Fonte: Reis (2000, p. 23).	62
Imagem 24 – Detalhe da imagem 23, mostrando provavelmente a torre de São Tiago. Fonte: Reis (2000, p. 23).	62
Imagem 25 – Detalhe da imagem 23, mostrando a Torre de Santo Antonio. Fonte: Reis (2000, p. 23).	62
Imagem 26 – Castelo do Mar, Forte da Lage, da Barra ou do Picão – em planta. Fonte: Albuquerque (1999, p. 33).	63
Imagem 27 – Castelo do Mar ou Forte do Picão, em vista. Fonte: Albernás (1640).	63
Imagem 28 – José Antonio Caldas. Forte de Santo Antonio da Barra, c.a. 1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 186).	65
Imagem 29 – Forte de Santo Alberto, antiga torre de São Tiago, c.a. 1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 192).	65
Imagem 30 – José Antônio Caldas. Fortim de Monserrate, 1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 189).	65
Imagem 31 – Magalhães Corrêa. Forte da Ribeira. Fonte: Oliveira (2004, p. 242).	65
Imagem 32 – José Antônio Caldas. Porta de São Bento, 1759. Fonte: Oliveira (2004, p. 233).	65

Imagem 33 – José Antônio Caldas. Fortim de São Francisco, 1759. Fonte: Oliveira (2004, p. 245).	65
Imagem 34 – José Antônio Caldas. Forte de São Paulo da Gamboa, c.a. 1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 218).....	65
Imagem 35 – Cartas de Vilhena, fim do século XVIII. Fonte: Oliveira (2004, p. 197).	65
Imagem 36 – José Antônio Caldas. Fortim de São Diogo, c.a.1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 198).	65
Imagem 37 - Assédio ao Arraial de Bom Jesus pelos holandeses em 1635. 1651 Gravura de Commelyn, 1651. Fonte: Albuquerque (1999, p.44).....	66
Imagem 38 – Forte de São Jorge. Demonstração da barra e porto de Pernambuco e fortificações que nele fez os holandeses (detalhe). Fonte: Albernas (1640).....	67
Imagem 39 – Forte de São Jorge. Porto e Barra de Pernambuco (detalhe). Fonte: Albernas (1631,il. 25).	67
Imagem 40 – Forte de São Jorge – Marcgrav, <i>Insula Antonij Vaazij</i> , 1647 (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	67
Imagem 41 – Forte de São Jorge – View of Recife and its Port (detalhe). Gillis Peeters. Original pertencente à coleção de Gilberto Daccache. Fonte: Belluzzo (1995, p. 128).	67
Imagem 42 – Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota. Paraíva ou Rio de S. D°. (Detalhe). C.a. 1616. Fonte: Rezão do Estado do Brasil (1999, 16ª carta).	68
Imagem 43 - Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota. Forte dos Reis Magos. (Detalhe da mapa da Capitania do Rio Grande). C.a. 1616. Fonte: Rezão do Estado do Brasil (1999, 17ª carta).....	69
Imagem 44 - Ricardo Siqueira. Forte dos Reis Magos. Fonte: Siqueira (1997, p. 142).....	69
Imagem 45 - Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota. Forte Novo da Passagem. (Detalhe da mapa da Capitania do Rio Grande). C.a. 1616. Fonte: Rezão do Estado do Brasil (1999, 11ª carta).....	70
Imagem 46 – Planta da Restituição da Bahia. Fonte: Albernas (1631, il. 22).	73
Imagem 47 –Detalhe da legenda da imagem 46: “1. <i>Baluartes q fes o inimigo de terra onde tinha a artelharia</i> ”. Fonte: Albernas (1631, il. 22).....	73
Imagem 48 – Detalhe da imagem 46, onde foram circutados os baluartes construídos pelos holandeses em Salvador, comentados pelo item 1 da legenda. Fonte: Albernas (1631, il. 22).	74
Imagem 49 – Forte de São Pedro. AHMRJ, BA-109. Fonte: Oliveira (2004, p. 215).	74

Imagem 50 – Forte da Ribeira. Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota. Detalhe da Planta da Cidade de Salvador, c.a.1616. Fonte: Rezão do Estado do Brasil (1999, 11ª carta).....	75
Imagem 51 – Forte da Ribeira. Desenho das fortificações e trincheiras q se fizerão em deffensa do inimigo. C.a. 1638 (detalhe). Original pertencente ao Museu Algemeen Rijksarchief de Haia, Holanda. Fonte: Oliveira (2004, p. 203).....	75
Imagem 52 – Casa de Pólvora do Desterro. Planta de Frézier (detalhe), 1714. Fonte: Oliveira (2004, p. 246).....	75
Imagem 53 – Forte do Barbalho. João da Silva Leal Teixeira. AMRJ, Ba-28. Fonte: Oliveira (2004, p. 228).....	75
Imagem 54 – Forte de Santo Antonio Além do Carmo. José Antônio Caldas, c.a. 1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 222).	75
Imagem 55 – Forte Orange. Marcgrav, <i>Insula Tamaraca</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	76
Imagem 56 – Forte Orange. Frans Post, I. <i>Tamaraca</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	76
Imagem 57 – Forte Orange. Ricardo Siqueira. Fonte: Siqueira (1997, p. 132).....	77
Imagem 58 – Planta do Forte Orange português. Fonte: Siqueira (1997, p. 132).....	77
Imagem 59 - Detalhe da parte superior da muralha holandesa em terra, onde se veem pedaços de madeira e pregos. Fonte: http://www.magmarqueologia.pro.br/arqueologia_historica/popup_undef.asp?page=fort_orange_estrut.asp	78
Imagem 60 - Forte Frederico Henrique. Marcgrav, <i>Insula Antonij Vaazij</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.....	79
Imagem 61 - Forte das Cinco Pontas. Fonte: http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl ; data: 15/5/2010.	79
Imagem 62 - Forte do Brum. Marcgrav, <i>Insula Antonij Vaazij</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	80
Imagem 63 – Vista aérea do Forte do Brum. Fonte: http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl ; data: 15/5/2010.	80
Imagem 64 – Forte do Brum. Fonte: Albuquerque (1999, p. 66).....	81
Imagem 65 – Forte Ernesto. Marcgrav, <i>Insula Antonij Vaazij</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	81
Imagem 66 - Forte Ernesto com o Convento em seu interior. Frans Post, <i>Friburgum</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	82

Imagem 67 – Na legenda: A – Forte Margarida; B – Forte Santo Antonio; e C – Forte da Restinga. Marcgraf. <i>Fluvios Paraiba</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	82
Imagem 68 – Na legenda: A – Forte Margarida; B – Forte Santo Antonio. Frans Post. <i>Ostium Fluminis Paraiba</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	82
Imagem 69 – Planta do Forte dos Reis Magos. Marcgraf. <i>Fluvios Paraiba</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.....	83
Imagem 70 – Vista do Forte dos Reis Magos. Frans Post. <i>Fluvius Grandis</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.....	83
Imagem 71 – Alagoas do Sul, atual Marechal Deodoro. Frans Post. <i>Pagus Alagoae Australis</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.....	84
Imagem 72 – Detalhe do reduto que existiu em Alagoas do Sul, atual Marechal Deodoro. Marcgraf. <i>Pagus Alagoae Australis</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	84
Imagem 73 – Forte de Porto Calvo. Marcgraf, <i>Portus Calvus</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	85
Imagem 74 - Desenho português mostrando as fortificações holandesas do Recife (detalhe). Fonte: Albernaz (1640).	87
Imagem 75 –Desenho holandês mostrando as fortificações holandesas do Recife. Marcgrav. <i>Insula Antonij Vaazij</i> (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	87
Imagem 76 - O Rio São Francisco. Frans Post, 1638 (vista 1). Fonte: Museu do Louvre. Reprodução fotográfica a partir do original. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.....	99
Imagem 77 - Detalhe da imagem 76 (vista 1). Fonte: Museu do Louvre. Reprodução fotográfica a partir do original. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.....	100
Imagem 78 - Detalhe da imagem 76 (vista 1). Fonte: Museu do Louvre. Reprodução fotográfica a partir do original. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.	100
Imagem 79 - <i>Castrum Maurity Ad Ripan Flumini S. Francisci</i> . Frans Post, 1647 (vista 2). Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.....	101
Imagem 80 - Detalhe da imagem 79 (vista 2). Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	102
Imagem 81 - <i>Mauritius</i> . Johannes Vingboons, cerca de 1652 a 1670 (vista 3). Fonte: Reis (2000, p. 70)	103

Imagem 82 – Embarcação disparando artilharia. Detalhe da imagem 81 (vista 3). Fonte: Reis (2000, p. 70).	104
Imagem 83 - Sem título (Forte Maurício), autor desconhecido, 1637 (mapa 1). Fonte: Reis (2000, p. 71).	105
Imagem 84 - Infográfico realizado com base no mapa da imagem 83 (mapa 1). Fonte: Bianca Muniz e Gustavo Baraldi.....	105
Imagem 85 - <i>Castrum Mauritij</i> , Marcgrav, 1647 (mapa 2). Fonte: Barléu (1647) - Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.....	107
Imagem 86 - Infográfico realizado com base no mapa da imagem 85 (mapa 2). Fonte: Bianca Muniz e Gustavo Baraldi.....	107
Imagem 87 - <i>Kaart Van Het Fort't Welk Graaf</i> – Maurits Van Nassaun ..., Johannes Vingboons, cerca de 1652 a 1670 (mapa 1). Fonte: Reis (2000, p. 71).....	109
Imagem 88 – Infográfico realizado com base no mapa da imagem 87(mapa 3). Fonte: Bianca Muniz e Gustavo Baraldi.....	109
Imagem 89 - Carta do Forte no rio São Francisco (Penedo). Johannes Vingboons, c.a. 1660 (mapa 4). Fonte: IAHGPE. Reprodução fotográfica a partir do original.....	112
Imagem 90 – Intervenção da autora sobre o mapa de Johannes Vingboons (imagem 87), demonstrando a semelhança entre os primeiros caminhos e a malha atual.	114
Imagem 91 - Intervenção da autora sobre mosaico fotográfico da CODEVASF (2001), demonstrando a semelhança entre os primeiros caminhos e a malha atual.	114
Imagem 92 - Intervenção da autora sobre o mapa de Johannes Vingboons (imagem 87), destacando com linhas azuis os caminhos que se direcionam para a primeira capela, e com a linha vermelha o caminho que se amolda ao forte.....	114
Imagem 93 - Infográfico realizado com base no mapa da imagem 85, apresentando estudo da localização do forte.....	118
Imagem 94 - Forte Mauricio – Mapa 1. Detalhe da imagem 83. Fonte: Reis (2000, p. 71). 121	
Imagem 95 - Forte Maurício – Mapa 2. Detalhe da imagem 85. Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.....	121
Imagem 96 - Forte Maurício – Mapa 3. Detalhe da imagem 87. Fonte: Reis (2000, p. 71).. 121	
Imagem 97 - Forte Maurício – Mapa 1. Infográfico realizado com base na imagem 94.....	121
Imagem 98 - Forte Maurício – Mapa 2. Infográfico realizado com base na imagem 95.....	121
Imagem 99 - Forte Maurício – Mapa 3. Infográfico realizado com base na imagem 96.....	121

Imagem 100 - Planta do Forte Maurício a partir da imagem 85. Fonte: croqui da autora....	122
Imagem 101 - Corte do Forte Maurício a partir da imagem 100. Fonte: croqui da autora. ...	123
Imagem 102 – Infográfico utilizando as imagens 79 e 85, mostrando o ponto provável a ..	124
Imagem 103 – Detalhe da imagem 76. Fonte: Museu do Louvre. Reprodução fotográfica a partir do original.	125
Imagem 104 – Detalhe da imagem 79. Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	125
Imagem 105 – Detalhe da imagem 81. Fonte: Reis (2000, p. 70).	125
Imagem 106 – Montagem com fotos de Penedo a partir do rio. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2005).	125
Imagem 107 – Imagem da fortificação da igreja de Alagoa do Sul (atual Marechal Deodoro - AL), de onde se destaca o elemento externo, possivelmente semelhante às latrinas do Forte Maurício. Frans Post, <i>Alagoa ad Austrum</i> . Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	129
Imagem 108 - Imagem do Forte Margarida (Paraíba), de onde se destaca o elemento externo, possivelmente as latrinas. Frans Post, <i>Ostium Fluminis Paraíba</i> . Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	130
Imagem 109 - Maquete digital do Forte Maurício.....	131
Imagem 110 – Infográfico destacando pontos utilizados como referência para superposição. Surpeposição do mapa <i>Castrum Mauritiij</i> (imagem 85) e Planta Cadastral da Cidade de Penedo. Fonte da planta cadastral: Prefeitura Municipal de Penedo – AL – Secretaria de Planejamento, Ind. e Comércio (jan/2001).....	133
Imagem 111 – Infográfico destacando medidas do forte. Surpeposição do mapa <i>Castrum Mauritiij</i> (imagem 85) e Planta Cadastral da Cidade de Penedo. Fonte da planta cadastral: Prefeitura Municipal de Penedo – AL – Secretaria de Planejamento, Ind. e Comércio (jan/2001).	133
Imagem 112 – Esquemas para comparação das áreas dos fortes em escala proporcional.	134
Imagem 113 – Infográfico destacando medidas do forte, a partir do mapa <i>Castrum Mauritiij</i> (imagem 85) com escala convertida para o metro. Fonte: Barléu (1647) - Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.....	134
Imagem 114 - Detalhe da imagem 83. Sem título (Forte Maurício), autor desconhecido, 1637. Fonte: Reis (2000, p. 71).....	135
Imagem 115 - Detalhe da imagem 85. <i>Castrum Mauritiij</i> , Marcgrav, 1647. Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.....	135

Imagem 116 - Detalhe da imagem 87. <i>Kaart Van Het Fort't Welk Graaf – Maurits Van Nassaun...</i> , Johannes Vingboons, cerca de 1652 a 1670. Fonte: Reis (2000, p. 71).	135
Imagem 117 – Detalhe da imagem 89. Carta do Forte no Rio São Francisco (Penedo). Johannes Vingboons, c.a. 1660. Fonte: IAHGPE. Reprodução fotográfica a partir do original.	135
Imagem 118 – Infográfico com superposição do forte Maurício em escala, sobre vista aérea de Penedo. Fonte: Mosaico fotográfico da CODEVASF (2000).	136
Imagem 119 - Infográfico com área do forte Maurício em escala, sobre vista aérea de Penedo. Fonte: Mosaico fotográfico da CODEVASF (2000).	136
Imagem 120 – Praça Barão de Penedo, com Catedral Nossa Senhora do Rosário ao fundo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2002).	137
Imagem 121 – Igreja Conventual de Nossa Senhora dos Anjos e rua 7 de Setembro. De frente para a igreja, vemos um trecho da Praça do Forte. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2004).	137
Imagem 122 – Praça Barão de Penedo, com Aposentadoria Nova e Casa de Aposentadoria ao fundo, respectivamente. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2003).	137
Imagem 123 – Oratório da Forca ou dos Condenados. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2004).	137
Imagem 124 – Intervenção sobre mapa do rio São Francisco, mostrando a distância entre as duas margens nas imediações da cidade de Penedo. Fonte: http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl ; (data 24/03/2010).	138
Imagem 125 – Intervenção sobre sobre vista aérea de Penedo, mostrando a distância entre as duas margens do rio (detalhe). Fonte: Mosaico fotográfico da CODEVASF (2000).	139
Imagem 126 – Intervenção sobre mapa do município de Penedo, destacando distância entre as duas margens do rio nas imediações da cidade de Penedo. Mapa de Geologia, Recursos Minerais e Recursos Hídricos do Município de Penedo – Alagoas. Fonte: Prefeitura Municipal de Penedo – Alagoas. Secretaria de Planejamento, Indústria, Comércio e Meio Ambiente (2002).	139
Imagem 127 - Intervenção sobre mapa <i>Castrum Mauritiij</i> (imagem 85) destacando distância entre as duas margens do rio. Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	140
Imagem 128 – Ângulos de tiro da artilharia. Fonte: Pimentel (1680, estampa XX, fig. 79). 141	
Imagem 129 - Estimativa da área coberta pela artilharia do forte, considerando um alcance de 200 e 600 metros. Infográfico a partir do mapa <i>Castrum Mauritiij</i> (imagem 85). Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.	142

Imagem 130 - Praça do Forte com Convento Franciscano ao fundo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.	148
Imagem 131 - Placa do restaurante Forte da Rocheira. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.	148
Imagem 132 - Imagem do Restaurante. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.	148
Imagem 133 - Abertura na Rocha que alguns afirmam ser a "Porta da Rocheira". Fonte: Bianca Muniz (2004).	149
Imagem 134 - Muralha de contenção construída para proteção dos alicerces da Casa de Aposentadoria, que alguns confundem com resquícios da muralha do forte. Fonte: Bianca Muniz (2004).	151
Imagem 135 - Brasão do Município de Penedo, onde se destacam o forte sobre a “rocheira”, e o rio ao fundo. Fonte: Bianca Muniz (2004).	151
Imagem 136 - Imagem das crianças montando o brinquedo, no mapa que representou a vila. Fonte: Bianca Muniz (2004).	152
Imagem 137 - Imagem das crianças, com o mapa montado, com a malha urbana e os prédios atuais. Fonte: Bianca Muniz (2004).	152
Imagem 138 - Imagem da maquete do Forte Maurício existente na Fundação Casa do Penedo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.	152

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro com títulos contemplados pela antologia do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.....	29
Tabela 2 – Relações entre as cidades e fortalezas medievais e modernas.	49
Tabela 3 – Fontes das imagens	54
Tabela 4 – Quadro sinóptico sintetizando as características das fortificações.....	86
Tabela 5 - Vistas da Vila São Francisco	97
Tabela 6 - Mapas da Vila São Francisco.....	97
Tabela 7 – Legenda do mapa de Johannes Vingboons, com tradução para o português.	111
Tabela 8 – Relações entre as medidas dos fortes Maurício, Orange holandês e português. ...	134
Tabela 9 – Relação entre o alcance da artilharia em braças e em metros.	140

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	23
1 EVOLUÇÃO DO SISTEMA FORTIFICADO.....	31
1.1 A Fortificação na Idade Média	33
1.2 A Cidade Medieval e a Muralha	37
1.3 A Fortificação Moderna.....	40
1.4 A Fortificação Abaluartada.....	44
2 AS FORTIFICAÇÕES NO BRASIL COLONIAL.....	52
2.1 Primeira Etapa: as Fortificações Portuguesas	55
2.1.1 Início da primeira etapa: torres e cercas.....	56
2.1.2 Segunda fase da primeira etapa: “modernização” das fortalezas.....	63
2.2 Segunda etapa: as fortificações dos holandeses.....	70
3 VILA SÃO FRANCISCO E O FORTE MAURÍCIO	88
3.1 O Sistema Fortificado do Forte Maurício.....	96
3.2 Análise das Vistas.....	98
3.2.1 Vista 1 – “O Rio São Francisco” Frans Post, 1638.....	99
3.2.2 Vista 2 - <i>Castrum Maurity Ad Ripan Flumini S. Francisci</i> . Frans Post, 1647.....	101
3.2.3 Vista 3 – <i>Mauritius</i> . Johannes Vingboons, cerca de 1652 a 1670.....	103
3.3 Análise Geral dos Mapas.....	104
3.3.1 Mapa 1 - Sem título (Forte Maurício). Autor desconhecido, 1637	106
3.3.2 Mapa 2 - <i>Castrum Mauritij</i> . Marcgrav, 1647.....	106
3.3.3 Mapa 3 - <i>Kaart Van Het Fort't...</i> Johannes Vingboons, cerca de 1652 a 1670.....	110
3.3.4 Mapa 4 - Carta do Forte no Rio São Francisco (Penedo). Johannes Vingboons, c.a. 1660.....	112
3.4 Estudo da configuração urbana da vila.....	113

3.5 Escolha do sítio.....	115
3.6 Comparando os mapas.....	120
3.7 Material utilizado na construção do forte.....	131
3.8 Localização do forte na cidade hoje.....	132
CONCLUSÃO - FORTE MAURÍCIO: MONUMENTO AUSENTE.....	143
REFERÊNCIAS.....	154
APÊNDICE.....	160
Apêndice A - Glossário de termos relativos à fortificação	161
Apêndice B - Antologia sobre Penedo e o Forte Maurício.....	175
Apêndice C - Resumo das fortificações entre a Bahia e o Maranhão.....	200

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. (Walter Benjamin)

A frase de Walter Benjamin sempre me remete à primeira vez que “me perdi” em Penedo, no ano de 1999, ao ingressar no Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Na ocasião, o primeiro exercício era realizar uma “deriva”¹, deixar-se atrair pelos espaços urbanos, realizar um reconhecimento sensível do lugar. A partir desta experiência inicial se desdobraram algumas das várias questões sobre a referida cidade, que desde então tem sido objeto de estudo desta mestranda.

Penedo está situada ao sul do Estado de Alagoas, às margens do rio São Francisco e a 160 km da capital, Maceió. O fato de ser uma das mais antigas do território alagoano, fundada em meados do século XVI, permitiu a Penedo possuir uma paisagem rica em exemplares arquitetônicos dos diversos períodos temporais: desde a fachada barroca da igreja conventual Santa Maria dos Anjos, passando pelo eclético predominante no casario, como também pelos modernos hotel São Francisco e Cine Penedo, até os exemplares da arquitetura contemporânea. Esta riqueza de referências materiais vinculada a diversos contextos históricos permitiu que a cidade recebesse tombamentos federal, estadual e municipal, segundo o perímetro representado na imagem abaixo.

¹ A deriva foi o instrumento proclamado pela Internacional Situacionista, movimento surgido em meado do século XX que buscava novos meios de vivenciar a cidade. Cf. JACQUES, 2003.



Imagem 1 - Penedo: Praça do Forte com Catedral ao fundo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.



Imagem 2 - Centro de Penedo com Hotel São Francisco ao fundo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

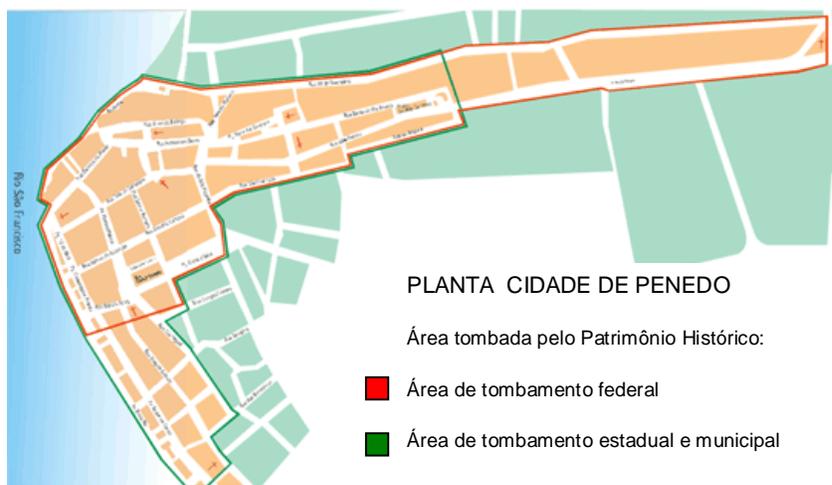


Imagem 3 – Perímetro de tombamento federal e estadual da cidade de Penedo. Fonte: Publicação da Secretaria Municipal de Planejamento - Usos, normas e cores: Manual do usuário do Centro Histórico de Penedo (2004).

Mas a paisagem não é feita apenas do visível, de modo que certas marcas extrapolam a dimensão do edificado e se revelam através dos vazios, do imaginário e das representações da memória. É o caso do Forte Maurício, objeto de estudo desta dissertação, que já não existe enquanto elemento edificado.

Esta ausência, porém, é preenchida por lendas e por crenças que se revelam através da fala dos moradores, onde a memória e o mito se misturam. Embora não possa ser localizado

em lugar algum, ainda assim, a cidade está repleta de vestígios reais ou imaginários da presença do forte, gerados pelas reminiscências de sua existência.

A sua construção marca a vitória de Maurício de Nassau², que estava à frente das tropas da Companhia das Índias Ocidentais que invadiram a Capitania de Pernambuco em 1637. Estas, perseguindo os luso-espanhóis comandados pelo conde Bagnuolo, conseguiram dominar todo o território pernambucano, desde Olinda até os limites da capitania.

Não era a primeira investida holandesa sobre o Brasil. A União Ibérica estabeleceu o bloqueio do comércio entre Portugal e a Holanda, fazendo com que a Companhia das Índias Ocidentais se empenhasse em invadir o Brasil, motivada especialmente pelo açúcar português. A primeira investida, ocorrida em 1624, teve como alvo a cidade de Salvador. Obteve êxito por apenas um ano, e em 1625 os luso-espanhóis retomaram à cidade, expulsando os holandeses, que deixaram suas marcas no sistema fortificado da urbe. Cinco anos depois, ocorreu nova investida holandesa sobre o Brasil, desta vez tendo como alvo Pernambuco. Sob o comando de Nassau, os invasores conquistaram desde Olinda até o sul da capitania, incluindo o território que corresponde ao atual Estado de Alagoas, chegando à vila São Francisco, hoje Penedo.

O forte durou 8 anos³. Em 1645, com a expulsão dos holandeses, foi destruído, e embora nada reste no local, este ainda se encontra presente na memória urbana: a história da cidade é rica de lendas transmitidas oralmente, e sua lembrança se mistura com a narrativa sobre a construção das igrejas e com a crença em caminhos escondidos na rocha, onde supostamente existem botijas de ouro esquecidas. Embora a maioria dessas lendas provavelmente não seja condizente com os acontecimentos, é possível que vestígios do forte ainda permaneçam no

² Johan Maurits van Nassau-Siegen, mais conhecido no Brasil como Maurício de Nassau, foi convidado em 1636 pela Companhia das Índias Ocidentais para governar a região correspondente ao atual Nordeste do Brasil, então colônia portuguesa. Muitos costumam confundir o nome do conde e o nome do forte. O forte construído na vila São Francisco era chamado apenas de Maurício.

³ Os holandeses permaneceram na vila São Francisco cerca de 8 anos. Em novembro de 1646 os holandeses tentaram retomar os restos do forte Maurício, mas foram expulsos logo depois, em março de 1647. Cf. CASCUDO, 1956, p. 137.

subsolo do local onde um dia foi construído. Não há nenhuma evidência aparente dele, o que só poderia ser verificado através de escavação arqueológica, mas o forte se afirma por vezes mais do que elementos materialmente inscritos na paisagem.

Após vários estudos desenvolvidos sobre o forte, concluiu-se que o melhor instrumento para acessá-lo seriam as iconografias holandesas elaboradas no século XVII, que vêm a mostrar não só a sua forma e inserção na topografia do lugar, como se verá no correr do trabalho.

As primeiras investigações sobre a vila e sua história foram realizadas em nível de iniciação científica⁴, buscando compreender o seu desenho urbano inicial. As iconografias holandesas serviram de base para a realização de análise comparativa entre os mapas holandeses e vistas aéreas da cidade. O estudo bibliográfico foi realizado paralelamente aos mapas, sendo contemplados principalmente títulos acerca da história de Penedo⁵, como também sobre urbanismo no Brasil colonial⁶.

Os estudos iniciais também geraram subsídios para meu Trabalho Final de Graduação, que teve como título “A história da cidade e o brincar com a história”, em que foi gerado, como produto final, um brinquedo voltado para a educação patrimonial que contribuísse para a compreensão da história urbana e para o sentimento de valorização da cidade. Posteriormente, a cidade de Penedo foi alvo da pesquisa de campo intitulada “Trabalhos de Localização do Forte Maurício”, da qual participei como membro do Grupo de Pesquisa em conjunto com o Laboratório de Arqueologia da UFPE, em maio de 2005, com duração de um mês, como auxiliar de pesquisa. Também produzi o artigo intitulado “No meio do caminho tinha um forte” (no prelo), a ser publicado pela editora Masangana como parte do livro “O

⁴ O estudo foi desenvolvido inicialmente com bolsas CNPq/PIBIC, por dois anos, e posteriormente com bolsa BIC/FAPEAL, por um ano. Cf.: Relatório Final 2001-2002. Título do Projeto de Pesquisa: Estudos da Paisagem. Instituição Financiadora: PIBIC/CNPq; Relatório Final 2004. Título do Projeto de Pesquisa: Alagoas sob o Olhar Holandês: Monumentos e Caminhos. Instituição Financiadora:FAPEAL.

⁵ Cf.:CAROATÁ, 1872; MÉRO, 1974; VALENTE, 1957.

⁶ HOLANDA, 1989; MARX, 1991; REIS, 1968.

Olhar Holandês”, organizado pela Professora Maria Angélica da Silva.

Desta forma, a escolha do tema resulta de um percurso fortemente voltado para Penedo, que inicialmente se debruçou sobre a gênese urbana, mas que estaria incompleto sem a compreensão do Forte Maurício, dada a sua importância como elemento histórico e laço de memória.

Dando continuidade às investigações, esta dissertação tem objetivo de buscar reconstituir, através das imagens, as estruturas componentes do Forte Maurício e tecer considerações sobre o seu funcionamento dentro do contexto de um programa de arquitetura militar do século XVII e de um sistema de fortificações que visaram garantir a presença holandesa na região Nordeste.

É importante lembrar que as imagens podem não ser completamente fiéis ao construído. Como toda representação gráfica, possuem suas limitações, e ganhariam importante reforço através do cotejo com uma escavação arqueológica.

Contudo, a iconografia histórica não foi analisada de maneira isolada, mas à luz de vasta bibliografia, que contou com relatos de época, estudos sobre as fortificações no Brasil, e possibilitou a compreensão do processo de surgimento da forma abaluartada como transição do sistema de defesa medieval para o moderno. O estudo dos relatos foi otimizado pelo trabalho de antologia de fontes seiscentistas produzido pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, de cuja montagem também participei. Esta antologia consiste na transcrição das principais passagens dos documentos de época a fazerem referência às vilas e cidades nordestinas estudadas pelo Grupo. Assim, foi possível contar com uma base de dados organizados para dar suporte ao estudo sobre a cidade de Penedo.

Tabela 1 - QUADRO COM TÍTULOS CONTEMPLADOS PELA ANTOLOGIA DO GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS DA PAISAGEM

MORENO, DIOGO DE CAMPOS. Livro que dá razão ao estado do Brasil, 1612.
VERDONCK, Adriano. Descrição das capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande. Memória apresentada ao conselho político do Brasil por Adriano Verdonck, em 20 de maio de 1630.
Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte setentrional do Brasil.
VICENTE DO SALVADOR, Frei. História do Brasil 1500-1627.
VAN DER DUSSEN, Adrian. Relatório sobre o Estado das Capitanias conquistadas no Brasil, apresentado pelo senhor Adrien van der Dussen ao conselho dos XIX na Câmara de Amsterdã, em 4 abril de 1640.
PUDSEY, Cuthbut. Diário de uma estada do Brasil, 1640.
NASSAU, João Maurício de. Cartas Nassovianas. Correspondência do conde João Maurício de Nassau. Governador do Brazil Holandez, com os estados dos Geraes (1637 – 1646).
BARLÉU, Gaspar. História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil, 1647.
CALADO, Manuel, Frei. O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade
Francisco de Brito Freire. Nova Lusitânia, 1675.

Quanto à estrutura da dissertação, o primeiro capítulo, “A Evolução do Sistema Fortificado”, busca compreender o sistema abaluartado através do percurso histórico que levou ao seu surgimento. Apresenta as fortificações da Idade Média e da Idade Moderna de modo a tornar possível a compreensão deste processo, bem como o funcionamento e as implicações logísticas e estratégicas destas obras de defesa, e suas relações com a cidade no contexto europeu. O Forte Maurício está inserido dentro deste período de transição.

O segundo capítulo, “As Fortificações no Brasil Colonial”, aborda o Nordeste e mais precisamente a Capitania de Pernambuco, a fim de que se possa entender o contexto histórico espaço-temporal no qual o Forte Maurício foi construído.

O estudo prossegue com o terceiro capítulo, intitulado “Vila São Francisco e o Forte Maurício”, analisando o meio urbano no qual o forte foi edificado. Através da compreensão da vila São Francisco como “arraial”, busca-se analisar sua vocação para “porta” da Capitania de Pernambuco, tanto para portugueses como para holandeses. Faz ainda um balanço acerca do forte desaparecido, onde busca compreendê-lo em sua materialidade. Através de bibliografia específica, da comparação com outros fortes da época e de análise detalhada com

base na cartografia, foi possível delinear e resgatar virtualmente aspectos significativos de sua forma, interpretando cada uma de suas estruturas edificadas e suas relações com o sítio.

Acredita-se que “escavar” a história do forte e compreender seu funcionamento é uma das maneiras de promover uma maior apropriação desta obra militar que indiscutivelmente faz parte da memória da cidade de Penedo, o que será de grande utilidade caso seja efetivada, no futuro, uma escavação arqueológica, além de gerar subsídios para iniciativas de valorização da identidade local.

Mesmo estando longe de esgotar o tema, espera-se que esta dissertação possa ser uma contribuição no intuito de enriquecer a compreensão da arquitetura militar colonial brasileira.

1 A EVOLUÇÃO DO SISTEMA FORTIFICADO

A história das fortificações europeias é marcada por uma forte mudança que ocorre na transição da Idade Média para o Renascimento. De fato, neste contexto, houve uma revolução na artilharia, com o emprego da pólvora e com o aperfeiçoamento das armas de fogo. Ao mesmo tempo, estava em curso o processo que gerou modificações decisivas na arte de fortificar.

Como se verá no decorrer deste capítulo, a maioria das armas de assédio e das estruturas fortificadas existentes na Idade Média foi herança da Antiguidade. Isto não significa que não houve um aperfeiçoamento destas defesas de modo a torná-las mais fortes diante das investidas inimigas. Contudo, este aperfeiçoamento, somado ao surgimento das armas de fogo, resultou no aparecimento de um novo paradigma que mudou todo o panorama das guerras, da artilharia, das cidades e das próprias fortificações no início da Idade Moderna.

Apesar de já existir uma quantidade considerável de estudos e publicações sobre os diversos sistemas fortificados, nem todos são muito específicos ao tratá-los como máquina de guerra, um sistema engenhoso em que cada parte de sua estrutura tinha uma função muito específica. Em geral, essas fortificações são analisadas como obra histórica – sem que seja considerada a compreensão do funcionamento de suas estruturas. No que tange à história da cidade e da arquitetura, as fortificações são deixadas muitas vezes à margem, dando-se geralmente mais destaque a outras expressões arquitetônicas. Contudo, grandes artistas e arquitetos do Renascimento, como Leonardo da Vinci e Alberti, estavam também preocupados com a evolução das defesas. Muitos dos grandes arquitetos construtores de fortificações são conhecidos apenas por suas obras civis. Embora as questões relacionadas à defesa do núcleo urbano sejam aspectos bastante específicos e sempre tenham sido fundamentais para as cidades.

1.1. A FORTIFICAÇÃO NA IDADE MÉDIA

Segundo Keegan (2006), a tecnologia bélica pouco evoluiu durante a Idade Média. A maioria das armas utilizadas neste período, como o arco e flecha, a besta, a catapulta, escadas de escalar, aríetes, todos esses engenhos já existiam na Antiguidade, como também torres de assédio, galerias subterrâneas, fossos e muralhas, constituindo os sistemas defensivos.

Todos os engenhos de assédio disponíveis aos comandantes antes da invenção da pólvora foram, portanto, inventados entre 2400 e 397 a.C. Nenhum deles, exceto a fome, oferecia um meio certo, ou mesmo muito eficaz, de obrigar uma fortificação a render-se⁷.

Configura-se neste período o uso da artilharia mecânica chamada neurobalística, ciência que estuda a impulsão de projéteis por meio da força elástica, desencadeada pelo tensionamento ou torção de cordas. Estas armas possuíam pouco poder de destruição e precisão bastante limitada. As armas de arremesso, por exemplo, alcançavam apenas a precisão máxima de 50 metros⁸, configurando o “combate de contato”, já que era necessária uma considerável proximidade do alvo para que fosse travada a batalha.

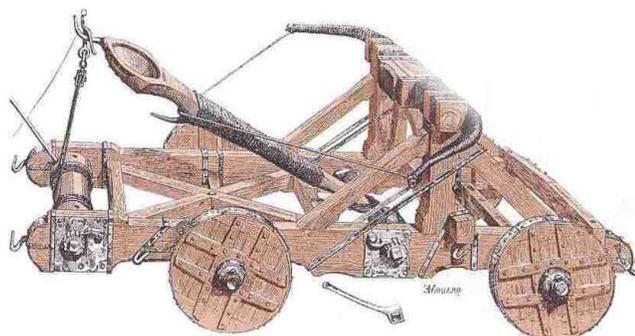


Imagem 4 - Catapulta medieval. Fonte: Mori (2003, p. 21).

⁷ KEEGAN, 2006, p. 203.

⁸ MORI, 2003, p. 19.

As fortificações verticalizadas empregadas neste período também já existiam na Antiguidade, e foram estruturas bastante eficientes para resistir contra o armamento a elas contemporâneo. A chamada “cortina vertical”, que teve nos castelos a estrutura fortificada mais marcante da Idade Média, se utilizava da altura para tornar mais difícil o assédio pelos inimigos, e era constituída por dois elementos fundamentais: a torre e a muralha.

Mas isso não significa que os castelos medievais foram estruturas inertes. Durante a Idade Média, houve um aperfeiçoamento tanto nos sistemas defensivos como nas armas utilizadas nos cercos. Tanto por parte da defesa como do ataque, havia a busca pelo aperfeiçoamento, acarretando o surgimento de novas armas e novas estruturas arquitetônicas, que fizeram os castelos apresentar características diversificadas no decorrer de períodos históricos diferenciados.

Tomando como exemplo os casos portugueses, podemos observar que estes sofreram diversas modificações durante a Idade Média. Os primeiros castelos roqueiros dos séculos IX – XI, por exemplo, se caracterizavam como sendo simples cercas muralhadas com desaterros e fossos feitos de pedra mal aparelhada e sem argamassa, que tiravam partido da posição topográfica elevada como tática de defesa. Já os castelos românicos, que ainda adotavam uma postura de defesa passiva⁹, tinham como maior inovação o aparecimento das torres de menagem¹⁰. Só nos castelos góticos, que antecedem a fortaleza moderna, passa-se a adotar a postura de defesa ativa, visando não apenas resistir ao assédio inimigo, mas também contra-atacar.

⁹ As fortificações de defesa passiva são aquelas que têm como estratégia a superioridade das muralhas sobre a artilharia inimiga, fazendo com que seus opositores sejam vencidos pelo tempo: as doenças, a fome e as intempéries eram alguns dos principais inimigos das tropas que sitiavam fortificações de defesa passiva. Cf. MONTEIRO & PONTES, 2002, p. 9; KEEGAN, op. cit., p. 188.

¹⁰ A torre de menagem devia ser a parte mais fortificada das fortificações. Era uma construção de 10 a 20 metros de altura ou mais, permitindo atirar por sobre a muralha. Não possuía acesso pelo andar térreo, mas sim por uma escada móvel que era retirada em caso de perigo. Mesmo que a fortaleza fosse tomada, a torre de menagem ainda poderia continuar resistindo como último reduto defensivo. Inicialmente estava localizada no interior das muralhas, no meio do pátio, isolada dos muros. No castelo gótico, porém, elas passam a ser adossadas dos panos de muralha.

Os castelos conhecidos do século XI e primeira parte do XII mostram-nos, geralmente, muros de aspecto elementar, feitos com aparelho irregular, facilmente desmoronáveis. A partir dos finais do século XII e, mais dominantemente, no XIII, a arte de edificar castelos adopta as técnicas do bom aparelho, quadrado, isódomo, ou pseudo-isódomo, há muito utilizado nas pontes e nas igrejas românicas. A madeira das *bourdes* desaparece, e sobre as entradas, esquinas e pontos mais sensíveis começamos a encontrar o sistema das eficientes mísulas pétreas com matacães. O castelo do século XIII mostra-nos já todas estas inovações góticas, e é cada vez mais, ele próprio, uma máquina de guerra.¹¹

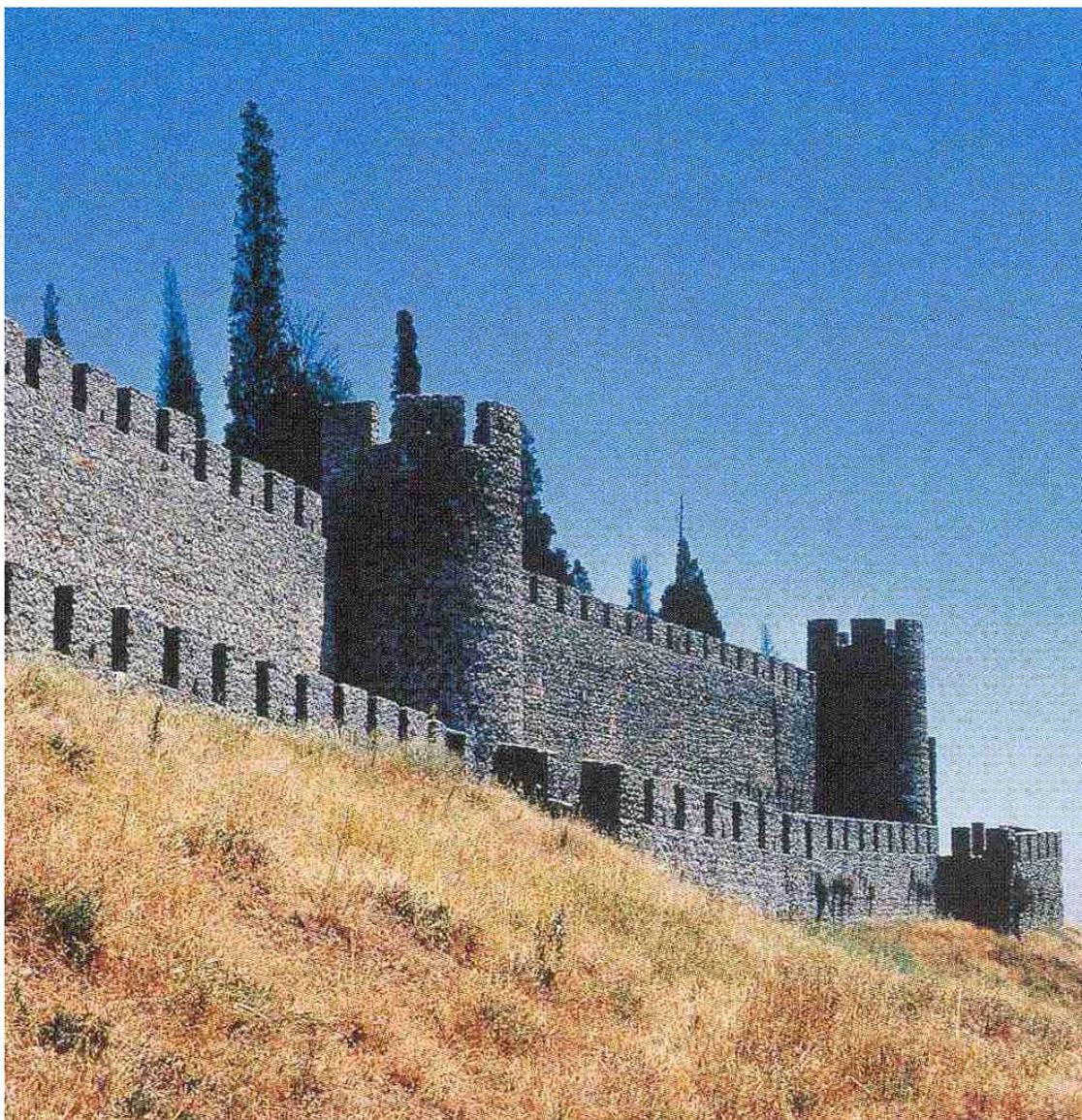


Imagem 5 - Santiago do Cacém – exemplo de castelo gótico. Fonte: Monteiro & Pontes (2002, p. 14).

¹¹ ALMEIDA, Carlos Alberto. Castelos e cercas medievais: séculos X a XIII. In: MOREIRA, 1989, p. 54

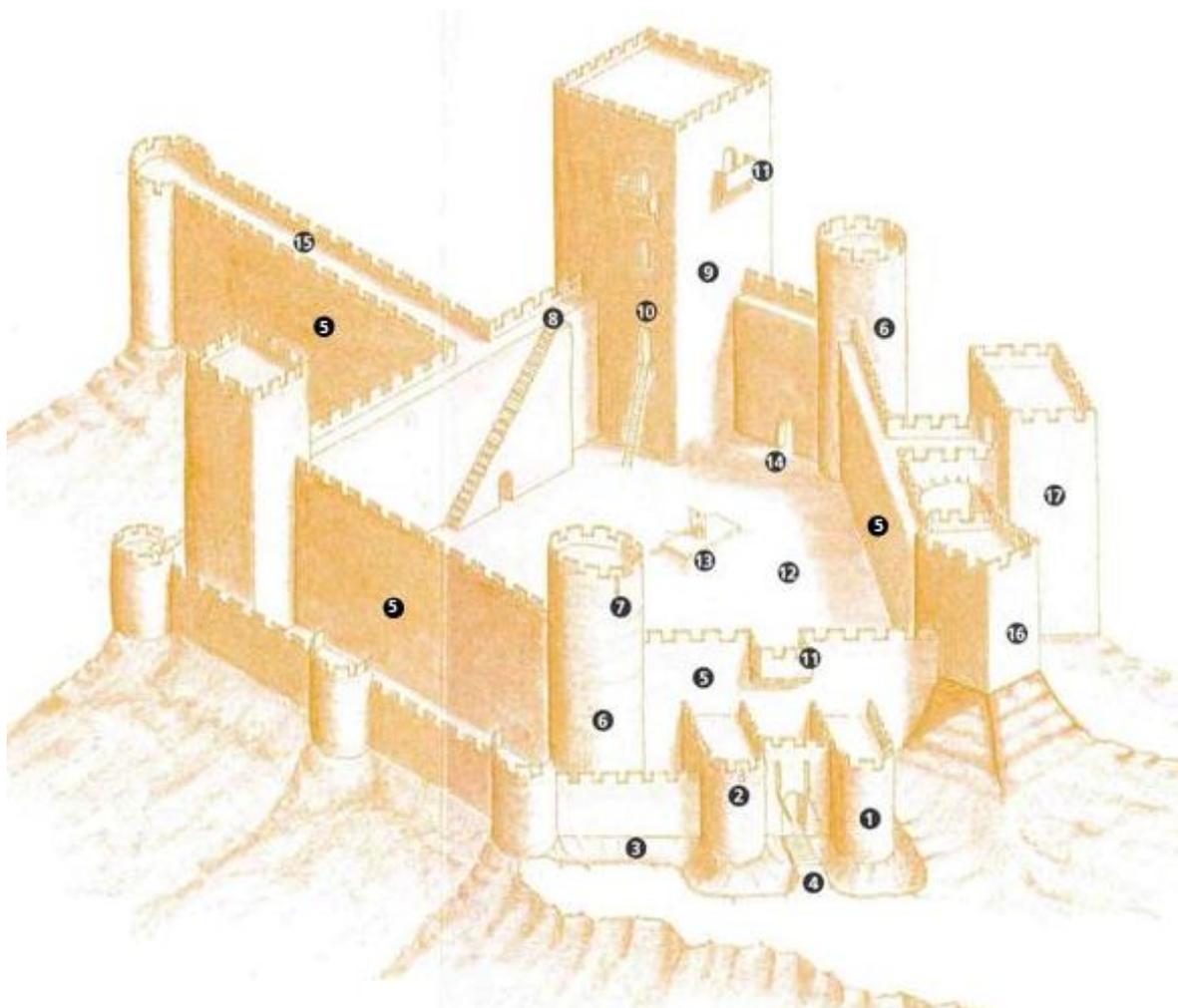


Imagem 6 - Exemplo de castelo português do período gótico. Fonte: Monteiro & Pontes (2002).

- | | |
|--|---|
| 1. Barbacã com dois torreões | 10. Porta da torre de menagem com escada amovível |
| 2. Troneira ou troeira no torreão da barbacã | 11. Balcão com matacães |
| 3. Fosso ou cava | 12. Pátio de armas |
| 4. Ponte levadiça | 13. Cisterna |
| 5. Pano de muralha | 14. Porta falsa |
| 6. Cubelo | 15. Couraça |
| 7. Seteira no pano de cubelo | 16. Torreão com alambor |
| 8. Adarve ou caminho de ronda | 17. Torre albarrã |
| 9. Torre de menagem | |

1.2. A CIDADE MEDIEVAL E A MURALHA

As muralhas da Idade Média não eram encontradas apenas em fortalezas isoladas. Houve neste período uma relação bastante íntima entre elas e as urbes. A muralha medieval delimitava o território, protegia o lugar e conferia o *status* de morar dentro da cidade. Suas portas orientavam o fluxo, voltando-se para outros núcleos próximos, sendo, ao mesmo tempo, “impermeáveis e porosas”¹². Além de buscar manter os perigos fora do meio urbano, as muralhas tinham valor simbólico capaz de conferir identidade, representando a cidade inclusive do ponto de vista etimológico:

Vem-me uma vez mais à idéia um exemplo que tenho invocado, talvez com demasiada freqüência: o hieróglifo que significava cidade no tempo dos Faraós. Consiste numa cruz inscrita num círculo, quer dizer, uma encruzilhada de caminhos protegida por muralhas. E as palavras levam-nos etimologicamente à palavra *urbs* em latim, à palavra *town* em anglo-saxão, e a outras ainda¹³.

Também na iconografia histórica, a cidade é recorrentemente representada com e por suas muralhas, que nas paisagens urbanas se encontram frequentemente em primeiro plano, podendo-se ver o casario dentro dela. As imagens costumam fazer referência a temas históricos ou religiosos, tendo como cenário as portas da cidade – portas da muralha¹⁴.

Uma das consequências da fortificação da cidade era a verticalização ocasionada pela limitação do espaço amuralhado. Mas esta verticalização também era fonte de prestígio e gerou simbologia: na cidade medieval, o orgulho urbano se exprime através do acréscimo em altura das construções. “*Esta tendência [à verticalidade] deve-se um pouco à falta de terreno – tanto mais que a construção das muralhas chega a limitá-lo, mas antes de tudo, ao prestígio, à simbologia*”¹⁵.

¹² Expressão tomada de LE GOFF, 1998, p. 17. A alusão às muralhas medievais como sendo impermeáveis e porosas é bastante oportuna, uma vez que deviam impedir o acesso dos inimigos, e ao mesmo tempo realizar a comunicação intra x extramuros por intermédio de suas portas.

¹³ LOPEZ, 1988, p. 9.

¹⁴ Cf. SETTA & LE GOFF, 1991; LE GOFF, 1998.

¹⁵ LE GOFF, op. cit., p. 129.

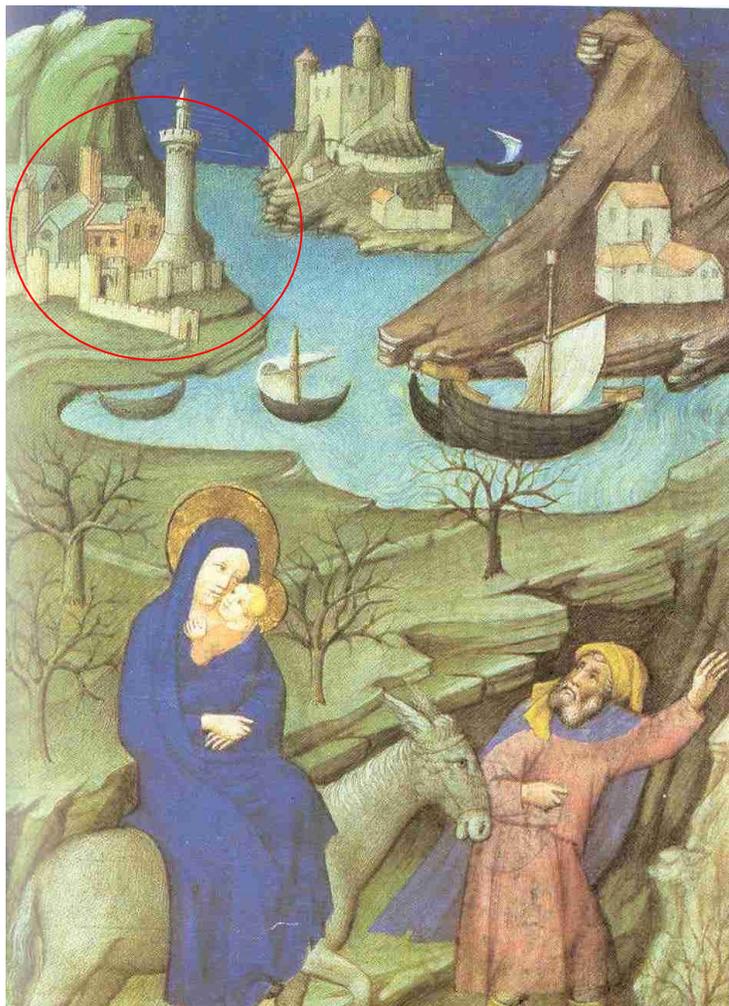


Imagem 7 - Imagem da Sagrada Família, com uma cidade e suas muralhas ao fundo. A fuga do Egito. Iluminura de Jacquemart de Hesdin extraída das *Très belles heures du duc de Berry*, c.a. 1400. Original na Biblioteca Real Alberto I. Fonte: Le Goff (1998, p. 103).

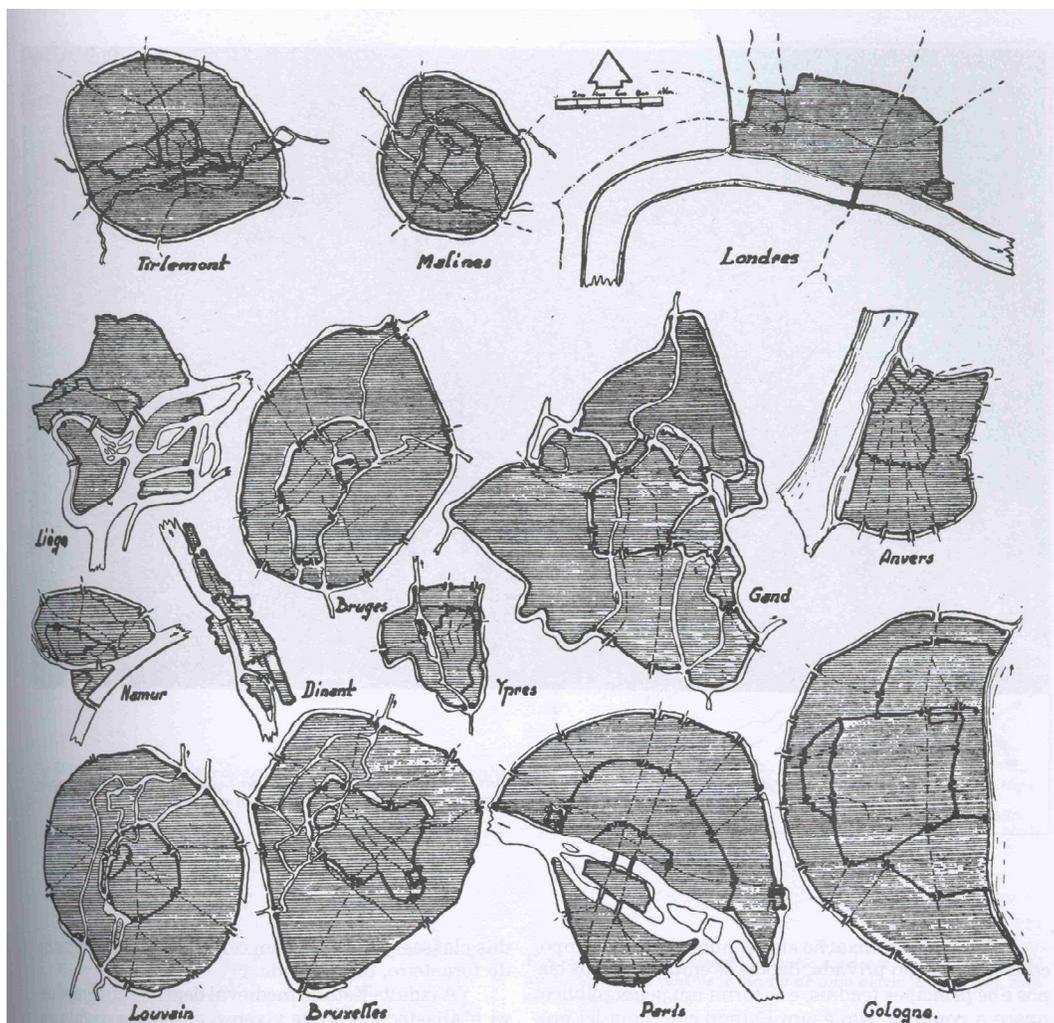


Imagem 8- Plantas de 14 cidades da Europa Setentrional com seus sucessivos cinturões de muros até o século XIV. Fonte: Benevolo (2007, p. 259).

O cinturão amuralhado também permitia a expansão do espaço urbano: novas muralhas eram construídas para envolver os subúrbios que iam crescendo à margem dos burgos já estabelecidos. A cidade intramuros tinha influência sobre um território ao seu redor, os subúrbios, onde também eram cobradas taxas e impostos com valores mais baixos que os cobrados em seu interior. Muitas categorias sociais se colocavam nesta periferia, como as ordens mendicantes dominicanas e franciscanas, que se estabeleciam próximas às portas. Também os ofícios de arte, marceneiros e alguns excluídos se instalavam nas margens da cidade. Os subúrbios cresciam, tornando-se uma outra cidade em volta das muralhas.¹⁶ O

¹⁶ BENÉVOLO, 2007, p. 259.

meio urbano ampliava seu território muro após muro, desabrochando como uma flor formada de vários anéis concêntricos.

1.3. A FORTIFICAÇÃO MODERNA

No final da Idade Média acontece o desenvolvimento da pirobalística – ciência que estuda a impulsão de projéteis através da explosão da pólvora, acarretando uma revolução na artilharia¹⁷ e armas portáteis. Embora essas modificações tenham ocorrido gradativamente, as fortalezas quase imbatíveis tornaram-se completamente vulneráveis em face do canhão.

A superioridade do míssil de pólvora sobre todos os seus precedentes estava em que, tendo em vista sua trajetória horizontal, podia ser dirigido para o lugar exato onde uma alta muralha é vulnerável a ponto de tombar: seus alicerces¹⁸.

Os castelos tornaram-se cada vez mais fragilizados perante os canhões adversários devido à altura de suas muralhas. Estas também não permitiam um bom disparo para o ataque, já que a trajetória de um projétil exige um ângulo de tiro mais horizontalizado. Assim, as altas muralhas medievais tornaram-se ineficientes, ocasionando a necessidade de um novo sistema defensivo.

Diante dessa nova realidade, o sistema de “cortina vertical” passou a ser estrategicamente inconveniente, pois no “combate à distancia”, quanto mais alta a construção, mais exposta estaria à mira dos canhões. Por outro lado, a adaptação das cortinas elevadas em plataformas de canhões diminuía a precisão da artilharia defensiva, forçando “os tiros de mergulhão”¹⁹.

Mas, embora se afirme que a descoberta da pólvora originou o baluarte angular, a lógica que lhe conferiu sentido já vinha se delineando. Enquanto a tecnologia das armas de fogo se

¹⁷ MORI, op. cit., p. 22; KEEGAN, op. cit., p. 405-491.

¹⁸ KEEGAN, op. cit., p. 190.

¹⁹ MORI, op. cit., p. 22.

aperfeiçoava, também a criação do baluarte estava em curso, através de avanços gradativos ao longo dos séculos.

O artigo de Alexander Tzonis e Liane Lefaivre intitulado “El bastión como mentalidad”²⁰ mostra bem alguns aspectos desta evolução. Especialmente o fato de que o baluarte angular surgiu não apenas como reação ao advento da artilharia de pólvora, mas como resultado de toda uma cadeia de estudos, acontecimentos e experiências, permitindo que quando do surgimento das bocas de fogo, o baluarte angular já estivesse se esboçando dentro de um contexto onde múltiplos fatores estiveram entrelaçados.

No hay duda de que el perfeccionamiento de las armas de fuego y la creciente potencia de la artillería pesada fueron de importancia secundaria en el proyecto de las fortificaciones, y sin embargo, estas innovaciones tecnologicas han sido sobrevaloradas desde la época de Diderot (como lo muestra el artículo sobre las fortificaciones en la *Encyclopédie*). Las innovaciones tecnológicas no constituyen de hecho la causa primera de las transformaciones. Ninguna innovación tecnológica puede, por sí sola, cambiar radicalmente el modo de pensar de la gente. Sólo cuando se crean nuevos intereses, cuando se contempla el mundo con nuevos objetivos en la mente, puede desarrollarse un nuevo marco intelectual dentro del cual se puede percibir la nueva tecnología como solución a un problema nuevo²¹.

Já na Antiguidade Vitruvio, que dedicou o capítulo V do livro I de seu tratado intitulado *De Architectura* à fortificação de cidades, buscava a melhor forma para as torres e muralhas. Segundo ele, deviam ser redondas ou poligonais, nunca quadradas, pois além de considerar os ângulos limpos menos resistentes às armas de assédio, também ajudavam a “esconder” os inimigos, sendo a forma circular mais resistente e a que proporcionava melhor visibilidade aos defensores.²² Pode-se ver delinear o princípio do flanqueamento, em que a torre se projetava para proteger a cortina.

Por sua vez, as torres deverão ficar salientes para o lado exterior, de tal maneira que quando num ataque o inimigo quiser aproximar-se da muralha, os atacantes possam ser feridos nos flancos desprotegidos, à direita e à esquerda, com os dardos lançados das torres. E deverá haver maior preocupação em que não haja caminho fácil para atacar a muralha, que deverá circundar locais escarpados, assim como se planeará de

²⁰ TZONIS, Alexander & LEFAIVRE, Liane. El bastión como mentalidad. In: SETA & LE GOFF, 1991, p. 317-340.

²¹ Idem, p. 337.

²² “E assim, as torres deverão ser feitas arredondadas ou poligonais: efectivamente, as máquinas destroçam mais rapidamente as quadradas, porque os aríetes, batendo repetidas vezes, destroem os ângulos, enquanto nas formas circulares, forçando as pedras para o centro, como se fossem cunhas, não podem causar dano.” (VITRUVIO, 2006, p. 47).

modo que os acessos às portas não sejam directos, mas vindos do lado esquerdo. Pois, se assim se fizer, o flanco direito dos atacantes, que não estará protegido pelo escudo, se aproximará mais do muro. Com efeito, os opidos não deverão ser estabelecidos em forma quadrada nem com ângulos salientes, mas em circuitos, de modo que o inimigo possa ser observado a partir de vários lados. Efectivamente, naqueles onde abundam os ângulos, dificilmente haverá defesa, porque o ângulo protege mais o inimigo que o cidadão²³.

Ainda nos últimos séculos da Idade Média, havia a busca pela forma que tornasse as torres e muralhas mais seguras. Entre as formas circular, poligonal ou quadrangular, cada estrategista elegia aquela que, no seu modo de ver, ocasionaria uma construção mais resistente. Muitos adotavam polígonos que, mesmo angulares, se aproximavam do círculo, como o hexágono. Ao se discutir a forma, estava em jogo, ao mesmo tempo, a resistência às armas da época e a ampliação do campo de visão dos defensores, eliminando os “pontos cegos”²⁴.

Movendo-nos para o contexto do Renascimento, em Alberti o cinturão amuralhado passa a ser visto como um todo interligado, onde se misturam a necessidade de visibilidade e a de colocar o inimigo entre dois ângulos, fazendo-o ser atacado por dois lados ao mesmo tempo. A fortaleza sugerida por Alberti tem forma convexa, e as torres formam entre si concavidades, assemelhando-se à forma estelar ou aos dedos da mão de um homem²⁵.

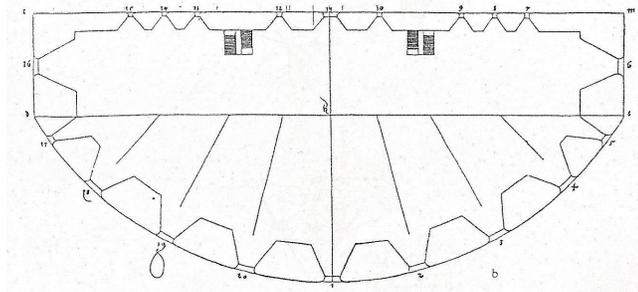


Imagem 9 - Exemplo de bastião periscópico redondo. Fonte: Tzonis & Lefavre, in: Seta & Le Goff (1991, p. 337).

²³ VITRUVIO, op. cit., p. 46.

²⁴ O termo “pontos cegos” refere-se àquelas áreas externas da fortificação onde um opositor podia se esconder, ou onde se tornaria difícil atingi-lo. Como se verá nas próximas páginas, o baluarte surge das tentativas de se eliminar estas áreas ineficientes da defesa.

²⁵ TZONIS & LEFAIVRE, op.cit., p. 319.

Nos estudos de Francesco di Giorgio pode-se perceber a preocupação com a eficiência e economia, além da análise de partes gerais da fortaleza. Em seu trabalho se destacam os trinta e oito exemplos de soluções para fortificações, representadas graficamente, os quais foram uma importante contribuição no processo que gerou o baluarte angular moderno, que para J. Hale “foi a única invenção verdadeiramente original da arquitetura do Renascimento”²⁶.

Al igual que la “pirámide sombría” identifica lo que está a la sombra y lo que está a la luz y la “pirámide visual” lo que es vivible y lo que está oculto, el triángulo formado por las trayectorias define lo que está dentro del campo de acción de las armas de fuego y lo que no lo está. Esta idoneidad en la descripción de la amplitud del tiro que ofrece el modo de representación de Leonardo hace posible la concepción del dibujo del bastión, abriendo el camino a la revolución fortificatoria²⁷.

Como se observou, independentemente da descoberta da pólvora, a criação da forma abaluartada já estava em curso. Seus principais objetivos – acabar com ângulos cegos e permitir o flanqueamento, onde os inimigos podiam ser alvejados de dois pontos distintos ao mesmo tempo – já vinham sendo aperfeiçoados. Seria possível tirar partido do flaqueamento mesmo utilizando as antigas armas da neurobalística. Pode-se então levantar a hipótese de que o uso do canhão acarretou, não necessariamente a forma abaluartada, mas sim o rebaixamento das muralhas e horizontalização das fortalezas, o aumento da espessura das muralhas e o enchimento das plataformas com terra originando o terrapleno, características que se tornaram inerentes às fortificações abaluartadas.

Nas duas imagens seguintes, pode-se ver, em síntese, como se deu a evolução dos baluartes, desde aqueles de planta circular na Idade Média, até o baluarte angular “moderno”. O baluarte cilíndrico criava um espaço que os tiros dos defensores não podiam alcançar com o flanqueamento – o chamado ponto cego –, representado hachurado na imagem

10.

²⁶ J. Hale apud PAULINO, 1994, p. 85. Também TZONIS & LEFAIVRE fazem referência a este comentário: “es difícil no estar de acuerdo con J. Hale (1965), cuando afirma que el bastión angular representó, de entre todas la formas evolucionadas em el Renacimiento, lá más significativa.” TZONIS & LEFAIVRE, op.cit., p. 317.

²⁷ TZONIS & LEFAIVRE, op.cit., p. 334.

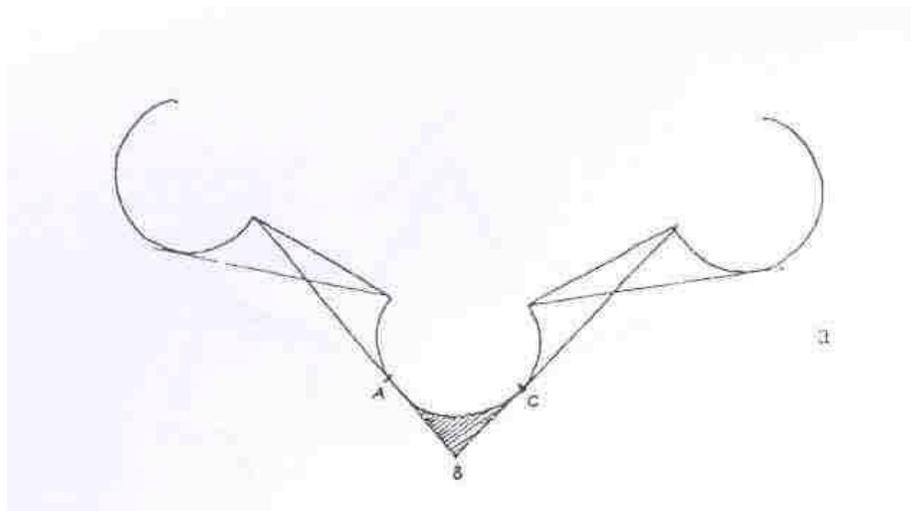


Imagem 10 – Planta de baluarte cilíndrico com ponto cego hachurado. Fonte: Tzonis & Lefaivre, in Seta & Le Goff (1991, p. 328).

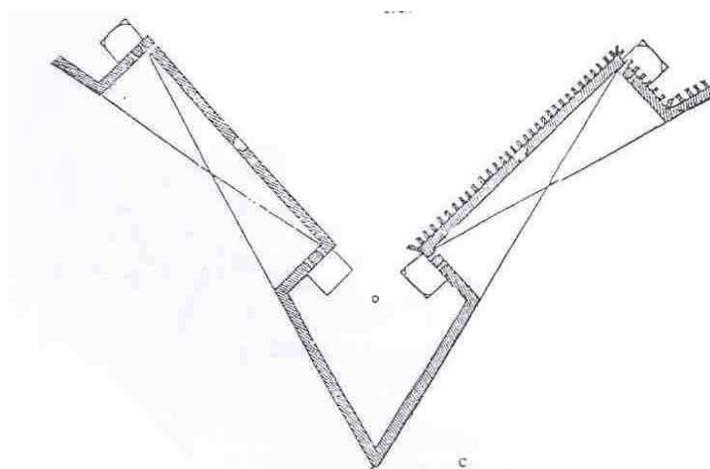


Imagem 11 – Baluarte angular com o ponto cego eliminado. Fonte: Tzonis & Lefaivre, in, Seta & Le Goff (1991, p. 328).

1.4. A FORTIFICAÇÃO ABALUARTADA

O baluarte angular foi incorporado pelas cidades europeias lentamente, a partir da Itália. No século XVI ainda se usava a muralha medieval. O sistema abaluartado só atinge seu ápice no século XVII, com Sebastien Le Prestre Vauban, um dos maiores nomes da fortificação moderna, responsável pela construção de 33 novas fortalezas, além da restauração ou

reconstrução de aproximadamente duzentas²⁸. O sistema desenvolvido por Vauban era tão extraordinário que ele mesmo precisou inventar uma maneira de expugná-lo:

O novo movimento veio encontrar seu apogeu nos tipos de fortificação imaginados no século XVII, sob o grande engenheiro Sébastien Vauban – um traçado tão formidável que, para miná-lo e destruí-lo, tornou-se necessário um novo corpo de exército, o dos mineiros e sapadores, também organizados por Vauban²⁹.

Com Vauban, a fortificação moderna abaluartada se torna mais complexa através de seus numerosos desdobramentos: revelins, tenalhas, obras coroadas etc., que se estendem o suficiente para deixar a cidade fora do alcance dos tiros dos inimigos. Por essas extensas obras de fortificação era possível aos defensores avançarem protegidos e manter a praça fora do alcance da artilharia inimiga. Enquanto as obras de defesa medievais não iam além de 50 metros, na fortificação “barroca”³⁰, revelins, fossos, tenalhas, contraguardas podiam se estender por mais de 200 metros, constituindo a profundidade das defesas³¹:

Para ilustrar é suficiente atentarmos para o fato de que a profundidade das defesas de um castelo antigo não ultrapassaria os 50 metros, distância que poderia ser batida por armas de arremesso. No início da fase barroca, a profundidade das defesas estava em torno de 80m, enquanto na fortificação de Neuf-Brisach, obra-prima de Sebastien le Preste Vauban, alongava-se por 214m³².

Nas imagens de Neuf-Brisach, considerada uma das mais importantes fortificações de cidades realizadas por Vauban, pode-se ver a sucessão de estruturas que se estendem pelo terreno, como também a extrema geometrização do tecido urbano. Percebemos ainda o confinamento ao qual a cidade foi submetida, e a que distância do núcleo inicial a cidade poderia continuar a crescer horizontalmente. Na imagem 13 pode-se observar também três vistas da fortificação, onde se destaca a extrema horizontalização deste sistema de defesas.

²⁸ OLIVEIRA, 2004, p. 49.

²⁹ MUMFORD, 1965, p. 463.

³⁰ Frequentemente as fortalezas costumam ser identificadas pela denominação estilística vigente no período histórico em que determinadas características foram comuns. Assim, a fase mais sofisticada e complexa da fortaleza moderna, que acontece entre os séculos XVII e XVIII, geralmente é conhecida como fortaleza barroca.

³¹ Entende-se por “profundidade das defesas” a distância dentro da qual estas se estendem ao longo do terreno.

³² OLIVEIRA, op. cit., p. 22.



Imagem 12 - Foto aérea Neuf-Brisach. Fonte: Revista “L’actualité de Histoire”: Vauban – L’homme aux 300 fortifications. Janvier 2007, n° 30, p. 36.

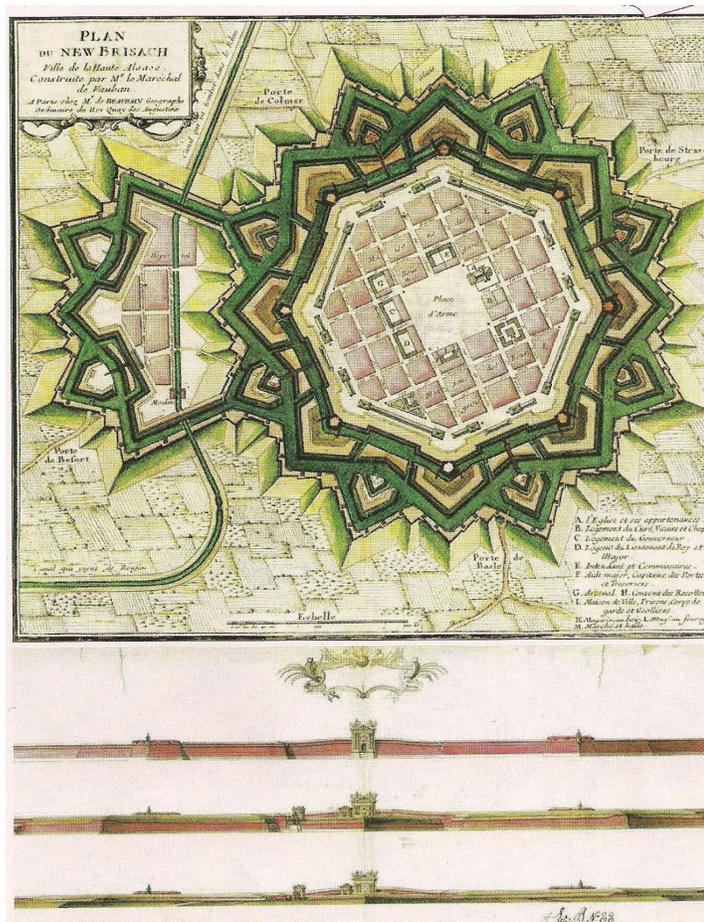


Imagem 13 – Plan de new Brisach – Vauban, 1698. Fonte: Revista “L’actualité de Histoire”: Vauban – L’homme aux 300 fortifications. Janvier 2007, n° 30, p. 35.

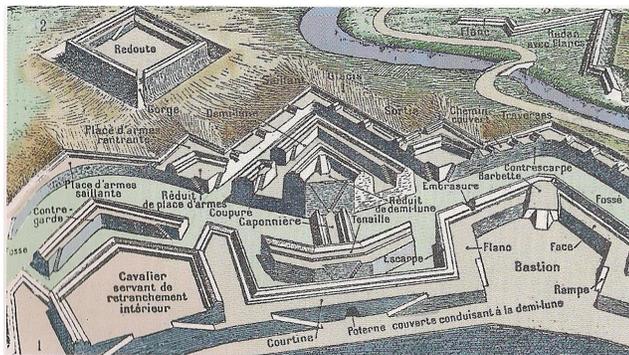


Imagem 14 - Perspectiva mostrando um dos métodos de fortificar de Vauban. Fonte: Mori (2003, p. 26).

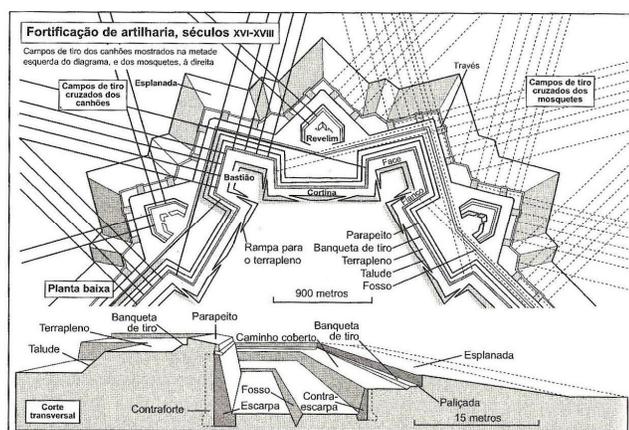


Imagem 15 - Fortificação de artilharia, séculos XVI-XVIII. Fonte: Keegan (2006, p. 192).

Já na imagem 14 podemos observar o exemplo de uma perspectiva mostrando os diversos planos e recortes da fortificação. Embora ao longe aparecesse como uma muralha baixa e delgada, em seu interior eram realizados vários cortes e rebaixos, onde se alternavam plataformas de tiro – mais altas – e áreas de fosso – mais baixas –, que também aparecem no corte transversal da imagem 15. Esta última mostra também, em planta baixa, os campos de tiro cruzado que eram originados pela forma abaluartada. Este esquema ressalta a ausência de pontos cegos, como também os alvos sendo visados por dois lado ao mesmo tempo. Os esquemas abaixo, realizados por Diogo da Sylveyra Vellozo, engenheiro de origem

portuguesa mas que serviu por muito tempo no Brasil durante o século XVII³³, mostram de maneira detalhada as diversas estruturas do corte de uma fortificação moderna.

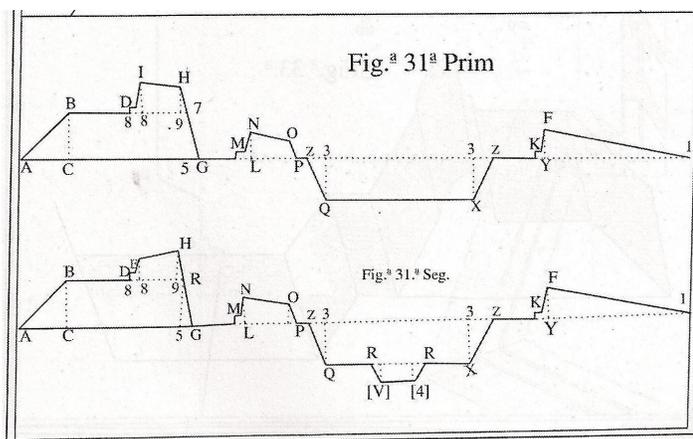


Imagem 16 - Perfil ou corte de uma fortificação segundo Diogo da Sylveyra Vellozo. Fonte: Vellozo (2005, p. 331).

Legenda da imagem 16:

AG base do reparo³⁴.

B7 largura superior do reparo.

CB altura do reparo.

AB escarpa interior do reparo.

AC base, ou talud da escarpa interior do reparo.

GH escarpa exterior do reparo.

G5 base, ou talud da escarpa exterior do reparo.

8DIH7 parapeto, he outro valo da altura de hum homem, que cerca o reparo todo em roda, cuja partes são as seguintes. [:]

8, 7 base do parapeto.

9H altura exterior do parapeto.

8I altura interior do parapeto.

7H escarpa exterior do parapeto.

9, 7 base da escarpa exterior do parapeto.

IT [ID] escarpa interior do parapeto.

IH largura superior do parapeto com declive para a parte da campanha.

8DE banquetta do parapeto.

PZ lezira, berma, relexo, ou sapata.

ZQXZ fosso, cujas partes se explicão na seg^{te} forma.[:]

ZZ largura superior do fosso.

QX largura inferior do fosso.

Q3, ou X3 altura do fosso.

XZ escarpa exterior do fosso, ou contraescarpa.

ZQ escarpa interior do fosso.

RV4R refossete: he outro fosso mais pequeno (como ja se disse na primeyra parte) no fundo do fosso principal, cujas partes são semelhantes.

RR largura superior do refossete.

V4 largura inferior.

RV escarpa interior.

R4 escarpa exterior.

ZY corredor, ou estrada encuberta.

YF1 parapeto da estrada encuberta cujas partes são **F1** declividade a que chamão particularmente arcen, ou explanada; vay fenecer na campanha sem nenhuma altura da parte de fora³⁵.

YK banquetta do parapeto da estrada encuberta.

Os Holandeses em suas fortificações (que todas são de terra) acrescentão outro corpo entre o fosso e o val principal, deyxando entre hum e outro hum largo espaço, como o espaço **GL** a que chamão falsabraga³⁶, com hum parapeto diante representado com as letras **LMNOP**³⁷.

³³ Passou a maior parte de sua vida profissional em Pernambuco, embora tenha servido em outras partes do Brasil. Seu tratado, como o de outros engenheiros portugueses, se apoia largamente em engenheiros holandeses e em outros nomes importantes da fortificação, como Vauban. O trabalho acaba se tornando, em várias passagens, um balanço dos vários procedimentos fortificatórios adotados até então. Cf.: VELLOZO, 2005.

³⁴ Segundo o proprio Vellozo, "Reparo, ou vallo he todo aquelle corpo de muralha, e de terra que se levanta em circuito da fortificação, e com o qual se formão os baluartes, e cortinas, representado com as letras **ABDIHG**". VELLOZO, op. cit., p. 153.

³⁵ A explanada é também chamada "glacis".

³⁶ Nota de Mário Mendonça de Oliveira, inserta nesta edição do texto de Vellozo, confirma que a falsabraga não se praticava nas fortificações portuguesas, mas era usual nas holandesas. Este elemento é também chamado *berma*. Cf.: VELLOZO, op. cit., p. 155.

³⁷ VELLOZO, op. cit., p. 153-155.

Voltando ao subitem 1.2, no que concerne à cidade, embora estas extensas obras de defesa fossem bastante bem-sucedidas do ponto de vista defensivo, acabavam por inviabilizar o surgimento dos subúrbios, pois comprometiam a expansão lateral³⁸. Qualquer construção fora das muralhas da cidade barroca ficaria muito afastada e completamente desprotegida no caso de um ataque. Era então necessário abrigar todos dentro da cidade. O surgimento dos subúrbios à moda medieval também seria um problema para o funcionamento das defesas, que deveriam estar livres de construções em suas imediações, permitindo ao forte varrer o entorno com a artilharia, sem obstáculos que se tornassem proteção para os sitiados. Agora todos precisavam se estabelecer dentro das muralhas, o que causou, como se viu, o atravancamento e a verticalização das cidades.

Enquanto as muralhas, as torres e as portas do sistema defensivo medieval eram, de certa maneira, um elemento que condicionava mas acompanhava o desenvolvimento das cidades, a fortificação abaluartada vai modificar a idéia de cidade, vai transformar a cidade num *apêndice militar*, tal como afirmou Dürer. Era a cidade planeada, em que a fortificação funcionava como uma “camisa de forças” a contrapor-se à cidade medieval em que, no dizer de Braudel, “a muralha era uma cinta por medida”³⁹.

Assim, enquanto a fortaleza vertical permitia a expansão horizontal das cidades, a horizontalização da fortaleza forçou a verticalização das cidades:

Tabela 2 – Relações entre as cidades e fortalezas medievais e modernas.

FORTALEZA MEDIEVAL	FORTALEZA MODERNA
Fortificações verticais	Fortificações horizontais
As cidades crescem horizontalmente	As cidades crescem verticalmente

Obras tão extensas também custavam caro, e era necessária mão de obra especializada, tanto para projetar e construir como para defender, ao contrário das muralhas medievais, que eram erguidas pelos próprios cidadãos. Na Idade Média, qualquer pedreiro acostumado a

³⁸ MUMFORD, op. cit., p. 460-461.

³⁹ PAULINO, op. cit., p. 36.

construir casas poderia planejar e erigir uma muralha de alvenaria. Já a nova fortaleza abaluartada consistia num complexo sistema de defesa que exigia grande conhecimento teórico, além de significativo investimento financeiro, criando um encargo econômico e socioespacial nas cidades⁴⁰.

Com o advento da fortificação moderna, tornaram-se necessários, como vimos, conhecimentos mais especializados, que permitissem idealizar e erguer tais construções. Tudo indica que anteriormente os engenheiros militares aprendiam pelo velho processo medieval de mestres e aprendizes. Muitos também viajavam para adquirir conhecimento no assunto. No século XVII são criadas as escolas de fortificação, tendo como base teórica os tratados sobre a arte de fortificar, que começaram a se desenvolver em fins do século XVI e foram amplamente divulgados no século XVII. Estes tratados basearam-se na Aritmética, na Trigonometria e na Geometria, fundamentais para o processo de concepção das novas muralhas, em que a forma deriva de várias relações de proporção entre as partes⁴¹.

O uso destas relações ainda estão em voga no século XVIII, servindo de fundamento para os tratados escritos nesta época. Pode-se apresentar como exemplo um trecho do tratado de Diogo da Sylveyra Vellozo⁴², em que ele apresenta as regras para se desenhar uma fortificação regular ou irregular, partindo do polígono exterior para dentro:

Seja poys a figura o quadro XX para dentro do qual se quer fortificar: de huma e outra parte do lado exterior XX se cortem as porções XZ cada hu'a igual aos 5/18 do dito lado exterior: no ponto Z se levantem perpendiculares de suficiente comprimento, nellas se tomem as porções ZR cada hu'a igual aos 5/72 do mesmo lado exterior; e por diante se continuarão athe N tanto que as distancias RN seja cada hu'a igual aos 5/48 tambem do dito lado exterior: logo lançando as linhas ou faces XR, e as cortinas NN será inteiramente fortificado o dito quadrado: nas mais figuras se siguirá o mesmo estillo, mas as partes se tomarão da quantidade que mostram os numeros na seguinte taboada numero 1.º a saber a sobreface que no quadrado já descripto se tomou de 5/18 do lado exterior sera sempre a mesma em todas as figuras, como mostra a dita taboada; mas a extenção que no quadrado se

⁴⁰ MUMFORD, op. cit., p. 460.

⁴¹ VALLA, Margarida, "A formação teórica dos engenheiros-militares". In TEIXEIRA, 2004, p. 109.

⁴² Embora o Forte Maurício tenha sido construído pelos holandeses no início do século XVII, e Vellozo seja um engenheiro português, escrevendo seu tratado século XVIII, este faz um apanhado das práticas de várias escolas de fortificação anteriores, mencionando largamente os holandeses, razão pela qual este autor deve ser bastante citado ao longo do texto.

tomou de 5/72 será no pentagono de 5/54, no exagono de 5/44 et^a. assim mesmo o flanco que no quadrado se tomou de 5/48, no pentagono será de 5/45 no exagono de 5/40 et^a. do mesmo modo nas mais figuras serão cada hu'a das ditas linhas das partes contheudas na taboada, as quais partes se entendem sempre em todas as figuras serem a respeyto do lado do poligono exterior⁴³.

Embora a bibliografia pertinente ao assunto sempre faça alusão aos engenheiros militares quando se refere aos construtores de fortificações, inicialmente a engenharia militar era uma das ramificações da arquitetura: os arquitetos civis é que se ocupavam das fortificações. Segundo Beatriz Bueno, a designação de engenheiro militar só é estabelecida em meados do século XVIII, na França, com a criação do “Corps des Ponts et Chaussées” (1716), e da “École des Ponts et Chaussées”(1747), que nomeou a figura do engenheiro civil em contraste com o militar, dissociando-os da arquitetura⁴⁴.

⁴³ VELLOZO, op. cit., p. 59.

⁴⁴ BUENO, 2003, p. 175.

2 AS FORTIFICAÇÕES NO BRASIL COLONIAL

Traçar um panorama sintético das fortificações brasileiras nos séculos XVI e XVII não é tarefa fácil. Como sempre, as diferenças formais e locais tornam a missão de encontrar as semelhanças bastante árdua. Existe uma quantidade significativa de estruturas defensivas que podem ser combinadas para compor a forma da fortificação, dependendo das particularidades de cada sítio ou cidade.

Para esse intento, conta-se com alguns trabalhos fundamentais. Um deles é o livro “Fortes de Pernambuco”, que documenta algumas das experiências do Laboratório de Arqueologia da UFPE com escavações arqueológicas em várias unidades defensivas. Também o livro que resultou da dissertação de mestrado de Hugo Mori, com foco nos fortes do Espírito Santo, que conta com a contribuição de Carlos A. Cerqueira Lemos e Adler H. Fonseca de Castro em alguns capítulos, constituiu uma fonte que favorece principalmente os iniciantes no tema, devido a sua exposição acessível; e o completíssimo “Fortificações de Salvador enquanto cabeça do Brasil”, do arquiteto Mário Mendonça de Oliveira, que trata o assunto de maneira mais aprofundada, e onde se reconhece um exaustivo e minucioso processo de pesquisa⁴⁵.

Não se pode negar a importância da contribuição dessas obras para o conhecimento do sistema fortificado brasileiro. Mesmo assim, ainda fica por fazer uma análise crítica que trace um panorama de suas características comuns mais marcantes. No entanto, um primeiro passo foi dado por Carlos A. Cerqueira Lemos, que elaborou uma metodologia aqui adotada para compreender os traços mais significativos da construção do sistema de defesa do período colonial brasileiro⁴⁶. Consiste em dividi-lo em quatro etapas:

A primeira inicia-se com o descobrimento do Brasil e se alonga até o fim do domínio da coroa espanhola sobre Portugal, incluindo tanto as primeiras fortificações mais incipientes, como também as mais elaboradas do período da União Ibérica (1580-1640).

⁴⁵ Conta-se ainda com a contribuição de Ricardo Siqueira, autor do livro Fortes e Faróis, que embora tenha mais a feição de um catálogo fotográfico, sua contribuição como inventário permeado de dados históricos não pode ser desprezada num panorama de fontes tão escassas.

⁴⁶ Sobre a metodologia elaborada por Carlos A. Cerqueira Lemos, confira: MORI, op. cit., p. 56-57..

A segunda etapa está contida na anterior e corresponde à permanência holandesa no Brasil, no período de 1630 até 1654, incluindo também o tempo de estada dos batavos em Salvador entre os anos de 1624 e 1625. As fortificações desta etapa se concentraram na costa do Nordeste.

A terceira etapa vai do final do século XVII até quase o fim do século XVIII e corresponde à articulação de defesas na bacia amazônica, que visavam defender o território dos franceses, ingleses e holandeses.

A quarta etapa corresponde ao período de lutas contra os espanhóis da Argentina que tentaram ocupar o litoral sul de Cananeia, movidos pelas questões mal resolvidas originadas pelo Tratado de Tordesilhas, que permaneciam nebulosas mesmo após as providências demarcatórias decorrentes do Tratado de Madri.

Aqui se pretende abordar apenas a primeira e a segunda etapas, que são de maior interesse para a compreensão do objeto de estudo desta dissertação. Assim, adotou-se como recorte geográfico o Nordeste do Brasil, onde se observaram não apenas as fortificações portuguesas, como também considerável intervenção batava. Pode-se acompanhar principalmente em Salvador e Recife a inserção de fortificações holandesas em núcleos urbanos portugueses.

Também se contou com diversas obras que permitiram acesso às imagens que foram fundamentais para uma melhor compreensão e análise das nossas defesas. Entre eles, estão atlas e livros do século XVII, como também catálogos de imagens e as já citadas fontes relacionadas anteriormente, que tratando das fortificações, foram ricamente ilustradas. A seguir, um apanhado das principais obras utilizadas neste estudo.

Tabela 3 – Fontes das imagens

AUTOR	OBRA	DATA
Ricardo Siqueira	Fortes e faróis	1997
Mário Mendonça de Oliveira	As fortificações portuguesas de Salvador quando cabeça do Brasil	2004
Marcos Albuquerque	Fortes de Pernambuco	1999
Nestor Goulart Reis	Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial	2000

Estudo Cartográfico de Armando Cortesão e A. João Teixeira Albernás⁴⁷. Teixeira da Mota	Rezão do Estado do Brasil	c. 1616
João Teixeira Albernás	Atlas do Estado do Brasil, Coligido das Mais Sertas Noticias q pode aiuntar Dõ Ieronimo de Ataide, por Joaõ Teixeira Albernás, Cosmographo de Sua Magde, Anno 1631.	1631
João Teixeira	Descrição de todo o marítimo da terra de S. Cruz, chamado vulgarmente o Brazil	1640
Gaspar Barléu	História dos feitos recentemente praticados no Brasil durante oito anos...	1647

2.1. PRIMEIRA ETAPA: AS FORTIFICAÇÕES PORTUGUESAS

Enquanto na Europa do século XVI está acontecendo a transição da cortina vertical para a horizontal, o aperfeiçoamento das armas à base de pólvora e a concepção do baluarte, do outro lado do Oceano Atlântico um novo continente está sendo descoberto e colonizado. Neste contexto, que também é o momento histórico das grandes navegações, surge o território conquistado pelos portugueses, que veio a se tornar o Brasil. Portugal tratou de providenciar o reconhecimento do novo continente, nomear e mapear os principais acidentes geográficos de seu litoral e transformá-lo em fonte de ganho, encontrando na extração do pau-brasil a primeira atividade através da qual pôde retirar algum lucro do solo brasileiro.

Mas não apenas os portugueses se interessaram pela nova terra. Também outras bandeiras se aproximavam, notadamente os franceses, que por muito tempo piratearam pau-brasil, geralmente com a ajuda dos índios. Assim, a fim de garantir a posse de seu achado, Portugal decidiu-se pela colonização.

À medida que esta foi se tornando mais efetiva, surgiu a necessidade de providenciar a defesa do território e a construção das primeiras muralhas, que inicialmente foram bastante incipientes, tornando-se mais complexas e elaboradas ao longo do tempo.

⁴⁷ Nas referências optou-se por grafar Albernás – com “s” –, conforme aparece nos originais fac-símile. No texto, utilizou-se Albernaz com “z”, como se tornou comum hoje em dia.

2.1.1. INÍCIO DA PRIMEIRA ETAPA: TORRES E CERCAS

Neste primeiro período, não havia atividade econômica estabilizada e rentável que justificasse grandes preocupações com a segurança da colônia, mas havia a presença nem sempre amigável dos indígenas. Assim, para proteger os colonos, foram realizadas as primeiras fortificações do território – muralhas de taipa e paliçadas que tinham como objetivo principal resguardar as feitorias do ataque indígena, e eram suficientes para tal, embora fossem provavelmente um tanto precárias para resistir a uma investida por parte de forças europeias. Segundo Nestor Goulart, *“as povoações mais antigas eram quase tôdas defendidas por cêrcas ou muros, cujas formas e materiais empregados variavam de acôrdo com as possibilidades e necessidades. Algumas eram simplesmente de madeira, à moda dos índios”*⁴⁸. Aí se incluem arraiais e vilas de menor porte, sobre as quais quase não existem referências textuais ou imagéticas que abordem quanto aos sistemas de defesa de sua fase inicial. A maioria das imagens tratam das “cabeças” de capitania, como Salvador e Olinda, e vão surgir apenas no final do século XVI e início do século XVII, quando as fortificações em volta dos núcleos urbanos se tornam gradualmente menos frequentes, passando-se a fortificar apenas os pontos de maior importância para a defesa do território.

A[sic.] medida que eram afastadas as ameaças constituídas[sic.] pelas tribos hostis, verificava-se uma modificação nos esquemas defensivos. Nos pequenos nucleos [sic.]desapareceria a importancia[sic.] dos mecanismos de defesa contra os ataques provindos do interior. Ao mesmo tempo verificava-se uma valorização crescente dos nucleos[sic.] maiores, de cada região, como centros militares, ou seja, uma centralização dos esquemas defensivos em Salvador, Rio de Janeiro, São Luiz, Belém, etc⁴⁹.

Um dos exemplos mais notáveis destas primeiras muralhas ao redor do núcleo urbano, a fim de protegê-lo dos indígenas, é a primeira fortificação de Salvador, que foi construída em meados do século XVI por Luiz Dias.

⁴⁸ REIS, op. cit., p. 167.

⁴⁹ REIS, op. cit., p. 174.

Não seria demais falar de um mito da cidade *fortaleza forte* que foi Salvador. Realmente, a cidade, nos primórdios da sua fundação, desfrutava de razoável condição de defesa, uma vez que a ameaça imediata era a do silvícola, que não podia opor ao colonizador mais que a ação das suas armas rudimentares, mesmo que hábeis arqueiros, conhecedores do terreno e homens de invulgar coragem. Para isto, o precário muro de taipa de pilão, com sabor de defesa medieval, que foi erguido, ainda sob a orientação do mestre Luiz Dias, segundo traçados gerais vindos do Reino, atribuídos a Miguel de Arruda, respondia adequadamente à sua função⁵⁰.

Não existe um consenso entre os vários autores que escreveram sobre a abrangência e a disposição das primeiras muralhas de Salvador, que inicialmente tinham entre 3,52 e 3,96 metros de altura⁵¹. O método construtivo utilizado – a taipa – embora tornasse a construção mais rápida e absorvesse o impacto dos tiros adversários, possuía o inconveniente de não resistir bem às chuvas.⁵² Reconstruída “*após o desmoronamento nas invernadas*”, a muralha passou a 2,42m de altura, o que demonstra a sua fragilidade ante um adversário bem preparado.⁵³ Provavelmente, a maioria das estruturas que cercavam os primeiros núcleos se utilizaram deste método construtivo.

Igarassu é outro exemplo de vila que foi amuralhada para se proteger contra os nativos da região. Apesar da aliança de Duarte Coelho com os índios, a vila fora cercada com uma estacada de pau a pique, a qual nenhuma resistência representou contra os holandeses no século seguinte.⁵⁴ É possível que um tipo de fortificação semelhante tenha existido às margens do rio São Francisco.

⁵⁰ OLIVEIRA, op. cit., p. 56

⁵¹ Id., p. 56.

⁵² Sobre as muralhas de Salvador, cf. OLIVEIRA, op. cit., p. 56.

⁵³ Id., p. 56. Segundo Mário Mendonça, as muralhas de Salvador seriam bastante vulneráveis a um ataque externo.

⁵⁴ ALBUQUERQUE, 1999, p. 27.



Imagem 17 – Conjunto de Pernambuco, com Igarassu ao centro, cercada pelos nativos. Fonte: Staden (1974, p. 48).

Outra maneira de defender as novas povoações era fundar os arraiais em sítios altos. A maioria das vilas foram inicialmente edificadas em locais elevados, que permitiam o controle visual dos arredores. Observa-se assim, no contexto da colonização do Brasil, semelhança com a lógica medieval, onde o sítio alto é mais facilmente defensável, contrariando a da fortaleza moderna, que busca se horizontalizar⁵⁵.

À medida que as povoações foram se consolidando, aumentou a preocupação com a ameaça dos inimigos europeus, o que levou o cronista Gabriel Soares de Souza, escrevendo em 1587, a argumentar sobre o perigo trazido pelas contínuas invasões dos franceses, que traficavam pau-brasil com a ajuda dos índios.

...e de todas estas e outras podiam vir todos os anos a estes reinos em tanta abastança, que se escusem os que vêm a eles dos estrangeiros, o que se pode facilitar sem Sua Majestade meter mais cabedal neste Estado que o rendimento dele nos primeiros anos; com o que pode **mandar fortificar e prover do necessário à sua**

⁵⁵ Embora existam outras razões para a fundação em sítios altos, como a busca pela salubridade, destaca-se aqui apenas o aspecto defensivo.

defesa, o qual está hoje em tamanho perigo, que se nisso caírem os corsários, com mui pequena armada se senhorearão desta província, por razão de não estarem as povoações dela fortificadas, nem terem ordem com que possam resistir a qualquer afronta que se oferecer, do que vivem os moradores dela tão atemorizados que estão sempre com o fato entrouxado para se recolherem para o mato, como fazem com a vista de qualquer nau grande, temendo-se serem corsários, a cuja afronta Sua Majestade deve mandar acudir com muita brevidade, pois há perigo na tardança, o que não convém que haja, porque se os estrangeiros se apoderarem desta terra custará muito lançá-los fora dela pelo grande aparelho que têm para nela se fortificarem, com o que se inquietará toda Espanha e custará a vida de muitos capitães e soldados, e muitos milhões de ouro em armadas e no aparelho delas, ao que agora se pode atalhar acudindo-lhe com a presteza devida.⁵⁶

Seria difícil e dispendioso fortificar adequadamente o litoral brasileiro, ainda tão pouco habitado e tão extenso. Mas com o crescimento das povoações e as constantes ameaças de piratas franceses, ingleses e holandeses⁵⁷, era necessário articular um sistema de defesa que garantisse a posse do território. Sobretudo nas “cabeças” de capitania, como Salvador e Olinda, o sistema de defesa devia ser mais eficiente. Porém, este intento se deu de maneira progressiva, e durante o século XVI até início do século XVII, as fortificações do Brasil ainda guardavam influências medievais, o que se pode ver em Salvador, onde foi recorrente a alusão ao uso das torres:

O argumento primeiro, que podemos levantar sobre a existência de torres, é que, no Século XVI, Portugal ainda conservava hábitos e tradições medievais, no que concordamos com Fonseca e outros estudiosos do assunto, tempo em que a torre era o elemento central de todo sistema fortificado e, até mesmo, constituía-se em organismo isolado e solitário, quando o Senhor das terras não era abastado o suficiente para cercá-la com um perímetro de muralhas exteriores. Ora, este sistema era o que bastava para dar salvaguarda aos primeiros colonizadores contra as armas rudimentares dos habitantes originais da nossa terra que, com justeza, rebelavam-se, não poucas vezes, contra a espoliação do seu espaço e da sua terra, além dos maus-tratos e explorações de que, freqüentemente, eram objeto⁵⁸.

Estas torres não se constituíam em construções muito elaboradas, como os castelos ou muralhas que cercavam as cidades europeias, nem as que se apresentam à nossa imaginação

56 SOUZA, 1938, p. XXXVII. Grifo nosso. Em muitas passagens do seu texto, Gabriel Soares de Souza comenta sobre a presença dos franceses, que com muita frequência carregam suas naus com pau de tinta (pau-brasil).

⁵⁷ LEMOS, Carlos A. Cerqueira, in MORI, op.cit., p. 53.

⁵⁸ OLIVEIRA, op. cit., p. 174.

quando pensamos nos cenários descritos em livros ou apresentados no filmes. As torres de Salvador deviam se assemelhar a um *“organismo isolado e solitário, quando o Senhor das terras não era abastado o suficiente para cercá-la com um perímetro de muralhas exteriores”*⁵⁹. Portanto, “compactas”, de planta simples – poligonais ou cilíndricas, e relativamente baixas, quando comparadas às torres de menagem medievais de 10 ou mais metros de altura. Na verdade, pode-se reconhecer aí um momento de transição, em que ainda não aparece o baluarte, mas no qual as torres começam a baixar e a se tornarem mais “atarracadas”, como a fortificação moderna deveria ser. *“É mister, porém, que se destaque que estas torres não assumiam a verticalidade exacerbada dos exemplares tipicamente medievais, porque o advento da artilharia, mesmo que embrionária, naquele momento, apontava para a redução da altura destes fabricados”*⁶⁰.

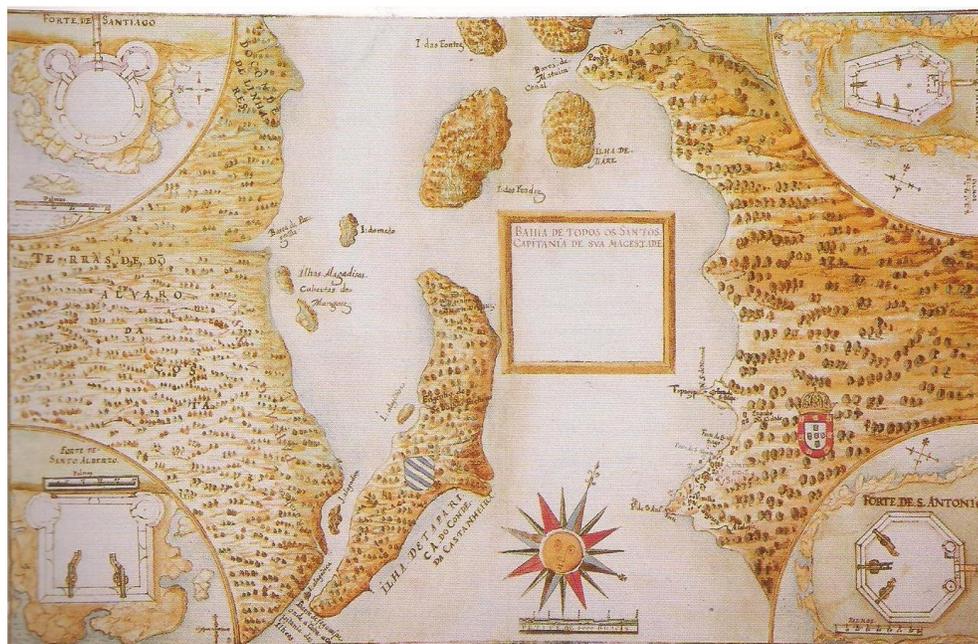


Imagem 18 – Bahia de Todos os Santos Capitania de Sua Magestade. Fonte: Albernas (1631, il. 21).

⁵⁹ OLIVEIRA, op. cit., p. 174.

⁶⁰ OLIVEIRA, op. cit., p. 177.

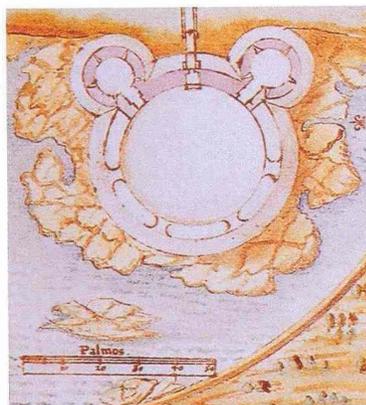


Imagem 19 – Torre Torre de São Tiago – detalhe da imagem 18. Fonte: Albernas (1631, il. 21).



Imagem 20 – Torre de São Felipe (hoje Monserrate) – detalhe da imagem 18. Fonte: Albernas (1631, il. 21).



Imagem 21 - Torre de Santo Alberto – detalhe da imagem 18. Fonte: Albernas (1631, il. 21).

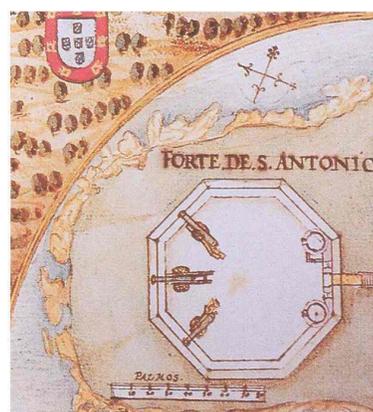


Imagem 22 – Torre de Santo Antonio - detalhe da imagem 18. Fonte: Albernas (1631, il. 21).

A imagem de Albernaz intitulada “Bahia de Todos os Santos, Capitania de Sua Magestade” (imagem 18) mostra o núcleo urbano de Salvador e uma parcela considerável da Bahia de Todos os Santos, trazendo a localização de quatro entre as primeiras torres de Salvador, e suas plantas em detalhe, nos cantos do mapa (imagens 19 a 22). Estas tinham como base polígonos regulares, onde se observa não o baluarte angular, mas “baluartes”⁶¹ cilíndricos, que mais se assemelhavam a guaritas. Não assumiam a ‘verticalidade exacerbada das torres medievais’⁶², mas também não se configuravam como a fortaleza moderna. Tinham

⁶¹ A palavra baluarte tem significado bastante abrangente. Tanto se refere ao baluarte angular moderno, como pode se referir a uma obra de defesa avançada – ainda que na forma de uma torre – ou ainda como significado de fortificação em geral.

⁶² OLIVEIRA, op. cit., p. 177.

“entrada alta, com escada e ponte levadiça, o que indica uma solução tipológica da época”⁶³. Algumas dessas torres foram posteriormente reformadas, originando outros fortes, nos quais ainda se identificam vestígios do polígono inicial, como o Forte de Santiago e o Forte de Santo Antônio da Barra.



Imagem 23 – Claes Jansz Visscher e Hessel Gerritsz. S. Salvador / Baya de Todos os Santos. (C.a. 1624). Gravura. Fonte: Reis (2000, p. 23).

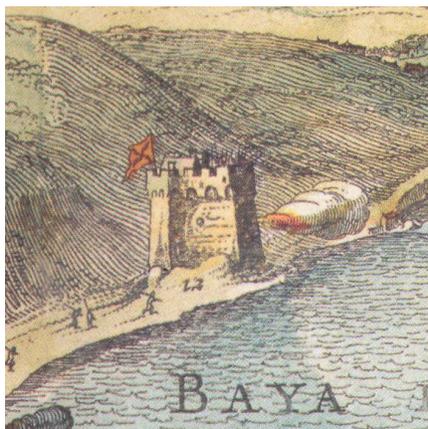


Imagem 24 – Detalhe da imagem 23, mostrando provavelmente a torre de São Tiago. Fonte: Reis (2000, p. 23).

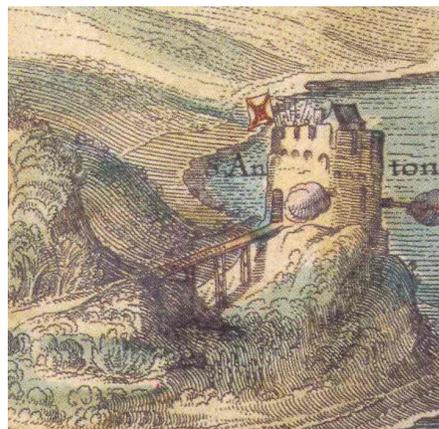


Imagem 25 – Detalhe da imagem 23, mostrando a Torre de Santo Antonio. Fonte: Reis (2000, p. 23).

⁶³ OLIVEIRA, op. cit., p. 84.

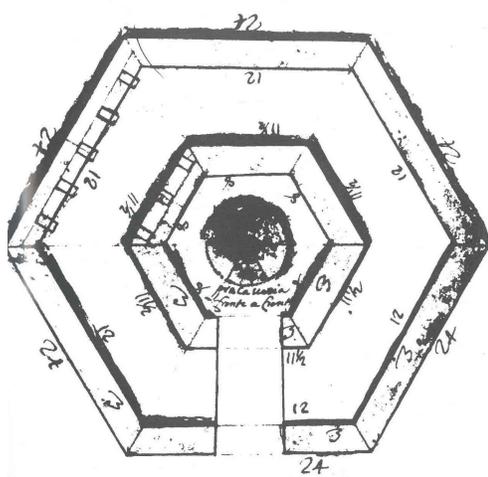


Imagem 26 – Castelo do Mar, Forte da Lage, da Barra ou do Picão – em planta. Fonte: Albuquerque (1999, p. 33).



Imagem 27 – Castelo do Mar ou Forte do Picão, em vista. Fonte: Albernás (1640).

Também em Pernambuco houve a construção de torres nos primeiros tempos de ocupação. Como exemplo, podemos citar a Casa Forte de Duarte Coelho, que ao contrário das torres de Salvador, era de pedra e cal⁶⁴. Adotou igualmente o formato de torre o Forte São Francisco, também chamado “Castelo do Mar”, “Forte da Barra”, “Forte da Lage” ou “Forte do Picão”⁶⁵. Tinha como planta um hexágono (imagem 26), e em elevação aparecia como uma torre cilíndrica (imagem 27).

2.1.2. FINAL DA PRIMEIRA ETAPA: “MODERNIZAÇÃO” DAS FORTALEZAS

A partir da União Ibérica, gradualmente⁶⁶ se organizaram os primeiros sistemas eruditos de fortificação, especialmente diante da ameaça de invasão pelos holandeses. Nesta ocasião a construção de fortificações estava sob as ordens do rei da Espanha, Felipe II, o qual foi em busca da experiência dos italianos, na época os maiores especialistas em fortificação moderna,

⁶⁴ ALBUQUERQUE, op. cit., p. 30.

⁶⁵ Id., p. 32-33.

⁶⁶ Gradualmente porque algumas torres ainda foram construídas no início deste período.

o *know how* para a construção das fortificações da colônia. Segundo Mori, com a presença dos italianos no século XVII, as fortificações deixaram progressivamente de ter as propriedades transitórias de altas muralhas e torres de defesa, para assumir as características modernas de baixas e espessas muralhas⁶⁷.

Ainda assim, a busca pela horizontalidade estabelecida pela maneira moderna de fortificar, em Salvador é contrariada pela altura da casa de guarda e do comando, que confere verticalidade às fortificações, como se observa nas imagens de 28 a 36. Nas obras de defesa portuguesas da cidade, durante o século XVII e até o século XVIII, ainda existe uma presença marcante do elemento vertical nas fortificações. Em vez de estarem escondidos dentro das muralhas, alguns alojamentos ficavam acima destas, o que nos remete a imaginar uma herança das torres.

Ao mesmo tempo, observa-se ainda a ausência do baluarte angular. Quando muito, as formas possuem ângulos reentrantes e salientes que não chegam a formar uma baluarte completo, com 2 faces e 2 flancos.

Em Pernambuco, surgem vários fortes neste período, entre eles o Castelo do Mar⁶⁸ e o Forte Nazaré⁶⁹, construídos no Cabo de Santo Agostinho, como também os fortes Real de Bom Jesus e o São Jorge Novo, em Recife.

É novamente reportando-nos à iconografia histórica, nem sempre acessível⁷⁰, que podemos apresentar informações sobre tais edificações.

⁶⁷ MORI, op. cit., p. 56.

⁶⁸ Diferente do Castelo do Mar de Recife, que ficava na barra e também era conhecido como Forte do Picão (imagens 24 e 25). Era comum fortes construídos em lugares diferentes terem o mesmo nome, e ainda um mesmo forte ter vários nomes, ou fortes diferentes se sucederam num mesmo lugar adotando o mesmo nome. Ter atenção para essas possibilidades é fundamental para evitar equívocos.

⁶⁹ Albuquerque faz referência a pelo menos dois fortes chamados de Nazaré, além da vila fortificada de mesmo nome. É difícil inferir se eram fortes distintos, ou se faziam parte da fortificação da vila. Em alguns momentos, outros fortes são apontados como sendo o Forte de Nazaré, como o próprio Castelo do Mar (p. 148). Mas teria sido construído por Bagnuolo, após 1632, num local baixo e arenoso, uma fortificação intitulada Nazaré, a qual teria sido muito criticada pelo donatário Duarte de Albuquerque. ALBUQUERQUE, op. cit., p. 121-127.

Algumas fortificações de Salvador:

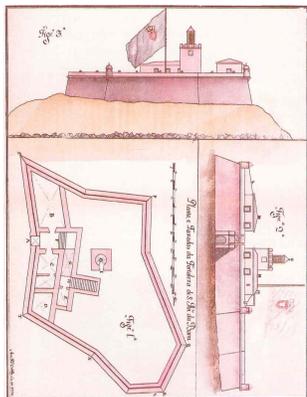


Imagem 28 – José Antonio Caldas. Forte de Santo Antonio da Barra, c.a. 1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 186).

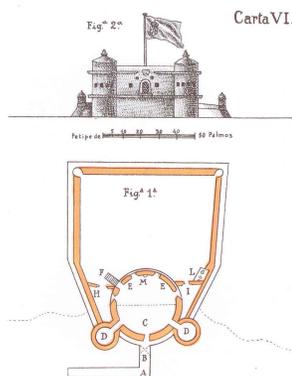


Imagem 29 – Forte de Santo Alberto, antiga torre de São Tiago, c.a. 1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 192).

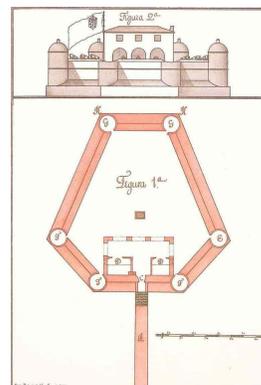


Imagem 30 – José Antônio Caldas. Fortim de Monserrate, 1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 189).

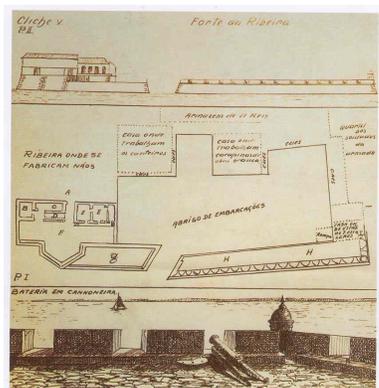


Imagem 31 – Magalhães Corrêa. Forte da Ribeira. Fonte: Oliveira (2004, p. 242).

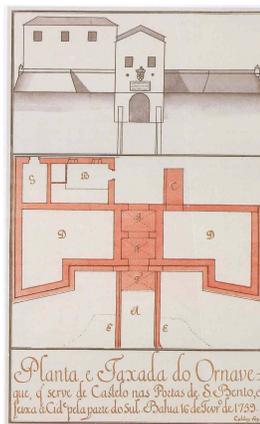


Imagem 32 – José Antônio Caldas. Porta de São Bento, 1759. Fonte: Oliveira (2004, p. 233).

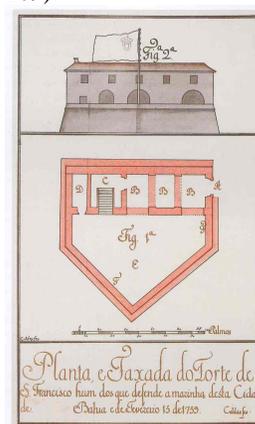


Imagem 33 – José Antônio Caldas. Fortim de São Francisco, 1759. Fonte: Oliveira (2004, p. 245).

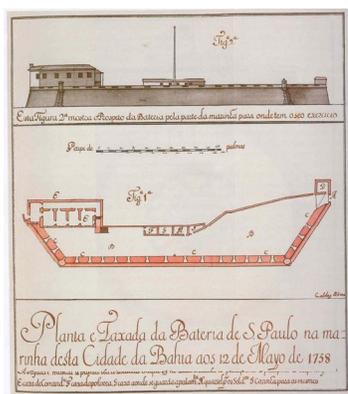


Imagem 34 – José Antônio Caldas. Forte de São Paulo da Gamboa, c.a. 1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 218).

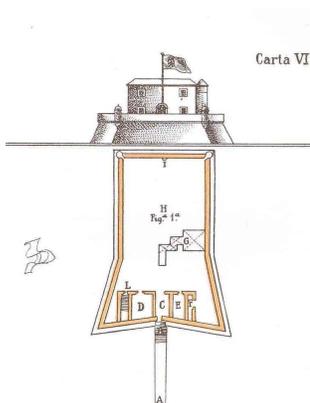


Imagem 35 – Cartas de Vilhena, fim do século XVIII. Fonte: Oliveira (2004, p. 197).

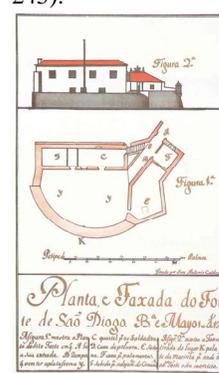


Imagem 36 – José Antônio Caldas. Fortim de São Diogo, c.a.1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 198).

⁷⁰ Embora o acesso à iconografia histórica tenha se tornado relativamente mais fácil nos últimos anos, graças a algumas publicações como as já citadas, é muito comum encontrar fortalezas das quais não se conhece documentação gráfica.

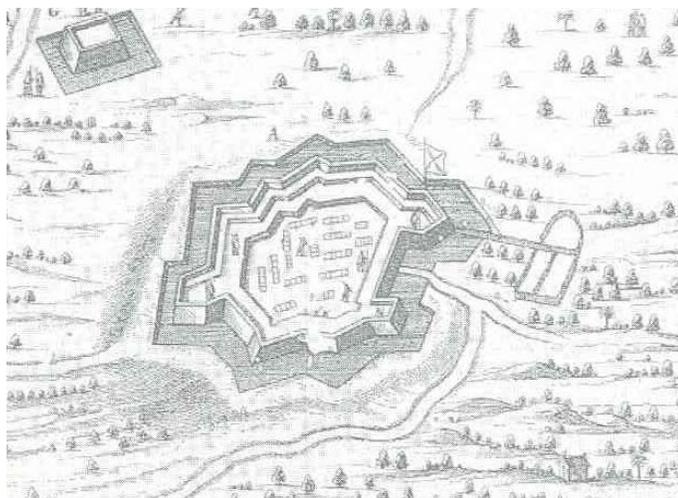


Imagem 37 - Assédio ao Arraial de Bom Jesus pelos holandeses em 1635. 1651 Gravura de Commelyn, 1651.
 Fonte: Albuquerque (1999, p.44)

O Forte Real de Bom Jesus foi construído por volta de 1630, e aparece na imagem extraída da gravura de Commelyn com muralha irregular, formada de ângulos salientes e reentrantes, com dois baluartes e cercado pelo fosso⁷¹.

Já o Forte São Jorge, também chamado “Castelo de Terra” ou “Castelo de São Jorge”⁷², estava localizado no istmo e devia cruzar fogo com o Forte do Picão, defendendo a barra. Aparece com várias feições nas diferentes imagens. Na imagem 38, o forte tem como base um retângulo, com dois baluartes para o lado do mar. Já na imagem 39, ele é representado com 2 baluartes para o lado do mar e ângulos reentrantes e salientes para o lado do continente. Na imagem 40 o mesmo forte aparece com 2 meios baluartes para o lado do continente e um baluarte para o lado da barra. Na imagem 41, aparece o Forte São Jorge com as feições de castelo, com 4 torres nos vértices de um polígono de 4 faces, dentro da estrutura abaluartada, que para o lado esquerdo ficou sem baluartes (há um do lado direito), talvez devido à presença da água.

⁷¹ ALBUQUERQUE, op. cit., p. 45.

⁷² Para diferenciar do Forte do Mar ou do Picão. Segundo Barleus era um forte de pedra. Cf. BARLEUS. História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil, p. 190. In: FREIRE, 2004.(CD-rom.)

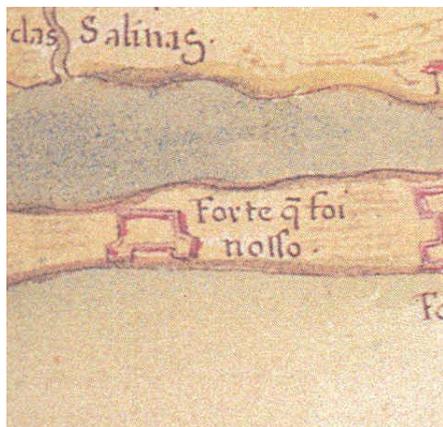


Imagem 38 – Forte de São Jorge. Demonstração da barra e porto de Pernambuco e fortificações que nele fez os holandeses (detalhe). Fonte: Albernas (1640).

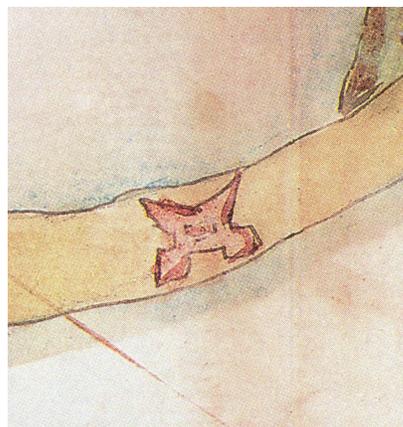


Imagem 39 – Forte de São Jorge. Porto e Barra de Pernambuco (detalhe). Fonte: Albernas (1631, il. 25).



Imagem 40 – Forte de São Jorge – Marcgrav, *Insula Antonij Vaazij*, 1647 (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

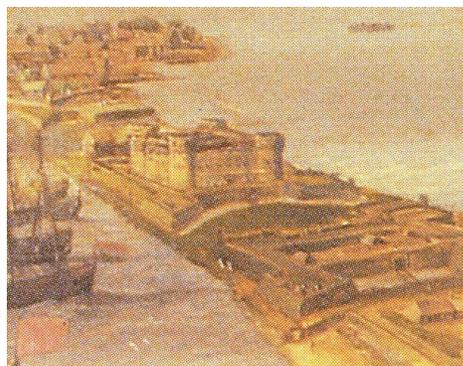


Imagem 41 – Forte de São Jorge – *View of Recife and its Port* (detalhe). Gillis Peeters. Original pertencente à coleção de Gilberto Daccache. Fonte: Belluzzo (1995, p. 128).

Movendo-nos para outra região, agora ao norte da Capitania de Pernambuco, encontramos o Forte de Cabedelo ou de Santa Catarina, construído por volta de 1586, na barra do rio Paraíba, o qual também deve ser desta segunda fase, e que foi descrito por Diogo de Campos Moreno em 1612.

Na entrada deste rio Paraíba ou São Domingos, da banda do sul, como se vê na carta, [...] no ponto E, naquela ponta que guarda ambas as barras, está o forte que dizem do Cabedelo, fundado sôbre areia, de taipões e entulhos de lamarão, entre

grossas vigas de pau-ferro, com uma estacada, **no modo que se vê na sua planta**; é todo, hoje, até os parapeitos coberto de telha e fica, como **uma casa-forte**, defendido no melhor modo que dá lugar o sítio; e a obra, porém, **está sujeita a fogo, à enxada, ao machado e a um petardo**, onde arrumar lho quiserem, havendo quem tire as defensas que se podem fazer à coronha rasa pelas **falências que têm a fábrica para ser forte**; o socorro está a quatro léguas, porque a tantas pelo rio acima está a povoação, da qual, por mar e por terra pode vir fácilmente; mas a gente da capitania, que é a mais importante, e vive mais longe por suas fazendas, tomará o rebate conforme a vontade que tiver de pelejar. (grifo nosso) (MORENO, 1955, p. 201)

Na imagem do Livro da Razão (c.1616), o forte aparece com forma quadrangular, com dois baluartes, e cercado por uma paliçada, com um quartel no interior, sem terraplenos.



Imagem 42 – Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota. Paraíva ou Rio de S. D^o. (Detalhe). C.a. 1616. Fonte: Razão do Estado do Brasil (1999, 16^a carta).

Também é desta fase a fortaleza dos Reis Magos, construída em Natal no início do século XVII. Este é um exemplo de fortificação que chega a ter meios baluartes, mas não baluartes completos. Por outro lado, a fortificação já demonstra as características de muralhas baixas, terraplenadas, onde os quartéis ficam praticamente encobertos pela muralha, protegidos pelos terraplenos, e não expostos, como nas imagens das fortificações de Salvador. Segundo o Livro da Razão, esta fortaleza “*tem o assento e sítio que se vê na sua planta...*”⁷³. Diz ainda:

⁷³ MORENO, 1955, p. 207.

Tôda esta fortaleza do Rio Grande está por acabar; não chega por algumas partes ao cordão, e assim tem menos de dezoito palmos de alto; faltam-lhe todos os parapeitos e entulhos das quartinas, tôdas as casas da vivenda e armazéns; não tem poço nem cisterna, nem fonte, antes com muito trabalho todos os dias se provém de muito longe, em vasilhas de água ou de cacimbas da praia; não tem restrelo, nem contraportas, e até as portas da mesma forataleza estão consumidas do tempo; finalmente, é a mais miserável vivenda que se pode achar no mundo, por não estar acabada, pelo que os soldados fogem dela como da morte. (MORENO, 1955, p. 213).



Imagem 43 - Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota. Forte dos Reis Magos. (Detalhe da mapa da Capitania do Rio Grande). C.a. 1616.
Fonte: Rezão do Estado do Brasil (1999, 17ª carta)

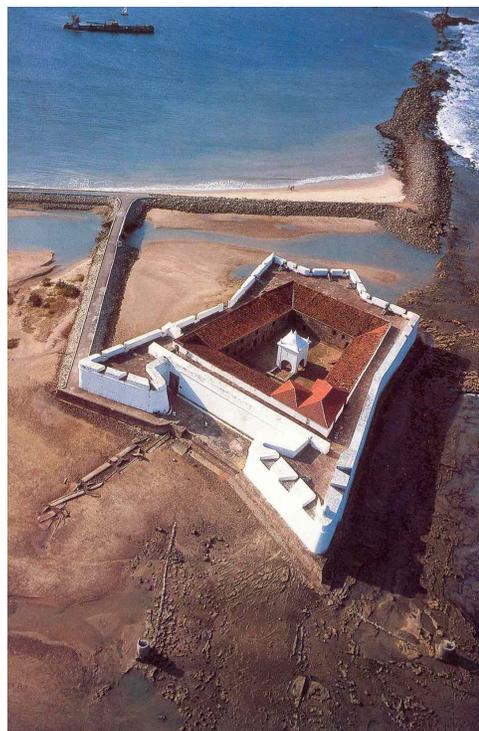


Imagem 44 - Ricardo Siqueira. Forte dos Reis Magos. Fonte: Siqueira (1997, p. 142)

Na foz do rio São Francisco, também existiu, nesta primeira fase, uma fortificação: o Forte da Passagem. Estava localizado na parte sul do rio, correspondendo a Sergipe del Rei, e tinha como base um polígono quadrangular, formando ângulos salientes e reentrantes, mas não abaluartado. Estava aparentemente cercado por uma paliçada, e outra estrutura externa, talvez um fosso. Não possui a representação de terraplenos, mas a de uma construção central, que provavelmente servia de quartel.



Imagem 45 - Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota. Forte Novo da Passagem. (Detalhe da mapa da Capitania do Rio Grande). C.a. 1616.
 Fonte: Reção do Estado do Brasil (1999, 11ª carta).

2.2. SEGUNDA ETAPA: AS FORTIFICAÇÕES DOS HOLANDESES

Os holandeses representaram uma ameaça real, levando a uma maior necessidade de fortificação da costa, tanto por parte dos portugueses, para se defender dos invasores, como por parte destes, a fim de proteger o território que iam dominando.

Como já foi dito, os holandeses invadiram o Brasil pela primeira vez em 1624, quando conquistaram Salvador. Mas no ano seguinte, as tropas hispano-portuguesas conseguem expulsá-los. Em Salvador, os holandeses escolheram o local e lançaram as bases de muitas fortalezas que compuseram o sistema defensivo de da cidade⁷⁴.

⁷⁴ OLIVEIRA, op. cit., p. 45. Embora Mário Mendonça mencione “muitas fortalezas”, uma leitura mais atenta só revelou duas: o Forte da Laje ou da Ribeira, originalmente português, mas cuja construção foi terminada pelos holandeses, e o de São Pedro, construído pelos holandeses e posteriormente incorporado às defesas da cidade. É possível que o autor se refira a simples trincheiras holandesas, que teriam sido posteriormente aproveitadas pelos portugueses mediante reformas ou

Tendo sua investida contra Salvador frustrada, em 1630 conquistam Recife e Olinda, abrindo o comércio entre Holanda e Pernambuco. Aos poucos ampliam seu território na capitania e em outras ao norte. Em 1631, conquistam Itamaracá. Em 1634, a cidade da Paraíba, e em 1635, o arraial do Cabo de Santo Agostinho.

Em 1637 Maurício de Nassau foi enviado a Recife como governador-geral do Brasil Holandês. Sob o seu comando os holandeses conquistam Porto Calvo, e finalmente chegam à vila São Francisco, onde é construído o Forte Maurício, objeto de estudo desta dissertação. Com a fuga dos portugueses para a Bahia, a Capitania de Pernambuco fica sob o domínio inimigo, tendo na Vila São Francisco o posto de defesa responsável por manter as fronteiras ao sul do Brasil holandês. Posteriormente, os holandeses ainda expandiram seus domínios até o Maranhão.

Ao tomarem Pernambuco, os invasores ergueram várias fortalezas abaluartadas. Embora não tenham sido tão complexas quanto as que Vauban construiu na Europa no século XVII, pode-se ver nestas construções as características da fortaleza moderna, com muralha horizontal e baluarte angular.

A princípio, é complexo caracterizar as particularidades da fortificação holandesa. Para Margarida Valla, “*esta escola Holandesa caracterizou-se pelo seu sistema de fortificação ser construído todo em terra sem a aplicação do revestimento em pedra, e pela utilização de fossos aquáticos*”⁷⁵, o que também implicava a preferência por terras baixas, junto ao mar. Isso nem sempre se verificou no Brasil, como se verá em relação ao Forte Maurício. Para Mário Mendonça, as características mais marcantes estão nas obras externas e nas proporções de cada elemento da fortificação:

ampliações, ou a fortificações que não foram contempladas pelo seu texto. De qualquer maneira, são referenciadas no livro de Oliveira outras fortificações ocupadas pelos holandeses, mas sem que se faça alusão a nenhuma modificação realizada por estes.

⁷⁵ VALLA, in TEIXEIRA, op. cit., p. 110.

Quem espera encontrar uma receita simplista de identificar, à primeira vista, com segurança, a filiação de uma fortificação a qualquer escola esta perdendo tempo. Primeiramente, de maneira geral, as obras externas, que caracterizam os sistemas, desapareceram. Depois, é necessário ter levantamentos cadastrais precisos dos monumentos para verificar relações dimensionais dos baluartes com o perímetro central, ângulos de inserção dos flancos nas cortinas, ângulos flanqueados e dezenas de outros detalhes. Mesmo assim, vamos observar, às vezes, que esta ou aquela fortificação tem um pouco desta ou daquela escola, porque os engenheiros militares, amiúde, louvavam-se em diversos autores, como pode ser observado nos relatórios e textos sobre o assunto, que eles nos legaram.(OLIVEIRA, 2004, p. 45).

Em Vellozo, pode-se ver como característica holandesa o uso da berma ou falsabraga, conforme já mencionado, além de muitas outras particularidades que são apontadas ao longo de seu texto. Embora o Brasil tenha tido uma forte influência dos italianos, até pela presença de engenheiros desta nacionalidade realizando suas obras no Brasil durante o período da União Ibérica (1580-1640), não se pode menosprezar a importância da presença holandesa, e não apenas através das obras realizadas, mas mesmo antes, influenciando a engenharia militar portuguesa através de seus tratados, e acima de tudo, motivando no Brasil o surgimento de novas estruturas de defesa.

No decurso da primeira metade do século XVII, os holandeses parecem mais à vontade no uso do baluarte do que os portugueses, o que se observa através das fortificações construídas em Salvador, onde se poderia afirmar que foram eles que introduziram o baluarte angular através da construção do Forte de São Pedro (imagem 49) e das modificações realizadas no Forte da Ribeira ou da Laje, que recebeu um baluarte ao ter sua construção finalizada pelos holandeses. Entre os vários fortes construídos em Salvador até meados do século XVII, este é o único que, a se tirar pelas imagens, se constituiu numa fortificação abaluartada. Também o Forte da Ribeira (imagens 50 e 51) passa a ter um baluarte nas imagens holandesas. Além da construção deste forte, os holandeses tomaram cerca de 6 fortes de Salvador, realizando modificações em pelo menos três. Contam entre estes os baluartes da cidade, conforme a

imagem 46, cuja legenda confirma os invasores como os construtores dos mesmos: “1. Baluartes q’ fes o ennimigo de terra onde tinha a artelharía”⁷⁶.



Imagem 46 – Planta da Restituição da Bahia. Fonte: Albernás (1631, il. 22).

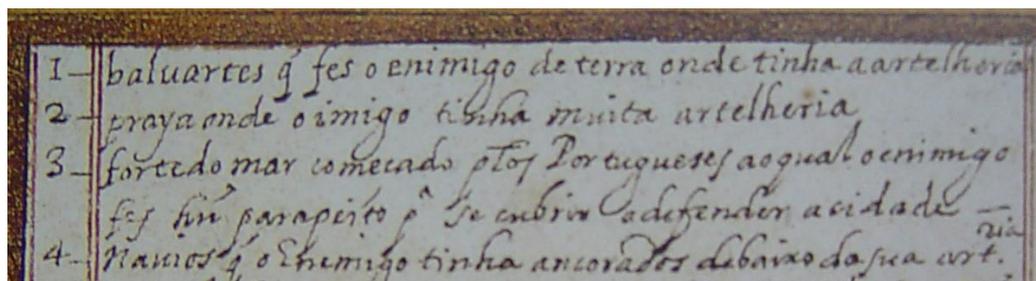


Imagem 47 – Detalhe da legenda da imagem 46: “1. Baluartes q’ fes o ennimigo de terra onde tinha a artelharía”. Fonte: Albernás (1631, il. 22)

⁷⁶ ALBERNAS, 1631, il. 22.

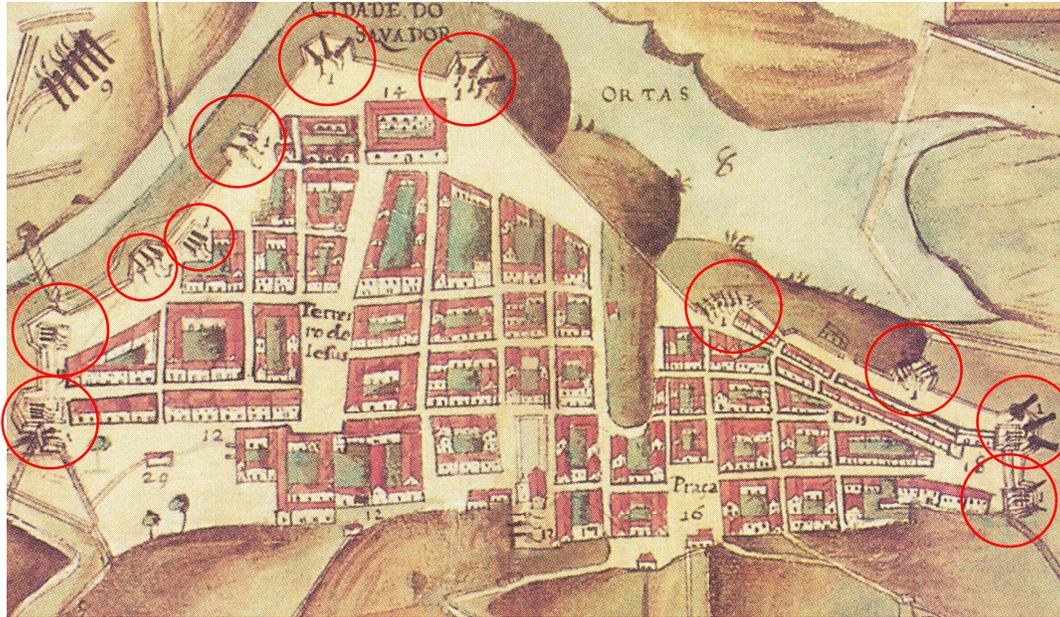


Imagem 48 – Detalhe da imagem 46, onde foram circulos os baluartes construídos pelos holandeses em Salvador, comentados pelo item 1 da legenda. Fonte: Albernas (1631, il. 22).

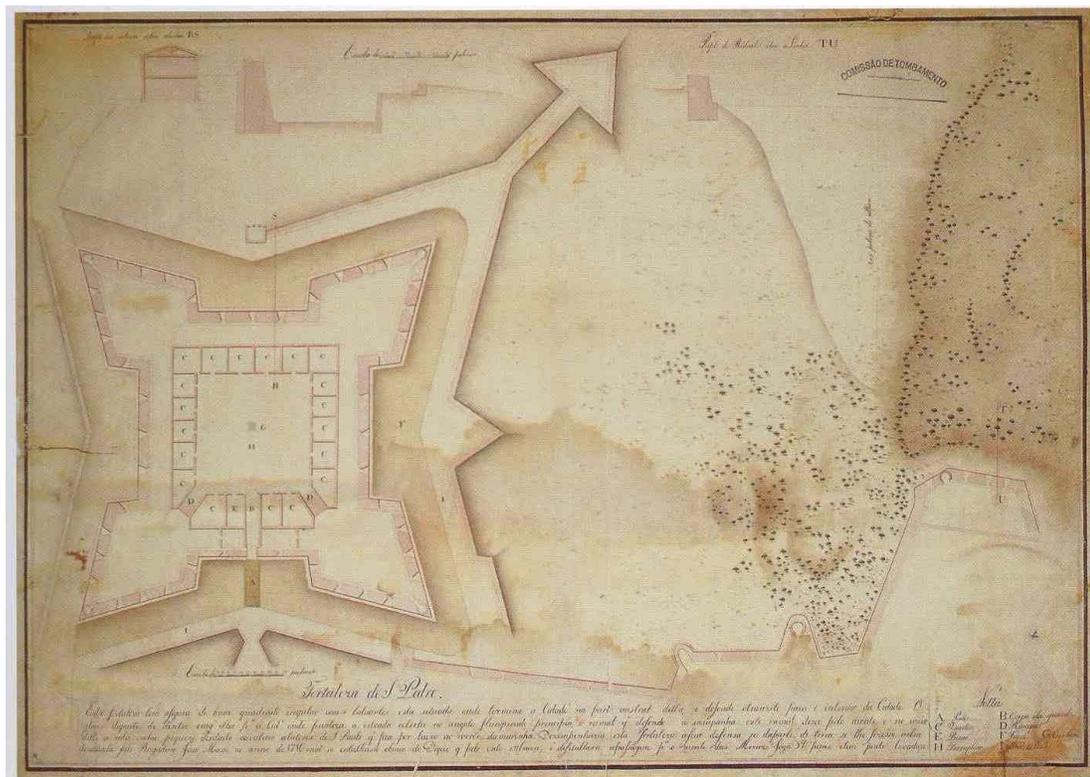


Imagem 49 – Forte de São Pedro. AHMRJ, BA-109. Fonte: Oliveira (2004, p. 215).

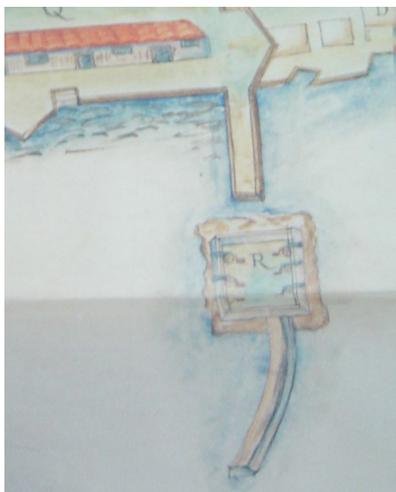


Imagem 50 – Forte da Ribeira. Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota. Detalhe da Pranta da Cidade de Salvador, c.a.1616. Fonte: Rezão do Estado do Brasil (1999, 11ª carta).

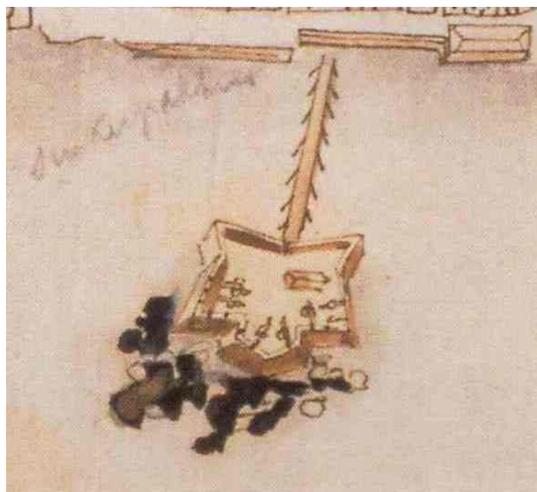


Imagem 51 – Forte da Ribeira. Desenho das fortificações e trincheiras q se fizeram em deffensa do inimigo. C.a. 1638 (detalhe). Original pertencente ao Museu Algemeen Rijksarchief de Haia, Holanda. Fonte: Oliveira (2004, p. 203).

Em Salvador, o baluarte angular se tornou mais frequente apenas na segunda metade do século XVII, como se vê nos fortes das imagens 52 a 54.

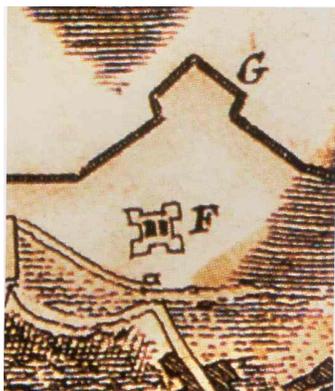


Imagem 52 – Casa de Pólvora do Desterro. Planta de Frézier (detalhe), 1714. Fonte: Oliveira (2004, p. 246).

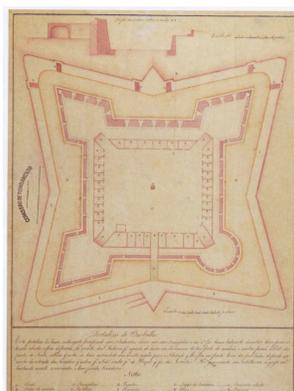


Imagem 53 – Forte do Barbalho. João da Silva Leal Teixeira. AMRJ, Ba-28. Fonte: Oliveira (2004, p. 228).

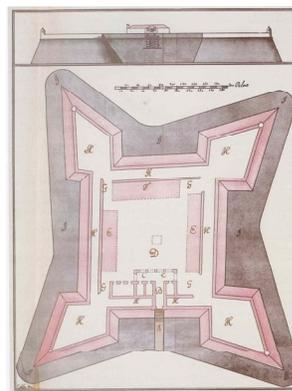


Imagem 54 – Forte de Santo Antonio Além do Carmo. José Antônio Caldas, c.a. 1758. Fonte: Oliveira (2004, p. 222).

Mas, sem dúvidas, o local onde a invasão holandesa teve mais êxito, deixou mais marcas construídas e produziu mais fortificações foi na capitania de Pernambuco. Ali eles

construíram pelo menos 14 fortificações, sem contar as intervenções realizadas em fortes portugueses⁷⁷. Entre tais construções, destacam-se em Pernambuco o Forte das Cinco Pontas, o Forte do Brum e o Forte Orange. Elas estavam, de forma geral, muito mais enquadradas nos postulados da fortaleza moderna, onde se destaca o uso do baluarte angular, além da presença de obras externas. Contudo, tais obras chegaram aos dias de hoje alteradas pela posse por parte dos portugueses que, a seguir, promoveram reformas e melhoramentos.

O Forte de Orange, que os holandeses levantaram na ilha de Itamaracá em 1631, na barra do canal de Santa Cruz, embora atualmente apresente uma forma bastante semelhante ao original (um polígono quadrangular com baluartes), na versão holandesa possuía muralhas em terra.

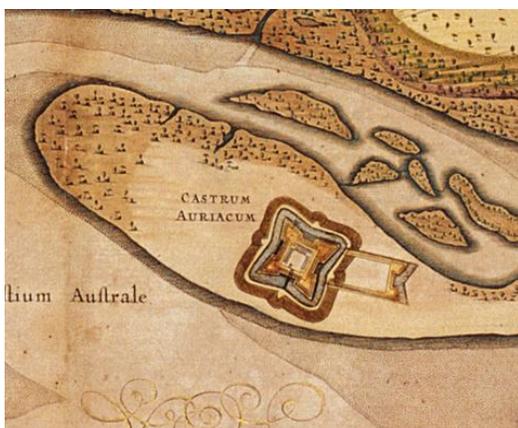


Imagem 55 – Forte Orange. Marcgrav, Insula Tamaraca (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.



Imagem 56 – Forte Orange. Frans Post, I. Tamaraca (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

⁷⁷ Cf. Apêndice C.



Imagem 57 – Forte Orange. Ricardo Siqueira. Fonte: Siqueira (1997, p. 132).

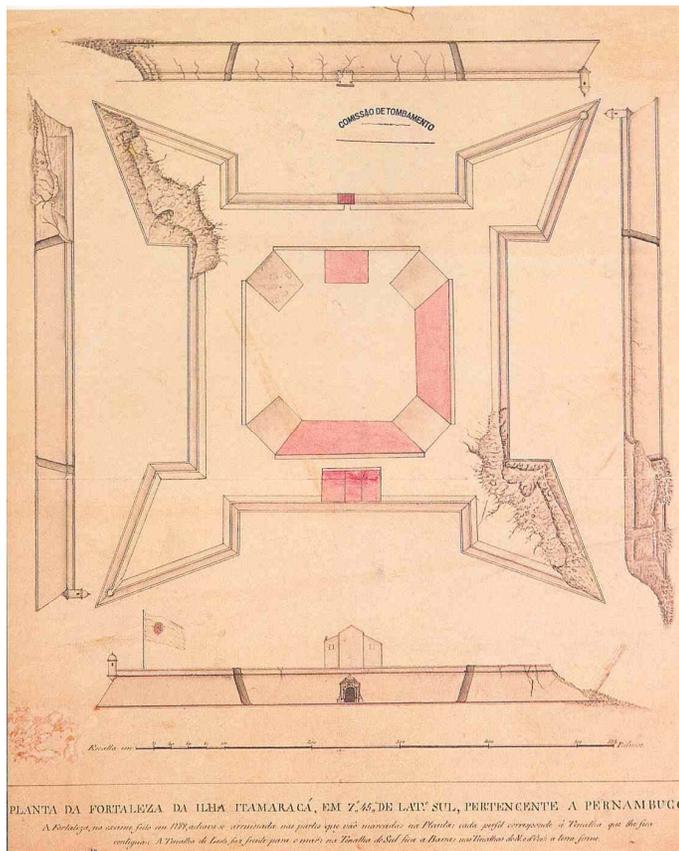


Imagem 58 – Planta do Forte Orange português. Fonte: Siqueira (1997, p. 132).



Imagem 59 - Detalhe da parte superior da muralha holandesa em terra, onde se veem pedaços de madeira e pregos. Fonte: http://www.magmarqueologia.pro.br/arqueologia_historica/popup_undef.asp?page=fort_orange_estrut.asp

Outro forte holandês bastante modificado foi o Forte Frederico Henrique, que ficou conhecido como Cinco Pontas. Inicialmente era de terra, tendo por base um pentágono regular, com cinco baluartes angulares que lhe conferiram o título de “Cinco Pontas”. Foi construído para defender as cacimbas de Ambrósio Machado, fundamentais para abastecer de água a cidade em caso de cerco⁷⁸. Antes da chegada de Nassau, suas muralhas mediam apenas cerca de 12 a 13 pés de altura⁷⁹. Constatando a precariedade das defesas do forte, Nassau mandou aprofundar o fosso e construir nele uma contraescarpa, além de alargar e elevar as muralhas, erigindo uma sapata do lado do mar. Posteriormente, as defesas externas foram ampliadas, com a construção de novos fossos em direção ao sul⁸⁰. Com a Restauração, o forte foi reconstruído, assumindo a forma do quadrado, com quatro baluartes, como vemos atualmente.

⁷⁸ ALBUQUERQUE, op. cit., p. 88.

⁷⁹ Id., p. 86. Considerando o pé português com 33 centímetros, as muralhas teriam entre 3,96 e 4,29 metros de altura.

⁸⁰ Ibid., p. 88.

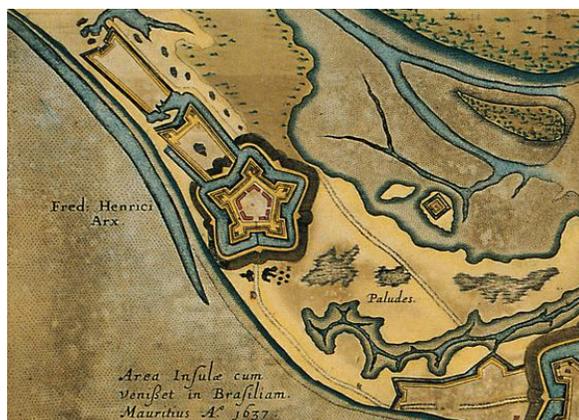


Imagem 60 - Forte Frederico Henrique. Marcgrav, Insula Antonij Vaazij (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.



Imagem 61 - Forte das Cinco Pontas. Fonte: <http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=w1>; data: 15/5/2010.

Outra construção holandesa importante é o Forte do Brum. Foi levantado sobre os alicerces do Forte Diogo Paes, edificado pelos portugueses, que não chegou a ser concluído. O Forte do Brum foi projetado pelo engenheiro holandês Commerstein, o mesmo que projetou o Forte das Cinco Pontas. O Brum tinha como base um polígono quadrangular com quatro baluartes. Dois meios baluartes, porém, foram sacrificados devido à proximidade do forte do

mar pelo lado leste. Embora houvesse tecnologia na época que permitisse a construção dos dois baluartes inteiros, seria mais rápido e prático construir os dois meios baluartes, já que a construção se dava em meio a contínuos combates⁸¹.

Com a Restauração, também este forte foi reconstruído. Embora as linhas externas, de modo geral, tenham sido mantidas, as estruturas internas foram bastante alteradas, e as externas foram excluídas⁸².

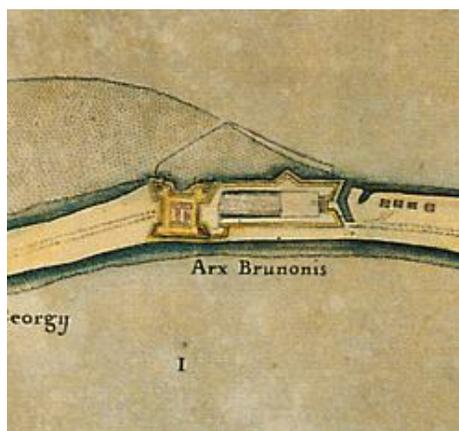


Imagem 62 - Forte do Brum. Marcgrav, *Insula Antonij Vaazij* (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.



Imagem 63 – Vista aérea do Forte do Brum. Fonte: <http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wj>; data: 15/5/2010.

⁸¹ ALBUQUERQUE, op. cit., p. 69-70.

⁸² Id., p. 74.



Imagem 64 – Forte do Brum. Fonte: Albuquerque (1999, p. 66).

Outra fortificação holandesa construída em Recife foi o Forte Ernesto. Este se destaca pelo fato de suas muralhas terem circunscrito o Convento Franciscano de Recife, que foi utilizado como quartel. Na imagem 65, no interior do forte, é possível distinguir a planta do convento. Suas estruturas externas de defesa circundavam uma área ampla, conferindo uma configuração mais complexa a esta construção. Após 1637, Maurício de Nassau construiu, ao lado dele, sua residência. Com a expulsão dos holandeses, o forte foi desmontado e o convento, devolvido à Ordem Franciscana, voltou a adquirir feições condizentes com a doutrina católica⁸³.



Imagem 65 – Forte Ernesto. Marcgrav, *Insula Antonij Vaazij* (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

⁸³ ALBUQUERQUE, op. cit., p. 49.



Imagem 66 - Forte Ernesto com o Convento em seu interior. Frans Post, *Friburgum* (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

Os holandeses também invadiram e modificaram vários fortes portugueses. Foi o caso do Forte Santa Catarina ou de Cabedelo, que passou a ser chamado Margarida pelos holandeses, em homenagem à irmã de Maurício de Nassau. Na ocasião da chegada deste à Paraíba, os invasores encontraram os fortes de Santo Antonio e o da Restinga, que também passaram às mãos dos invasores, sofrendo modificações e melhorias. Na imagem do Barleus, o forte aparece já com outras feições, ainda tendo como base um polígono quadrangular, mas com um baluarte inteiro, dois meios baluartes, e um ângulo reentrante para o lado da barra. Também o Forte dos Reis Magos e fortificações do Ceará e do Maranhão foram tomadas e sofreram intervenção holandesa.



Imagem 67 - Na legenda: A - Forte Margarida; B - Forte Santo Antonio; e C - Forte da Restinga. Marcgraf. *Fluvios Paraiba* (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.



Imagem 68 - Na legenda: A - Forte Margarida; B - Forte Santo Antonio. Frans Post. *Ostium Fluminis Paraiba* (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.



Imagem 69 – Planta do Forte dos Reis Magos. Marcgraf. *Fluvios Paraiba* (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.



Imagem 70 – Vista do Forte dos Reis Magos. Frans Post. *Fluvius Grandis* (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

Em Alagoas, todos os fortes que foram construídos no início do século XVII, segundo Abelardo Duarte⁸⁴, eram holandeses. Ainda segundo o mesmo autor, dentro do atual território alagoano existiram fortes em Porto Calvo, Camaragibe, Paripueira, Porto de Pedras e em Penedo⁸⁵. Também existiu um pequeno reduto em Alagoas do Sul – atual Marechal Deodoro, que embora não tenha sido referenciado, ficou registrado na iconografia (imagens 71 e 72). Até hoje existe na cidade uma rua conhecida como rua do Forte. Também em Porto de Pedras e Porto Calvo ainda há referências à existência de fortificações, embora materialmente, como no caso de Penedo, nada reste. No âmbito da iconografia histórica, o Forte de Bom Sucesso de Porto Calvo e o Forte Maurício são os únicos contemplados com várias imagens, além de serem citados em várias fontes textuais.

⁸⁴ DUARTE, 1947, p. 75.

⁸⁵Id., p. 75.



Imagem 71 – Alagoas do Sul, atual Marechal Deodoro. Frans Post. *Pagus Alagoae Australis* (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.



Imagem 72 – Detalhe do reduto que existiu em Alagoas do Sul, atual Marechal Deodoro. Marcgraf. *Pagus Alagoae Australis* (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

O Forte de Porto Calvo passou dos holandeses para os portugueses mais de uma vez. Pelas imagens, seria um forte irregular formado de vários ângulos salientes e reentrantes. Além deste, a igreja foi fortificada, e várias trincheiras e baterias foram construídas em seus arredores. A imagem 73 apresenta a fortificação e as estruturas utilizadas na época da retomada de Porto Calvo por Maurício de Nassau.

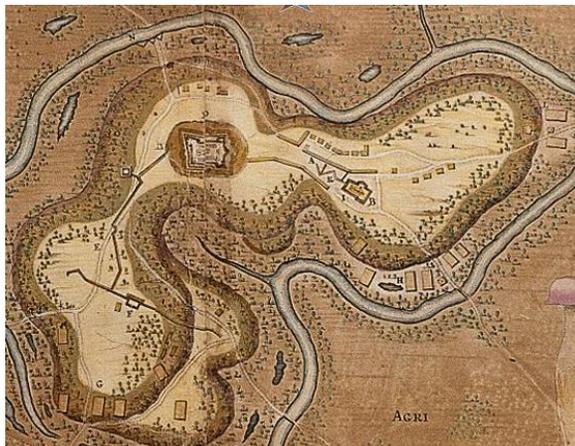


Imagem 73 – Forte de Porto Calvo. Marcgraf, *Portus Calvus* (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

Segundo Abelardo Duarte, o Forte Maurício “*foi a maior e mais importante das fortificações holandesas no território alagoano*”⁸⁶, como se buscará comprovar no próximo capítulo desta dissertação.

Em suma, fazendo um breve apanhado do assunto apresentado neste capítulo⁸⁷, em Salvador foram listadas aproximadamente 28 fortificações, sem contar com alguns baluartes das primeiras muralhas. Destes, pelo menos sete se originaram de torres; um forte foi construído pelos holandeses; cinco ainda existem e dois estão em ruínas. A maioria das obras citadas estão dentro do perímetro do município de Salvador – apenas dois estão fora –, e da maioria das fortificações restou algum tipo de representação iconográfica. Algumas delas sofreram várias mutações, encaixando-se ao longo do tempo em várias fases da fortificação brasileira, como o Forte de Santo Antonio da Barra, que inicialmente era torre e depois foi modificado, passando a ter ângulos reentrantes e salientes formados por suas faces e cortinas, além de muralhas mais baixas.

Em Pernambuco, tomando como referência o livro “Fortes de Pernambuco”, foram listados pelos menos 85 pontos fortificados, entre eles, fortes, fortins, trincheiras, baterias,

⁸⁶ DUARTE, op. cit., p. 77.

⁸⁷ Cf. Apêndice C.

torres, guaritas, redutos, cercas, sem incluir as existentes em Alagoas⁸⁸. Destas, constatou-se que pelo menos 14 foram construídas pelos holandeses; 8 com sistema abaluartado, 2 torres. Destes 85, de 23 foram encontradas fontes iconográficas, 6 permanecem em bom estado, e existem ruínas ou vestígios de pelo menos 11.

Das 6 fortificações seiscentistas erigidas no atual território alagoano, todas holandesas, nada resta senão a iconografia de três delas: Porto Calvo, Alagoas do Sul e Penedo.

Entre Paraíba e São Luís, que também estiveram sob domínio dos holandeses, estes só fizeram provavelmente melhorias, modificações e manutenção nos fortes portugueses, entre os quais permanecem apenas o Forte Santa Catarina em Cabedelo – PB e o Forte dos Reis Magos em Natal – RN. Outros fortes que persistem no local foram construídos após a invasão holandesa.

Em suma, o quadro sinóptico poderia ser mostrado na seguinte forma:

Tabela 4 – Quadro sinóptico com as características das fortificações

Etapa	Bandeira	Tempo	Forma
INÍCIO DA 1ª ETAPA	Portugueses	De 1500 até 1580	Cercas de taipa contra os índios; torres
FINAL DA 1ª ETAPA	Portugueses	União Ibérica: 1580-1640	Muralhas baixas e espessas com ângulos, mas sem baluartes e/ou sem obras externas
2ª ETAPA	Holandeses	Meados século XVII Pernambuco: 1630-1654; Salvador: 1624-1625	Sistemas abaluartados

Embora das construções originais holandesas pouca coisa reste, persistiu outra “herança” holandesa que são as imagens. Como já dito, todas as fortificações holandesas que resistiram aos séculos sofreram consideráveis intervenções pelos portugueses, as quais permitiram que estas construções chegassem até os dias atuais. Em certos casos, mal se pode dizer que o forte

⁸⁸ O autor, ao referir-se a “Fortes de Pernambuco”, tratou do recorte geográfico atual do Estado.

atual é holandês, visto que muitos foram completamente reconstruídos após a saída dos invasores.

Ao que parece, os holandeses foram, de modo geral, muito mais minuciosos na representação gráfica do que os portugueses. Tomando como exemplo duas imagens de Recife, uma portuguesa e outra holandesa (imagens 74 e 75), observa-se que enquanto na imagem portuguesa aparecem apenas as muralhas, com feição esquemática ou simplificada, no desenho holandês as fortificações aparecem com riqueza de detalhes, representando claramente um complexo de estruturas: glacis, fosso, berma, caminho coberto, escarpa, parapeito, entre outros.



Imagem 74 - Desenho português mostrando as fortificações holandesas do Recife (detalhe). Fonte: Albernaz (1640).



Imagem 75 - Desenho holandês mostrando as fortificações holandesas do Recife. Marcgrav. *Insula Antonij Vaazij* (detalhe). Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

Foi, portanto, este estudo prolongado e detalhado das imagens que me motivou a trilhar o caminho dos mapas e de vistas, em busca de reconstruir aspectos da memória visual do Forte Maurício.

**3 VILA SÃO FRANCISCO E
O FORTE MAURÍCIO**

O atual território de Alagoas corresponde à parte sul da Capitania de Pernambuco. As primeiras povoações que deram início à ocupação desta área foram Bom Sucesso do Porto do Calvo, Santa Maria Madalena da Alagoas do Sul, atual cidade de Marechal Deodoro, e São Francisco, atual Penedo. Dentro deste recorte geográfico, a região norte, que corresponde a Alagoas do Sul e Porto Calvo, dedicou-se à produção de açúcar, e a região sul sanfranciscana especializou-se em atividades pastoris, com destaque à produção de gado. Mas enquanto as duas primeiras ocupavam posições mais centrais, o fato de a vila São Francisco estar no limite da capitania, conferiu-lhe função defensiva.

Enquanto na região norte – a de Porto Calvo – e na região central – a das lagoas: Alagoa do Norte e Alagoa do Sul – o povoamento se processou através da fundação de engenhos de açúcar, já o do Penedo tem origens bem diferentes. Seu fundamento se baseia na defesa do sul da capitania de Duarte Coelho. Foi-lhe dado o feito de arraial fortificado: era o ponto mais distanciado da sede da capitania, e também o limite desta. Daí a necessidade de constituí-lo núcleo de defesa do extremo sul, preservando colonos mais expostos, ali que em outras partes, aos assaltos dos indígenas⁸⁹.

Adalberto Marroquim ratifica a vocação de fortaleza de Penedo expressa por Diéguas Júnior, citando-o:

Mas o que não padece dúvida é que “Penedo teve sua origem num arraial fortificado” como pensa o illustre dr. Diegues Junior, e, só o facto da magnífica posição estratégica em que se acha, seria bastante para prová-lo se factos posteriores não o tivessem claramente demonstrado. A luta contra o domínio batavo é um destes. Tão importante era a posição de Penedo que mereceu a visita do Príncipe Maurício de Nassau, fundador do forte que tomou o seu nome⁹⁰.

Embora Diéguas Junior não faça referência aos documentos nos quais se baseou para chegar a tal conclusão, sabe-se que teve acesso a vários arquivos históricos, como se pode ver através do prefácio de Gilberto Freyre em seu livro *Banguê das Alagoas*:

Manuel Diéguas Júnior foi do grupo de estudantes que, no Recife de 1933, 1934, 1935, reuniam-se comigo todas as tardes, na Biblioteca Pública, para juntos

⁸⁹ DIÉGUES JÚNIOR, 1980, p. 73.

⁹⁰ MARROQUIM, 1922, p. 145.

examinarmos papéis e jornais velhos. Foi como alguns deles adquiriram o gosto pela pesquisa de biblioteca e de arquivo⁹¹.

Como foi visto no capítulo anterior, quase todas as povoações foram defendidas por cercas e muros, mesmo aquelas de menor porte, e sobre as quais não existem registros gráficos ou textuais. É possível que a vila São Francisco seja uma delas.

Talvez a afirmação de Diégues Júnior reporte a uma feitoria que, segundo Ernani Méro, teria aí existido, fundada por Duarte Coelho para vigilância do gentio, originando a povoação do local⁹².

A respeito das feitorias, para Aroldo de Azevedo foram poucas as fundadas no primeiro século de colonização do Brasil. Estes estabelecimentos eram galpões que serviam para guardar as mercadorias destinadas ao escambo. Eram cercadas de estacas, para evitar eventuais ataques, e caracterizavam-se, principalmente, por seu caráter militar, embora também pudessem ser convertidas em aldeamentos ou povoados⁹³.

Resumindo, para muitos autores a povoação do rio São Francisco foi fundada em meados do século XVI pelo primeiro donatário da capitania de Pernambuco. É variado e desconhecido o repertório de datas que buscam precisar a data de fundação da povoação:

Várias são as opiniões sobre a fundação de Penedo. Segundo uns, o devassamento do território teve ligação com as primeiras penetrações no Rio São Francisco. Tomás Espíndola admite datar de 1522 a primeira incursão bandeirante pela região, da qual teria resultado a fundação de Penedo. Atribuem outros à passagem do 1º donatário da Capitania de Pernambuco. Segundo crônicas, aquele 1º donatário, no segundo quartel do século XVI, chegando ao São Francisco, navegou algumas léguas acima, até a primeira elevação existente em suas margens. Aí numa rocheira (nome perpetuado, como designativo duma parte da localidade), fundou a povoação. O Cônego Teotônio Ribeiro, estudioso da história de Penedo, assim se expressa: “10-10-1545 – Transpõe pela primeira vez a barra do São Francisco, Duarte Coelho Pereira, deixando iniciado um povoado para traz da rocheira do Penedo”. Contraria o Cônego Teotônio Ribeiro a versão do Dr. Próspero Jeová, outro estudioso do

⁹¹ Segundo Gilberto Freyre, também faziam parte deste grupo homens que são considerados hoje notáveis em suas especialidades de estudo, como José Antônio Gonsalves de Melo Neto. Ver prefácio em DIÉGUES JUNIOR, 1980, p. 11.

⁹² MÉRO, op. cit., p. 24-25.

⁹³ AZEVEDO, 1956, p. 09-11.

assunto, que dá 1555 como data de iniciação do povoado, alegando o fato de haver Duarte Coelho Pereira morrido em Olinda, em 7 de agosto de 1554⁹⁴.

Admitindo-se a hipótese de a povoação ter sido iniciada por Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário da capitania de Pernambuco, a fundação teria ocorrido a partir de 1535, após ter chegado ao Brasil e tomado posse de sua capitania. O ano de 1553, quando tendo regressado a Portugal, veio a falecer, anula as hipóteses levantadas por Tomás Espíndola, Cônego Teotônio Ribeiro e Prospero Jeová. Embora não se saiba ao certo a data, parece que Duarte Coelho subiu o rio São Francisco e expeliu os franceses que traficavam pau-brasil com a ajuda dos índios, tal qual faziam em várias outras partes do litoral brasileiro, como fica ratificado pela narrativa de Frei Vicente do Salvador:

Com estas e outras vitórias, alcançadas mais por milagres de Deus, que por forças humanas, cobrou Duarte Coelho tanto ânimo, que não se contentou de ficar na sua povoação pacífico, senão ir-se em suas embarcações pela costa abaixo até o rio de S. Francisco, entrando nos portos todos de sua capitania, onde achou naus francesas, que estavam ao resgate de pau-brasil com o gentio, e as fez despejar os portos, e tomou algumas lanças e franceses, posto que não tanto a seu salvo, e dos seus, que não ficassem muitos feridos, e ele de uma bombardada, de que andou muito tempo maltratado, e contudo não se quis recolher até não a limpar a costa toda destes ladrões, e fazer pazes com os mais dos índios, e isto feito se tornou para a sua povoação⁹⁵.

A fundação oficial, que teria se dado através da criação da feitoria para vigilância dos nativos, seria condizente com uma outra viagem, realizada em 1560, pelo filho do primeiro donatário, Duarte Coelho de Albuquerque, que teria ido ao local fazer guerra ao gentio que vinha importunando os colonizadores. Esta se tornou, portanto, a data mais frequentemente referenciada para marcar o início da povoação que originou a atual cidade de Penedo⁹⁶, episódio também contemplado pela narrativa de Frei Vicente de Salvador:

E assim, tanto que chegaram a Pernambuco, e tomou Duarte Coelho de Albuquerque posse da sua capitania, que foi na era de mil quinhentos e sessenta, logo chamou a

⁹⁴ IBGE, 1956:124.

⁹⁵ SALVADOR, 1982, p. 118.

⁹⁶ Cf.: MÉRO, op. cit., p. 24; CAROATÁ, op. cit., p. 2-3; VALENTE, op. cit., p. 9.

conselho os homens principais do governo da terra, e se assentou entre todos, que se elegeisse por general da guerra Jorge de Albuquerque, o qual aceitando o cargo começou logo a fazer assim aos inimigos do cabo de Santo Agostinho, saindo-lhes muitas vezes ao encontro aos seus assaltos, matando, e ferindo a muitos, com que já deixavam alargar-se os brancos, e viver em suas granjas, como aos do rio de São Francisco, aonde foi em companhia de seu irmão, e neste militar exercício se ocupou cinco anos (...)⁹⁷.

O núcleo urbano foi instalado sobre uma elevação rochosa, às margens do rio São Francisco, hoje conhecida como Rocheira. Segundo a bibliografia, os primeiros colonos teriam construído as primeiras casas na rua do Sol, hoje conhecida como rua do Banheiro. O sítio alto reflete a já citada memória da fortificação medieval, em que a altura é considerada fonte de segurança e defesa.

A fundação da povoação é um dos primeiros indícios de sua importância defensiva, uma vez que devia garantir a posse dos limites da capitania contra as constantes ameaças de piratas franceses.

Além disso, era passagem privilegiada ligando Pernambuco e Bahia, já que “(...)As viagens marítimas entre a Bahia e Pernambuco eram mais difíceis e perigosas do que entre aquela capitania e Portugal”⁹⁸. Essa situação fazia do povoado do São Francisco um dos principais acessos à capitania de Pernambuco no sentido sul.

A povoação se tornou freguesia no início do século XVII, indicando que havia algum tipo de progresso, ou pelo menos o fato de que a ocupação se firmava. No ano de 1636, Duarte de Albuquerque elevou a povoação à vila, ainda com o título de São Francisco, conforme se encontra no relato de Duarte de Albuquerque Coelho:

Por não deixarmos o dia 23, deixamos a povoação de Porto Calvo que doravante trataremos por Vila de Bom Sucesso; que assim a titulou Duarte de Albuquerque, em 12 deste mês, dando-lhe termo e jurisdição os poderes e privilégios que tinha de El-Rei para criar as que lhe parecesse. O mesmo fez com as povoações de Alagoas

⁹⁷ SALVADOR, op. cit., p. 162.

⁹⁸ SEGURO, Visconde de Porto, apud FREIRE, 1977, p. 68.

do Sul e do Rio São Francisco, chamando a primeira Vila da Madalena e a segunda de S. Francisco⁹⁹.

Provavelmente aquele era um ponto do qual se podia controlar o tráfego de salitre, visto que no São Francisco, rio acima, havia uma mina deste sal¹⁰⁰. Durante o ciclo do açúcar, embora não fizesse parte da região produtora, a povoação fornecia gado para abastecimento da capitania, tanto para consumo como para mover os trapiches dos engenhos. O gado e outras mercadorias da região eram *trazidas anualmente d'uma vez para Pernambuco*¹⁰¹.

Eram os dois distritos de São Francisco e Sergipe de El-Rei os mais abundantes de gado em todo o Brasil, e como o inimigo tinha já por seu o primeiro, procurava tirar o que pudesse do segundo, não só para acrescentar o seu, mas também para ir-nos desfalcando, considerando (e bem) que depressa nos faltaria à Bahia que também dali se provia; e que se por ventura chegassem nossas armadas, privados deste tão necessário mantimento, não poderíamos sustentar a guerra, assegurando-se na persuasão de que de Espanha não viria todo o preciso, como a ele tinha vindo de Holanda, pois sustentou-se assim mais de seis anos, em que não possuíam um palmo de campo¹⁰².

Em 1637, a então vila São Francisco foi invadida pelos holandeses, que vieram expulsando os portugueses desde Porto Calvo, atravessando o rio São Francisco em fuga para a Bahia. Observando a importância da vila para a defesa do Brasil holandês, Maurício de Nassau mandou que fosse construído ali o Forte Maurício para defender os limites do território recém-dominado. O próprio Maurício de Nassau relata seu feito aos Estados Gerais:

Julgo cumprir o meu dever levando ao nosso conhecimento como Deus Omnipotente expulsou duma vez desta terra para além do rio de S. Francisco os nossos inimigos. Considerei necessaria á conservação do paiz a construcção de alguns fortes sobre este rio, a saber na foz do mesmo e tambem junto á cidadesinha de Penedo, onde o inimigo atravessou-o, situada cerca de seis milhas do mar. Este rio tem largura igual á do Maas antes do porto de Delft e tal correnteza que se não pode dizer. Espero com o auxilio de Deus, conter o inimigo nestas fronteiras¹⁰³.

⁹⁹ COELHO, Duarte de Albuquerque. Memórias Diárias. In: FREIRE, 2004.

¹⁰⁰ MORENO, 1999, p. 167-171.

¹⁰¹ VERDONCK, Adriano. Descrição das capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba, e Rio Grande. Memória apresentada ao conselho do Brasil por Adriano Verdonck em maio de 1630. In: MELLO, 1981, p. 35.

¹⁰² COELHO, in FREIRE, op. cit., p. 414 – 415.

¹⁰³ NASSAU, João Maurício de. Cartas Nassovianas. Correspondência do conde João Maurício de Nassau. Governador do Brazil Holandez, com os estados dos Geraes (1637 – 1646). In: RODRIGUES, 1961, p. 26.

Tornou-se fundamental para Maurício de Nassau a fortificação desta área, para garantir a posse dos limites do território da capitania, o que significava a posse de todo o território pernambucano. Mas, ao contrário do colonizador português, o que havia do outro lado do rio São Francisco não eram “vizinhos de capitania”, mas sim seus opositores, que certamente tentariam expulsá-los assim que possível.

Além de defender os limites do domínio holandês, a fortificação do local permitia, também, apoiar as incursões nas áreas próximas e na capitania de Sergipe del Rei. Os holandeses saíam do Forte Maurício, incendiavam casas, engenhos e destruíam plantações, com o intuito de criar uma zona devastada que impedisse a permanência de seus opositores¹⁰⁴.

Assim, observa-se que em vez de proteger a vila, o forte Maurício visava antes à defesa da capitania, com vista aos interesses holandeses. Mesmo a provável feitoria, que seria de segurança para os colonos contra os índios, também fazia parte de uma estratégia de posse dos donatários. Ainda que essas evidências nos mostrem que a povoação, e depois vila São Francisco, não era necessariamente o alvo destas iniciativas de fortificação, sinalizam que sua localização era essencialmente estratégica, não apenas por sua posição geográfica, limitada decisivamente por um curso d'água do porte do rio São Francisco, mas também pela topografia do sítio, que favoreceu a defesa e a visibilidade dos arredores.

Em chegando Maurício a Penedo, vilazinha às margens do São Francisco, a seis léguas do mar, julgou o lugar idôneo para fazer progressos no território inimigo. Mandou construir ali o forte que lhe tem o nome, e outro junto à barra do rio. O inimigo e os moradores da vila recolheram-se ao Sergipe Del Rei, distante 24 léguas do rio de São Francisco¹⁰⁵.

Embora na tradução realizada da obra de Barleus¹⁰⁶ a vila seja chamada “Penedo”, em muitos documentos do século XVII a vila aparece com o nome de São Francisco, assim

¹⁰⁴ CASCUDO, op. cit., p. 134.

¹⁰⁵ BARLEUS, 1974, p. 43.

¹⁰⁶ Gaspar Barléus (1584-1648) foi um humanista importante da República Neerlandesa, autor do livro “História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil...”, no qual relata os fatos relacionados ao tempo que Maurício de Nassau

chamada por estar situada nas margens do rio de mesmo nome. Neste período, os textos portugueses referem-se ao lugar como sendo “vila São Francisco”, ou a “vila do Rio São Francisco”. Nos textos holandeses, contudo, usa-se “Penedo” para se referir à vila¹⁰⁷. Não se sabe ao certo quando a vila passou a ser chamada por este nome. De acordo com o “Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Alagoas”¹⁰⁸, os documentos do início do século XVIII ainda se referem à povoação como “Rio São Francisco”¹⁰⁹. Em um documento de 1722, a vila aparece pela primeira vez no catálogo designada por “vila do Penedo do Rio São Francisco”¹¹⁰. Quase 10 anos mais tarde, uma fonte textual de 1731 faz referência à “câmara do Rio São Francisco” e à “vila do Penedo” num mesmo documento¹¹¹. Em documentos de 1732 em diante a vila é chamada apenas de Penedo.

Mesmo no início do século XVIII, ainda se encontram menções à vila São Francisco, ou ao Rio São Francisco, e ao mesmo tempo, à vila do Penedo. Porém, num mesmo documento, só foi localizado no exemplar acima mencionado.

O embate entre os documentos escritos sugere a hipótese de terem sido os holandeses os primeiros a adotar o topônimo Penedo para nomear a vila.

Tomando como referência as imagens, observa-se na legenda da 12^a carta do Livro da Razão, que representa o rio São Francisco¹¹², a indicação não da povoação, mas dos “*Penedos de São Pedro*”, pedra existente no leito do rio, que hoje se transformou numa ilha de dimensões consideráveis. Na legenda de outra imagem, agora de Vingboons, a pedra é

serviu à Companhia das Índias Ocidentais. Faz parte destes feitos a construção do Forte Maurício, na vila São Francisco. Cf. Cd-rom “História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil...”, Biblioteca Nacional.

¹⁰⁷ Estes textos fazem parte da antologia realizada pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Constatou-se que os de origem portuguesa se referiam à vila como “São Francisco”, e os de origem holandesa usavam o topônimo “Penedo”.

¹⁰⁸ O Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Alagoas é uma publicação que reúne referências de documentos do Arquivo Histórico Ultramarino relativos a esta capitania entre os anos 1680 e 1826. Estes, através do “Projeto Resgate Barão do Rio Branco”, foram disponibilizadas em cd, com microfilmagem dos originais. Cf.: SANTOS, 1999.

¹⁰⁹ Para obter esta informação, foi consultado SANTOS, op. cit., p. 18.

¹¹⁰ “Carta da junta do Senado da Câmara da vila do Penedo ao rei [D. João V] a enviar as queixas do Senado e povo contra o procedimento do ex-ouvidor-geral João Vilela do Amaral, visto o sindicante, desembargador José de Lima Castro, concluir a devassa e regressar a Pernambuco sem os ouvir”. Id., p. 21.

¹¹¹ “Consulta do Conselho Ultramarino ao rei [D. João V] sobre a carta do provedor da Fazenda de Pernambuco João do Rego Barros acerca do requerimento dos oficiais da Câmara do rio de São Francisco em que pediam ajuda de custo para a obra da capela-mor e ornamentos da igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário da vila do Penedo. Ibidem, p. 30.

¹¹² MORENO, 1999, 12^a carta.

identificada como “*pequena ilha de Pedra de nome São Pedro que deu nome à vila*”, como se verá no decorrer desta dissertação.

Concluindo, sendo em Penedo ou em São Francisco, no ano de 1637 se dará início a uma das principais obras de defesa construídas pelos holandeses: o Forte Maurício.

3.1. O SISTEMA FORTIFICADO DO FORTE MAURÍCIO

Os estudos do Forte Maurício aqui apresentados apoiam-se, principalmente, nas imagens realizadas pelos holandeses na ocasião da invasão. Uma vez que ele foi destruído, restam-nos relatos de época, indícios de memória, possíveis marcas materiais sobreviventes na cidade, mas, sobretudo, a iconografia batava.

Como já foi observado, quando os holandeses foram vencidos e expulsos da vila São Francisco, o forte foi arrasado. Na experiência do Laboratório de Arqueologia da UFPE, muitas das quais relatadas no já citado “Fortes de Pernambuco”, é possível encontrar e reconstituir até as marcas do fosso aberto na terra. No caso de Penedo, esses possíveis resquícios – se existirem – estão sepultados sob uma parte importante do centro histórico, repleta de prédios importantes e de considerável movimentação. Assim, uma escavação arqueológica representaria um incômodo bastante significativo. Desta forma, as imagens holandesas se convertem nas melhores fontes para se “escavar” e resgatar a compreensão da materialidade e a forma do forte.

Algumas das principais imagens da vila realizadas pelos holandeses e que fornecerão subsídios a este capítulo ilustram o livro de Barleus. Outras, foram produzidas com base nestas primeiras, por autores como Joannes Vingboons, Montanus e Thierry. Também os portugueses mapearam a área sul da capitania de Pernambuco, mesmo antes da invasão holandesa. Mas, enquanto os holandeses representaram a vila e uma parcela considerável do

entorno com uma quantidade significativa de detalhes, os portugueses se limitaram a localizar o rio São Francisco. A seguir, apresentam-se as imagens holandesas mais notáveis para os objetivos deste estudo, para, em seguida, analisá-las à luz das referências bibliográficas.

A iconografia holandesa sobre a vila São Francisco é composta de mapas e vistas, tendo como objetivo principal representar e documentar a construção do forte Maurício e a vila. Foram encontradas 3 vistas, sendo 2 gravuras e uma pintura, e 4 mapas, conforme descrito nos quadros abaixo:

Tabela 5 - Vistas da Vila São Francisco

	TÍTULO	AUTOR	DATA	PROCEDÊNCIA DO ORIGINAL	FONTE
1.	Rio São Francisco	Frans Post	1638	Luis XIV, Musée de la France d'Outre Mer, Vincennes, Coleção Museu do Louvre.	Reprodução fotográfica a partir do original. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.
2.	Castrum Maurity ad Ripam Fluminis S. Francisci	Frans Post	1647	Gaspar Barléu. Rerum per Octennium in Brasilia... , 1647. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.	HERKENHOFF, 1999.
3.	Mauritius	Johannes Vingboons	Entre 1652 e 1670	Original manuscrito do atlas de J. Vingboons do Algemeen Rijksarchief, Haia.	REIS, 2000.

Tabela 6 - Mapas da Vila São Francisco

	TÍTULO	AUTOR	DATA	PROCEDÊNCIA DO ORIGINAL	FONTE
1.	Sem título (Penedo)	Desconhecido	ca.1637	Original manuscrito da Koninklijke Bibliotheek, Haia.	REIS, 2000.
2.	Castrum Mauritij	Marcgrav	1647	Gaspar Barléu. Rerum per Octennium in Brasilia... , 1647. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.	Cd-rom Barleus
3.	“Kaart van het fort't welk graaf Maurits van Nassaun...”	Johannes Vingboons	Entre 1652 e 1670	Original manuscrito do atlas de J. Vingboons do Algemeen Rijksarchief, Haia.	REIS, 2000.
4.	“Kaart van het fort't welk graaf Maurits van Nassaun...”	Johannes Vingboons	ca.1660	IAHGPE – Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco.	IAHGPE

3.2. ANÁLISE DAS VISTAS

A construção do forte parece ter sido um dos motivos principais para a realização das imagens holandesas que documentaram a vila: “Maurítius”, “Castrum Maurity ad Ripan Flumini S. Francisci”, “kaart van fort welk graaf Maurits Van Nassaun heet doen leggen aan de rivier s. Francisco...” são alguns dos títulos das imagens holandesas que vêm a sugerir que, embora comportem o desenho de muitos detalhes do núcleo urbano, o verdadeiro foco era a fortificação, sua posição e função militar.

Como se verá a seguir, foram selecionadas duas vistas de Frans Post e uma de Johannes Vingboons como as mais adequadas para o estudo que se pretende desenvolver. Frans Post e Joanes Vingboons são autores de obras prestigiadas e reconhecidas. As imagens de Frans Post são as mais confiáveis, já que o pintor esteve no Brasil, realizando suas obras e anotações *in loco*. O cartógrafo Johannes Vingboons, apesar de nunca ter estado no Brasil, teve acesso a obras que lhe forneceram as informações necessárias para a realização de seu trabalho¹¹³.

Apesar das limitações gráficas das vistas¹¹⁴, estas são a única representação vertical do forte, e é possível que ofereçam informações importantes no decorrer da análise. Tais imagens são, também, uma referência essencial no sentido de localizar a posição do forte na cidade atual.

Antes de realizar o estudo do forte, será apresentado o seu entorno, ou seja, a vila de São Francisco e o rio, através das imagens holandesas.

¹¹³ Provavelmente Vingboons utilizou os levantamentos de G. Marcgraf e Golijath para realizar seu trabalho. Embora essas obras não sejam originais, é a qualidade de sua interpretação que fez dele um excelente cartógrafo. José Luiz Mota Menezes, “Palmo a palmo”, in: GALINDO & MENEZES, 2003, p. 17.

¹¹⁴ Toda expressão gráfica possui limitações enquanto representação da realidade. O acréscimo ou supressão de elementos, conforme o desejo ou intenção do autor, é uma possibilidade que deve ser considerada. Neste caso, provavelmente as vistas possuem muito mais da sensibilidade do artista que os mapas, que contavam com instrumentos técnicos ainda “rudimentares”, além da escala gráfica. Em suma, ao se trabalhar com as imagens é preciso ter em mente que se está focando uma realidade através do olhar de outra pessoa, que certamente imprimiu uma parcela de sua subjetividade.



Imagem 76 - O Rio São Francisco. Frans Post, 1638 (vista 1). Fonte: Museu do Louvre. Reprodução fotográfica a partir do original. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

3.2.1. Vista 1 – “O Rio São Francisco”. Frans Post, 1638

Esta é uma das poucas imagens brasileiras de Post – isto é, que foram realizadas ainda aqui no Brasil. A maior parte da tela é tomada pelo céu e pelo rio, e entre eles surge a vila São Francisco, na margem oposta, cujo relevo se dissolve no horizonte, à medida que dá a ideia de distância. No canto esquerdo inferior do mapa, o artista representa elementos do local a partir do qual o quadro foi realizado, registrando a fauna e a flora, destacando um cacto e uma capivara.

Um enfoque mais preciso da vila nos revela o forte na parte mais elevada, extremamente horizontalizado e quase se diluindo na topografia, fazendo jus ao propósito da fortificação moderna, como visto no capítulo 1. Poucas construções estão representadas além do forte, o que induz a questionar se o autor não teria suprimido algumas delas a fim de destacá-lo. Também podem-se ver alguns poucos caminhos, de início difíceis de distinguir, observando-

se principalmente um que se dirige ao que parece ser a porta da fortaleza. Pode-se ver o movimento da sua muralha ocasionado pelas reentrâncias e saliências dos baluartes.



Imagem 77 - Detalhe da imagem 76 (vista 1). Fonte: Museu do Louvre. Reprodução fotográfica a partir do original. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.



Imagem 78 - Detalhe da imagem 76 (vista 1). Fonte: Museu do Louvre. Reprodução fotográfica a partir do original. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Acima das muralhas, surgem os telhados dos quartéis, na cor vermelha, e uma construção mais à frente, ainda dentro do forte, com um telhadinho de duas águas, uma pequena torre e uma janela alta, que deve corresponder à primeira capela da vila, que ficou contida no forte, provavelmente usada como quartel.



Imagem 79 - *Castrum Maurity Ad Ripam Flumini S. Francisci*. Frans Post, 1647 (vista 2). Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

3.2.2. Vista 2 - *Castrum Maurity Ad Ripam Flumini S. Francisci*. Frans Post, 1647

Esta imagem apresenta clara similitude em relação à obra anterior de Post, no que tange à distribuição dos elementos alocados no espaço pictórico: o predomínio do céu e do rio, a vila representada na sua margem oposta, com as curvas do terreno diluindo-se no horizonte, e na outra margem, alguns indícios da flora local.

Se neste trabalho se reconhece na iconografia um valor documental, usando-a como “texto” e não como mera ilustração, esta imagem se mostra com evidente intenção de registrar não apenas a paisagem e a construção do forte, mas também o momento histórico no qual espanhóis e portugueses atravessam o rio São Francisco, em fuga para a Bahia, acudados pelas tropas de Maurício de Nassau. A imagem leva a visualizar um trecho do texto do livro, do qual é parte integrante:

Perto de Cururipe, tiveram-se indicações de que o Conde Bagnuolo passava, em jangadas, para a outra margem do rio São Francisco, os soldados que ele tinha em Penedo. Ordenou-se por isso a Schkoppe que se dirigisse para ali com tropas de arcabuzeiros, índios e uma companhia de cavalos, para perturbar os planos dos espanhóis. Chegando, porém, ali um pouco tarde, quando atravessava a última jangada, só se oferecem à cobiça da soldadesca dinheiro e alguns vasos de prata¹¹⁵.

Enquanto esta (e outras) vistas foram gravadas, o que permitia que fossem reproduzidas para compor atlas e outras publicações, a vista 1 foi pintada sobre tela, tornando-a única. Também o fato de esta imagem possuir uma legenda pode ser entendido como mais um indício de que ela tinha claramente função documental e informativa.

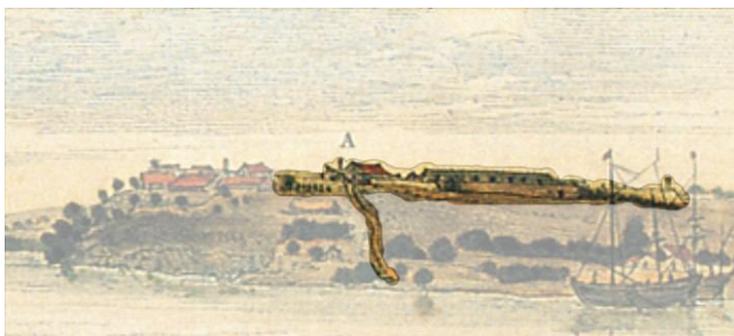


Imagem 80 - Detalhe da imagem 79 (vista 2). Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

Nesta imagem o forte aparece com muralhas escuras, dentro do qual se podem ver algumas construções: novamente os telhados acinzentados dos quartéis, e uma construção com telhado de duas águas e uma torre. Destaca-se mais uma vez a horizontalidade, e as construções dentro do forte, ao contrário da verticalidade das fortificações de Salvador.

¹¹⁵ BARLÉU, 1974, p. 43.



Imagem 81 - Mauritius. Johannes Vingboons, cerca de 1652 a 1670 (vista 3). Fonte: Reis (2000, p. 70)

3.2.3. Vista 3 – Mauritius. Johannes Vingboons, cerca de 1652 a 1670

A semelhança entre esta imagem e as anteriores nos leva a pensar se esta não foi realizada com base em alguma das outras duas. A hipótese é reforçada pelo fato de que, enquanto Frans Post esteve no local, o autor desta imagem, Joannes Vingboons, não esteve no Brasil, mas se valia de outras imagens para realizar as suas. A distribuição dos elementos da paisagem é bastante semelhante, mas ainda há a possibilidade de terem existido outras imagens às quais Vingboons teve acesso, e que não chegaram aos nossos dias, ou não nos são conhecidas.

Como nas demais, nesta vista estão representados a vila e o Forte Maurício. No rio São Francisco, em vez de portugueses em fuga, aparecem várias embarcações, talvez uma batalha naval, visto que a fumaça saindo de uma delas indica o lançamento de um tiro de canhão.

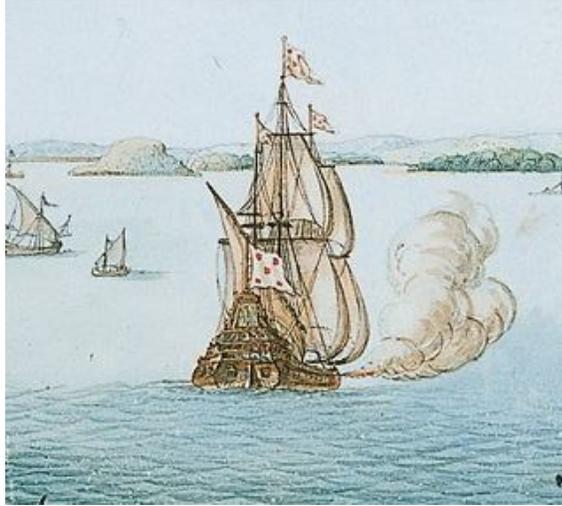


Imagem 82 – Embarcação disparando artilharia. Detalhe da imagem 81 (vista 3). Fonte: Reis (2000, p. 70).

3.3 ANÁLISE GERAL DOS MAPAS

Os mapas são os documentos, por excelência, eleitos para a realização deste estudo. É a partir deles que se pretende buscar a compreensão do forte enquanto arquitetura militar. Foram selecionados 4 mapas para a realização deste estudo, como se pode ver na tabela 6. Os mapas da vila São Francisco representam não só o forte Maurício, mas também a vila e seu entorno – o que era fundamental para compreender como o forte deveria interagir com o sítio. As legendas existentes em alguns deles também vêm a documentar informações sobre o forte, como altura da “rocheira”, distância da foz e locais onde havia pasto e inundações do rio, os quais poderiam se tornar inapropriados para a construção de uma fortificação. As legendas não trazem referências a prédios urbanos, como à primeira capela, dedicada a Santo Antônio, ou à capela do Rosário dos Negros, já iniciada, indicando que as imagens estão muito mais voltadas para informações de cunho militar. A análise do desenho, porém, permitiu reconhecer alguns destes elementos arquitetônicos na vila.

Para melhor compreensão destes documentos, foram realizados infográficos de cada mapa, o que consistiu em digitalizá-los em *auto cad*, permitindo destacar e conferir nitidez. Seguem abaixo os mapas e seus respectivos infográficos, acompanhados de uma apresentação geral.

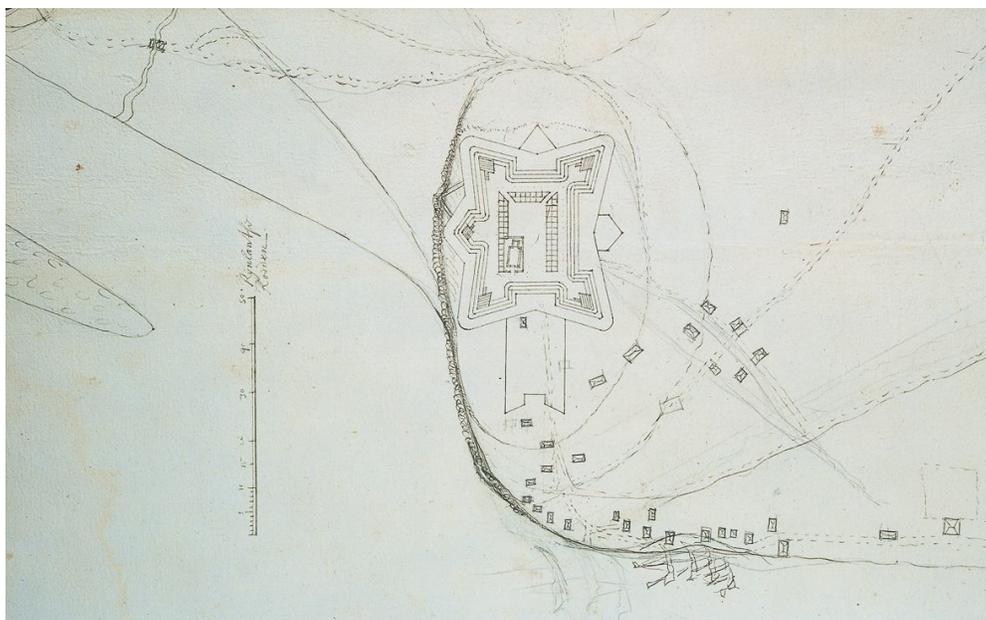


Imagem 83 - Sem título (Forte Maurício), autor desconhecido, 1637 (mapa 1). Fonte: Reis (2000, p. 71).

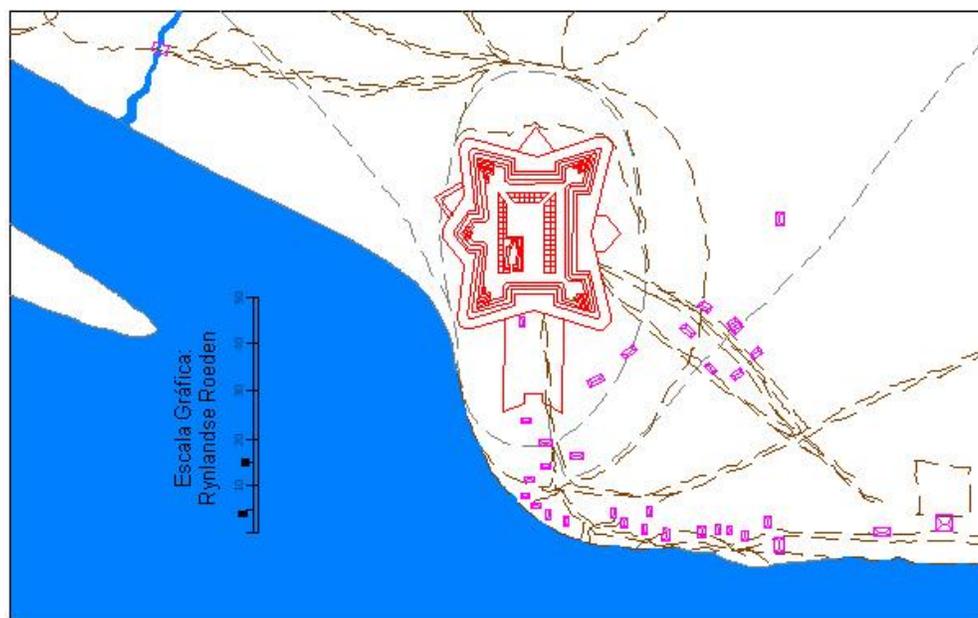


Imagem 84 - Infográfico realizado com base no mapa da imagem 83 (mapa 1). Fonte: Bianca Muniz e Gustavo Baraldi.

3.3.1. Mapa 1 - Sem título (Forte Maurício), autor desconhecido, 1637

No Mapa 1, de autoria desconhecida, se destacam o Forte Maurício, a rocha sobre a qual o forte esteve assentado, bem como o rio São Francisco. De acordo com o professor Nestor Goulart, este deve ter sido um dos primeiros desenhos para o projeto do forte¹¹⁶, o que é bem provável pela data atribuída a ele. Todos os mapas selecionados trazem escala gráfica, indicando que a proporção foi uma preocupação durante a realização do desenho, o que permitirá resgatar as dimensões dos elementos, mais adiante. No mapa 1, a escala gráfica é a *Rilandse Roede*, em que cada unidade corresponde a 0,31 metro¹¹⁷. Os traços do desenho, especialmente os que indicam os caminhos e a topografia, estão em linhas leves e pontilhadas (em marrom no infográfico – imagem 84). Pequenos quadrados ao redor do forte designam provavelmente a presença de algumas casas (em vermelho). A “rocheira” está do lado esquerdo do forte, representada graficamente por linhas espiraladas, continuando em direção descendente até as margens do rio. Embora nesta imagem o entorno tenha feição de esboço, o desenho do forte é bem mais definido e preciso. Contudo, como se verá na comparação com os outros mapas, nem todos os elementos externos da fortificação estão presentes.

3.3.2. Mapa 2 - *Castrum Mauritiij*. Marcgrav, 1647

O Mapa 2 mostra uma área que engloba o entorno da vila, onde foi construído o forte Maurício, o rio São Francisco e a margem oposta deste. Embora compreenda um recorte bem mais amplo, incluindo o rio e suas margens, apresenta uma versão bem mais precisa, definitiva e detalhada do forte, quando comparado ao mapa 1. Intitulado *Castrum Mauritiij*, é

¹¹⁶ REIS, 2000, p. 326.

¹¹⁷ Segundo nota de Mário Mendonça de Oliveira no livro de Diogo da Sylveyra Vellozo. Cf.: VELLOZO, op. cit., p. 145.



Imagem 85 - *Castrum Mauritiij*, Marcgrav, 1647 (mapa 2). Fonte: Barléu (1647) – Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.



Imagem 86 - Infográfico realizado com base no mapa da imagem 85 (mapa 2). Fonte: Bianca Muniz e Gustavo Baraldi.

uma das estampas que fazem parte do livro de Gaspar Barleus, “*Rerum per octennium in Brasília...*”, já mencionado. Embora não se tenha certeza do autor desta imagem, há indicação no livro de Barleus, que atribui a autoria dos mapas presentes em seu livro a Jorge Marcgrav:

“[Maurício de Nassau...] *Mandou desenhar cartas geográficas com grande cuidado e a sua custa (...) sendo autor delas Jorge Marcgrav*”¹¹⁸.

O mapa está dividido horizontalmente em três faixas: o trecho superior traz informações detalhadas sobre a vila e o forte; na faixa central, aparece o rio São Francisco ocupando a maior parte da imagem, e na inferior, um trecho da Capitania de Sergipe del Rei.

A titulação da imagem, que está destacada no alto, à direita, vem a demonstrar que o forte Maurício (em vermelho no infográfico – imagem 86) é o foco principal desta representação. Ele está representado sobre a rocha, que na imagem tem sua forma bem delimitada. Dele partem vários caminhos, e ao longo destes, pequenos quadrados em vermelho representam casas e outras construções de pequeno porte, se comparadas às dimensões do forte. Caminhos seguem paralelos ao rio, também margeados por casas. Outros que seguem para além da parte superior do mapa são provavelmente as vias de acesso a outras localidades e a Recife e Olinda, representações fundamentais diante da importância da vila como passagem (os caminhos estão em marrom no infográfico – imagem 86). Do lado oposto do rio, nota-se a presença de um pequeno reduto, localizado onde hoje está a cidade sergipana de Neópolis, anteriormente conhecida como Vila Nova. Ao lado do reduto, destaca-se a escala gráfica do mapa, Verga Rinthlândica, que será utilizada mais adiante para inferir as dimensões do forte.

A representação deste mapa indica a importância que tinha para os holandeses não apenas localizar a fortificação, mas também o entorno com o qual o ponto fortificado iria interagir.

¹¹⁸ BARLEUS, 1974, p. 346-347.



Imagem 87 - *Kaart Van Het Fort't Welk Graaf* – Maurits Van Nassaun ..., Johannes Vingboons, cerca de 1652 a 1670 (mapa 1). Fonte: Reis (2000, p. 71).

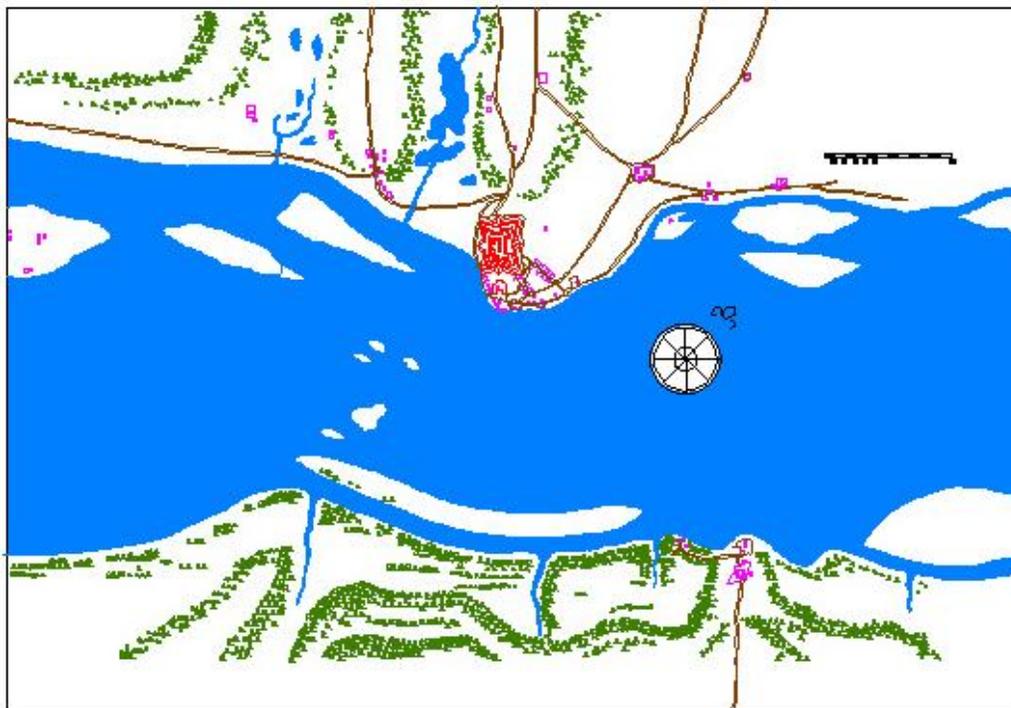


Imagem 88 – Infográfico realizado com base no mapa da imagem 87 (mapa 3). Fonte: Bianca Muniz e Gustavo Baraldi.

3.3.3. Mapa 3 - *Kaart Van Het Fort't Welk Graaf – Maurits Van Nassaun ..., Johannes Vingboons, cerca de 1652 a 1670*

Este mapa é muito semelhante ao da imagem 85, podendo ser uma cópia dele, ou ainda ambos terem se baseado num terceiro desconhecido. Foi realizado por Johannes Vingboons. Esta imagem representa o forte sobre a “rocheira”, abarcando ainda uma área considerável do entorno, tendo também uma legenda em holandês antigo.

Várias são as semelhanças entre os dois mapas. A localização e forma da topografia, das ilhas, das margens do rio; a posição, forma e dimensão das lagoas; rios afluentes do São Francisco; como também o direcionamento dos caminhos e a localização do Forte Maurício e do reduto do outro lado do rio.

Sua legenda oferece ainda outras informações sobre o forte Maurício e seu entorno, bem como datas e acontecimentos importantes¹¹⁹. O cabeçalho exhibe o assunto principal do mapa – “Mapa da fortaleza que o Conde Maurício de Nassau mandou construir...” – como também a data em que o conde chegou à vila. Tal qual o mapa 2 (imagem 85), ainda que o título desta imagem aponte para a representação do forte, coloca mais uma vez o Rio São Francisco numa posição privilegiada dentro da imagem.

O item B dá a distância, em milhas, entre o forte e a foz do rio. Já o item C se refere à altura do rochedo sobre o qual o forte foi assentado, e que hoje é chamado de “Rocheira”. O item D marca o local onde o Conde de Bristola, isto é, Bagnuolo¹²⁰, atravessou para o outro lado do rio, fugindo dos holandeses.

Outras informações que aumentam o potencial informativo do mapa são as indicações dos montes, habitações dos portugueses e locais para animais – confirmando a caracterização

¹¹⁹ Legenda completa com tradução na tabela 7. Tradução de Nicolaas Gosse Vale.

¹²⁰ Provavelmente trata-se aqui de mais um erro na grafia dos nomes próprios, já observado na análise do mapa 2.

da vila com atividades ligadas ao pastoreio em vez da produção de cana. Sobre a questão da exploração econômica da região, outro autor seiscentista aborda este fato:

Considerada a situação, conveniência e importância da Vila de São Francisco, em que alojava o Nassau, para nos impedir as entradas e se aproveitar de copiosíssimos gados que havia na campanha, levantou junto ao rio um forte real. Em benefício a sua fama e esplendor do seu nome, lhe fez chamar Maurício: guarnecendo-o com sete peças de bronze e mil e seiscentos soldados, à ordem do General Segismundo¹²¹.

Também os pontos fortificados são apontados: o item A indica a posição do Forte Maurício e o item I indica o reduto que existiu do outro lado do rio, o qual também está presente no mapa 2 (imagem 85).

Tabela 7 – Legenda do mapa de Johannes Vingboons, com tradução para o português.

Legenda em holandês	Tradução para o português¹²²:
Kaart van het fort't welk graff Maurits van Nassaun heet doen leggen aan de Rivier S. Francisco den 29 maart 16...	Mapa da Fortaleza que o Conde Maurício de Nassau mandou construir do lado do Rio S. Francisco em 29 de março de 16...
A - 't fort Mauritius genaant (geraant)	A - fortaleza chamada de Maurício.
B - 'r stedeke Oponedo gelegen 6 mylen van de zec	B - ... o Penedo situado a 6 milhas do mar.
C - srijle ou sryle - klip hoog 59 vott	C - rochedo alto com altura de 59 pés.
D - de plaas doen de graaf van Bristola in'tgeveert goden 12 maart 1637 wolk up .	D - o lugar onde o conde de Bristola, na luta de 12 de março de 1637, mandou seu povo passar para o outro lado do rio.
E - woningen den portugesen nhokhen voor de beestin	E - habitações dos portugueses e lugares para os animais.
F - lags landen dis wassen den rivier alle jaren ondenhopen	F - lugar onde existem sempre inundações do rio.
G - lergen	G - montanhas
H - esen sryl islandjs gen. Penedo Dt St: Pedro. waar na list . dorp gnaant is	H - uma pequena ilha de Pedra de nome São Pedro que deu nome à vila.
I - jt honte wambus aan de zy der rivier : behonende onder de provintis van Bahia de Todos os Santos.	I - local de observação de madeira do lado sul do rio, fazendo parte das províncias da Bahia de Todos os Santos.

¹²¹ FREIRE, 2001, p. 245. Forte real refere-se às dimensões do forte. Dizer que o Forte Maurício era um forte real equivale a dizer que era uma construção de grandes proporções.

¹²² Agradecemos a tradução realizada pelo prof. Nicolaas Gosse Vale, do Programa Cultural Alagoas-Holanda/ UFAL, a que pertence o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.



Imagem 89 - Carta do Forte no rio São Francisco (Penedo). Johannes Vingboons, c.a. 1660 (mapa 4).
 Fonte: IAHGPE. Reprodução fotográfica a partir do original.

3.3.4. Mapa 4 - Carta do Forte no rio São Francisco (Penedo). Johannes Vingboons, c.a. 1660

Como nas duas imagens anteriores, o mapa 4 (imagem 89) distribui-se em 3 faixas horizontais: a margem pernambucana (superior) contendo o forte, a vila e topografia e acidentes geográficos; o rio São Francisco na faixa central; e a margem referente à Capitania de Sergipe del Rei, na faixa inferior. Esta última ocupa uma porção um pouco maior da imagem do que nos mapas anteriores.

Também foi realizado por Johannes Vingboons, e faz parte do Atlas Vingboons pertencente ao Instituto Histórico Geográfico e Arqueológico de Pernambuco. Parece ser uma versão não finalizada, semelhante ao mapa 3 do mesmo autor (imagem 87). Embora não exista registro documental com base no qual se possa fundamentar tal afirmação, a

observação do próprio mapa serve como evidência. Nele aparecem várias linhas a tinta, como também vários pontilhados, que denunciam a semelhança do tema. Possui uma legenda com conteúdo semelhante à do mapa 4. A topografia, os acidentes geográficos, a posição do forte, e principalmente a legenda, indicam que se trata de mais uma versão do “Kaart van het fort't welk graff Maurits van Nassaun heet doen leggen aan de Rivier S. Francisco den 29 maart 16...”.

O forte, à primeira vista, parece bem semelhante ao da mapa 4, porém um exame mais detido revela que nesta imagem ele não chegou a receber as linhas que delimitam as estruturas funcionais, tornando-o menos adequado para o estudo do forte. Nesta imagem, o cartógrafo também não chegou a representar os caminhos, presentes nas imagens anteriores.

3.4. ESTUDO DA CONFIGURAÇÃO URBANA DA VILA

Inicialmente, o estudo da iconografia permitiu realizar esquemas mostrando as semelhanças entre as ruas atuais e os primeiros caminhos, alguns dos quais se dirigiam, provavelmente, à primeira capela que havia surgido anteriormente ao forte e que ficou contida neste. Outras tomam direcionamento paralelo ao rio São Francisco.

Nestes estudos, realizados na iniciação científica, observou-se que um caminho que se amolda às muralhas do forte provavelmente surgiu após a construção deste, uma vez que houve uma interrupção nas vias que se dirigiam ao seu interior. Este caminho conservou os direcionamentos moldados pelo forte e corresponde atualmente à rua 7 de Setembro, na qual está localizado o convento Santa Maria dos Anjos. Esta rua, portanto, representa uma herança

do forte na cidade¹²³.



Imagem 90 – Intervenção da autora sobre o mapa de Johannes Vingboons (imagem 87), demonstrando a semelhança entre os primeiros caminhos e a malha atual.

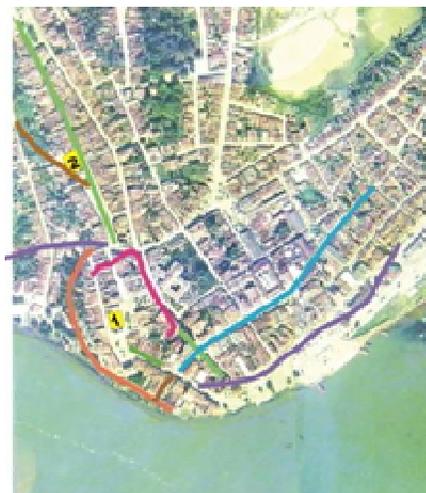
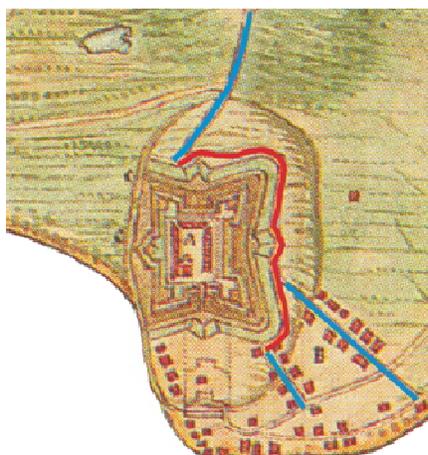


Imagem 91 - Intervenção da autora sobre mosaico fotográfico da CODEVASF (2001), demonstrando a semelhança entre os primeiros caminhos e a malha atual.



■ Caminhos que se direcionavam para a primeira capela.
 ■ Caminho margeando o Forte.

Imagem 92 - Intervenção da autora sobre o mapa de Johannes Vingboons (imagem 87), destacando com linhas azuis os caminhos que se direcionam para a primeira capela, e com a linha vermelha o caminho que se amolda ao forte.

¹²³ Cf.: Relatório Final 2001-2002. Título do Projeto de Pesquisa: Estudos da Paisagem. Instituição Financiadora: CNPq/PIBIC; Relatório Final 2004. Título do Projeto de Pesquisa: Alagoas sob o Olhar Holandês: Monumentos e Caminhos. Instituição Financiadora:FAPEAL.

Com a continuidade das pesquisas, fez-se necessário um aprofundamento sobre o forte, dada a maneira como este se destacava nas imagens e se impunha na configuração urbana da vila, representada nas imagens seiscentistas. São os resultados deste “escavar” as imagens do forte que apresentamos na sequência desta dissertação.

3.5. ESCOLHA DO SÍTIO

O fato de o Forte Maurício ter sido erguido em sítio alto difere do costume dos holandeses de fortificarem em especial afinidade com as localidades mais baixas, devido às condições de sua terra natal. Observam-se os fortes de Pernambuco construídos frequentemente nesta situação, porém existem vários condicionantes a ser considerados no momento de escolha do melhor sítio para a edificação de uma fortaleza. No caso de Penedo, a existência da rocha sobre o rio os levou a identificar ali o melhor sítio.

Embora não se tenha conhecimento do engenheiro militar que idealizou e desenhou o forte, existem normas, regras e tratados aos quais os engenheiros militares costumavam obedecer. O tratado de Vellozo faz uma série de considerações sobre a análise do sítio e dos objetivos aos quais uma obra de defesa se destina, de modo a permitir a escolha da melhor localização para se erguer a fortificação. Essas considerações são realizadas com base em vários autores, entre eles os holandeses Mathias Dogen e “Simão Estevino”¹²⁴.

Segundo Vellozo, o melhor lugar para a construção de uma fortificação que defende um país é uma montanha ou rochedo:

Para hu’a fortaleza pequena que so sirva de se guardar a si mesma para impedir a entrada em algum paiz será melhor o sitio sobre algum rochedo, e este será tanto

¹²⁴ Provavelmene grafia aportuguesada para Simon Stevin. Embora o autor escreva seu tratado no século XVIII, ele discute e realiza citações sobre as obras de vários engenheiros militares, entre eles Vauban, e os holandeses como Dogen, Stevin, Goldman etc. Pretende-se aproveitar esta obra sempre que apresentar dados que possam estar em concordância com o Forte Maurício.

melhor quanto mais alto, que a elle se não possa subir, mais que por hu'a **estrada estreita, e embaraçada**, como Evoramonte no Alem Tejo¹²⁵.

Embora o fragmento acima fale de uma “fortaleza pequena”, resta saber os referenciais a fazer de grande ou pequena. O Forte Maurício tinha dimensões consideráveis, como será visto mais adiante. Mas é provável que ela (a fortificação) “só servisse para guardar a si mesma”, ou seja, não tanto para proteger a vila São Francisco – ou Penedo, como já começava a ser chamada –, mas a entrada de Pernambuco, evitando que os luso-espanhóis atravessassem o rio e retomassem a Capitania.

O tratado de VELOZZO aponta ainda outras vantagens e desvantagens do sítio alto, sobre uma rocha:

Aqueles que poem em primeyro lugar as praças sobre **montanhas e rochedos** alegão[:]

1º Que estas praças não podem ser minadas.

2º Que gozão de hum ar puro e saudável.

3º Que o inimigo se lhe não póde acostar com facilidade, por ser descuberto de longe, e ponderselhe impedir a chegada com artelheria.

4º Que as montanhas são per si mesmo tão forte que custa pouco **ajudar a natureza** com o artifício, fabricando os baluartes, e mais obras da fortificação com pouca despeza.

Porem contra estas mesmas praças se lhe oppoem o seguinte[:]

1º Que raras vezes se achão fontes sobre os rochedos, donde procede a **falta de água** sem a qual não se póde viver.

2º Que custa muyto a conducção dos bastimentos, monições, e tudo o mais necessário para a fortificação: assim também em tempo de sitio he difficultoza a retirada quando os de dentro facão algu'a sortida, poys antes que se recolhão tem que subir a altura do monte, onde serão descubertos, e podem ser accometidos.

3º Que a terra em semelhante lugares não he ordinariamente boa para os parapeytos, por ser área, ou saibro; nem a forma que a natureza deu a estes lugares se póde facilmente mudar por arte, por ser pela mayor parte irregula; e succede que por esta mudança arteficial sahe a fortificação mayor, ou mais pequena do que convem¹²⁶.

Para chegar ao forte, o inimigo precisava cruzar o sítio, tendo na inclinação do terreno um ângulo de tiro que favorecesse os sitiados, visto que estes teriam de se aproximar a descoberto, ou seja, sem proteção contra a artilharia do forte. O sítio alto permitia um melhor controle, através da observação, possibilitando avistar o inimigo vindo de longe, da margem

¹²⁵ VELLOZO, op. cit., p. 46.

¹²⁶ Id., p. 42.

sul do rio ou subindo rio acima. Permitia controlar também quem vinha do interior de Pernambuco.

A fortificação construída sobre rochedo possui alguns aspectos negativos, como, por exemplo, a dificuldade de acesso a um poço d'água, fazendo os defensores ficarem descobertos enquanto venciam a inclinação do terreno, ao saírem do forte para buscar água. Os autos de capitulação do Forte Maurício fazem referência a uma construção destinada à resolução deste problema: “ *uma obra exterior de 60 varas diante da porta para defeza dos carregadores d'agua*”¹²⁷. O fragmento deve referir-se provavelmente ao hornaveque, o qual será mais bem apresentado adiante. Estando o forte numa localização alta e sobre a rocha, devia-se então buscar água em uma localidade próxima: no rio São Francisco, ou em alguma outra fonte, visto que os mapas de época mostram áreas de água próximas a ele, as quais ainda hoje existem.

Se o forte fosse construído em um nível mais baixo, próximo ao porto, o rochedo serviria como padraço, isso é, uma localização mais alta que tornaria o forte completamente indefeso se esta localização próxima mais elevada fosse tomada pelos inimigos. Além do mais, as terras junto ao rio costumavam ficar alagadas em uma parte do ano, como se pode ver nas legendas dos mapas e mesmo nas práticas comuns das margens do rio São Francisco, que costumam até hoje se utilizar das suas cheias para a plantação de arroz, por exemplo. Com a construção das hidrelétricas, essas enchentes se tornaram menos frequentes, mas é provável que no século XVII elas fossem habituais.

Além das marcas que caracterizam a vila como local de passagem, a presença da fortificação e sua localização no centro histórico apontam para outras dinâmicas e relações

¹²⁷ BROECK, 1877, p. 39-40.

com a vila, interferindo no surgimento de caminhos, na forma da malha urbana. Estas interferências serão aprofundadas adiante.



Imagem 93 - Infográfico realizado com base no mapa da imagem 85, apresentando estudo da localização do forte.

A partir do conhecimento sobre o que os tratados previam para localizar uma fortaleza, buscou-se levantar hipóteses de assentamento na área da vila. No infográfico da imagem 93, foram marcados quatro pontos onde o forte poderia estar localizado, e realizada uma rápida análise sobre as vantagens e desvantagens de cada um deles.

No ponto 1, o forte fica na rota de passagem, com visibilidade para os dois pontos altos da topografia, para o rio e para as áreas mais baixas.

No ponto 2, o forte ficaria num ponto baixo, entre dois padraços, longe do porto, em terreno alagável e sem visibilidade, pois o morro do ponto 1 está avançado em relação a ele.

No ponto 3, embora seja outro terreno alto e que não alaga, fica longe do porto, fora da rota de passagem e sem visibilidade de quem entra rio acima, pois este ponto também está recuado em relação ao morro do ponto 1.

No ponto 4, embora o forte contasse com a visibilidade do rio, estaria fora da passagem e sem domínio sobre as outras áreas baixas. Os inimigos poderiam usar o padraço (ponto 1) e ficar não só cobertos pela topografia, mas também com a possibilidade de atacar o forte de cima.

Em relação à foz do rio, a vila São Francisco foi escolhida por ser o ponto de passagem e ligação entre Bahia e Pernambuco, que era também um ponto onde o rio, estreitando-se, facilita a travessia e o controle:

... Julgo esta capitania [de Pernambuco] própria para prosseguirmos na luta contra as terras inimigas, mormente no sítio onde corre o São Francisco, de notável largura noutros pontos, estreita seu álveo. Por essa razão levantei-lhe na margem, a 6 léguas da costa um forte bastante sólido, cuja planta mostra o incluso mapa, resolvendo colocar outro menor na própria foz. (...) em certos trechos é tal a sua largura que não o atravessam uma bala de canhão de seis libras; e é tal a sua velocidade e ímpeto, que as suas águas, impelidas longe da foz até alto mar, se conservam doces. Sua profundidade é tal que atinge 8, 12 e 15 côvados¹²⁸.

Não se sabe se este forte, que Maurício de Nassau resolveu colocar na foz, chegou a ser construído. Não foi encontrada referência textual ou imagética a ele. Mas, na margem oposta do rio, no local que hoje corresponde à cidade sergipana de Neópolis, aparece nos mapas do forte (imagens 85, 87 e 89) uma pequena fortificação, que provavelmente deveria cruzar fogo com o Forte Maurício. Este fortim aparece descrito na legenda do mapa de Vingbomms (imagem 87) como sendo um ponto de observação construído em madeira, na outra margem do rio, e portanto fazendo parte da Capitania da Bahia de Todos os Santos.

¹²⁸ Trecho da carta de Maurício de Nassau ao Príncipe de Orange. BARLÉU, 1974, p. 44.

3.6. COMPARANDO OS MAPAS

Aqui, pretende-se realizar uma análise comparativa das três principais imagens eleitas para o estudo, já que o mapa 4 (imagem 89) aparentemente não foi concluído, não apresentando a precisão necessária para se identificar as estruturas e partes do forte. Este será analisado em detalhe nos mapas 1, 2 e 3 (respectivamente, imagens 83, 85 e 87), a fim de detectar semelhanças e diferenças nas representações. A importância deste exercício reside no fato de que, uma vez que a cartografia é aqui a principal maneira de se aproximar de sua forma, acredita-se residir na semelhança e consenso entre as representações um indicativo de se estar mais próximo das feições materiais que o Forte Maurício um dia teve.

O Forte Maurício é representado em planta como sendo composto de cinco baluartes: dois do lado direito da imagem do forte, e um entre dois meio baluartes do lado esquerdo, que corresponde ao lado da “Rocheira”. Possui 4 dependências internas (quartéis, arsenal etc.), um dos quais possivelmente aproveitou a estrutura da primeira capela da vila, e 5 plataformas de artilharia, situadas no ângulo flanqueado. Nos mapas 2 e 3, distingue-se algumas obras externas, entre elas o caminho coberto, o “glacis” e o “hornaveque”.

A presença e feição destas obras de fortificação nas três representações do Forte Maurício serão comparadas nas imagens seguintes.

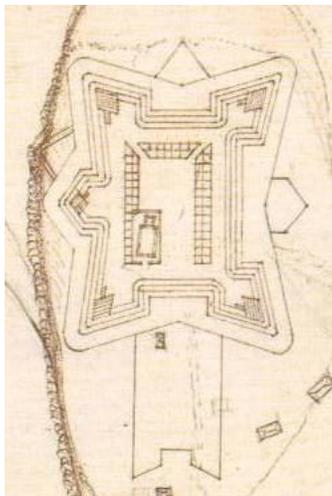


Imagem 94 - Forte Maurício – Mapa 1. Detalhe da imagem 83.
Fonte: Reis (2000, p. 71).



Imagem 95 - Forte Maurício – Mapa 2. Detalhe da imagem 85.
Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

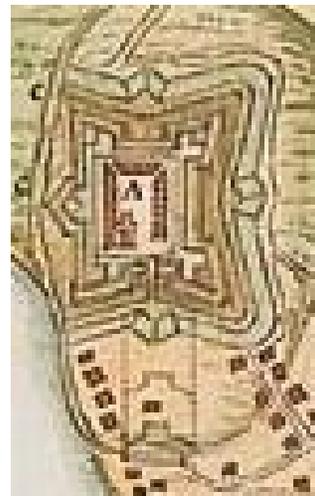


Imagem 96 - Forte Maurício – Mapa 3. Detalhe da imagem 87.
Fonte: Reis (2000, p. 71).

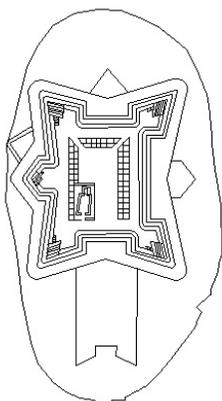


Imagem 97 - Forte Maurício – Mapa 1. Infográfico realizado com base na imagem 94.

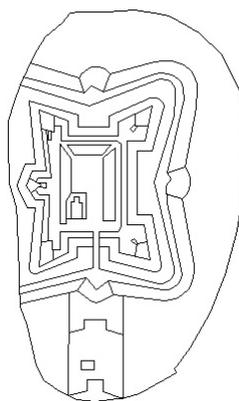


Imagem 98 - Forte Maurício – Mapa 2. Infográfico realizado com base na imagem 95.

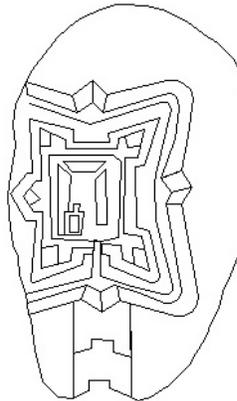


Imagem 99 - Forte Maurício – Mapa 3. Infográfico realizado com base na imagem 96.

A partir desses esquemas e das informações textuais, foi montada uma planta e um perfil do forte, cujas partes numeradas são descritas a seguir.

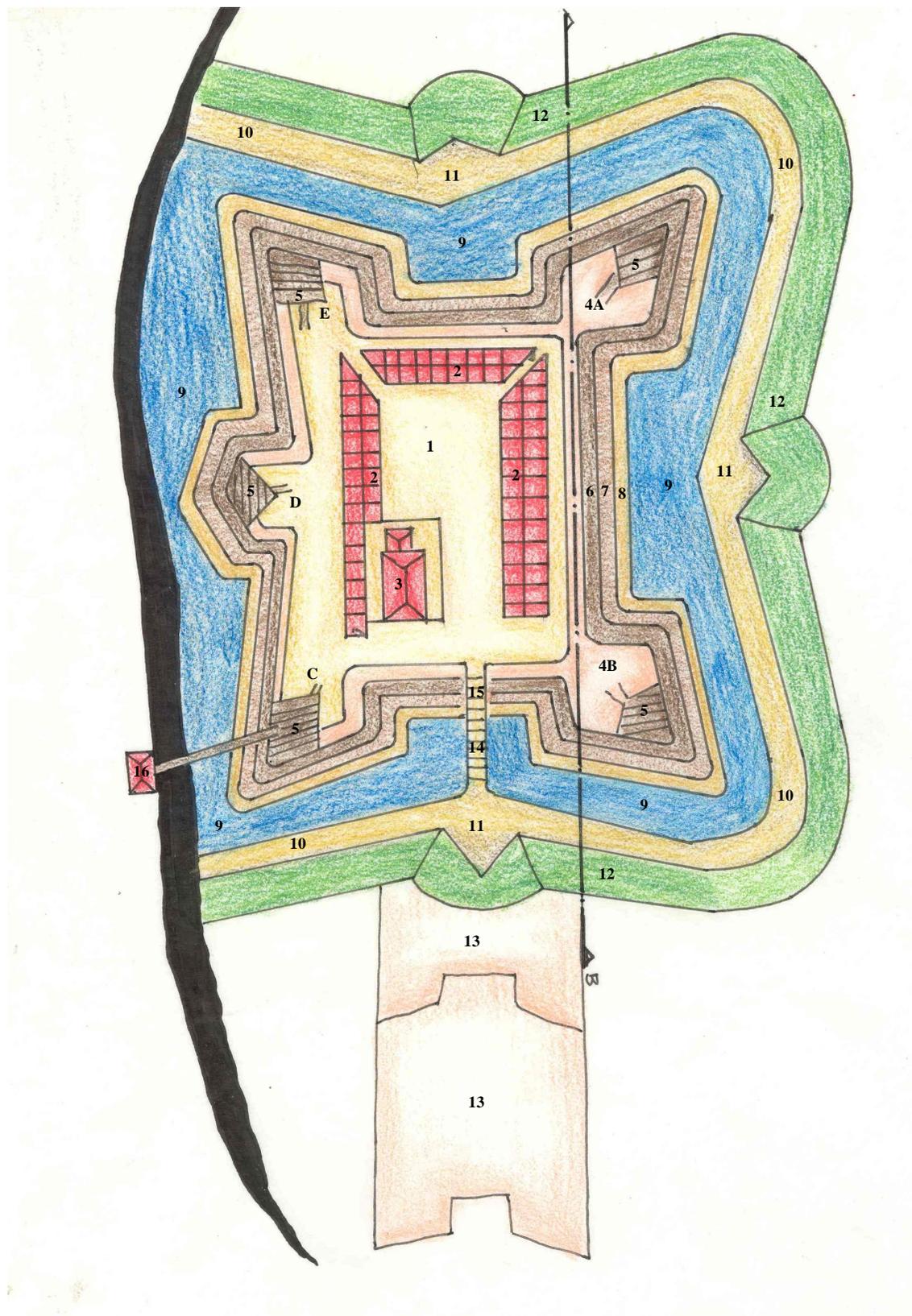


Imagem 100 - Planta do Forte Maurício a partir da imagem 85. Fonte: croqui da autora.

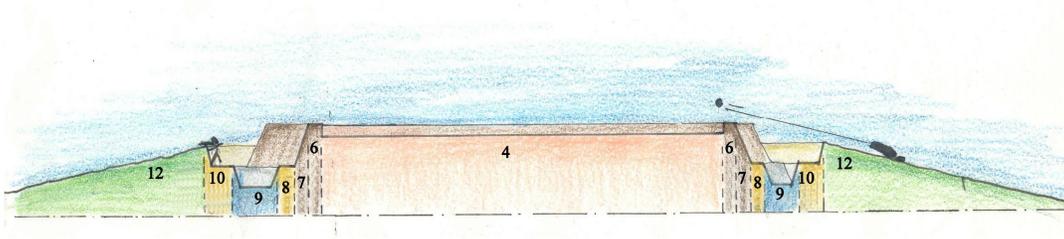


Imagem 101 - Corte do Forte Maurício a partir da imagem 100. Fonte: croqui da autora.

1.2. Praça de Armas e dependências internas (quartéis, arsenal etc.): o forte Maurício apresenta uma praça de armas (1) quadrangular, onde estão três dependências internas (2), dispostas em “U”. O quarto elemento presente na praça de armas corresponde provavelmente à primeira capela da vila (3), o que pode ser atestado pela forma da construção, e também pelas narrativas de época, como expressa Nieuhof:

Ficamos detidos quase um dia em um banco de areia, e, depois de o termos vencido, atingimos a vila denominada Penedos, a cavaleiro de uma enorme montanha. (...) No tempo dos portugueses existia **no forte uma igreja que transformamos em arsenal**, era circundada por um bom **muro** junto ao qual o rio passava, ao norte, onde a montanha é abrupta¹²⁹.

3. Capela: foi muito comum na história colonial a presença da capela como item arquitetônico no interior das fortificações. Porém, como se viu na citação acima, em Penedo a igreja foi utilizada não com fins religiosos, mas sim militares. Esta tática não foi exclusividade da vila São Francisco, o mesmo tendo acontecido no forte Ernesto, como se viu em Recife, onde um convento foi utilizado como quartel, e em Porto Calvo, onde “...a primeira capella foi, no Alto da Forca, convertida em reducto de guerra nas ocupações marciaes de Porto Calvo”¹³⁰.

Deixando os mapas e voltando às vistas, observa-se a presença de uma construção alta e com uma torre lateral – possivelmente a primeira capela da vila, que foi circunscrita pelo forte

¹²⁹ NIEUHOF, 1981, p. 303. Grifo nosso.

¹³⁰ GALVÃO, 1877, p. 287.

(letra A nas imagens de 103 a 105). Curiosamente, no detalhe da imagem 104, observa-se a presença de uma segunda construção semelhante. Como explicar esta segunda construção, que não aparece nas imagens 103 e 105? Seria uma outra capela? O círculo identificado com a letra B nas imagens de 103 a 106 refere-se a esta edificação. Na época, a Capela do Rosário dos Pretos já havia começado a ser construída. Porém ela apareceria à direita do forte (círculo vermelho, identificado com a letra C, nas imagens de 103 a 106), e não à esquerda, como aparece na imagem 104. Na imagem 105, em vez de uma segunda construção com feições de capela com uma torre lateral, aparece uma torre cilíndrica (marcada com a letra D).

Na imagem 106 observa-se a localização da Igreja do Rosário dos Pretos (letra C) e da atual catedral, que seria equivalente à posição aproximada da primeira capela (letra A). Marcou-se a posição das letras B e D, pontos que correspondem, atualmente, às imediações da Casa de Aposentadoria (Casa de Câmara e Cadeia) e da Aposentadoria Nova (atual prefeitura do município).

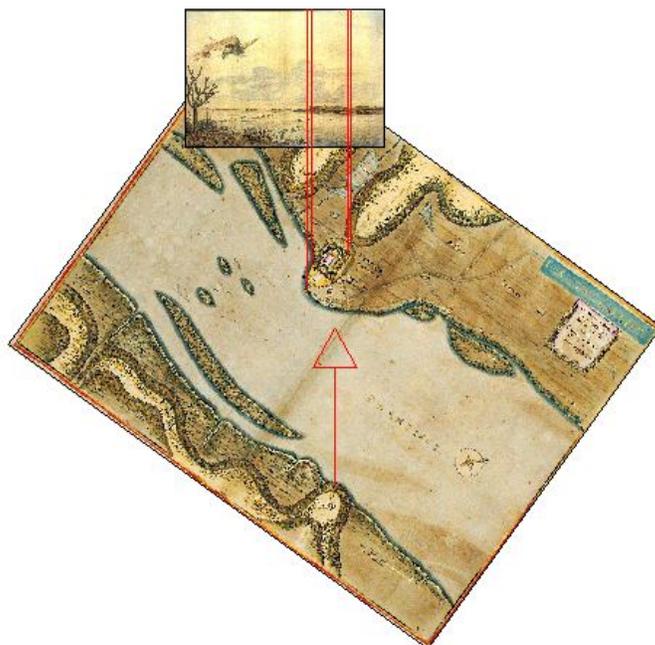


Imagem 102 – Infográfico utilizando as imagens 79 e 85, mostrando o ponto provável a partir do qual foram realizadas as vistas do forte.



Imagem 103 – Detalhe da imagem 76. Fonte: Museu do Louvre. Reprodução fotográfica a partir do original. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.



Imagem 104 – Detalhe da imagem 79. Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

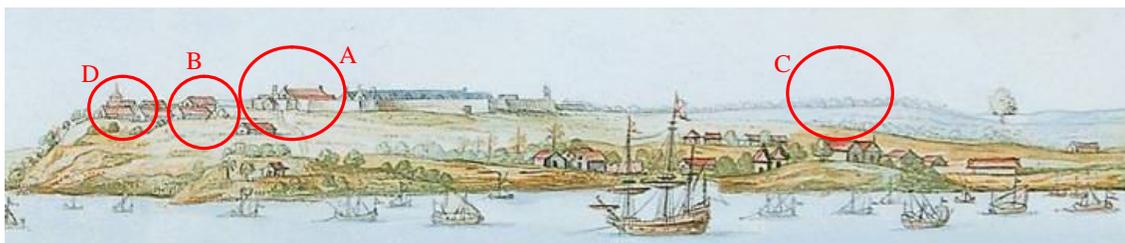


Imagem 105 – Detalhe da imagem 81. Fonte: Reis (2000, p. 70).



Imagem 106 – Montagem com fotos de Penedo a partir do rio. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2005).

4.5. Terrapleno e plataformas de artilharia: o terrapleno (4) é a superfície horizontal do reparo, onde permanecem os soldados em ataque e onde labora a artilharia. Segundo o engenheiro holandês Fritach, deviam ter altura entre 15 a 18 pés rinthlândicos (4,63 a 5,56m)¹³¹, não ultrapassando essa altura, visto que os fortes holandeses eram de terra, não se sustentando bem se muito mais altos¹³². Nas imagens, o terrapleno aparece preenchendo os baluartes A e B, mas se resumindo a uma faixa nos outros baluartes. Os terraplenos também não estavam contíguos aos quartéis, como se observa, por exemplo, no Forte Orange, no Forte das Cinco Pontas e no Brum¹³³. Em cada baluarte observa-se a presença de um elemento hachurado, tratando-se provavelmente das plataformas de artilharia (5). Serviam para absorver o impacto do movimento que as bocas de fogo imprimiam sobre o reparo, ao descarregar sua artilharia. Elas são representadas no mesmo lugar nos baluartes dos três desenhos, e em vez de se localizarem em vários pontos ao longo do flanco e das faces do baluarte, concentram-se nos ângulos flanqueados e parecem ser acessadas por meio de escadas ou rampas.

6,7,8. Muralha, escarpa da muralha e berma: no forte do mapa 1 (imagem 94 e 97), podem-se claramente observar 4 linhas paralelas que delimitam a fortificação. Estas linhas representam, respectivamente de dentro para fora, a muralha (6), depois a escarpa da muralha (7) e finalmente a berma (8). Os holandeses preferem as muralhas de terra, por serem mais fáceis de reparar, caso sejam danificadas durante um conflito¹³⁴. Quando atingidas, as balas entram na terra sem produzir lascas que possam ferir os defensores e sem causar tanto dano à muralha¹³⁵.

¹³¹ VELLOZO, op. cit., p. 158.

¹³² Id., p. 159.

¹³³ Imagens 57, 61 e 64, capítulo 2 desta dissertação.

¹³⁴ VELLOZO, op. cit., p. 175.

¹³⁵ Id., p. 175.

Finalmente a berma, também chamada *releixo*, ou *lizira*¹³⁶, ou ainda falsabraga¹³⁷, é um caminho que existe entre a escarpa da muralha e o fosso. Elemento comum nas fortificações holandesas, segundo Pfeffinger a falsabraga serve para “*fazer mais rectamente fogo sobre o inimigo quando se acha ja tão avançado, que os defensores o não podem bem descobrir de cima do Reparado do corpo da Praça; ou para receber entre o seu parapeito , & a muralha as ruínas que os tiros do inimigo causão no Reparado da Praça*”¹³⁸. Estas linhas estão presentes também nos fortes dos mapas 2 e 3 (imagens 95 e 96), porém, devido à qualidade da imagem, é difícil discerni-las. É difícil comparar estas estruturas às de outros fortes, uma vez que os remanescentes são todos revestidos por pedra e argamassa e as estruturas exteriores se perderam.

9. Fosso: como a muralha, o fosso é uma das estruturas mais antigas e importantes de uma fortificação. Constitui-se em uma cavidade ao seu redor, que dificultava o acesso dos inimigos, além de aumentar a altura das muralhas, sem tornar o forte mais exposto. No forte do mapa 1 (imagens 94 e 97), o fosso é delimitado pela linha da berma e outra linha paralela, só que desta vez existe uma distância bem maior entre elas, demonstrando a largura do fosso. Segundo Vellozo, “*ultimamente he percizo fazerse so fosso para haver terra para a fabrica do reparo, porque o havella de conduzir de longe faria um dispendio excessivo*”¹³⁹.

No desenho correspondente ao forte do mapa 1 (imagem 94), este elemento está bem definido ao redor de toda a fortificação. Nas outras representações do forte (imagens 95 e 96), este não apresenta contraescarpa do lado da “rocheira”. Em vez de caminho coberto e “glacis”, ele estava protegido deste lado pelo despenhadeiro que ali se inicia. Esta é outra evidência de que o fosso era seco, além do fato de encontrar-se longe do rio. Embora os

¹³⁶ PFEFFINGER, 1713, p. 19.

¹³⁷ VELLOZO, op. cit., p. 155.

¹³⁸ PFEFFINGER, op. cit., p. 32.

¹³⁹ VELLOZO, op. cit., p. 122.

holandeses preferissem os fossos cheios de água¹⁴⁰, no caso não havia curso de água disponível.

10, 11. Caminho coberto e praça de armas do caminho coberto: o caminho coberto (10) ou estrada coberta é, segundo Pfeffinger, “*hum ramal de 4 té 5 toesas à roda do fosso de toda a Praça, & guarnecido de seu parapeito*”¹⁴¹, uma estrada que existe entre o fosso e o glacis. Ela possui um nível mais baixo, constituindo-se num entrincheiramento. Permite a permanência de soldados por fora do forte, mantendo-os, ao mesmo tempo, protegidos pelo parapeito do “glacis”. Já a praça de armas do caminho coberto (11) “*são os espaços que a estrada encuberta tem nos angulos salientes, onde se poem alguns falconetes para fazer retirar aquelles que quizerem chegar à explanada*”¹⁴², ou seja, permite varrer com a artilharia os inimigos que se aproximam do “glacis”. No forte do mapa 1 (imagem 94), não há representação do caminho coberto, que pode ser identificado nas representações dos fortes dos mapas 2 e 3 (imagens 95 e 96), exceto do lado esquerdo, que era o lado do despenhadeiro.

12. “Glacis”: o “glacis” ou esplanada “*he o espaço desde o parapeito da Estrada encuberta té o terreno natural da campanha*”¹⁴³. Disposto em declive, estende-se de modo a colocar os inimigos o mais diretamente possível na linha de fogo. Como já foi dito, ele não está representado no forte do mapa 1 (imagem 94), mas pode ser identificado nos fortes dos mapas 2 e 3 (imagens 95 e 96). Corresponde à representação mais externa da fortificação. No mapa 2, está marcado em cor marrom mais escura. Já no mapa 3, possui cor semelhante ao terreno em redor do forte.

13, 14 e 15. “Hornaveque”, ponte e trânsito: “hornaveque” ou obras cornas (13) “*São obras avançadas à campanha com dous [meios] baluartes na frente juntos por huma cortina,*

¹⁴⁰ VELLOZO, op. cit., p. 131.

¹⁴¹ PFEFFINGER, op. cit., p. 30.

¹⁴² Id., p. 46.

¹⁴³ Ibid., 1713, p. 31.

& comunicados à Praça por dous ramaes”¹⁴⁴. Os três mapas aqui analisados trazem a sua representação na posição inferior do forte. Porém, nos mapas 2 e 3, ele aparece “duplo”, isto é, um “hornaveque” seguido de outro. Nos desenhos 2 e 3 também se pode identificar a posição da entrada da fortificação, com uma ponte (14) e o trânsito (15), que seria do mesmo lado em que está localizada a referida obra externa. Eles não estão representados no mapa 1.

16. Latrinas: Este elemento mal pode ser visualizado na maioria das reproduções dos mapas do Forte Maurício aqui estudados. Da mesma forma, não se encontra alusão a esta parte da fortificação nas referências textuais, mas é representada em algumas imagens elaboradas por Frans Post, o que nos permite visualizar tal elemento. Pela sua localização em relação ao forte e ao rio, trata-se provavelmente das latrinas. Ainda assim, não se podem tecer maiores considerações sobre o elemento representado sem um estudo mais aprofundado.

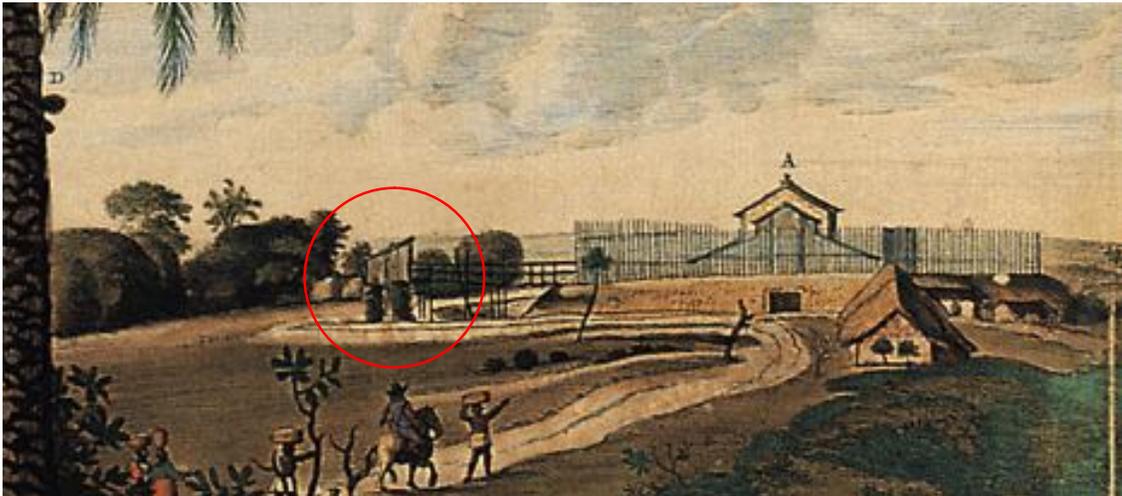


Imagem 107 – Imagem da fortificação da igreja de Alagoa do Sul (atual Marechal Deodoro - AL), de onde se destaca o elemento externo, possivelmente semelhante às latrinas do Forte Maurício. Frans Post, *Alagoa ad Austrum*. Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

¹⁴⁴ PFEFFINGER, op. cit., p. 27.

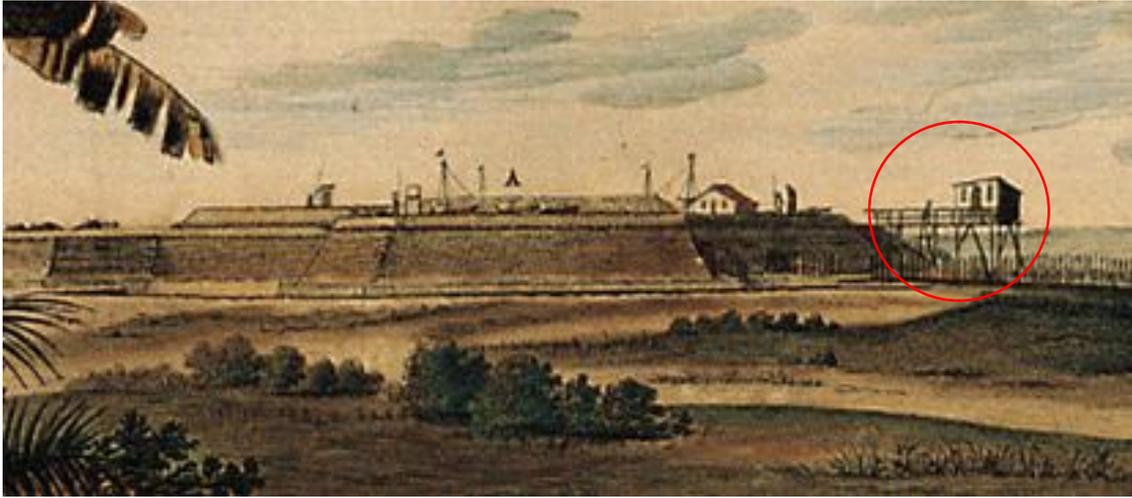


Imagem 108 - Imagem do Forte Margarida (Paraíba), de onde se destaca o elemento externo, possivelmente as latrinas. Frans Post, *Ostium Fluminis Paraíba*. Fonte: Barléu (1647) Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

Outras obras externas: Observa-se ainda a existência de outros três elementos exteriores representados no detalhe do mapa 1 (imagem 94), que não aparecem nos outros desenhos. Podem significar talvez a intenção de se construir nestes locais redutos externos, no “glacis”, em frente às cortinas do lado direito e superior. Há ainda outro na forma de tenalha, do lado esquerdo. O fato de não existirem nos outros desenhos pode ser um indicativo, mas não a prova conclusiva, de que não foram construídos.

Compreender a configuração espacial do forte permitiu construir uma maquete digital dele, apresentada a seguir, ressaltando o caráter em parte conjectural desta experiência gráfica.



Imagem 109 - Maquete digital do Forte Maurício.

3.7. MATERIAL UTILIZADO NA CONSTRUÇÃO DO FORTE

Como foi mencionado, as fortificações construídas pelos holandeses eram preferencialmente de terra, por uma questão de técnica militar. Os projéteis, ao atingirem a muralha de pedra, produziam estilhaços que podiam atingir os defensores do forte¹⁴⁵. Já a muralha de terra amortecia e absorvia este impacto. O problema das construções de fortificações de terra era o fato de o clima chuvoso do Brasil causar vários danos e acabar por destruir as muralhas. Assim, para assegurar maior durabilidade às fortificações, os portugueses revestiam-nas com pedra, o que, porém, tornava as construções mais demoradas e caras. Tal providência não aconteceu no Forte Maurício, como se pode ler abaixo, em relato de época que expõe as condições nas quais a edificação se rendeu:

... as muralhas recentemente levantadas acham-se arruinadas e abatidas em consequência das continuadas chuvas, de modo que por fora é fácil galgal-os. Está,

¹⁴⁵ VELLOZO, op. cit., p. 175.

pois, indicando a experiência militar, que com tão poucas forças é impossível defender tão largas obras contra adversários numerosos.

Tão pouco não tivemos meios de cortar a fortaleza, pois como assenta sobre pedra, dentro d'ella não se pode haver a terra necessária para levantar outra muralha¹⁴⁶.

De acordo com este relato, a muralha era de terra, e não de pedra, como se acredita. Muitos fortes holandeses foram construídos em terra, taipa e faxina, sendo posteriormente reconstruídos em pedra e cal pelos portugueses. No caso do Forte Maurício, a terra aproveitada para a construção da muralha proveio de uma camada existente entre a pedra e a superfície, mas, como ficou expresso na citação, não foi suficiente para fazerem-se os reparos necessários na muralha.

3.8. LOCALIZAÇÃO DO FORTE NA CIDADE HOJE

Na tentativa de trazer o forte para o presente, buscando situá-lo na Penedo atual, tomou-se como base para a realização deste experimento uma planta cadastral em escala, cedida pela prefeitura de Penedo, que foi sobreposta ao mapa *Castrum Mauritij* (imagem 85). Este mapa foi escolhido por 3 razões:

1. Porque ao contrário do mapa anônimo (imagem 83), o forte já havia sido construído quando este mapa foi feito.
2. Ao contrário do mapa produzido por Vingboons (imagem 87), este foi elaborado por Marcgrav, que esteve no Brasil, e possivelmente na vila São Francisco.
3. É o mapa que mostra nitidamente mais detalhes

Assim, buscou-se manipular o mapa *Castrum Mauritij* amoldando-o ao mapa atual, “encaixando” pelo menos três elementos que se mantiveram na paisagem no decorrer dos séculos: a capela do Rosário dos Pretos (ponto 1), uma baixada que existe por detrás da Catedral, e que é representada no mapa antigo atrás do forte (ponto 2), e a margem do rio (ponto 3). Pode-se encaixar bem dois pontos, mas para três ou mais pontos conseguiu-se

¹⁴⁶ BROECK, op. cit., p. 40.

apenas uma aproximação.

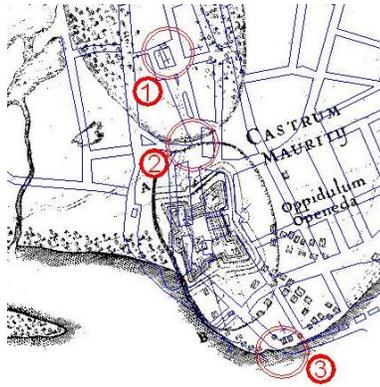


Imagem 110 – Infográfico destacando pontos utilizados como referência para superposição. Surpeposição do mapa *Castrum Mauritiij* (imagem 85) e Planta Cadastral da Cidade de Penedo. Fonte da planta cadastral: Prefeitura Municipal de Penedo – AL – Secretaria de Planejamento, Ind. e Comércio (jan/2001).

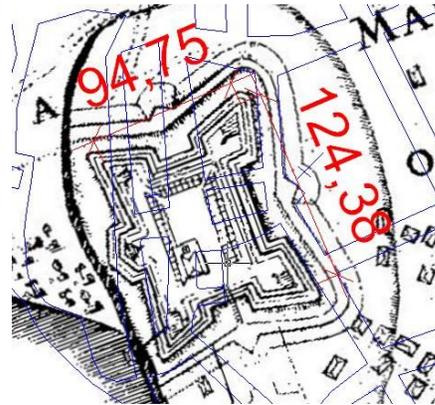


Imagem 111 – Infográfico destacando medidas do forte. Surpeposição do mapa *Castrum Mauritiij* (imagem 85) e Planta Cadastral da Cidade de Penedo. Fonte da planta cadastral: Prefeitura Municipal de Penedo – AL – Secretaria de Planejamento, Ind. e Comércio (jan/2001).

Observou-se que colocando o mapa em escala, considerando que a unidade deste é *Virgae Rhenolandicae* (Verga Rinthlândica), e que vale cerca de 3,767 metros¹⁴⁷, o mapa assume dimensão bastante semelhante ao da sobreposição (imagens 111 e 113). Enquanto na sobreposição as muralhas do forte ocupam uma dimensão de aproximadamente 94 x 124 metros, no mapa onde se utilizou a escala gráfica, o forte assume dimensões de aproximadamente 98 x 130 metros. Estas medidas conferem ao Forte Maurício uma dimensão de aproximadamente 11.656m² a 12.740m². Ou seja, ele seria maior que o Forte Orange português (o atual), que tem área de aproximadamente 9.861m², e maior ainda que o Forte Orange holandês, que tinha cerca de 7.824m².

¹⁴⁷ A *Virgae Rhenolandicae*, ou Verga Rinthlândica, que corresponde à vara holandesa, tem 12 pés holandeses, equivalendo a 3,767 metros. Segundo consulta via correio eletrônico a Edwin Paar.

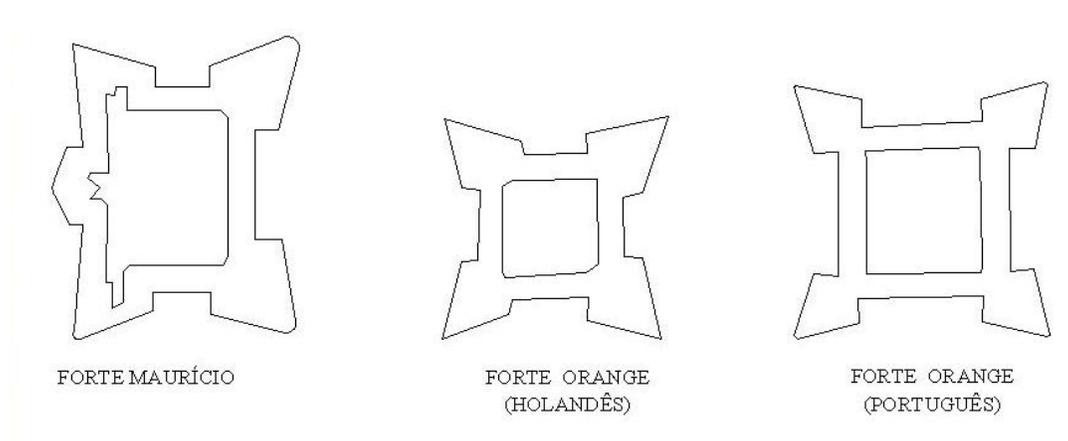


Imagem 112 – Esquemas para comparação das áreas dos fortes em escala proporcional.

Tabela 8 – Relações entre as medidas dos fortes Maurício, Orange holandês e português.

	MURALHA		PÁTIO	
	ÁREA	PERÍMETRO	ÁREA	PERÍMETRO
FORTE MAURÍCIO	12.499,21m ²	600,32m ²	4.892,48m ²	351,92m ²
FORTE ORANGE (HOLANDÊS)	7.824,53m ²	513,26m ²	2.181,73m ²	182,14m ²
FORTE ORANGE (PORTUGUÊS)	9.861,62m ²	610,71m ²	3.487,53m ²	235,69m ²

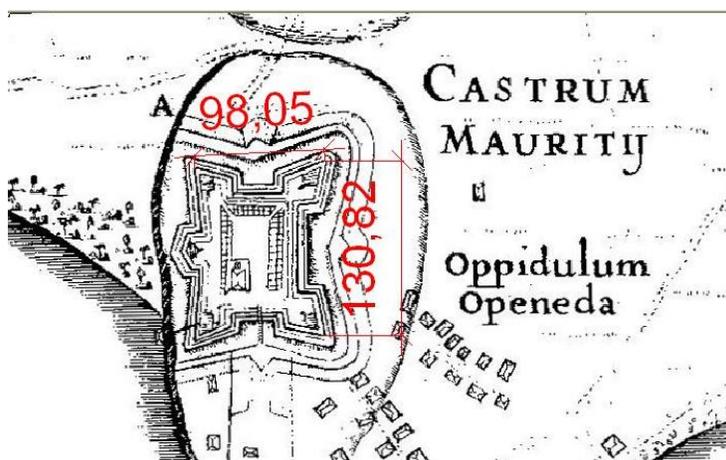


Imagem 113 – Infográfico destacando medidas do forte, a partir do mapa *Castrum Mauritij* (imagem 85) com escala convertida para o metro. Fonte: Barléu (1647) - Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

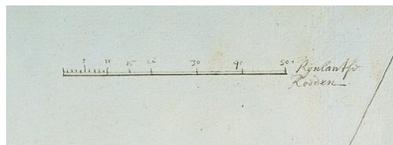


Imagem 114 - Detalhe da imagem 83. Sem título (Forte Maurício), autor desconhecido, 1637. Fonte: Reis (2000, p. 71).



Imagem 115 - Detalhe da imagem 85. *Castrum Mauritij, Marcgrav, 1647.* Fonte: Barléu (1647)-Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

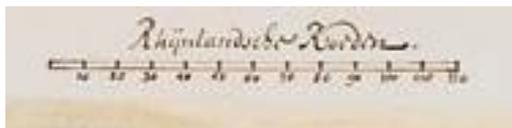


Imagem 116 - Detalhe da imagem 87. *Kaart Van Het Fort't Welk Graaf - Maurits Van Nassaun...*, Johannes Vingboons, cerca de 1652 a 1670. Fonte: Reis (2000, p. 71).



Imagem 117 - Detalhe da imagem 89. *Carta do Forte no Rio São Francisco (Penedo).* Johannes Vingboons, c.a. 1660. Fonte: IAHGPE. Reprodução fotográfica a partir do original.

A *Virgae Rhenolandicae* e a *Rijnlandse Roeden*, correspondem a uma vara holandesa (verga rinthlândica), igual a 12 pés holandeses, ou 12 pés rinthlândicos, que equivalem a aproximadamente 3.767 metros.

Assim, foi possível também realizar o exercício de localizar a posição do forte na cidade atual, utilizando, para isso, um levantamento cadastral. Colocou-se aproximadamente em escala a vista aérea, e sobre esta o infográfico do forte¹⁴⁸. Tendo as duas imagens em escala aproximada, pode-se ter uma estimativa da dimensão do forte na cidade hoje, conforme representado na imagem 118.

¹⁴⁸ Procurou-se trabalhar sempre com um infográfico – linhas sobrepostas sobre uma imagem (plano), pois permite apreender a relação das duas imagens, uma vez que se pode ver a imagem “através” do infográfico.



Imagem 118 – Infográfico com superposição do forte Maurício em escala, sobre vista aérea de Penedo. Fonte: Mosaico fotográfico da CODEVASF (2000).



Imagem 119 - Infográfico com área do forte Maurício em escala, sobre vista aérea de Penedo. Fonte: Mosaico fotográfico da CODEVASF (2000).



Imagem 120 – Praça Barão de Penedo, com Catedral Nossa Senhora do Rosário ao fundo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2002).



Imagem 121 – Igreja Conventual de Nossa Senhora dos Anjos e rua 7 de Setembro. De frente para a igreja, vemos um trecho da Praça do Forte. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2004).



Imagem 122 – Praça Barão de Penedo, com Aposentadoria Nova e Casa de Aposentadoria ao fundo, respectivamente. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2003).



Imagem 123 – Oratório da Força ou dos Condenados. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2004).

Portanto, a área do forte englobaria hoje 2 quarteirões inteiros, 3 trechos de rua e 2 praças, incluindo alguns dos prédios mais antigos da cidade, como a Casa de Aposentadoria (século XVII), a Prefeitura Municipal, que está instalada no prédio da Aposentadoria Nova (século XVIII), a Catedral (1690), a Praça Barão de Penedo, a Praça do Forte e o Oratório da Forca (século XVIII).

Pode-se também observar a maneira como o forte se amolda à rua 7 de Setembro, que passa em frente ao Convento Franciscano.

Finalmente, em um exercício que agora contempla a implantação do forte num contexto ampliado, buscou-se verificar o alcance de sua artilharia.

Utilizando imagens que contêm a margem oposta do rio, foi possível estimar a distância entre uma margem e outra, que fica entre 1.043 e 1.203 metros. No mapa *Castrum Mauritiij*, a distância entre a vila e a margem oposta do rio é de aproximadamente 945 metros.

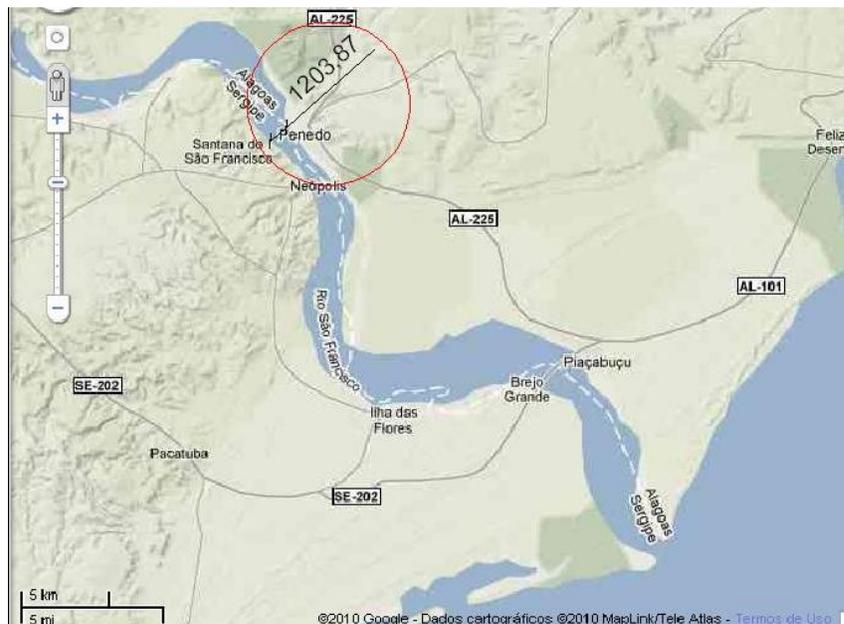


Imagem 124 – Intervenção sobre mapa do rio São Francisco, mostrando a distância entre as duas margens nas imediações da cidade de Penedo. Fonte: <http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=w1>; (data 24/03/2010).



Imagem 125 – Intervenção sobre sobre vista aérea de Penedo, mostrando a distância entre as duas margens do rio (detalhe). Fonte: Mosaico fotográfico da CODEVASF (2000).



Imagem 126 – Intervenção sobre mapa do município de Penedo, destacando distância entre as duas margens do rio nas imediações da cidade de Penedo. Mapa de Geologia, Recursos Minerais e Recursos Hídricos do Município de Penedo – Alagoas. Fonte: Prefeitura Municipal de Penedo – Alagoas. Secretaria de Planejamento, Indústria, Comércio e Meio Ambiente (2002).

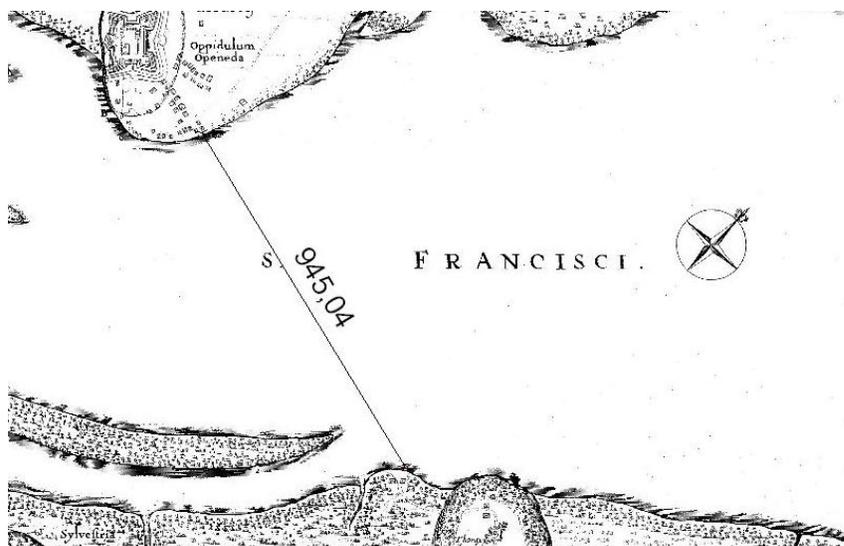


Imagem 127 - Intervenção sobre mapa *Castrum Mauritiij* (imagem 85) destacando distância entre as duas margens do rio. Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

No Forte Maurício havia “7 peças de bronze: 2 de 12 lb, 3 de 6 lb, e 2 de 3 lb”¹⁴⁹. De acordo com Mário Mendonça¹⁵⁰, 1 libra é igual a um arratel, que equivale a 459kg. Ainda segundo o mesmo autor, uma peça com bala de 12 arrátéis, que equivale a 12 libras, seria um “Quarto de Canhão”¹⁵¹, com alcance de:

Tabela 9 – Relação entre o alcance da artilharia em braças e em metros.

12 arrátéis ou 12 libras	Nível do metal:	Nível da alma:	Máximo:
braças	250	93 ¾	1.493
metros ¹⁵²	550 metros	204 metros	3.284

Deve-se entender como *nível do seu metal* o canhão atirando com o nivelamento feito pela parte superior do metal do cano; como a parte externa era ligeiramente troco-cônica, haveria uma elevação do tubo. O *nível de sua alma* pressupunha um tiro perfeitamente horizontal em relação à perfuração do tubo ou alma. O *máximo* pressupunha a arma a 45°¹⁵³. Na imagem de Luis Serrão Pimentel, observa-se um exemplo de canhão atirando em direção

¹⁴⁹ DUSSEN, Adriaen van der. Relatório sobre o Estado das Capitanias conquistadas no Brasil. In: MELLO, op. cit., p. 205.

¹⁵⁰ Em nota ao texto de VELLOZO, op. cit., p. 244.

¹⁵¹ OLIVEIRA, op. cit., p. 30.

¹⁵² Uma braça equivale a 2,20 metros. Id., p. 33.

¹⁵³ Ibid., p. 33.

horizontal e com a inclinação máxima (imagem 128).

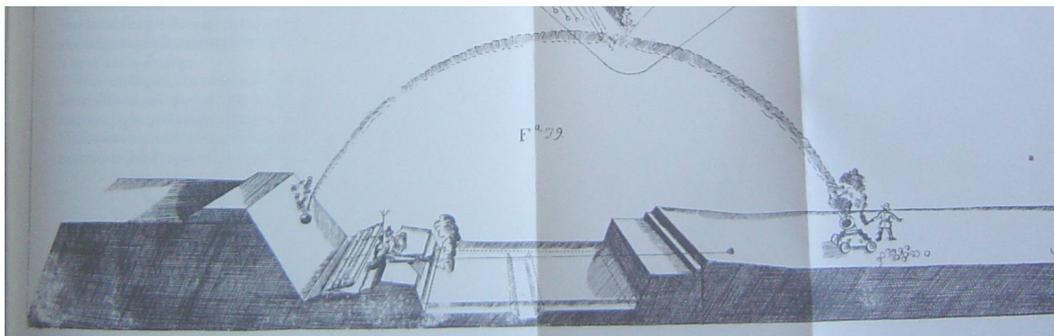


Imagem 128 – Ângulos de tiro da artilharia. Fonte: Pimentel (1680, estampa XX, fig. 79).

Tomando como referência o tratado de fortificação de Peffinger, todas as peças de artilharia com peso entre 48 e 2 libras alcançam até 350 toezas, o que equivale a 681 metros, aproximadamente:

Debaxo deste nome *aetilhaeria* se entendem as peças de 48 libras de bala, de 36, de 24, de 18, de 12, de 6, de 4 & de 2. **He cousa géral que todas estas peças alcanção 350 toezas de ponto em branco (681,91 m);** & que sendo atiradas de 100 (194, 83 m) té 120 toezas (233,8m), passam duas toezas de boa terra, & 2 ½ se a terra não he tão boa; & 3 té 4 se a terra he muyto solta¹⁵⁴.

Tendo em vista estas dimensões, pode-se observar o alcance de tiro do Forte Maurício. Considerando a distância entre as duas margens do rio como sendo de aproximadamente 1.000 metros, constata-se que a artilharia podia pelo menos atingir até o meio de seu leito, o que pode ser considerado um desempenho considerável, visto que os navios não poderiam se aproximar muito da margem. Contudo, para uma projeção mais exata, seria necessário considerar também a altura na qual se localizava o forte (metros) e ainda a posição dos bancos de areia, que são marcados na iconografia, e que muito provavelmente poderiam colocar os navios dentro do alcance da artilharia do forte.

¹⁵⁴ PFEFFINGER, op. cit., p. 266.

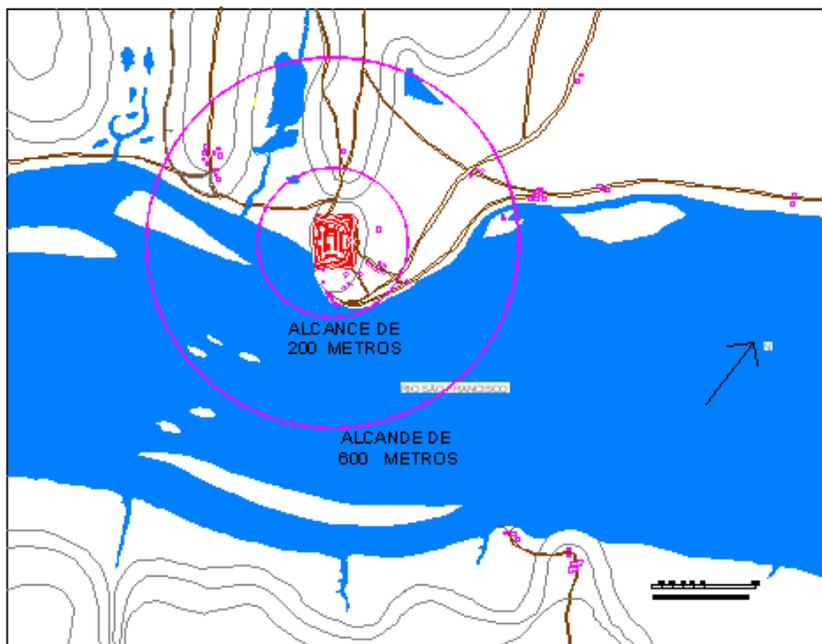


Imagem 129 - Estimativa da área coberta pela artilharia do forte, considerando um alcance de 200 e 600 metros. Infográfico a partir do mapa *Castrum Mauritij* (imagem 85). Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

Embora o forte não tenha sido construído com a intenção de proteger a vila São Francisco, foi de grande importância para defender e manter o Brasil holandês.

CONCLUSÃO:
FORTE MAURÍCIO: MONUMENTO AUSENTE

O cerco que resultou na conquista do Forte Maurício pelos portugueses durou mais de um mês. Segundo o Frei Manuel Calado, o Capitão Nicolau Aranha Pacheco chegou ao rio São Francisco “aos dez dias do mês de agosto”¹⁵⁵, encontrando os moradores “com as armas nas mãos, os quais tinham cercado a fortaleza, porém ao largo aonde não chegavam as balas da artilharia”¹⁵⁶. Várias vezes os holandeses enviaram munição de boca a de armas para o forte, e várias vezes os portugueses conseguiram evitar que chegassem ao forte. Segundo a versão do frei, várias vezes os holandeses foram acuados, feridos e mortos, saindo os portugueses ilesos:

No mesmo rio os moradores da terra com alguns soldados da Bahia tomaram duas embarcações, que vinham entrando com socorro ao inimigo, e lhe mataram vinte flamengos, e se aproveitaram das munições, e armas que traziam. Em onze do dito mês passou Nicolau Aranha o rio da parte do Norte, aonde a fortaleza estava com toda a gente que consigo trazia, que seriam entre brancos, e índios, cento e oitenta, armados, e tanto que avistou a fortaleza, aonde assistiam trezentos e quarenta e três holandeses soldados, e flamengos livres, e judeus. Neste dia lhe matou a nossa gente vinte flamengos, e é mui digno de notar, que indo em uma lancha onze holandeses com um ajudante foram investidos de dez moços nossos da terra em uma canoa, e dando-lhes os holandeses primeiro uma carga de mosquetaria não tocaram com bala a nenhum dos nossos, e o nossos atiraram sua carga, e mataram logo seis, e aos outros degolaram a espada, e tomaram a lancha. Neste mesmo dia morreram mais vinte ao inimigo, e nenhum dos nossos foi morto, nem ferido.

Animada a nossa gente com estes prósperos sucessos, aos doze de agosto se chegou Nicolau Aranha com toda a infantaria à força, e assentando seu Arraial lhe tomou todos os caminhos (assim entradas, como saídas) com emboscadas, e corpo de guarda, e mandou logo picar ao inimigo, o qual atemorizado da resolução, não quis sair, e lhe mandou dizer pelo Padre Vigário Amaro Martins, que logo viria a beijar-lhe as mãos, e Nicolau Aranha lhe respondeu pelo mesmo portador, que com muito contentamento o esperava, e que se quisesse o iria buscar à porta da fortaleza para o hospedar na sua barraca como seu servidor, e amigo, ao que o comendor holandês respondeu, que ele o faria como fosse tempo. Vendo isto Nicolau Aranha abalou todas suas estâncias, e se chegou à força, até descobrir as suas casas, aonde lhe matamos muita gente, em particular em vinte e três de agosto, que lh’as semeamos de mortos, saindo eles de noite a roçar o mato que estava junto delas¹⁵⁷.

Tudo foi feito para que as embarcações trazendo mantimentos não chegassem ao forte. Chegou o tempo em que seu contingente humano nem mesmo podia chegar sobre a muralha sem ser ofendido pelas armas portuguesas:

¹⁵⁵ CALADO, 1985, p. 118.

¹⁵⁶ Id., p. 118.

¹⁵⁷ Ibid., p. 119.

não ousavam os holandeses a se pôr em cima da muralha, porque em deitando as cabeças por em cima já estavam mortos com as nossas balas; e depois de rendidos nos mostraram alguns as mãos passadas com pelouros, porque para verem a nossa gente, iam a pôr as mãos nos chapéus, e em as pondo, logo as nossas balas lhe furavam os chapéus, e as mãos¹⁵⁸.

Assim se passou mais de um mês, e finalmente, aos 15 dias do mês de setembro, os holandeses pediram uma trégua de três dias. Um dia antes do fim da trégua, em 17 de setembro de 1645, eram escritos os autos de capitulação do Forte Maurício, a qual foi justificada pelas seguintes razões:

1ª. As nossas munições de guerra, isto é, pólvora e mórões que poupamos assim antes, como durante este cerco de perto de 6 semanas, acham-se esgotadas(...)

2ª. Igualmente começou a escassear os víveres, pois amanhã será distribuída a última ração de carne.

3ª. Segundo todas as probabilidades, não seremos socorridos pelos de Recife, pois sabemos com certeza que a maior parte dos nossos, comandados pelo tenente-coronel Hous, foram votos² pelo inimigo, e que o Recife está assim apertado, que mal pôde se sustentar.

4ª. As forças inimigas, que presentemente montam a oitocentos homens, sabemos que crescem de dia em dia, ao passo que as nossas, como é manifesto, vão ao contrário diminuindo. A nossa gente válida não excede a 147 soldados, 30 homens de trem 20 paisanos, ao todo 197 homens em estado de prestar serviço. Com esta força teremos que ocupar: 1º a fortaleza, cujo circuito é de 276 varas; 2º uma obra exterior de 60 varas diante da (a partir daqui página 40) porta para defeza dos carregadores d'agua; 3º um pequeno parapeito na extremidade das pedras, onde devem estar de contínuo 7 homens para aguada e prompto socorro (?). Assim cada homem tem que ocupar perto de duas varas de terreno. Além disto, como se sabe, não há palissadas em torno da fortaleza, e as muralhas recentemente levantadas acham-se arruinadas e abatidas em consequência das continuadas chuvas, de modo que por fora são é fácil galgá-l-os³. Está, pois, indicando a experiência militar, que com tão poucas forças é impossível defender tão largas obras contra adversários numerosos.

5º. Tão pouco não tivemos meios de cortar a fortaleza, pois, como assentada em pedras, dentro d'ella não se pode haver a terra necessária para levantar outra muralha. Outrossim, dado que fosse isto possível, faltar-nos-iam os materiais e homens que taes obras requerem, quando realizadas as pressas.

6º. A guarnição mal alimentada, desnudada, vigiando continuamente nas muralhas, começa a sentir-se tão fraca e desalentada, que a continuar este estado de cousa, é impossível prevenir que se rebelle.

Por estas e outras considerações, depois de maduro conselho, temos resolvido, como pelo presente resolvemos, entrar amanhã, 18 do corrente, em ajustes com o inimigo, e aceitar as melhores condições que d'elle podermos obter¹⁵⁹.

Enquanto os holandeses se decidiam pela capitulação, os portugueses receberam a notícia de que chegava pela barra do rio o socorro para o forte. As embarcações nem sempre conseguiam subir o rio, pois devido à forte correnteza deste, precisavam de um “vento feito”,

¹⁵⁸ CALADO, op. cit., p. 120.

¹⁵⁹ BROECK, op. cit., p. 39-40.

o que permitiu aos portugueses interceptar algumas embarcações antes de estas chegarem à vila. Com a notícia de que os reforços holandeses se aproximavam, o que podia colocar os portugueses em desvantagem, estes parecem ter recebido um “sinal divino”, no relato de Frei Manuel Calado:

...nos dezoito dias do mês estando na barra do rio cinco embarcações cheias de gente, que os iam socorrer, naquela noite se ouviu o som de uma campainha, a qual ia tangendo por entre o nosso corpo da guarda, e se ouviu por alguns dos nossos uma música em tom de ladainha, e se viu uma clara luz: disse então o Capitão Pedro Aranha irmão do Cabo de companhia Nicolau Aranha: Senhores camaradas, sem dúvida que isto devem de ser as almas dos fiéis defuntos, que nos vêm socorrer, eu sou grande seu devoto, e todos os dias as encomendo a Deus, e agora neste ponto acabei de rezar as orações que todos os dias ofereço a Deus por elas; isto é boa nova, prometendo-lhes todas uma missa cantada, tanto que amanhecer, pois amanhã é segunda-feira, e dia em que a Santa Igreja Católica costuma dizer missa, e fazer sufrágios por elas.

Aprovaram os camaradas o bom intento, e tanto que a nova aurora apareceu, bordando as nuvens de labores, e alegrando o mar, e a terra com seu formoso aspecto, se cantou uma Missa de Requiem pelas almas do purgatório, com toda a solenidade que foi possível, e ordenou Nicolau Aranha, que quando o sacerdote levantasse o Corpo do Senhor, o seu precioso sangue em alto, para o mostrar ao povo, disparassem os nossos soldados todas as armas de fogo, e dessem duas cargas cerradas em sinal de alegria, e festa. Caso miraculoso! Tinha o sacerdote consagrado o Corpo de Cristo Nosso Salvador, e querendo-o levantar em alto, disparou o inimigo da fortaleza uma peça de artilharia, e toda a nossa infantaria lhe respondeu com uma carga cerrada de mosquetaria, e tornou a secundar com outra ao alevantar o cálice consagrado, e tão grande foi o estrondo que o inimigo ficou admirado. Acabou-se a missa, e o inimigo começou a chamar com um tambor, mandamos ver o que queria, respondeu que se queria logo entregar¹⁶⁰.

Encontraram na fortaleza dez peças de artilharia de bronze, muitas balas, mas nenhum mosquete, pouca pólvora molhada, trinta e sete barris de farinha, sete cavalos vivos, duzentos e sessenta e seis flamengos e cinco judeus – tendo sido setenta e sete mortos durante o cerco. Estavam ainda no forte vinte e quatro mulheres, trinta e três meninos e dezoito escravos, dos quais os holandeses levaram quatorze¹⁶¹.

Depois de os holandeses rendidos serem encaminhados para a Bahia, os portugueses avistaram a nau e três lanchas que vinham em socorro do forte, mas não conseguiram retomá-lo. Em seguida, o forte foi destruído:

¹⁶⁰ CALADO, op. cit., p. 121–122.

¹⁶¹ Id., p. 122.

Ganhada esta fortaleza a mandou o Capitão Nicolau Aranha arrasar, por pedimento dos moradores, e por ordem dos nossos governadores da liberdade porque o inimigo não tivesse esperanças de a tornar a possuir¹⁶².

Os holandeses estiveram por oito anos na vila. Em novembro de 1646 reocuparam os restos do forte, abandonando-o quatro meses depois, em março de 1647¹⁶³.

Apesar de estar no meio urbano, o objetivo principal da fortaleza, como já foi dito, não era defender a vila São Francisco enquanto “cidade” ao modo das estruturas de segurança medievais. Mas o forte “*era de grande consideração, para impedir a passagem para a Bahia, e a chave da Capitania de Pernambuco*”¹⁶⁴, defesa do limite sul do Brasil holandês, e área que concentrava o gado que movia os engenhos e alimentava os exércitos. Além disso, a vila São Francisco serviu como base para as muitas incursões que os holandeses realizavam nas áreas próximas, inclusive em Sergipe del Rei. Não se observa relatos de uma identidade entre os moradores originais da vila e a fortificação. Em vez de se sentirem protegidos por ela, os habitantes pareciam se sentir ameaçados, tanto é que, assim que a fortaleza foi expugnada, os cidadãos locais pediram que ela fosse derrubada, para não correrem o risco de os inimigos se apoderarem novamente dela.

Atualmente, nada resta senão o lugar sobre o qual o forte esteve erguido, visivelmente modificado. Seus indícios materiais podem permanecer, porém, soterrados sob a cidade, no subsolo da praça Barão de Penedo, da Catedral e das casas por ali existentes.

Entretanto, pequenos monumentos em memória do forte permanecem dissolvidos, escondidos, ou foram apenas recentemente apagados. O Beco do Forte, que deixou de existir para que fosse construída a Praça do Forte, em frente à igreja Conventual Nossa Senhora dos Anjos; a rua 7 de Setembro, que se originou de um caminho que abraçava o forte, adquirindo

¹⁶² CALADO, op. cit., p. 124-125.

¹⁶³ CASCUDO, op. cit., p. 137.

¹⁶⁴ CALADO, op. cit., p. 123-125.

sua forma; além das imagens e das narrativas sobre a fortificação, que, como se viu, também preservam a memória do forte e realizam uma abertura no “túnel do tempo”, para permitir que se tenha acesso a pelo menos partes desse passado.



Imagem 130 - Praça do Forte com Convento Franciscano ao fundo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Contudo, caso se insista nesta busca com mais afinco, deparar-se-á com outros sinais. O famoso restaurante Forte da Rocheira, o canhão que se situou por muito tempo na Praça Barão de Penedo, a cruz em comemoração à expulsão dos holandeses, fixada na praça do Forte, em frente ao convento, embora não sejam originais do tempo seiscentista, simbolizam uma vontade de lembrar ou de encontrar o forte em meio à cidade.



Imagem 131 - Placa do restaurante Forte da Rocheira. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.



Imagem 132 - Imagem do Restaurante. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

A história desta fortaleza e da presença holandesa às margens do rio São Francisco confunde-se com as lendas e casos de grande repercussão popular. Uma das mais recorrentes é a da “porta da rocheira”, uma abertura no paredão formado pelo rochedo que conduziria ao interior do convento, onde os holandeses teriam escondido ouro – o que carece de sentido, uma vez que o convento começou a ser construído após a expulsão dos holandeses. Por outro lado, tal crença pode ter sua origem ligada à fenda referenciada na legenda do mapa de Marcgrav, escrita em latim: “*A.B. Rupes acclivis so pedum altitus dine fobis e faxo exifis*”, que pode ser traduzida como “*caverna em ladeira onde só sobe um pedestre baixo [ou abaixado] usando uma tocha*”¹⁶⁵. A legenda pode aludir a alguma abertura na pedra¹⁶⁶ que talvez levasse ao interior da fortificação, e que hoje nos chega com a feição de credence popular, e sem comprovação.

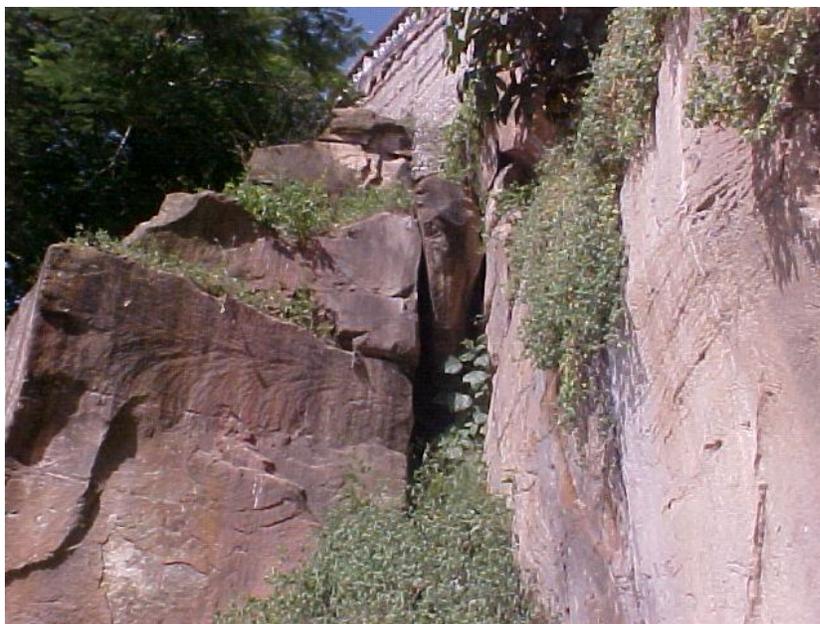


Imagem 133 - Abertura na Rocha que alguns afirmam ser a "Porta da Rocheira". Fonte: Bianca Muniz (2004).

¹⁶⁵ Tradução do professor Nicolaas Gosse Vale.

¹⁶⁶ A “rocheira” até hoje possui várias fendas, por algumas das quais poderia passar uma pessoa. Contudo, não é possível afirmar isso sem um estudo mais detido desta questão.

Embora se possa lamentar o fato de o forte já não existir, ele traz a interrogação de como seria a cidade hoje se o forte permanecesse. O núcleo que originou a cidade, marcada pela presença da igreja Matriz e da Casa de Câmara e Cadeia em um largo, teria configuração totalmente diferente, e provavelmente, uma outra localização. Optar pela permanência do forte em um dado momento da história seria optar por outra cidade, por outra Penedo.

Considerando a hipótese da realização de uma escavação arqueológica, embora cientificamente esta trouxesse muitas informações a respeito da fortaleza, seria, para o leigo, uma decepção. Esperariam os moradores encontrar um forte de pedra, semelhante àqueles divulgados nos filmes, quando provavelmente se encontrariam no subsolo apenas cortes na pedra, ou algum resquício da muralha de terra. Que tipo de atrativo tal achado teria?

As fortificações que permanecem, em geral são reconhecidas como patrimônio histórico e como monumentos que levam a recordar o passado de nosso povo, de nosso lugar e de nossa cultura. O monumento “fala”, é um sinal ou indício repleto de marcas impressas pelo tempo que levam a reviver, através da imaginação e da sensibilidade, uma ambiência passada. Mas o que fazer quando justamente esta referência, esta materialidade e esta ambiência se perderam? Poderia ser o forte registrado como patrimônio imaterial da cidade de Penedo?

O monumento referencia um evento. O forte em si já é o evento.

Para compensar esta ausência até mesmo se inventa o monumento, como quando alguém pensa que o muro de contenção construído como reforço à base da Casa de Aposentadoria seria uma parte da muralha do forte (imagem 134). Afinal de contas, o forte acaba estando em todo lugar da cidade, uma vez que não está em lugar nenhum.



Imagem 134 - Muralha de contenção construída para proteção dos alicerces da Casa de Aposentadoria, que alguns confundem com resquícios da muralha do forte. Fonte: Bianca Muniz (2004).

Nada impede que o Forte Maurício, convertido em memória, possa ser apropriado pela população, e que a história se desdobre em iniciativas que o referenciem e alimentem esta memória como forma de nutrir o próprio sentimento de identidade. Enquanto iconografia, o forte persiste representando a cidade. É o caso do brasão adotado pela prefeitura do município (imagem 135).



Imagem 135 - Brasão do Município de Penedo, onde se destacam o forte sobre a “rocheira”, e o rio ao fundo. Fonte: Bianca Muniz (2004).

Outras iniciativas podem surgir, para alimentar esta memória. Em 2006 foi realizada uma oficina, utilizando um brinquedo ludo-didático, cuja criação foi o tema do TFG desta mestranda. O brinquedo consistiu em um tapete de aproximadamente 2 metros quadrados, que reproduzia o mapa holandês de Marcgrav. As crianças receberam os primeiros prédios da vila – as duas primeiras igrejas, o forte e algumas casas – para cortar e montar, e colocar sobre o mapa. Depois, sobre este mapa, era colocada a malha atual, vazada de modo que se podia ver o mapa antigo, e ao mesmo tempo, a localização atual das ruas. As crianças puderam constatar as permanências arquitetônicas, reconhecer e ter nas mãos os prédios mais importantes da cidade e tomar conhecimento do forte. Também a Fundação Casa do Penedo o recriou numa pequena maquete, o que estimula a curiosidade pelo passado desta cidade.



Imagem 136 - Imagem das crianças montando o brinquedo, no mapa que representou a vila. Fonte: Bianca Muniz (2004).



Imagem 137 - Imagem das crianças, com o mapa montado, com a malha urbana e os prédios atuais. Fonte: Bianca Muniz (2004).



Imagem 138 - Imagem da maquete do Forte Maurício existente na Fundação Casa do Penedo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Espera-se que esta dissertação possa alimentar vários outros estudos e iniciativas, a fim de fortalecer esta memória. É ela concluída com esta imagem do rio São Francisco, que provavelmente guarda alguma semelhança com as imagens que há mais de 350 anos os holandeses contemplaram, a partir do forte.



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marcos. **Fortes de Pernambuco: imagens do passado e do presente.** Recife: Graftorre, 1999.

ARAÚJO, Acrísio Torres. **Pequena história de Sergipe.** Aracaju: s/ ed,1966.

Atlas do Estado do Brasil, Coligido das Mais Sertas Noticias q pode aiuntar Dõ Ieronimo de Ataide, por Joaõ Teixeira Albernás, Cosmographo de Sua Magde, Anno 1631. S.l.: Editora Nova Fronteira, 1997.

AZEVEDO, Aroldo de. **Vilas e cidades do Brasil colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva.** São Paulo: Universidade de São Paulo / Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1956.

BARLÉU, G. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

_____ **História dos Feitos Recentemente praticados durante oito anos no Brasil.** Rio de Janeiro: Intituto Biblioteca Nacional, s.d. (Cd-rom).

BARLEUS, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil.** In: FREIRE, Francisco de Brito. Nova Lusitânia, 1675. São Paulo: Beca Editora, 2004. (CD-rom.)

BARRETO, Aníbal. **Fortificações do Brasil.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **The Voyager's Brazil.** São Paulo, Metalivros, 1995. V. 3.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da cidade.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário portuguez e latino (1712).** Rio de Janeiro: UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, s.d.

BROECK, Matheus Van Den. **Diário ou narração histórica de Matheus van den Broeck - Atos de capitulação do Forte Maurício.** Revista do Instituto Histórico Brasileiro. Rio de Janeiro, Tomo XL – Parte I – 1877, p.7ª. Traduzido por José Hygino Duarte Pereira.

BUENO, Beatriz Picolotto Siqueira. **Desenho e Desígnio: O Brasil dos Engenheiros Militares (1500-1822).** São Paulo, s.e., 2003. Tese de doutorado.

CALADO, M., **O valoroso lucideno e triunfo da liberdade.** Recife: FUNDARPE / Diretoria de Assuntos Culturais, 1985.

CAROATÁ, J.P. **Crônica do Penedo.** Maceió: Ed. do Departamento Estadual de

Cultura, 1962.

CAROATÁ, José Próspero. **Chronica do Penedo**. In: Revista do IHGAL. Maceió: Typ. Do Jornal das Alagoas, 1872. Volume 1.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Geografia do Brasil Holandês**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

CHING, Francis D. K. **Dicionário visual de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **O bangüê nas Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 1980.

DUARTE, Abelardo. **Notas sobre as fortificações holandesas em Alagoas**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Maceió, v. XXIV, ano 1947, p. 75-80. Cd-rom.

FREIRE, Felisbelo. **História de Sergipe**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Francisco de Brito. **Nova Lusitânia: História da Guerra Brasílica**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2004.

GALINDO, Marcos & MENEZES, José Luiz da Mota. **Desenhos da Terra: Atlas Vingboons**. Recife: Instituto Cultural BANDEPE, 2003.

GALVÃO, Olympio de Arroxelas. **Ligeira Notícia sobre a vila de Porto Calvo**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Maceió, v. I, n. 10, dez. 1877, p. 283 a 288. Cd-rom.

GOUVÊA, Fernando da Cruz. **Maurício de Nassau e o Brasil Holandês – Correspondência com os Estados Gerais**. Recife: Editora Universitária / UFPE / Diário de Pernambuco, 1998.

GUEDES, Max Justo. **Historia Naval Brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha – Serviço Documental Geral da Marinha, 1990. (Segundo volume, tomo IA)

HERKENHOFF, Paulo. **O Brasil e os holandeses: 1630-1654**. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo dicionário da lingua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989.

IBGE, **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – XIX Volume**. IBGE, Rio de Janeiro, 1959.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KEEGAN, John. **Uma historia da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo:

Fundação Editora da UNESP, 1998.

LIMA, Cecília Modesto, & ALBERNAZ, Maria Paula. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. São Paulo: Pró-Editores, 1997-1998.

LINDOSO, Dirceu. **Formação de Alagoas Boreal**. Maceió: Edições Catavento, 2000.

LOPEZ, Roberto S. **A Cidade Medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

MARROQUIM, Adalberto. **Terra das Alagoas**. Roma: Editori Maglione & Strini, 1922. Edição fac-similar, 2000.

MARX, Murilo. **Cidade no Brasil: terra de quem?** São Paulo: Nobel / Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Fontes para a História do Brasil Holandês**. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes / MEC / SPHAN / Fundação Pró-Memória, 1981, v.1.

MENEZES, José Luiz da Mota (org.). **Atlas histórico cartográfico do Recife**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Massangana, 1988.

MÉRO, Ernani. **História do Penedo**. Maceió: s/ed., 1974.

_____ **Arruar pelo tempo**. Maceió: Grafitex, 1993.

_____ **Perfil do Penedo**. Maceió: Sergasa, 1994.

MONTEIRO, João Gouveia & PONTES, Maria Leonor. **Castelos Portugueses**. Lisboa: IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico, 2002.

MOREIRA, Rafael (org.). **Portugal no mundo**: história das fortificações portuguesas no mundo. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

MORENO, Diogo de Campos. **Livro que dá Razão do Estado do Brasil - 1612**: edição crítica, com introdução e notas de Helio Vianna. Recife: Arquivo Público Estadual / Comissão Organizadora e Executiva das Comemorações do Tricentenário da Restauração Pernambucana, 1955.

_____ **Rezão do Estado do Brasil: c. 1612**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1999.

MORI, Victor Hugo; LEMOS, Carlos A. Cerqueira e CASTRO, Adler H. Fonseca de. **Arquitetura Militar**: um panorama histórico a partir do Porto de Santos. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado / Fundação Cultural Exército Brasileiro, 2003.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações, perspectivas. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

MUNIZ, Bianca Machado. **Relatório Final CNPq referente a Bolsa de Iniciação Científica**, julho de 2002.

_____ **Relatório Final FAPEAL referente a Bolsa de Iniciação Científica**, abril de 2004.

NIEUHOF, J. **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. **As fortificações portuguesas de Salvador quando cabeça do Brasil**. Salvador: Omar G., 2004.

PAULINO, Francisco Faria. **A arquitetura militar nas expansão portuguesa**. Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994.

PFEFFINGER. **Fortificação moderna ou recopilação de diferentes métodos de fortificar, de que usam na Europa os espanhóis, franceses, italianos & holandeses**. Lisboa: Oficina Real Deslandesiana, 1713.

PIMENTEL, Luis Serrão. **Método Lusitânico**: de desenhar as fortificações das praças regulares e irregulares (1680). Lisboa: Direção da Arma de Engenharia / Direção do Serviço de Fortificações e Obras do Exército, 1993. (Fac simile)

REIS, Nestor Goulart. **Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana no Brasil: 1500/1720**. São Paulo: Pioneira / Edusp, 1968.

_____ **Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial**. São Paulo: Fapesp, 2000.

Rezão do Estado do Brasil (c.1616): Códice 126 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, seguido de um Estudo Cartográfico de Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1999.

RICHSHOFER, Ambrósio. **Diário de um Soldado**. Recife: CEPE, 2004.

RODRIGUES, José Honório. Índice Anotado da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco. Recife: s.e., 1961.

SALES, Francisco A. **Arruando para o Forte**: Roteiro Sentimental da Cidade do Penedo. Penedo: Bagaço, 2003.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil: 1500-1627**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.

SANTOS, Lourival Santana (Coord.). **Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Alagoas (1680-1826)**. Maceió: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 1999.

SETA, Cesare De & LE GOFF, Jacques (Org.). **La ciudad y las murallas**. Madrid: Catreda, 1991.

SIQUEIRA, Ricardo. **Fortes e faróis**. Rio de Janeiro: R. Siqueira, 1997.

SOUZA, Gabriel Soares. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo / Rio de

Janeiro / Recife / Porto Alegre: Brasiliiana, 1938.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

TEIXEIRA, Manuel C. (coord.). **A construção da cidade brasileira**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

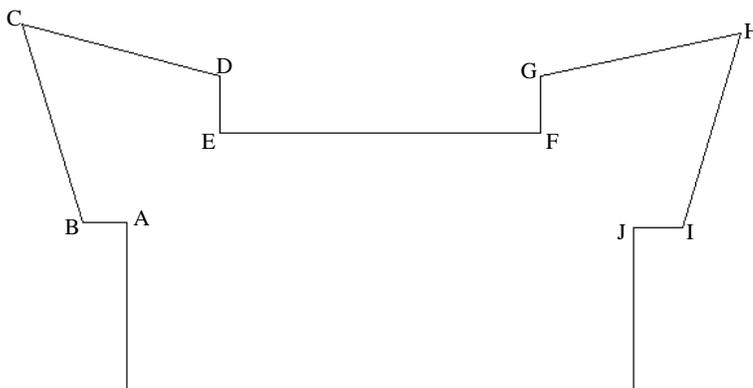
TENÓRIO, Douglas Apratto et al. **Enciclopédia dos Municípios Alagoanos**. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2006.

VALENTE, A. **Penedo sua história**. Maceió: s.ed., 1957.

VELLOZO, Diogo da Sylveyra. **Arquitetura militar ou fortificação moderna**. Salvador: EDUFBA, 2005.

VITRÚVIO. **Tratado de Architectura**. Lisboa: Instituto Superior Técnico Press, 2006. Tradução, introdução e notas de M. Justino Maciel.

APÊNDICE A - GLOSSÁRIO DE TERMOS RELATIVOS À FORTIFICAÇÃO



LEGENDA

AB, DE, FG, IJ – flancos

BC, CD, GH, HI – faces

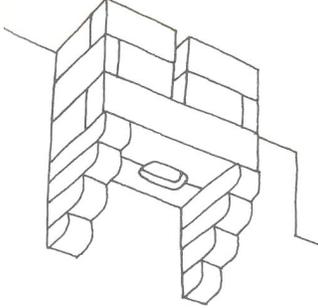
EF – cortina

BCD, GHI - ângulos flanqueados

ABCDE, FGHIJ - baluartes

<p>ABROLHOS</p>	<p>PFFINGER: Sam huns ferros grossos com quatro pōtas, de quase quatro polegadas cada huma, & de tal maneira dispostas, que de qualquer modo que cayão, sempre fiquem com huma ponta no ar. Seu uso he sempre nas brechas, & nos lugares por onde ha de passar cavallaria para lhe difficultar o passo. Lat. <i>Tribuli</i>, & <i>Murices</i>, Ital. <i>Triboli di ferro</i>. Franc. <i>Chausses trappes</i>.</p>
<p>ADARVE</p>	<p>MONTEIRO & PONTES: Caminho no cimo do muro (com um 1 a 3 metros de largura, em média), por onde se circulava para ter acesso às ameias e controlar, assim, o exterior da praça. Tambem chamado "caminho de ronda". O acesso ao adarve fazia-se, tradicionalmente, por uma escada rasgada na própria espessura dos muros; com a afirmação do castelo gótico, porém, essas escadas começaram a constituir um maciço pétreo adossado ao pano de muralha, com o que se conseguia que o caminho de ronda (que nessa época se alargou significativamente) preservasse toda a sua superfície disponível para a circulação da guarnição.</p>
<p>ALAMBOR</p>	<p>MONTEIRO & PONTES: Talude exterior na zona baixa das muralhas e torres, destinado a reforçá-las, a manter à distância as máquinas de assalto, a</p>

	provocar o ressaltado dos projecteis e a reduzir os ângulos mortos. Esta técnica de espessamento da base dos muros, em forma de rampa, veio do Próximo Oriente e foi introduzida em Portugal pelos Templários, na segunda metade do século XII.
ALOJAMENTO	PFFINGER: Franc. <i>Logement d' une attaque</i> , he a obra, que se faz em hum posto perigoso, seja sobre a estrada encuberta, ou sobre hua mina, ou dentro do fudo do fosso, ou em outra qualquer parte para se cobrir do fogo do inimigo, obrase de tudo o que se acha capaz de resistencia, como cestões, sacos de terra, de laã, &c.
AMEIA	MONTEIRO & PONTES: Elemento maciço, de configuração variada implantado sobre o parapeito e coroando as torres e as muralhas dos castelos medievais. Destinava-se a proteger os defensores posicionados nos adarves. Com a transição do castelo românico para o castelo gótico, verifica-se uma tendência para as ameias (tambem designadas por "merlões") se tornarem mais baixas e mais largas do que as "abertas" (os intervalos existentes entre duas ameias. Nesta altura, e também frequente surgirem ameias munidas de seteiras (rasgadas ao centro do seu maciço pétreo), adaptadas ao tiro com arco ou com besta. Note-se que era normal as abertas alargarem para o interior do castelo, de forma a facilitar a visao e o tiro por parte da guarnição; por vezes, os parapeitos das abertas apresentavam esbarros oblíquos para o exterior, facilitando com isso o tiro mergulhante. Nos finais da Idade Média verifica-se a convivência de ameias mais primitivas (estreitas e altas), muitas delas encimadas por um remate piramidal, com ameias de corpo largo (muito comuns, sobretudo, nos muros das barbacãs).
APROCHE	Entrincheiramentos para facilitar a chegada às praças sitiadas. PFEFFINGER: São todas as obras, com quaes se avançam os sitiadores contra a Praça. Lat. <i>Adductus</i> seu <i>Accessus</i> . Ital. <i>Approcci</i> . Franc. <i>Approches</i> .
ARSENAL OU ARMAZENS	PFFINGER: He hum lugar destinado para a construção & conservação de tudo o que he necessario para atacar, & defender huma Praça.
ARTILHARIA	PFFINGER: he toda a sorte de armas de fogo grossas, como Canhões, Morteiros, Bombas, Carcazes, & tudo o mais, de q isto depende. Lat. <i>Res Tormentaria</i> . Ital. <i>Artigrelia</i> . Franc. <i>Artillerie</i> ,
ASSESTADAS	AURÉLIO: armas de fogo apontadas ou dirigidas para disparar.
ATACAR EM FLANCO	PFFINGER: He atacar pelos dous lados do baluarte.
ATIRAR À BARBA	PFEFFINGER: he tirar por sima do parapeito.

<p>BALCÃO COM MATACÃES</p>	<p>MONTEIRO & PONTES: Trata-se de um pequeno varandim de pedra, apoiado em mísulas compostas muito salientes, tendo no pavimento largas aberturas redondas denominadas matacães, que permitiam o tiro vertical (lançamento de grandes pedras) sobre o embasamento dos muros e das torres.</p> 
<p>BALUARTE</p>	<p>LIMA: Nas fortificações, corpo avançado na MURALHA, situado em geral nos cantos da fortificação, muitas vezes forma uma saliência pontiaguda, compreendendo quatro faces planas e três ângulos internos. As vezes possui a forma cilíndrica.</p> <p>CHING: volumoso banco de terra erguido à guisa de fortificação em torno de um local, e normalmente encimado por um parapeito.</p> <p>AURÉLIO: Bastião; fortaleza inexpugnável.</p> <p>BLUTEAU: obra avançada do reparo, delineada com quatro lados e três ângulos exteriores, além de dois que forma com as cortinas.</p> <p>BARRETO: É uma obra de fortificação avançada com dois flancos e duas faces.</p> <p>“A nova artilharia, com multiplicado poder destruidor, faz reduzir a altura dos muros, reforçar a sua espessura, criar alentados terraplenos e, principalmente, desenvolver o baluarte, que propicia o flanqueamento das defesas. É o que costumam chamar os escritores do assunto de arquitetura militar abaluartada.”</p> <p>Não torres pouco espessas, mas baluartes com o terraplano ao nível das plataformas laterais, com a ponta em direção ao inimigo e baterias baixas nos flancos(…)” (ZANOTTI, apud OLIVEIRA, 2004:36)</p> <p>PFEFFINGER: he hum montão de terra levantado ordinariamente sobre o ângulo da gola, & dous flancos. Lat. <i>Propugnaculum</i>, Ital. <i>Bastione</i>, Franc. <i>Bastion</i>.</p>
<p>BANQUETA</p>	<p>PFEFFINGER: He hum pequeno degrao, posto na raiz do parapeito, para que os Soldados o subão para dar a vcarga, & decendo-o fiquem cubertos. Sua largura he commumente de 3 pés, & 6 polegadas, a altura 1 ½ pé. Lat. <i>Scabellum</i>, Ital. <i>Zoccola</i>, Fran. <i>Banquette</i>.</p>
<p>BARBACÃ</p>	<p>MONTEIRO & PONTES: Trata-se de um muro de altura mais baixa do que a muralha, construído no exterior desta, a poucos metros de distância. Visava oferecer um primeiro obstáculo ou barreira aqueles que pretendiam assaltar a praça e as respectivas máquinas de cerco. Este muro podia limitar-se a cobrir a zona da porta, ou da torre de menagem, ou qualquer outro ponto especialmente sensível e cuja defesa precisasse de ser reforçada: chamava-se</p>

	então "barbacã de porta" (como em Monsanto, Aguiar de Pena ou Terena). Mas podia também rodear toda, ou quase toda, a fortificação, e nesse caso designava-se por "barbacã extensa" (como no Sabugal e em Mourão). À zona neutra, e quase sempre aberta, situada entre a muralha e a barbacã, dava-se o nome de "liça". Esta tinha geralmente poucos metros de largura.
BASTIÃO	<p>CHING: Parte projetada de um baluarte ou outra fortificação, que normalmente forma um pentágono irregular ligado à base da construção principal.</p> <p>AURÉLIO: Parte da fortificação que avança e forma ângulo saliente, permitindo vigiar a face externa da muralha e atirar contra os assaltantes que a tentam escalar; baluarte.</p> <p>BLUTEAU: Hoje é pouco usado (vid. baluarte). No lugar, com que allego mais abaixo, bastião não é sinônimo de Baluarte, mas chama o autor de Bastião uma Bateria, que Rumecão mandou fazer para descortinar a nossa praça, que Bastião ou Baluarte não é obra exterior, mas encorpada nas cortinas da praça, com seus angulos.</p>
BATERIAS	<p>AURÉLIO: Fortificação com peças ASSESTADAS. (...) 7.Mil. Conjunto de canhões de características idênticas (grosso calibre, médio calibre...) ou de idêntica finalidade (bateria anti-aérea) ...</p> <p>BLUTEAU: (Vid. Bateria) Bateria - ação de bater. Obras ofensivas levantadas da terra =, em que se planta a artilharia, com as quais se bate* o inimigo e as praças sitiadas. É ainda a mesma artilharia assim assestada.</p> <p>* Bater = bater-se = batalhar.</p> <p>EXERCITO: Conjunto de peças de artilharia de características idênticas (calibre, tipo, finalidade, etc.) e respectivo pessoal, unidade ou subunidade tática e administrativa da artilharia, correspondendo à companhia ou ao esquadrão de armas ou serviço do exército.</p> <p>BARRETO: Obra de fortificação menor que um reduto e em princípio isolada. É armada somente com canhões.</p> <p>PFEFFINGER: he hum lugar elevado para plantar nelle a artilheria, & atirar dali ao inimigo. Lat. <i>Suggestus</i>, <i>Agger tormentarius</i>, Ital. <i>Batteria</i>, Franc. <i>Batterie</i>.</p>
BERMA	<p>LIMA: Nas <i>fortificações</i>, caminho estreito entre o <i>fosso</i> e a linha inferior das <i>muralhas</i>.</p> <p>AURÉLIO: Caminho estreito entre a <i>muralha</i> e o <i>fosso</i>. Sapata.</p> <p>BLUTEAU: (Termo da fortificação). É uma margem de terra que se deixa entre o parapeito da falsabruga* e o fosso. Não se fazem estas bermas, senão quando a muralha está muito alta.</p> <p>PFEFFINGER: <i>Berma</i>, <i>Releixo</i>, ou <i>Lizira</i>, he hum pequeno espaço de 3 de 6. Pés, q se faz ao pé do Reparo para impedir que as ruínas, que os tios do inimigo fazem no Parapeito, não cayão no fosso. Lat. <i>Margo valli</i>, Ital. <i>Margine delriparo</i>, Franc. <i>Berme</i>, <i>Relais</i>, <i>Lizire</i>, <i>Retraite</i>, <i>Pas de Souris</i>.</p>
CALIBRE	PFEFFINGER: He o diametro da bocca do Canhão.
CAMINHO	PFEFFINGER: Lat. <i>Viacooperta</i> . Ital. <i>Strada coperta</i> . Vejase <i>Estrada cuberta</i> .

CUBERTO	
CAMINHO DE RONDA	PFEFFINGER: Vejase <i>Estrada de Rondas</i> MONTEIRO & PONTES: O mesmo que "adarve".
CAMPANHA	PFFINGER: He o tempo que se gasta na guerra de cada anno. Lat. <i>Expeditio</i> , Ital. <i>Campagna</i> , Franc. <i>Campagne</i> .
CARRETA	PFEFFINGER: He huma machina feita em forma de hum carro estreito, & reforçada para se poder nella cavalgar o canhão: quando se aloja dentro da bateria, não tem mais de duas rodas, mas quando vay em marcha, se lhe juntão outras duas masi pequenas da parte de diante, a que chamão Armoens.
CASAMATAS	CHING: Abrigo ou câmara subterrânea de um baluarte, provida de frestas para a artilharia. AURÉLIO: 1. Abrigo subterrâneo abobadado e blindado; 2. prisão subterrânea. 3. (Fort.) Abrigo subterrâneo, de grossas paredes, para instalação de baterias ou proteção de materiais ou pessoas. (...) BLUTEAU: é uma praça coberta de abobeda ao modo de uma casa, que se faz nos flancos dos Baluartes, aonde se aloja artilharia, para se atirar ao inimigo e defender a face do baluarte oposto. Estas se fazem hoje descobertas com o nome de praças baixas. outros lhe chamarão : Ima crypta, ad latera propugmaculorum; crypta ceca; subterranea camera. Tuendis muris, ac fossis. BARRETO: é um sebtterrâneo abobadado que serve de abrigo para o material e para os defensores de uma fortaleza, forte, etc. PFFINGER: he huma praça cuberta de abobada na parte do Flanco, que esta junto da cortina, feita par fazer fogo sobre o inimigo, que acomete a face opposta, ou o fosso. Lat. <i>Casa armata</i> , Ital. <i>Casamatta</i> , Franc. <i>Casematte</i> , ou <i>Tour Creuse</i> .
CASTELLO	PFFINGER: he hum lugar rodeado de torres, & fossos, & alguas vezes fortificado de muralha com hum bom parapeito. Edificãose commummente em lugares dominantes de alguma passagem.
CAVA	MONTEIRO & PONTES: O mesmo que "fosso"
CÉSPEDES	PFFINGER: Lat. <i>Vestimentum Loricae, Valli, Fossae</i> , Ital. <i>Cespuglio</i> , Franc. <i>Gasons</i> , são torroens de terra fresca, brãda, & cuberta de erva, de quasi hum pé de comprimento, & meyo pé de grosso; servem para revestir o reparo, o parapeito, & fosso; & para guarnecer as Galerias; ha também outra especie de Cespedes de hum pé de comprido, meyo pé de largo, & quatro polegadas de grosso por igual.
CIDADELA	PFFINGER: Lat. <i>Castellum, Arx</i> , Ital. <i>Citadela</i> , Fran. <i>Citadelle</i> , he hum forte de 4 té 6 baluartes edificado sobre algum terreno separado da povoação por meyo de huma explanada para soster os povos em respeito , & defendelos se o inimigo os quizer senhorear.
CONDESTÁVEL	"...que muitos entendem como um titulo nobiliárquico, mas que, na verdade, é uma patente da artilharia que era formada de bombardeiros, gentilhomens

	e condestáveis”. (nota de Mario Mendonça in:VELLOZO, 2005:17 – nota 18)
CONTRA - ESCARPA	LIMA: Nas fortificações, talude voltado para a praça de armas que circunda o fosso. CHING: Declive interno ou uro do fosso que circunda um baluarte. AURÉLIO: Talude ou muro que circunda um fosso. BARRETO: Declive ou talude de um fosso fronteiro a escarpa. PFFINGER: he a parte inclinada do fosso mais proxima à campanha. Lat. <i>Acclivitas fossar exterior</i> , Ital. <i>Contra-scarpa</i> , Franc. <i>Contre-scarpe</i> . Vulgarmente se entende por Escarpa o caominho cuberto, & a explanada.
CONTRAFORTE	BLUTEAU: (Termo da fortificação) Estribos ou arrimos interiores feitos de muro de pedra e cal, incorporados à muralha principal por dentro para reparos, para melhor sustentar a terra sem tanto os agravar como quando os não há. Não devem ser de muro polido, mas grosseiro, com alguns dentes. PFEFFINGER: são certas partes da muralha distantes humas das outras de 15 té 20 pés, avançandose o mais, que for possível, para dentro do terreno, & se juntão algumas vezes por meyo de arcos na altura do cordão, para sostarem assim melhor alguma parte do Reparo, & fortificar o terrapleno. Vejase o livro 4. Cap. 17.
CONTRAGUARDA	PFFINGER: são obras trianguralres guarnecidas de parapeitos, as quaes se levantão de dentro do fosso diante da face & do angulo flanqueado para os consevar em bom estado.
CORDÃO OU BOCEL	Na raiz do parapeito da muralha PFFINGER: he huma banda, ou faixa de pedras, de meya volta, que se poem entre o fim da muralha, & principio do parapeito, cercando toda a Praça em roda. Lat. <i>Chorda muri</i> , Ital. <i>Cordone delle mura</i> , Franc. <i>Cordon</i> .
CORNAS	PFFINGER: São obras avançadas à campanha com dous baluartes na frente juntos por huma cortina, & comunicados à Praça por dous ramaes. Lat. <i>Opus cornutu,m</i> Ital. <i>Le corna</i> , Franc.Cornes.
CORTINA	LIMA: Nas fortificações, lanço de muralha, essa geralmente situada entre duas obras salientes, como baluartes ou tenalhas. CHING: Muro de fechamento que liga dois bastiões ou torres. AURÉLIO: muro que liga dois baluartes. BLUTEAU: (Termo da Fortificação.) é a parte do reparo com sua muralha de pedra e cal, ou sem ela, que fica entre os flancos de dois baluartes. BARRETO: Muro recuado que liga dois baluartes ou dois bastiões. PFFINGER: Lat. <i>Cortina</i> , Ital. <i>Chorda</i> Franc. <i>Courtine</i> , he a linha do reparo, que sempre junta dous flancos.
COURAÇA	MONTEIRO & PONTES: Muro com adarve de duplo parapeito e que, partindo do recinto fortificado, garantia o acesso seguro a um ponto não

	<p>muito distante da fortaleza (geralmente uma cisterna, um poço ou uma fonte, imprescindíveis para o abastecimento de água da guarnição). Rematava frequentemente em forma de pequeno torreão.</p>
CUBELO	<p>MONTEIRO & PONTES: Torreão completamente re dondo (ou quase), vulgarizado ao longo do século XIV, em resultado da tendência geral das torres adossadas para adquirirem formas poligonais. A ideia era diversificar os ângulos de tiro e, ao mesmo tempo, garantir uma maior resistência aos projecteis inimigos (nos torreões quadrangulares ou rectangulares, os cunhais mostravam ser zonas muito frágeis), possibilitando, simultaneamente, alguma economia de construção.</p>
ENGENHEIRO	<p>PFFINGER: he hum Soldado sciente na arte de desenhar todas as sortes de obras; & de reconhecer o forte, & o fraco de huma Praça, & de defender, & atacar algum posto &c.</p>
ESCARPA	<p>LIMA: nas fortificações, talude das muralhas, voltado para o fosso externo, ou muro em talude no fosso ao lado da muralha.</p> <p>CHING: Declive interno ou muro do fosso que circunda um baluarte. Também talude.</p> <p>AURÉLIO: Talude dum fosso junto de um parapeito.</p> <p>BLUTEAU: Pendor, que da a parte inferior de um muro, fora da linha perpendicular, para que se sustente melhor.</p> <p>BARRETO: Declive ou talude do fosso junto à muralha.</p> <p>PFFINGER: he o talud, ou inclinação da muralha desde o plano da Praça té o fosso. . Lat. <i>Acclivitas fossae interior</i> Ital. <i>Scarpa</i> Franc. <i>Escarpe</i>.</p>
ESPLANANDA	<p>O mesmo que glacis.</p> <p>PFFINGER: he o espaço que fica entre a Cidadela, & huma Praça. & tambem he o espaço desde o parapeito da Estrada encuberta té o terreno natural da campanha.</p>
ESTACA	<p>CHING: coluna longa e delgada de madeira, aço ou concreto armado, introduzida verticalmente no solo.</p> <p>BLUTEAU: pedaço de pau adelgado e pontiagudo pela parte que se mete na terra ou em outra coisa.</p>
ESTACADA	<p>AURÉLIO: lugar defendido por estacas dispostas uma ao lado da outra; fileira de estacas.</p> <p>BLUTEAU: (pedaço de pau adelgado e pontiagudo pela parte que se mete na terra ou em outra coisa) nas cortinas ou nos fossos das fortalezas.</p>
ESTRADA COBERTA	<p>PFFINGER: . Lat. <i>Via cooperta</i>, Ital. <i>Stradacoperta</i>, Franc. <i>Chemin couvert</i>, he hum ramal de 4 té 5 toesas à roda do fosso de toda a Praça, & guarnecido de seu parapeito.</p>
ESTRADA DE RONDAS	<p>PFFINGER: . Lat. <i>Ambulacrum valli inferioris</i> Ital. <i>Strada de la Ronda</i>, Franc. <i>Chemin des Rondes</i>, he huma rua entre o terraplano, & a muralha para passagem das rondas.</p>

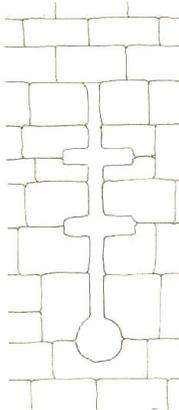
FACE	<p>CHING: cada um dos dois lados externos que formam o ângulo saliente de um bastião.</p> <p>BARRETO: lado de uma frente fortificada que tem ação frontal.</p> <p>PFFINGER: he a parte do baluarte mais avançada á campanha, comprehendida entre o angulo da espalda, & o do baluarte. Lat. <i>Facies</i> Ital. <i>Faccia</i> Franc. <i>Face</i>.</p>
FALSABRAGA	<p>PFFINGER: he hum pequeno reparo, larfo de 4 toesas, guarencido de parapeito, & banquetta; cêrca toda a Praça em roda. Serve, ou paara fazer mais rectamente fogo sobre o inimigo quando se acha ja tão avançado, que os defensores o não podem bem descobrir de sima do Reparo do corpo da Praça; ou para receber entre o seu parapeito , & a muralha as ruinas que os tiros do inimigo causaõ no Reparo da Praça. Franc. <i>Faussebraye</i>.</p>
FAXINA	<p>PFFINGER: são os molos de miudas vergas de arvores, de hum pè & meyo de diametro, & quasi quatro pès de comprido, atados pelos extremos, & pelo meyo. Servem para a fabrica dos Candieiros, & Espaldas, encher, & cagar o fosso &c. Algumas vezes se alcatroão pra queimar huma galeria, ou outra qualquer obra dos inimigos.</p>
FAZER ALTO	<p>PFFINGER: he parar [de atirar]</p>
FAZER FOGO	<p>PFFINGER: he atirar sem cessar.</p>
FLANCO	<p>LIMA: Em fortificações, cada uma das faces laterais do baluarte, junto à cortina.</p> <p>CHING: Parte de um bastião que se estende entre a cortina e a face.</p> <p>BARRETO: lado de uma frente fortificada que tem a ação de flanqueamento.</p> <p>PFFINGER: he a parte do baluarte, que ata huma face , & huma cortina aos seus dous extremos, hum a hum, serve para defender a face do baluarte opposto. Lat. <i>Ala</i> Ital. <i>Fianco</i> Franc. <i>Flanc</i>.</p> <p>BLUTEAU: (Termo da fortificação). He a parte que esta entre o baluarte, & a cortina, & serve para defender essa a cortina, como a face do baluarte oposito. (...)</p>
FLANQUEAR UMA PRAÇA	<p>PFEFFINGER: He edificar huma Praça com tal forma, que não haja nella parte alguma que não seja defendida, & da qual se não possa bater o inimigo de face, & de lado, & obrigarlo a que se retire.</p>
FORTALEZA	<p>BARRETO: armamento repartido em 2 ou 3 baterias instaladas em obras independentes e largamente intervaladas.</p> <p>Também chamada de praça e cidadela</p> <p>BLUTEAU: Castello, ou Cidadella mais forte, mais capaz, & de mais baluartes, que os ordinarios, para segurança das provincias, cidades, portos, &c. Arx, arcis. (...)</p>
FORTE	<p>fortificação constituída de um aou mais baterias de artilharia, localizados, porém, na mesma obra. Difere da fortaleza, onde o armamento está repartido em duas ou mais baterias de artilharia, instalado em obras independentes,</p>

	<p>em geral, intervaladas.</p> <p>BLUTEAU: Praça forte: <i>Oppidum</i> (...) Cidade forte. (...) Que tem fortes muros.</p> <p>BARRETO: várias baterias numa mesma obra.</p>
FORTE DE CAMPANHA	PFFINGER: he huma obra feita toda de trincheiras, & destinada para ocupar qualquer posto , segurar a passagem de algum rio, cercar algum monte, que se quer conservar, & para fortificar as linhas & qurteis de algu sitio.
FORTIM	<p>BARRETO: forte pequeno.</p> <p>PFFINGER: he huma pequena obra com forma de estrellas, para segurar o circuito das linhas de circumvallação.</p>
FOSSO	<p>LIMA: em fortificações, escavação feita em torno da muralha para dificultar acesso de inimigos.</p> <p>CHING: vala profunda e larga, normalmente cheia d'água, que circunda o baluarte de uma cidade fortificada, uma fortaleza, ou castelo, a fim de protegê-los dos invasores.</p> <p>AURÉLIO: cavidade em volta de fortificações.</p> <p>BARRETO: escavação mais ou menos larga (8 a 30 metros) e profunda (6 a 10 metros) em torno do forte para protegê-lo.</p> <p>PFFINGER: he huma profundidade, larga em sua proporção, que rodea toda huma Praça, & serve a sua passagem de grande impedimento ao inimigo. . Lat. Ital. Franc.</p> <p>MONTEIRO & PONTES: Escavação (tambem conhecida por "cava") feita em redor do castelo, acompanhando o seu perímetro ou circunscrevendo-se (tal como no caso das barbacãs) a uma determinada zona, considerada mais sensível ou pior protegida naturalmente. Podiam ser repletos de água, o que, no entanto, seria bastante invulgar em Portugal. A sua função era, por um lado, dificultar a aproximação de homens e de engenhos às muralhas e, por outro (sobretudo quando se optava por encher os fossos com água), o de contrariar os habituais trabalhos de sapa. (Quanto às dimensões, tinham cerca de 2 metros de profundidade e uma largura entre 5 e 10 metros.</p>
GLACIS	Declive a frente de uma fortificação que se estende de modo a trazer os soldados inimigos o mais diretamente possível para linha de fogo. (CHING, 1999:124)
GUARITA	PFFINGER:he huma especie de torre de pequena redondeza feita de pedra, ou de pau, posta no angulo do baluarte, ou no meyo da cortina, para alli se alojar a sentinella, q vigia o fosso. (p.36)
HORNAVEQUE	<p>O mesmo que cornas.</p> <p>BARRETO: é uma obra de fortificação avançada composta de dois meios baluartes ligados por uma cortina.</p> <p>“(…). Hornaveque A. es uma obra exterior, que tiene dos médios Baluartes, y una Cortina com dos grandes caras: y quando estas son muy largas, se ponem dos flancos. Pablo Minguet , 1752 (OLIVEIRA,2004:41)</p>

MEIO BALUARTE	PFFINGER: Franc. <i>Demibastione</i> , he huma obra composta de huma face, & hum flanco.
MERLÃO	PFFINGER: he a parte do parapeito que està entre duas canhoneiras. Ordinariamente o seu comprimento interior he de 9.pés, & o exterior 6. Franc. <i>Merlon</i> . MONTEIRO & PONTES: O mesmo que "ameia", embora o termo "merlão" seja mais habitual na nomenclatura da fortificação abaluartada (finais do século XV-século XVI em diante).
MINA	PFFINGER: he hum caominho subterraneo, que se encaminha a hum ou dous forninhos cheyos de barris de polvora, aos quaes se dà fogo, quando se quer fazer voar o lugar debaxo do que elles estão. Lat. <i>Cuniculus</i> , Ital. <i>Mina</i> Franc. <i>Mine</i> . Veja o livro 8. Cap. 12.
MURALHA	PFFINGER: he huma parede feita para soster melhor a terra do Reparo para q se não esboroe. Franc. <i>Muraille</i> .
MURALHA / MURO	BLUTEAU: obra de pedra e cal levantada com que se cercão vilas e cidades para sua segurança. BARRETO: largura - 5 a 20 metros; altura - 5 a 8 metros ou mais.
OBRA CORNA –	O mesmo que cornas
OBRA DE COROA OU OBRA COROADA	Obra coronada B, consta de dos Semibaluartes, y uno entero: Sierve para ocupar un gran terreno, ô alguna altura ô para cubrir la frente de um Campo” Pablo Minguet , 1752 (OLIVEIRA,2004:41)
ORELHÕES	BLUTEAU: orelhão - (termo da fortificação) é uma grossa e sólida fabriga de pedras, acrescentada em cada banda do baluarte que serve para amparar o flanco coberto e cobrir a artilharia assentada nos flancos, ou casamata. Muitos confundem o nome de orelhão com o de espalda (tem forma quadrangular) e erolhão (formato redondo)
PADRASTO	“definido por Azevedo Fortes como : <i>Padrasto ordinário se chama qualquer oiteiro visinho à Praça, do qual póde ser abatida com Artelharía.</i> ” (nota de Mario Mendonça de Oliveira in: VELOZZO, 2005:47 – nota 15) “Es uma eminencia elevada sobre el nível de uma Plaza, ô de um Campo, que descubre y bate algum poste. Ay de diferentes espécies, como de frente, quando esta o puesto â la cara desa Plaza: De espaldas quando bate por detrás: y de flanco quando la altura descubre toda uma línea recta Sea de los Fossos, ô de las Trincheras, ô alguna cortina.”
PALISSADA	LIMA: cercado formado por um conjunto de estadas de madeira, firmemente fincadas no chão, próximas umas das outras e unidas entre si, de modo a formarem um muro de proteção. Usualmente é vazada ou fechada por cerca viva, ou entrançado de qualquer fibra vegetal. Pode ainda ser composta por cerca dupla, recheada de barro e fibras vegetais, dando-lhe maior estabilidade e resistência. Pode ser disposta verticalmente ou com alguma

	<p>inclinação. No início da colonização brasileira, foi muito utilizada circundando os povoados.</p> <p>CHING: cercado composto por moirões firmemente cravados no solo para fins de delimitação ou defesa.</p> <p>AURÉLIO: tapume feito com estacas fincadas na terra; Obstáculo para defesa militar.</p> <p>BLUTEAU: (Termo da Fortificação) estacada de paos da grossura de oito ou nove polegadas, fincadas na terra com ordem, ao pé das cortinas ou nas explanadas, ou no fosso ou no parapeito da estrada encoberta. Serve para impedir a entrada. Há palissadas a pique e outras inclinadas.</p> <p>PFFINGER: são estacas de 5. Té 7. Pès aguçadas no alto,, & grossas de 8. Tè 9. Polegadas. Poemse diante dos lugares, a que se lhes pôde chegar com a mão, mom em a Explanada, na Gola das obras destacadas. Devem pose tão unidas, que não fique entre ellas mais vão, que o que bastar para caber hum pique ou hum mosquete. Lat. <i>Sudes paepilatae</i> Ital. <i>Spinate</i> Franc. <i>Palissades</i>. Veja livro 5. Cap. 13.3.</p>
PARAPEITO	<p>PFFINGER: he hum corpo de terra elevado sobre o Reparo: tem altura de 5. pès para cobrir os Soldados, & os Canhoens, que estão detraz delle. Lat. <i>Lorica, Thorax</i> Ital. <i>Parapetto</i> Franc. <i>Parapet</i>.</p>
PIROBALÍSTICA	<p>Arte de caucular o alcance das armas de fogo.(Aurélio, 1975, p.1102)</p>
POLIORCÉTICA	<p>Arte de fazer cercos militares.(AURÉLIO, 1975, p.1117)</p>
PORTA FALSA	<p>PFFINGER: he a q se faz ou na parte mais bayxa da cortina, ou detraz do orelhão, para fazer as sortidas, sem que o inimigo as perceba. Vejase o liv. 5. Cap. 9. 3. Franc. <i>Poterne</i></p>
PRAÇA DE ARMAS / PRAÇA FORTE	<p>LIMA: Área geralmente descoberta no interior das fortificações, destinada aos exercícios ou revistas militares e concentração das tropas. é também chamada praça forte.</p> <p>CHING: espaço aberto no interior de um castelo ou entre seus muros.</p> <p>AURÉLIO: praça de armas - local destinado a exercícios militares, á formatura de tropas de uma guarnição; terreno saliente, no traçado de fortificação abaluartado e poligonal, entre o caminho coberto e o parapeito, onde se pode fazer a concentração de tropas para uma surtida ou uma operação ofensiva. Praça forte - vila ou cidade fortificada.</p> <p>BLUTEAU: nas cidades ou fortalezas é uma grande praça, em que em ocasião de rebates, ou alardos se ajunta a gente do presídio para tomar as ordens do governador da praça. é a cidade ou fortaleza em que se guardao as armas de uma província. Praça baixa - (Termo da Fortificação) é nos flancos dos baluartes uma praça onde se aloja artilharia para se atirar ao inimigo e defender a face do Baluarte oposito. antigamente, se faziam estas praças baixas cobertas de uma abóbada ao modo de casas e chamava-o de casamata.</p> <p>BARRETO: Praça Forte ou de Guerra: fortaleza de grande extensão ou uma cidade fortificada defendida por diversas obras de fortificações.</p> <p>PFFINGER: são huns lugares capazes de se formarem nelles os esquadros, ou batalhoes, que se querem mandas para alguma parte, Franc. <i>Places</i></p>

	<i>d'armes.</i>
PRAÇA DE ARMAS DA ESTRADA COBERTA	PFFINGER: São os espaços que a estrada encuberta tem nos angulos salientes, onde se poem alguns falconetes para fazer retirar aquelles que quizerem chegar à explanada. Franc. <i>Places d'armes d'un chemin couvert.</i>
PRESÍDIO	BLUTEAU: Presidiar hua praça – pôr nella Soldados para a defender. (...). Praça bem presidiada – (...) Fortalezas tão artelhadas , tão presidiadas. (...). Presídio – Gente de guarnição. Os Soldados que estão em huma praça, para a guardar, & derfender do inimigo. <i>Praesidium.</i> (...) <i>Praesidarii milites.</i> (...) Presidio – A Praça ou Fortaleza presidiada. (...).
PRESIDIOS	“...significam nos documentos antigos praças fortificadas e não significam prisões, como já escutamos por aí.” (nota de Mario Mendonça de Oliveira em VELOZZO, 2005:17 – NOTA 18)
QUARTEIS	Franc. <i>Cazernes,</i> são as casas feitas para a guarnição de huma Praça. (PFEFFINGER, 1713, p. 47)
REDENTE	BARRETO: obra de fortificação em forma de angulo saliente. (BARREOT, 1958) PFFINGER: são obras feitas em forma de serra com angulos reintrantes & salientes, que se defendem reciprocamente. Tem o seu principal uso nas entradas dos rios. Lat. <i>Opus Serratu</i> Ital. <i>Sega</i> Franc. <i>Redants.</i>
REDUTO	LIMA: pequeno recinto provido de sua própria muralha de proteção, construído no interior de uma fortificação para aumentar sua defesa. 2. Nas antigas cidades ou vilas fortificadas, pequena fortificação em local estratégico, ou externamente ou internamente a um sistema defensivo maior. AURÉLIO: 1. Recinto construído no interior de fortaleza para aumentar a resistencia desta. BLUTEAU: na arquitetura militar, é uma obra menor quadrada ou algum tanto prolongada, que se faz nas trincheiras aproches, como também na campanha, para descobrir algum sítio. É obra exterior e avançada das fortificações da praça. (BLUTEAU, 1712) Pequeno forte isolado no exterior ou no interior de uma fortaleza. É uam obra fechada em 4ª a 5 faces. (BARRETO, 1958) PFFINGER: he hum pequeno forte quadrado sem mais defesa que a da frente. Fazemse ordinariamente nas trincheiras, nas circumvallaçoens, & contravallaçoens. Algumas vezes se reveste de muralha quando se fabricão em lugar banhado de mar ou rio. Lat. <i>Reductus, Receptus,</i> Ital. <i>Ridotto</i> Franc. <i>Redoute.</i>
RETIRADA	PFEFFINGER: he huma trincheira formada de dous parapeitos com hum

	angulo reitrante. Algumas vezes se lhe faz seu fosso guarnecido de parapeito. Fazemse nos lugares, em que se disputa o terreno palmo a palmo.
REVELIM	PFFINGER: he hua pequena obra triangulas composta de duas faces: fabricãose ordinariamente sobre o angulo reitrante do fosso diante da cortina. Lat. <i>Moles</i> , Ital. <i>Revellino</i> , Franc. <i>Revelin</i> .
SACOS DE TERRA	PFFINGER: he hum saco de pano grosso, que leve pè & meyo de terar cubico. Servem em varias occasioens, principalmente para se cobrir à peça contra o fogo dos inimigos. Lat. <i>Saccus</i> Ital. <i>Sacco</i> Franc. <i>Sac a terre</i> .
SAPA	PFFINGER: Descida do fosso, ou Sapa, he hua cava na estrada encuberta guarnecida por sima de paos & taboas carregadas deterra, para defender do fogo dos sitiados aos que querem decer ao fosso. P.29. PFFINGER: he a abertura, que se faz na explanada, & estrada encuberta; forma-se de madeiros, taboas, ramos, & terra, para defender dos fogos artificiaes do inimigo: abremse deitando a terra para huma & outra parte & com ella mesma se vão cobrindo & amparando. Franc. <i>Sappe</i> . P. 51.
SETEIRA	MONTEIRO & PONTES: Dispositivo de defesa que consiste numa estreita fresta vertical aberta nos muros ou nas ameias, destinada ao tiro com arco ou com besta (este último bastante mais vulgar em Portugal). Geralmente, alargavam para o interior, de modo a facilitar os movimentos do atirador. Assumiram diversas formas: simples (apenas verticais), cruciformes (com um rasgo vertical e outro horizontal), recruzetadas (com uma fenda vertical e dois rasgos horizontais), etc. 
TALUDE	PFEFFINGER: vejase <i>Escarpa</i> .
TENALHA	LIMA: nas fortificações, obra de defesa que apresenta duas faces externamente na muralha e forma um ângulo reentrante para o lado da praça de armas. AURÉLIO: Pequena obra de fortificação com duas faces e um ângulo

	<p>reentrante para o lado do campo.</p> <p>BLUTEAU: ou tenaz. (Termo da Fortificação) é um a obra semelhante a corna mas sem meios baluartes e com um angulo reentrante no meio. Há tenalhas simples e duplas. As duplas tem quatro faces na sua fronteira, as simples só duas. Umas e outras devem ficar defendidas da praça como os hornaveques.</p> <p>BARRETO: parte de uma face do baluarte ou bastião que forma um angulo reentrante para a parte de fora.</p>
TERRAPLENO	<p>PFEFFINGER: Terrapelo do Reparo, he a superficie horizontal do Reparo, por onde andão os Soldados, & lhora a artilhari. Lat. <i>Ambulacrum loricae</i>, Ital. <i>Terrapiendo de parapetto</i> Franc. <i>Terreplein du rempart</i>.</p>
TORRE ALBARRÃ	<p>MONTEIRO & PONTES: Torreão destacado da muralha, a qual se encontra ligado por uma ponte de pedra Constituia, pois, uma especie de torreão avançado, com espírito ofensivo, que podia possibilitar um autêntico “cerco” do inimigo ocupado em operações de escalada ou de britagem dos muros. Ao mesmo tempo, aumentava a segurança e o ângulo de tiro das guarnições sitiadas.</p>
TORRE DE MENAGEM	<p>MONTEIRO & PONTES: A torre de menagem localizava-se, então, no meio do pátio, isolada dos muros. Implantava-se na zona mais alta do castelo, para permitir o tiro para o exterior, por cima da muralha. Se possível, apoiava-se nos afloramentos rochosos, para assim melhorar as condições de defesa. Tinha uma altura raramente inferior a 10 m, podendo alcançar os 15-20 m, ou mesmo mais. Normalmente, tinha planta quadrangular ou rectangular. O andar térreo não possuía aberturas, a porta rasgava-se apenas no primeiro andar e o acesso era feito por uma escada móvel de madeira, que era recolhida em caso de perigo. A torre de menagem era concebida como um último reduto defensivo, capaz de continuar a resistir depois de o resto do castelo ter sido tomado. Era como que uma fortaleza dentro da fortaleza e tornou-se também num símbolo de poder.</p>
TORREÃO	<p>MONTEIRO & PONTES: Nome genericamente atribuído às várias torres (de configuração variável, inicialmente quase sempre rectangular ou quadrangular, mais tarde também pentagonal, hexagonal ou mesmo octogonal) adossadas ao pano da muralha.</p>
TRINCHEIRA	<p>PFEFFINGER: he huma profundidade, ou fosso, que os sitiadores fazem para chegarem cubertos à Praça, que querem atacar: algumas vezes fazem as trincheiras de cestoens, de sacos de terra, sacos de laã, & de fachichas &c. . Lat. <i>Seps castrorum</i>, <i>Musculus</i>, <i>Adductus</i>, Ital. <i>Trinciera</i> Franc. <i>Tranchee</i>. Vejase o livro 8.cap.9.</p>
TRINCHEIRAMENTO	<p>PFEFFINGER: vejase retirada. Lat. Ital. Franc.</p>
TRONEIRA (OU TROEIRA)	<p>MONTEIRO & PONTES: Vão ou orifício circular rasgado numa muralha, por onde saíam as bocas das primitivas peças de artilharia. Surgem em Portugal apenas a partir do terceiro quartel do seculo XV, geralmente no enfiamento das velhas seteiras.</p>

APENDICE B – ANTOLOGIA SOBRE PENEDO E O FORTE MAURÍCIO

VICENTE DO SALVADOR, Frei. História do Brasil 1500-1627.

Pg. 113

Pela banda do norte parte esta capitania com a de Pernambuco pelo rio de São Francisco (...)

Está este rio em altura de dez graus e uma quarta; na boca da barra tem duas léguas de largo; entre a maré por ele outras duas somente e daí pêra cima é água doce, donde há tão grandes pescarias que em quatro dias carregam de peixe quantos caravelões lá vão e, se querem navegam por ele até vinte léguas, ainda que sejam de cinqüenta toneladas de porte.

No inverno não traz tanta água nem corre como no verão e no cabo de ditas vinte léguas faz uma cachoeira por onde a água se despenha e impede a navegação; porém daí por diante se pode navegar, em barcos que lá se armarem, até um sumidouro, onde este rio vem dez ou doze léguas por baixo da terra. E também é navegável daí para cima oitenta ou noventa léguas, podendo navegar barcos, ainda mui grandes, pela quietação com que corre o rio quase sem sentir-se, e os índios Amaupirás navegam por ele em canoas.

Pg. 118

(...), cobrou Duarte Coelho tanto ânimo que não se contentou de ficar na sua povoação pacífico, senão ir-se em suas embarcações pela costa abaixo até o rio de São Francisco, entrando nos portos todos da sua capitania, onde achou naus francesas que estavam ao resgate de pau-brasil com o gentio e as fez despejar os portos (...)

Pg.147.

Quando chegaram finalmente ao Rio São Francisco, foi somente para verem que espanhóis e portugueses poucas horas antes haviam atravessado a corrente. Os holandeses, no intento de levar por diante a sua perseguição, apoderaram-se da Vila de Penedo, situada na margem Sul. João Maurício, porém, achou mais prudente desistir desse ponto, não só porque a margem norte do rio oferecia uma linha de defesa como melhor não havia desejar. Defronte de Penedo, numa eminência que dominava em grande extensão o curso do rio, foi erigido o “Forte Maurits”, e cogitou-se da construção de uma segunda fortaleza para defesa da foz. Aos brasileiros domiciliados na margem direita, em sua maior parte criadores de gado, ordenou o governador que se transferissem para o território pernambucano.

De Penedo escreveu o Príncipe uma carta a seu Frederico de Orange, em que lhe comunicava que diferentes deputações dos Índios Tapuias tinham vindo oferecer aliança aos holandeses. Em sua missiva falava João Maurício com entusiasmo com dos encantos do Sul de Pernambuco, do seu solo feracíssimo, das suas ricas pastagens e dos seus inumeráveis rebanhos bovinos.

Pg. 173

À fama destas duas vitórias ficou todo o gentio desta costa até o rio de São Francisco tão atemorizado que se deixavam amarrar dos brancos como se foram seus carneiros e ovelhas. (...)

Pg. 181

Também mandou o mesmo governador um Sebastião Álvares ao rio de São Francisco com oficiais e tudo o mais necessário para fazer uma embarcação em que por ele navegassem em descobrir algumas minas, (...)

Pg. 189

Em a era do Senhor de 1578, em que Lourenço da Veiga governava este estado, se ordenou em Pernambuco uma entrada pera o sertão em que foi o capitão Francisco Barbosa da Silva em um caravelão até o rio de São Francisco (...)

MORENO, DIOGO DE CAMPOS. Livro que dá razão ao estado do Brasil, 1612.
Pg. 167-171

A este grande rio de São Francisco não se lhe sabe nascimento, posto que por ele acima se tem navegado mais de trezentas léguas, até que, espantados da multidão de gentios que encontraram, tornaram-se atrás os navegantes.

Da banda do norte deste rio começa a capitania de Pernambuco; todo em si é navegável da barra até as cachoeiras; tem sessenta léguas ocupadas de tantas nações de índio bárbaros, a que chamam tapuias, que apenas se entendem uns com os outros, pelo que ainda hoje se faz trabalhoso de penetrar. D. Diego de Menezes, a respeito de fazer navegável o salitre, que se acha na serra de São Gregório, assinalada na carta seguinte no ponto X, e para poder cultivar as minas, tratou, por via de língua e homens práticos do sertão, pazes e amizades com todas aquela gentes, e mandou fazer na entrada da barra o forte que se vê na volta desta folha, e na dita carta se assinala como ponto S. Também mandou a Manoel de Miranda, grande língua dos índios, que povoasse com pitiguares, que tinha junto de diversas partes, um sítio ao pé das serras que chamam do Aracaré, e que juntamente levasse gente branca á dita povoação, como de feito levou esta feita; vai por três anos em que estão plantados muitos mantimentos, para bem do trato do dito salitre; este lugar se assinala na dita carta com as letras AA; deste sítio se povoou, no ano passado de seiscentos e onze, com outra aldeia e gente branca o sítio de Jasuaba, que se mostra no ponto BB; e desde ali até as minas da serra de São Gregório está aberto o caminho para a gente de pé e calvagaduras, por maneira que, para cultivar o dito salitre, só faltam os mineiros e ordem para fazer-se, o que, segundo o que tem mostrado a terra, será negócio de maior importância que o do pau-brasil, além de se ficar escusando o comprá-lo a estrangeiros.

Ao capitão que faz o forte da barra se lhe tem nomeado duzentos cruzados de ordenado, e se lhe hão de dar dez soldados de presídio, e duas peças de artilharia de ferro coado, de vinte quintais, para defesa daquele surgidouro e abrigo das embarcações que hão de andar ao salitre, e assim para defesa daquela passagem e entrada de rio tão importante. Os lugares onde se funda este forte e onde está fundada a povoação de Manoel de Miranda, são terras do Sergipe atrás nomeado, mas como são dadas de sesmaria a homem poderoso, que defende a posse, não quer ninguém acudir às novas povoações, porque não tem onde plantem nem façam fazendas que sua sejam, porque lhas impedem os proprietários das sesmarias, os quais não têm posse para fazer as ditas povoações, antes querem a terra sem gente par bem de seus currais, o que é em prejuízo notável da povoação deste rio e o trato que nele fazer-se pretende.

Todo este rio é navegável e mui capaz de grandes embarcações, porém sua barra é de

alfaques ou bancos de areia, que se mudam os mais dos anos, fazendo-a mais fácil uns que outros; sempre caravelões grandes entram com toda maré; tem nesta barra, e em todo rio, grande força as aguagens que descem de cima, e são de modo que há tempos em que a quatro léguas ao mar pode-se beber água doce, e na boca da barra, de ordinário, a mais de uma légua ao mar, há grandes rilhanceiras da água, que as vezes impedem o curso e suspendem a um navio, ainda que vá a todo pano; da barra para dentro é mui formoso e mui seguro, e em todo tempo que dura a viração do mar, que nunca de dia falta, navega-se esse rio para cima com facilidade; porém tanto que acalma o vento é necessário lançar âncora, porque a corrente da água com presteza incrível os torna a trazer para baixo, sem vela nem remo.

Neste grande rio entram outros rios muitos, dos quais a mor parte seca no verão, e no tempo que as aguagens descem de cima, sai este rio da madre e alaga de uma parte e da outra, pelos vale, mais de duas léguas de terras, e recolhido à mãe, deixa grandes lagoas, com tanto peixe que é cousa incrível, ao qual acode grande cópia de aves e de animais silvestres, e tantos porcos e bichos do mato que se fazem deles todo os anos grandes chacinas, e nas lagoas grandes pescarias, de maneira que é um dos sítios de si mais abastados que tem a costa do Brasil, e todo está despovoado, salvo nos pontos ditos; não tem terras para canas, nem há águas para engenhos, porque, como padece acidentes nas aguagens, ficam as sua várzeas areadas e sem sustância; e os montes, na maior parte, são escavados; e de mato raro, não faltando sítios com madeiras e bons para mantimentos, sendo os de mais sustância os que estão dados de sesmaria; na entrada da barra, como fica dito, alguns apontam que no sítio deste forte havia de estar fundada a povoação e vigoraria de Sergipe, pois é de seu distrito, escusam-se dissensões e um ordenado e jurisdição que é força dar-se ao forte novo.

Pg. 173-174

Da banda do norte do dito rio de São Francisco começa o distrito de Pernambuco, e assim correndo a costa por dez graus e meio e por dez graus vê-se o rio de São Miguel e as suas barreiras vermelhas, e antes das Alagoas o conhecido Porto dos Franceses e o porto de Jaraguá, todos capazes de grandes avios, e por sua capacidade feitos sempre ladroeiras de corsários e de nossos furtadores de pau-brasil, que no rio de São Miguel não faltam, nem moradores que o furtem e carreguem, como por muitas vezes se tem avisado a Sal Majestade. O porto ou barra de São Miguel e das Alagoas são para caravelões somente, como se mostra na carta atrás, fol., no ponto C, de modo que os principais portos desta banda são os ditos em que é necessário haver povoações, pois as terras têm cômodo para sustentar grandes lugares, mas, hoje, como todos os homens fundam [por] acaso, e não por ordem, sempre as povoações ficam sendo mais ao particular que ao comum importantes, e é, de feito, qual se deixa entender, contra a defesa e comércio de toda a costa.

VERDONCK, Adriano. Descrição das captanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande. Memória apresentado ao conselho político do Brasil por Adriano Verdonck, em 20 de maio de 1630.

Pg. 35

RIO DE S. FRANCISCO. – Em primeiro lugar a jurisdição de Pernambuco estende-se ate o rio de S. Francisco, cerca de 40 milhas para o sul; nesta região os poucos

habitantes, quase todos pastores, vivem unicamente de bois e vacas, para a criação dos quais a terra se presta muito havendo ali grande quantidade destes animais; fazem também ali bastante farinha, pescam muito peixe e colhem fumo; encontra-se igualmente algum pau-brasil, mas pouco açúcar e todas estas mercadorias são trazidas anualmente d'uma vez para Pernambuco; á beira mar tem-se achado frequentemente muito âmbar.

No mesmo rio de S. Francisco foi igualmente encontrada, ha cerca de 12 anos, uma mina de prata, da qual um certo camponês ali morador retirou ocultamente para mais de 50 ou 60,000 ducados, do que fez presente a um governador desta terra, chamado D. Luiz de Souza, que ali foi expressamente em busca da mesma mina, 10,000 ducados; outrossim ha ali também muito salitre; quanto á mina sempre houve grande fama entre os portugueses e não se pode duvidar da existência ali de grande quantidade de prata á vista das muitas experiências que foram feitas em diferentes viagens àquele sitio; mas, o rei de Espanha nunca quis permitir a exploração da mina; para chegar-se ao povoado tem-se que subir o mesmo rio cerca de cinco milhas e a mina de prata fica ainda a 4 ou 5 milhas para o interior.

Breve discurso sobre os estado das quatro capitánias conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte setentrional do Brasil.

Pg. 80

Começando do sul, temos a primeira jurisdição, que se estende do rio São Francisco ao rio Pirasununga e, como dissemos, nunca teve uma forma regular de governo. As suas principais povoações são: Penedo, Alagoa do Sul, Alagoa do Norte (cada uma com uma povoação ou aldeia), e a Povoação de Porto Calvo.

Pg. 98

No tocante à Religião reformada, a palavra divina com toda a concórdia e em sua pureza é publicada à comunidade reformada em língua holandesa pelos ministros... Muitos lugares e guarnições há, como o Rio Grande, o Cabo Santo Agostinho, a povoação de Porto Calvo e Penedo, que estão privados de ministros, devendo o serviço ser feitos por consoladores dos enfermos.

Pg. 114

Começando do sul, temos, em primeiro lugar, o forte Maurício, que foi levantado pelos nossos em Penedo, do lado setentrional do Rio São Francisco, afastado do mar cerca de seis milhas. Tem cinco pontas, e está assentado sobre uma rocha escarpada que se eleva a 80 pés de altura sobre o rio. De um lado é tão escarpado que se faz inacessível, e do outro lado, onde de algum modo o inimigo poderia chegar, é defendido por três baluartes. Na sua vizinhança a terra é baixa, excetuando um monte, a qual durante todo o verão se cobre de água, que se eleva à altura de um homem. O forte tem altas muralhas e fossos fundos, mas secos, como Vossas Senhorias poderão ver nos mapas que S. Excia., já enviou ou há-de enviar ainda, e é de grande defesa.

Pg. 115

As despesas com a fortificação, que já está concluída, monta a cerca de 20.000 florins. Propõe-se agora que o mesmo forte (Maurício) seja revestido de argamassa, o que custará outro tanto, e por isso nos achamos embaraçados, e ainda nada pudemos resolver. Veremos depois o que convém fazer.

O forte que se segue é o de Porto Calvo. Depois da conquista foi muito fortificado, mas ficou tal como era antes, muito irregular, e se faz mister cerca-lo de uma contra-escarpa com uma sólida palissada. Este forte conserva ainda toda a sua artilharia e quase toda a munição que nele foi encontrada, apenas fez-se retirar algumas peças que não eram necessárias e estavam desmontadas. Está pois bem provido de tudo, guarnecendo-o duas companhias de soldados. Este forte está assentado sobre um monte alto e isolado, e não há na vizinhança outros montes altos que o dominem, correm rios ao longo de dois de seus lados. No forte há um poço com 18 braças de profundidade, construído com pedras de cantaria quadradas que se elevam desde o fundo até a borda, e fornece água excelente.

VAN DER DUSSEN, Adrian. Relatório sobre o Estado das Capitanias conquistadas no Brasil, apresentado pelo senhor Adrien van der Dussen ao conselho dos XIX na Câmara de Amsterdã, em 4 abril de 1640.

Pg. 27-28

PORTOS DE PERNAMBUCO – Os rios, ancoradouros e baías com boa disposição para abrigar navios, ao longo da costa de Pernambuco, são os seguintes: [...] 5) Barra Grande é uma baía fechada por um arrecife, própria para recolher navios grandes e como tem mais de uma milha de extensão, pode abrigar um número vultoso deles. Está situada entre Porto Calvo e Una, tendo sido o local de desembarque das tropas do Conde Bagnolo, em seguida ao encontro do falecido Almirante-General Pater; 6) Ponta de Jaraguá, duas milhas ao Norte de Alagoas, é também uma baía situada atrás de arrecifes e onde navios grandes podem ficar abrigados, sendo que foi aí que Dom Luís de Rojas y Borja desembarcou a sua tropa; 7) Porto dos Franceses, uma milha e meia ao Sul de Alagoas, é razoavelmente profundo mas estreito. Aí os Capitães Vidal e Magalhães desembarcaram com a sua gente, isto é, cerca de 40 a 50 homens e ainda permanecem em atividade em terra; 8) Coruripe é uma bonita baía, onde navios grandes podem entrar para abrigar-se, sofrer limpeza ou reparo.

Pg. 28

Além dos que já foram referidos acima, ainda há na extensão do litoral de Pernambuco, muitos rios navegáveis em ambas as direções para barcos costeiros, a saber: rio das Jangadas a 4 milhas ao Sul do Recife, rio Serinhaém, rio Formoso, rio Una, rio das Pedras ou Porto Calvo, Camaragibe, Santo Antônio Grande, onde podem entrar navios de porte médio, Alagoas, São Miguel e São Francisco, o qual se bem que um grande rio, sofre grande pressão do mar, o que acarretou a formação na sua barra de um banco de areia seco. È rio de muita água, extenso e largo, contando diversas e férteis ilhas, tanto grande como pequenas onde pasta muito gado. A sua nascente e a região de onde provém são desconhecidas. No inverno, quando mais chove naueas regiões, é que o rio conta com menos água, mas no verão, quando há seca, as águas crescem e inundam todas as terras baixas. O que parece indicar que a sua nascente está muito ao Sul, em altos montes gelados, cuja neve derretendo-se com o calor do verão, causa a enchente do rio.

Pg. 29

A quarta é a jurisdição de Porto Calvo, abrangendo cerca de 10 milhas ao longo da costa, desde o Pirasununga até Paripueira. A quinta é a jurisdição das Alagoas que vai de Paripueira até o rio São Miguel inclusive, cerca de 6 milhas de litoral. A sexta jurisdição é a do rio São Francisco, que se inicia no rio São Miguel e se estende por 13 milhas de costa até o rio São Francisco, que é o limite Sul da Capitania de Pernambuco.

Pg. 105

Ainda há várias guarnições com falta de pregadores e por isto têm de se contentar com consoladores de enfermos: estão neste caso as guarnições do rio Grande, de Porto Calvo e de Penedo.

PUDSEY, Cuthbut. Diário de uma estada do Brasil, 1640.**Pg. 119**

Os mosqueteiros marcharam com Sua Excelência até a Barra Grande para tomar navios para Alagoas... No dia seguinte marchamos para um engenho de açúcar a cinco léguas da praia, chamado de Engenho Novo, que ficava entre Alagoa do Norte e Alagoa do Sul... marchamos para uma velha aldeia ao lado do mar, chamada Coruripe, onde, achando nossos navios, por razões de conveniência da enseada, fizemos alto, para dar mandioca de ração a nossos homens... No dia seguinte marchamos para uma vila chamada Penedo, deste lado do grande rio de São Francisco.

NASSAU, João Maurício de. Cartas Nassovianas. Correspondência do conde João Maurício de Nassau. Governador do Brazil Hollandez, com os estados dos Geraes (1637 – 1646).**Pg. 25**

A 18 de Fevereiro encontramos, em um passo que devíamos atravessar, 1800 homens entrincheirados, bem providos de palissadas e com os flancos cobertos por abatizes. Atacamos os contrarios por tres lados differentes, e, com o auxilio de Deus, batemo-lo com perda de 300 homens, entre os quaes muitos officiaes, havendo da nossa parte apenas 6 mortos e 35 feridos. Proseguindo na marcha em direcção ao forte, onde o Conde de Bagnuolo se tinha entrincheirado sobre dous outeiros proximos, verificamos ter abandonado estas trincheiras e haver retirado em grande desordem para as Alagôas deixando duas peças de bronze.

Depois de sitiar o forte e avisinharmo-nos com os nossos approxes dos seus defensores, estes a 3 do mesmo mez, renderaam-se mediante condições.

O governador era um hespanhol chamado Miguel Giberton, tenente general da artilharia, com o qual saíram 8 capitães, 7 alferes, 300 hespanhões, 110 italianos alem dos feridos e enfermos; mandei-o transportar com sua gente para a ilha Terceira. Dentro do mencionado forte encontramos 22 bonitas peças de bronze, 5 de ferro, 4 grandes morteiros, 372 granadas grandes, algumas granadas de mão, 500 barris de polvora e grande quantidade de murrões e outras munições de guerra.

Esta era a inteira provisão de petrechos bellicos que o rei da Hespanha tinha aqui no paiz e o Conde de Bagnuolo não tem mais um só canhão comsigo. Todos os habitantes vêm diariamente prestar obediencia aos Estados Geraes, o que julguei de meu dever levar ao vosso conhecimento. Logo que a nossa gente esteja provida de viveres marcharemos ao encalço do inimigo afim de, com o auxilio de Deus, obrigar-o a transpor o rio de S. Francisco.”

Pg. 26

Julgo cumprir o meu dever levando ao nosso conhecimento como Deus Omnipotente expulsou duma vez desta terra para alem do rio de S. Francisco os nossos inimigos. Considerei necessaria á conservação do paiz a construcção de alguns fortes sobre este rio, a saber na foz do mesmo e tambem junto á cidadesinha de Penedo, onde o inimigo

atravessou-o, situada cerca de seis milhas do mar. Este rio tem largura igual á do Maas antes do porto de Delft e tal correnteza que se não pode dizer. Espero com o auxilio de Deus, conter o inimigo nestas fronteiras.

Pg. 44

Accresce ainda que precisamos occupar os lugares que conquistamos e livramos do inimigo, principalmente Serinhaem e de Porto Calvo até o rio S. Francisco inclusive, garantindo-os com guarnições novas.

Frei Manuel Calado. O Valoroso Lucideno e o triunfo da liberdade 1648.

Pg. 95

(...) Agora será bem que tratemos de como rendemos a fortaleza do Porto Calvo, e a do rio de são Francisco, que eram as melhores que o inimigo tinha da parte do sul, para o que será necessário fazer novo capítulo, porque não caminhemos tão confusamente. (...)

Pg.103

Rendido este forte, como o de Sirinhaém, e o do Porto Calvo, e o do rio de São Francisco (com os modos, e circunstâncias que o Padre Frei Manuel do Salvador aponta no tratado) que a petição de todo este povo, escreve, sendo ele um dos mais interessados nesta empresa, ficando por a costa, e campanha dela até Nazaré, rendido tudo às nossas armas, se tratou de ir ao forte da vila de Olinda a pôr-lhe sítio, o que os de dentro não esperaram...

Pg. 117

Tanto que João Fernandes Vieira, em treze de junho, dia de santo Antônio se retirou para o mato, e ajuntou a si as principais pessoas da Várzea, e outros muitos moradores da terra, com os quais foi fazendo corpo de gente, para resistir ao inimigo, e defender-se de seu furor, logo no rio de São Francisco, que está sessenta léguas em distância do Recife por costa do mar, foram com um próprio avisados André da rocha de Antas, e Valentim da Rocha seu parente, as pessoas mais nobres, e ricas daquele distrito, que estavam ajuramentados para a facção, e empresa da liberdade, em como o inimigo mandava prender, roubar, e ainda matar aos mais nobres moradores de toda a capitania de Pernambuco, pelo que estivessem de sobreaviso, e resguardassem suas pessoas, e fazendas desta comum tribulação os quais tanto que souberam esta nova logo se prepararam, e avisaram a todos os moradores dos lugares visinhos a aquele rio, os quais tirando a luz as armas que tinham escondidas, uns com espingardas, outros com lanças, e cavalos (no que eram mui destros) e outros com facções, dardos, arcos, e flechas, se fizeram em um corpo, para assim se defenderem com mais facilidade, e tanto que o governador da fortaleza mandou prender a um morador que habitava duas léguas em distância da fortaleza, os moradores acudiram, e o tiraram das mãos a um sargento que o trazia preso, e mataram ao sargento, e a dez soldados flamengos, que levava consigo. Sabido isto por o comendador da força deitou fora um capitão com setenta soldados, para que em vingança daquele agravo matassem aos moradores que achassem, e roubassem todas as casas, e os moradores deram sobre eles de emboscadas, e mataram a todos, de sorte que nenhum tornou com vida para a fortaleza; e temendo que do Recife viesse infantaria holandesa por mar, que os passasse a todos a cutelo, despacharam dois correios por a posta à Bahia ao Governador Antônio Teles da Silva, dando-lhe conta de

tudo o que se passava na Capitania de Pernambuco, e do grande aperto em que de presente estavam todos os moradores do rio de São Francisco, pedindo-lhe com encarecidos rogos, protestos da parte de Deus, que os mandasse socorro logo, logo, porque todos estavam com o cutelo quase na garganta, e que quando Sua Senhoria, como ministro d'El-Rei Dom João se Rei, e Senhor, os não socorresse com a brevidade, que o presente perigo pedia, Deus lhe tomaria estreita conta das mortes dos inocentes, e dos notáveis agravos, que se haviam de fazer às casadas, e donzelas.

Pg. 118

As coisas neste estado, souberam os moradores do rio, que pela boca da barra havia entrado um caravelão do inimigo, e que estava ancorado em um porto, seis léguas abaixo da fortaleza, esperando por vento feito, para subir para arriba, porquanto aquele rio corre com tal fúria, que deita a água doce ao mar três, e quatro léguas, e isto quando não vai cheio, que quando vai enchente, deita água doce sete e oito léguas ao mar, e assim não se pode navegar por ele arriba, senão com vento feito. Estando pois o caravelão neste porto acudiram os moradores com diligência, antes que os flamengos tivessem notícia do que no rio se passava, e acharam os marinheiros em terra, e os mataram, os quais eram doze, e entrando no caravelão o tomaram, e acharam nele algumas armas de fogo, muita pólvora, e balas, vinho, aguardente, cerveja, manteiga, queijos, farinha, e algumas mercancias, e com estas armas, que todas eram mosquetes, e com as que haviam tomado nos dois assaltos passados, se armaram muitos dos moradores, os quais estavam acanhados por lhes faltarem armas de fogo, e com isto ficaram os da fortaleza com pouco cabedal de munições, e bastimentos.

Pg. 117 até 125

Sumário de como a nossa gente ganhou a fortaleza do rio de São Francisco aos holandeses

Tanto que João Fernandes Vieira, em treze de junho, dia de Santo Antônio se retirou para o mato, e ajuntou a si as principais pessoas da Várzea, e outros muitos moradores da terra, com os quais foi fazendo corpo de gente, para resistir ao inimigo, e defender-se de seu furor, logo no rio de São Francisco, que está sessenta léguas em distância do Recife por costa do mar, foram com um próprio avisados André da Rocha de Antas, e Valentim da Rocha seu parente, as pessoas mais nobres, e ricas daquele distrito, que estavam ajuramentados para a façção, e empresa da liberdade, em como o inimigo mandava prender, roubar, e ainda matar aos mais nobres moradores de toda a Capitania de Pernambuco, pelo que estivessem de sobreaviso, e resguardassem suas pessoas, e fazendas desta comum tribulação os quais tanto que souberam esta nova logo se prepararam, e avisaram a todos os moradores dos lugares vizinhos a aquele rio, os quais tirando a luz as armas que tinham escondidas, uns com espingardas, outros com lanças, e cavalos (no que eram mui destros) e outros com facções, dardos, arcos, e flechas, se fizeram em um corpo, para assim se defenderem com mais facilidade, e tanto que o governador da fortaleza mandou prender a um morador que habitava duas léguas em distancia da fortaleza, os moradores acudiram, e o tiraram das mãos a um sargento que o trazia preso, e mataram ao sargento, e a dez soldados flamengos, que levava consigo. Sa ido isto por o comendor da força deitou fora um capitão com setenta soldados, para que em vingança daquele agravo matassem aos moradores que achassem, e roubassem todas as casas, e os moradores deram sobre eles de emboscada, e mataram a todos, de sorte que nenhum tornou com vida para a fortaleza; e temendo

que do Recife viesse infantaria holandesa por mar, que os passasse a todos a cutelo, despacharam dois correios por a posta à Bahia ao Governador Antônio Teles da Silva, dando-lhe conta de tudo o que passava na Capitania de Pernambuco, e do grande aperto em que de presente estavam todos os moradores do rio de São Francisco, pedindo-lhe com encarecidos rogos, e protestos da parte de Deus, que os mandasse socorro logo, logo, porque todos estavam com o cutelo quase na garganta, e que quando Sua Senhoria, como ministro d'El-Rei Dom João seu Rei, e Senhor, os não socorresse com a brevidade, que o presente perigo pedia, Deus lhe tomaria estreita conta das mortes dos inocentes, e dos notáveis agravos, que se haviam de fazer às casadas, e donzelas.

As coisas neste estado, souberam 05 moradores do rio, que pela boca da barra havia entrado um caravelão do inimigo, e que estava ancorado em um porto, seis léguas abaixo da fortaleza, esperando por vento feito, para subir para arriba, porquanto aquele rio corre com tal fúria, que deita a água doce ao mar três, e quatro léguas, e isto quando não vai cheio, que quando vai de enchente, deita água doce sete e oito léguas ao mar, e assim não se pode navegar por ele arriba, senão com vento feito. Estando pois o caravelão neste porto acudiram os moradores com diligência, antes que os flamengos tivessem notícia do que no rio se passava, e acharam os marinheiros em terra, e os mataram, os quais eram doze, e entrando no caravelão o tomaram, e acharam nele algumas armas de fogo, muita pólvora, e balas, vinho, aguardente, cerveja, manteiga, queijos, farinha, e algumas mercâncias, e com estas armas, que todas eram mosquetes, e com as que haviam tomado nos dois assaltos passados se armaram muitos dos moradores, os quais estavam acanhados por lhes faltarem armas de fogo, e com isto ficaram os da fortaleza com pouco cabedal de munições, e bastimentos.

Chegaram os dois correios à Bahia, e entregaram ao Governador Antônio Teles da Silva as cartas que levavam, e de palavra lhe contaram o miserável estado em que os moradores do rio se achavam, e lhe fizeram com encarecidos rogos os protestos, que foram necessários em tão apertada ocasião, o qual logo por os mesmos portadores mandou ordem a Capitão Nicolau Aranha Pacheco, que estava por cabo de três companhias no rio Real que tem muita pressa marchasse logo para o rio de S. Francisco, e fosse socorrer aos moradores dele, que estavam em grande tribulação. Partiu Nicolau Aranha do rio Real aos vinte e sete do mês de julho por caminhos desusados, levando diante negros com foices, que os iam abrindo, aonde o mato estavam mui fechado, e no meio do rigor do inverno, quando os muitos rios iam de foz em fora, com as grandes enchentes, e atropelando com todo este trabalho, e com haverem os soldados de levar em suas mochilas o mantimento, e as armas às costas, chegou em dez dias de agosto ao dito rio aonde achou os moradores com as armas nas mãos, os quais tinham cercado a fortaleza, porém ao largo aonde não chegavam as baías da artilharia, e logo o Cabo dos Capitães Nicolau Aranha mandou ao Capitão Francisco Lopes a queimar as lanchas ao inimigo, o que fez com muito valor, e esforço, e boa fortuna.

No mesmo rio os moradores da terra com alguns soldados da Bahia tomaram duas embarcações, que vinham entrando com socorro ao inimigo, e lhe mataram vinte flamengos, e se aproveitaram das munições, e armas que traziam. Em onze do dito mês passou Nicolau Aranha o rio da parte do Norte, aonde a fortaleza estava com toda a gente que consigo trazia, que seriam entre brancos, e índios, cento e oitenta, armados, e tanto que avistou a fortaleza, aonde assistiam trezentos e quarenta e três holandeses soldados, e flamengos livres, e judeus. Neste dia lhe matou a nossa gente vinte

flamengos, e é mui digno de notar, que indo em uma lancha onze holandeses com um ajudante foram investidos de dez moços nossos da terra em uma canoa, e dando-lhes os holandeses primeiro uma carga de mosquetaria não tocaram com bala a nenhum dos nossos, e o nossos atiraram sua carga, e mataram logo seis, e aos outros degolaram a espada, e tomaram a lancha. Neste mesmo dia morreram mais vinte ao inimigo, e nenhum dos nossos foi morto, nem ferido.

Animada a nossa gente com estes prósperos sucessos, aos doze de agosto se chegou Nicolau Aranha com toda a infantaria à força, e assentando seu Arraial lhe tomou todos os caminhos (assim entradas, como saídas) com emboscadas, e corpo de guarda, e mandou logo picar ao inimigo, o qual atemorizado da resolução, não quis sair, e lhe mandou dizer pelo Padre Vigário Amaro Martins, que logo viria a beijar-lhe as mãos, e Nicolau Aranha lhe respondeu pelo mesmo portador, que com muito contentamento o esperava, e que se quisesse o iria buscar à porta da fortaleza para o hospedar na sua barraca como seu servidor, e amigo, ao que o comendor holandês respondeu, que ele o faria como fosse tempo. Vendo isto Nicolau Aranha abalou todas suas estâncias, e se chegou à força, até descobrir as suas casas, aonde lhe matamos muita gente, em particular em vinte e três de agosto, que lh'as semeamos de mortos, saindo eles de noite a roçar o mato que estava junto delas.

Neste mesmo dia teve Nicolau Aranha aviso, em como pelo rio acima vinha um barco grande com provimento para os da fortaleza, deram-lhe aviso à noite, e logo equipou duas canoas com vinte e cinco homens da sua companhia, e da de Francisco Lopes, e alguns moços da terra mui animosos soldados, e por cabo ao Ajudante Francisco Rodrigues, e antes que amanhecesse o renderam. Vinham no barco treze holandeses, e um comissário de Sergipe d'El-Rei, e o fiscal daquela força, os demais eram soldados, e treze homens do mar, destes holandeses morreram seis, e os outros foram presos, e feridos.

Não se descuidaram os do supremo Concelho do Recife em socorrer à sua gente cercada, porque em vinte e oito de agosto mandaram uma nau grande com duas barças, as quais entraram logo pela barra dentro; mandou Nicolau Aranha acudir com as canoas armadas de valor, e com boa gente de sua companhia, e da de Francisco Lopes, e moradores da terra, e por cabo o Alferes N. Guedes Alcoforado, e investindo-as com grande resolução, as fizeram voltar, e fugir com grande vergonha, bastando só as barças sem mais gente de armas que os marinheiros, para virar as nossas canoas, e metê-las no fundo, porém o que acovardou o inimigo não foi tanto a força da nossa gente, como a resolução com que o investimos.

Já neste tempo tinha o Capitão Nicolau Aranha tomado resolução, que quando não pudesse impedir ao inimigo aquele socorro, havia de acometer a fortaleza, e escalá-la, morresse quem morresse, porque se aquele socorro se lhe não pudesse impedir, e se lhe chegasse, era impossível podê-la render por fome. Quis o inimigo fazer uma saída no primeiro dia de setembro, e ainda não havia aberto bem a porta, quando lhe matamos quatro soldados, que foram os primeiros que saíram, e logo se tornaram a recolher, e as fechou. Enfim a nossa gente se chegou tanto à fortaleza, que não ousavam os holandeses a se pôr em cima da muralha, porque em deitando as cabeças por em cima já estavam mortos com as nossas balas; e depois de rendidos nos mostraram alguns as mãos passadas com pelouros, porque para verem a nossa gente, iam a pôr as mãos nos chapéus, e em as pondo, logo as nossas balas lhe furavam os chapéus, e as mãos.

Chegou a Nicolau Aranha em treze de setembro a triste nova, em como o inimigo a falsa fé havia queimado aos nossos navios que estavam na enseada de Tamandaré, o qual com muita dor encobriu a nova, e recolheu a si todas as catas, pondo graves penas a quem as levava, para que o não dissesse a ninguém; e logo se resolveu, e mandou por um oficial, com um tambor dizer ao comendador da força que se rendesse, ou os passaria a todos a cutelo, porque já estava enfadado de o terem ali tanto. Vendo os holandeses a grande resolução, responderam brandamente, como quem o queria fazer. Aos quinze do mês pediram ao Capitão Aranha três dias de tréguas, os quais ele lhes concedeu, e lhe fez o parti do mui favorável; nos dezoito dias do mês estando na barra do rio cinco embarcações cheias de gente, que os iam socorrer, naquela noite se ouviu o som de uma campainha, a qual ia tangendo por entre o nosso corpo da guarda, e se ouviu por alguns dos nossos uma música em tom de ladainha, e se viu uma clara luz: disse então o Capitão Pedro Aranha irmão do Cabo de companhia Nicolau Aranha: Senhores camaradas, sem dúvida que isto devem de ser as almas dos fiéis defuntos, que nos vêm socorrer, eu sou grande seu devoto, e todos os dias as encomendo a Deus, e agora neste ponto acabei de rezar as orações que todos os dias ofereço a Deus por elas; isto é boa nova, prometendo-lhes todos uma missa cantada, tanto que amanhecer, pois amanhã é segunda-feira, e dia em que a Santa Igreja Católica costuma dizer missa, e fazer sufrágios por elas.

Aprovaram os camaradas o bom intento, e tanto que a nova aurora apareceu, bordando as nuvens de labores, e alegrando o mar, e a terra com seu formoso aspecto, se cantou uma Missa de Requiem pelas almas do purgatório, com toda a solenidade que foi possível, e ordenou Nicolau Aranha, que quando o sacerdote levantasse o Corpo do Senhor, o seu precioso sangue em alto, para o mostrar ao povo, disparassem os nossos soldados todas as armas de fogo, e dessem duas cargas cerradas em sinal de alegria, e festa. Caso miraculoso! Tinha o sacerdote consagrado o Corpo de Cristo Nosso Salvador, e querendo-o levantar em alto, disparou o inimigo da fortaleza uma peça de artilharia, e toda a nossa infantaria lhe respondeu com uma carga cerrada de mosquetaria, e tornou a secundar com outra ao alevantar o cálice consagrado, e tão grande foi o estrondo que o inimigo ficou admirado. Acabou-se a missa, e o inimigo começou a chamar com um tambor, mandamos ver o que queria, respondeu que se queria logo entregar.

Fez-lhe Nicolau Aranha mui honrado partido, a saber que saíssem da fortaleza com suas armas, e balas em boca, bandeiras estendidas, e os oficiais com suas insígnias militares, até uns tantos passos, aonde haviam de ser desarmados; achamos-lhe na fortaleza dez peças de artilharia de bronze, muitas balas para elas, porém nenhuma de mosquetes, pólvora pouca, e essa molhada, de mantimentos trinta e sete barris de farinha, a carne que tinham a repartiram. Achamos sete cavalos vivos, achamos duzentos e sessenta e seis flamengos dentro na força, e cinco judeus: sendo mortos no cerco setenta e sete, achamos vinte e quatro mulheres, e trinta e três meninos, e dezoito escravos, dos quais levaram quatorze. Não se aproveitaram os soldados, nem outra alguma pessoa de coisa que os holandeses tivessem na força. Deu-se embarcação às mulheres, meninos, e enfermos, para levarem suas roupas para a Bahia, e cavalos para os que foram por terra. Depois que tivemos a fortaleza por nossa, e os holandeses rendidos desarmados, e passados da outra banda do rio da parte do Sul, para caminharem para a Bahia, apareceram no rio, duas léguas em distância da força uma nau, e três lanchas grandes que vinham aos holandeses com socorro de pólvora, balas, e

armas, e das mais munições de guerra com cento e cinquenta soldados; e a nau vinha só com duas velas pequenas navegando, e por conselho de seis franceses que pediram praça para tomar armas por nossa parte contra os holandeses, mandou o Capitão Aranha disparar uma peça de artilharia da fortaleza que era o sinal que estava dado para os holandeses conhecerem, que estava a fortaleza por sua, e disparada a peça logo a nau largou todo o pano, e as lanchas com ela, e se vieram em direitura para a fortaleza.

Tomou o Capitão Nicolau Aranha conselho no que faria para tomar a nau, e as lanchas, e alguns lhe disseram que as deixasse meter bem debaixo da fortaleza, porque com a artilharia lhe faria grande dano, e com a infantaria por terra, e por mar em barcos, e canoas as renderia facilmente, porém o capitão considerando, que na fortaleza achara pouca pólvora, e essa toda molhada, que não servia para carregar as peças, nem sustentar bateria; e que se a nau, e as lanchas chegassem a meter-se debaixo da artilharia da força, e conhecessem o pouco cabedal que a fortaleza tinha para lhe fazer dano, nos faria a nós muito com a sua artilharia, equipou dois barcos, e algumas canoas carregadas de bons, e valorosos soldados, e antes que as naus, e as lanchas chegassem, mandou investir com elas, e os nossos soldados o fizeram com tanto brio, que chegaram a dar duas cargas cerradas ao inimigo, e não posso afirmar se lhe mataram pouca ou muita gente, porquanto não tenho até o presente testemunha de vista; só sei que picando um vento rijo, começou a nau a fazer bordos, e a disparar sua artilharia, e as lanchas suas roqueiras, e se foram pelo rio abaixo, e saíram fora da barra na derrota do Recife, e os nossos dois barcos, e canoas se tornaram, sem haver entre os nossos soldados, nem mortos, nem ferido algum, porque em tudo os quis Deus favorecer.

Para se render esta fortaleza, que era de grande consideração, para impedir a passagem para a Bahia, e a chave da Capitania de Pernambuco, não se saiu morador algum de sua casa, de sorte que lhe fosse necessário esconder-se pelos matos, antes todos acudiram com suas armas com tanta pontualidade, esforço, e brio, que são merecedores de muito grande louvor. Porque dos moradores, os homens sempre assistiam misturados com os soldados da Bahia, com as armas na mão, fazendo sua obrigação com muito ânimo, e as mulheres em suas casas se ocupavam em fazer de comer para os soldados, e com tanto gosto que nunca nos faltou, antes sempre sobejou o mantimento de vacas, vitelas, perus, patos, galinhas, e carneiros, farinha, leite, doces e as frutas que a terra dava; a nenhum morador fizeram os soldados dano, nem causaram moléstia porque o não mereceram, antes lhes deram muitas graças por o bom tratamento, e oferecendo os moradores das terras (depois da vitória alcançada) muitos dons, e mimos de bois, vacas, e novilhos para trazerem consigo para Pernambuco os soldados como generosos, não quiseram aceitar coisa alguma; só os que vinham enfermos aceitaram alguns cavalos para poderem acompanhar a tropa, e porque os moradores não desconfiassem vendo que se lhes não aceitavam seus oferecimentos.

Tão estremadamente o fizeram nesta ocasião, assim os moradores do Rio de S. Francisco, como os soldados da Bahia, e com tanto esforço, e valor, como os mais valorosos do mundo, e assim desejando eu louvá-los a todos, como merecem, não me atrevo a pôr uns em primeiro lugar, sem fazer agravo aos outros. Porém assim por maior quero ir nomeando de uns, e de outros, alguns que mais se estremaram porque lhe caiu em sorte o ocupá-los o Cabo de Capitães Nicolau Aranha em coisas particulares, dos moradores do rio de S. Francisco, o Capitão André da Rocha de Antas, e o Capitão Valentim Da Rocha, os quais em companhia do Capitão Pedro

Aranha sempre tiveram a vanguarda no cerco da fortaleza; e estiveram mais chegados ao inimigo, João Velho, Manuel Gonçalves Marzagão, Gaspar Gonçalves Nevoa, os dois irmãos chamados os Britos, Francisco Vilanez, o qual, com mui grande trabalho, e dispêndio, mas com muita vontade, e contentamento passou toda a nossa infantaria da outra parte do rio, aonde estava a fortaleza, e no sítio sempre nos acompanhou com pessoa, e fazenda, e outros muitos que não nomeio, por não ser enfadonho, dos da Bahia não me atrevo a declarar o valor que nesta em presa mostraram, só digo que alcançaram a vitória sem nos morrer soldado algum, nem ferido: porém quero nomear os principais que nesta empresa se acharam, o Capitão Francisco Lopes com cinqüenta soldados, o Capitão Pedro Aranha com vinte, o Capitão Diogo de Oliveira de Lacerda com vinte moradores do rio Real, o Capitão Nicolau Aranha a cujo cargo veio esta gente com sessenta e cinco da sua companhia, também dos soldados da Bahia se avantajaram muito o Capitão Gaspar Fernandes Vilar, a quem o Cabo de Capitães Nicolau Aranha proveu de uma companhia de bons, e valorosos soldados; assim dos da Bahia, como dos da terra, e lhe fez número de sessenta, e ele o fez, como de seu valor se esperava, João Furtado de Mendonça, Marcos Dias, Francisco de Aguiar, Gonçalo Dias cabo de esquadra, Francisco de Almeida alferes reformado, Marcos de Oliveira alferes reformado, Gonçalo de Matos Homem natural de Pernambuco, o qual foi em uma das canoas, que fizeram fugir as lanchas do inimigo até as deitarem pela barra fora; e este soldado é filho de um homem nobre, chamado Baltazar de Matos Homem, o qual já tem perdido três filhos nesta guerra, fazendo todos sua obrigação como honrados, segundo o temos escrito atrás.

Não custou esta fortaleza a Sua Majestade cabedal algum, mais que a pólvora e balas, que os soldados gastaram, porque nem o governador geral mandou a infantaria por ordem de S. Majestade a fazer guerra aos holandeses de Pernambuco senão a socorrer os moradores na grande tribulação, e aperto em que estavam. Ganhada esta fortaleza a mandou o Capitão Nicolau Aranha arrasar, por pedimento dos moradores, e por ordem dos nossos governadores da liberdade porque o inimigo não tivesse esperanças de a tornar a possuir; e dez peças de artilharia de bronze, que os outros capitães em suas companhias e tropas, para onde aproveitarmos delas na primeira ocasião de importância, e se não vieram logo para o nosso Arraial da Varzea de Capibaribe, foi porque era quase impossível o comboiá-las por terra, por ser a distancia de sessenta léguas, e haver muitos rios navegáveis que passar, e mais era grande o risco mandá-las em barcos quando o inimigo trazia pelo mar naus de guerra, e lanchas que andavam sempre de vigia; enfim alcançada a vitória, foi o Capitão Nicolau Aranha despedindo os outros capitães em suas companhias e tropas, para onde estava o Governador da liberdade João Fernandes Vieira, e os dois mestres de campo André Vidal, e Martim Soares, e ele depois de ordenar as coisas necessárias no rio, veio marchando detrás na retaguarda, e todos chegaram à Várzea de Capibaribe com próspera viagem.

Pg. 125 a 130

Todos os moradores da campanha,
 Que com a velocíssima corrente
 O rio de Francisco rega, e banha
 (Famoso no Oriente, e Ocidente:)
 Com arte singular, segredo, e manha,
 Apelidado tinham muita gente:
 Com que o belga, que estava neste rio,
 Antônio ficou, medroso, e frio.

Começam a tirar de seus fumeiros,
 As botijas de pólvora providas,
 E nas lanças põem ferro os cavaleiros,
 E cingem as espadas escondidas:
 Fazem das aguilhadas os vaqueiros
 Azagaias agudas, e fornidas,
 Estes tomam clavinas, e espingardas,
 Aqueles flechas, foices e alabardas.

Não há quem não procure o Márcio trato,
 O branco, o índio, o negro emperreado,
 Todos o morrer tem por mui barato
 Com que o flamengo seja destroçado:
 Estes aqui se emboscam pelo mato,
 Aqueles dos currais largam seu gado,
 Suas bocas só falam: guerra, guerra,
 Deitemos fora ao belga desta terra.

Não se podem sofrer tais tiranias,
 Como as com que nos tratam de contínuo,
 Libertemo-nos já destas harpias,
 Das unhas do leão fero, e maligno.
 Prometamos jejuns, e romarias,
 Apelidemos o favor divino,
 Acaba de uma vez esta holandesa
 Nação, vamos lhes entrar na fortaleza.

Vê o fero holandês envolta a água,
 Os moradores todos conjurados,
 Enche-se de furor, de pena, e mágoa,
 E procura prender os mais honrados:
 Da ira se lhe aumenta a ardente frágua,
 Manda fora setenta e três soldados,
 Para que aos principais daquele rio
 Tragam presos à força sem desvio.

Saem fora os soldados, escumando,
 Ira, sanha, furor, e fogo ardente,
 Porém a poucos passos caminhando
 Vieram dar nas mãos da nossa gente:
 Dão de mão posta neles, aclamando,
 A liberdade viva: o brevemente
 A morte os holandeses entregaram,
 E com as suas armas se adornaram.

Sentia-se já vir pela campanha,
 Com quatro companhias venturais
 O valoroso Nicolau Aranha,
 Estes de tropa, aqueles em fileiras:

Chega à borda do rio ardendo em sanha,
Acodem-lhe canoas mui ligeiras,
Em breve chegam todos os fiéis,
Com jangadas, rodeios, e batéis.

Uns aos outros parabéns se dão,
Da estada boa, prospera chegada,
E todos juntos tomam refeição
Da vianda, que estava preparada:
Em descansando um pouco, logo vão
Cercar a fortaleza, e sitiada
Ao largo, vem de uma, e outra banda
Os mais dos moradores com vianda.

Cada qual manda do comer que tinha,
A vitela, o carneiro, e o leitão,
O cabrito, o peru, pato, e galinha,
O jerimum, a fava, e o feijão:
A gorda vaca, o porco, e a farinha,
O saboroso leite, o requeijão,
A aguardente, a confeitura, o vinho,
Nenhum se mostra mísero, e e mesquinho.

Vendo nossos soldados a largueza,
Com que os do rio os tem agasalhado,
Cada qual diz, que nesta brava empresa
Há de ser entre muitos sinalado:
O que mais brios mostra, e mais braveza
É o que a todos tem a seu mandado,
O valoroso Aranha, que oferece
Sangue, e vida, por quem tanto merece.

Vinha por entre as águas navegando,
Um barco com socorro, e munições
Para os belgas do forte, senão quando
Partem contra ele dezesseis leões:
Sete brancos, e nove dos do bando
Do Camarão, de ousados corações,
Acostumados já por muitas vezes
A brigar com os feros holandeses.

Vão embarcados em uma canoa,
Dão-lhe uma, outra, e outra surriada,
No barco cada qual põem sua proa
Com furor, e destreza nunca usada:
Tiram-lhe duas peças, o eco soa,
Porém cada qual erra a pelourada,
Entram no barco, e passam a cutelo
Os belgas, que não podem defende-lo.

O barco trazem pela destra banda,
 Do rio, aonde não chega a artilharia
 Da fortaleza, que o comendor manda
 Disparar, e livra-lo pretendia:
 Já tem ruim princípio na demanda
 Os perigos sequazes da heresia,
 E temem que não de ter triste sentença,
 Se o socorro que esperam tem detença.

Aranha manda logo socorrê-los,
 Tira do barco toda a munição,
 Aos aventureiros, so para entretê-los
 Deu sua parte com liberal mão:
 A todos os demais manda provê-los
 De pólvora, de balas, e morrão,
 O demais cabedal pôs paragem
 Aonde todos gozem da pilhagem.

De noite à fortaleza vem chegando,
 A tiro de arcabuz, e de mosquete,
 Com vagaroso passo, lento, e brando,
 E debaixo das peças já se mete:
 Se sorte que o flamengo em assomando
 As balas lhe atravessam o topete,
 Já não há holandês, que alce cabeça,
 Nem na muralha gente que apareça.

Chega-nos nova, como vinha entrando,
 Com duas lanchas uma nau bizarra,
 E pelo rio acima navegando
 Vinha com elas já dentro da barra:
 Trinta soldados vão do nosso bando,
 Este o mosquete, aquele o remo agarra
 Com seis canoas, é brava a corrente,
 E junto à nau os põem ligeiramente.

Acometem com tal resolução,
 A nau, e lanchas, que medroso, e frio
 Se sente o belga, vendo o coração
 De soldados de tanto esforço, e brio:
 Quer disparar as peças, porém são
 As ondas tão ferozes, que desvio
 Sempre lhe dão, suspira, geme, e chora,
 E a sair torna pela barra fora.

Nossas canoas, como são compridas,
 Com a força dos remos alentadas,
 E do picante vento socorridas,
 Foram entrando pelas enseadas:
 E sendo o nosso exército trazidas,

Relataram as novas estremadas,
Que já fora da barra, em que lhe pez,
Tinham deitado ao pérfido holandês.

Aranha tinha já determinado,
De noite escalar a fortaleza,
E dar remate com assalto honrado
A aquela perigosa, e brava empresa:
Sente-o o holandês, que é bom soldado
(E suposto que de o fazer lhe pesa)
Toca um tambor, pede partido,
O qual foi por Aranha concedido.

Deus-se-lhes toda a roupa que vestiam,
O enxoval das casas, e aparato,
Com todos os mais bens que possuíam,
Todas as miudezas, e seu fato:
Concedeu-se-lhes mais que saíam
Com muita cortesia, e nobre trato,
Com as balas em boca, e estendidas
As bandeiras de Holanda conhecidas.

Também Aranha diz que lhes daria,
Boas embarcações suficientes
Para poderem ir para a Bahia,
Sem mais estorvos, e inconvenientes.
Alegres ficam todos, e à porfia
Vêm saindo do forte diligentes
O comendor cortês, a Aranha chega
E as chaves do rendido forte entrega.

Da força vêm saindo os holandeses,
Atônitos, confusos, e pasmados,
Queixosos da fortuna, e seus reveses
Cruéis, de que se viam salteados:
Nas mãos entregam já dos portugueses
Os mosquetes, clavinhas, e traçados,
E (com mostras de amor) ardendo em ira,
Dentro no peito cada qual suspira.

Vinham marchando todos em fileiras,
Na forma do contrato prometido,
E tendo entregues armas, e bandeiras,
Das nossas caixas foi o estrondo ouvido:
As vozes se levantam pregoeiras,
O clamor pelos bosques repartido,
Vitória, diz, vitória quatro vezes,
Viva o braço, e valor dos portugueses.

As cerimônias todas acabadas,

Que na palestra do sangüíneo Marte
 Por longa idade foram sempre usadas
 Destes, e aqueles, de uma, e outra parte:
 No campo as mesas foram preparadas,
 A sombra do crucífero estandarte,
 E em guisa de amizade, e união
 Deram todos aos corpos refeição.

Pg. 236

No fim do mês de março chegou o Ajudante Bartolomeu Cabral de Vasconcelos com a artilharia da fortaleza do rio de S. Francisco, que a nossa gente tinha ganhada aos holandeses, e deitada a fortaleza em terra por conselho maduro e petição dos moradores daquele distrito.

Pg. 247

Aos doze dias do mês chegou ao nosso Arraial o Capitão João Magalhães com um magote de gado vacum com quatrocentas cabeças, as quais o Governador Camarão com os seus índios, e Paulo da Cunha Souto Maior com as quatro companhias de infantaria, que levou consigo, indo por cabo delas, e o dito Capitão Magalhães com seus soldados ajuntaram no distrito do Rio Grande e Cunhaú, tirando-as da boca ao inimigo e arrancando-lhe todas as roças, para que não tivessem ali mantimento algum e fosse necessário esperar que lh'o mandassem do Recife, aonde havia bem pouco. Com a chegada deste gado, ficou alentada a nossa infantaria, porque já lhe iam faltando muitos dias com a ração. Também chegou às Curcuranas outro magote de gado do rio de S. Francisco com duzentas cabeças, com o que os nossos soldados terão de comer para dois ou três meses. O Camarão e os mais capitães, que estavam com Paulo da Cunha, ficaram na Paraíba, e dizem que com muito mais gado, para o trazerem consigo; da Paraíba escreveram ao nosso governador e mestre de campo, que lhes mandassem ordem do que haviam de fazer.”

BARLÉU, Gaspar. História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil, 1647.

Pg. 43

[Saindo de Porto Calvo] “O Conde Maurício, para aliviar os soldados fatigados da marcha, embarcando-os na Barra Grande (é uma enseada espaçosa, com portando mais de vinte naus, vizinha de Porto Calvo), saltou em terra junto à ponta de Jaraguá, não longe das Alagoas, e perseguiu o inimigo até o rio de São Francisco.

(...)

Perto de Cururipe, tiveram-se indicações de que o Conde Bagnuolo passava, em jangadas, para a outra margem do rio São Francisco, os soldados que ele tinha em Penedo. Ordenou-se por isso a Schkoppe que se dirigisse para ali com tropas de arcabuzeiros, índios e uma companhia de cavalos, para perturbar os planos dos espanhóis. Chegando, porém, ali um pouco tarde, quando atravessava a última jangada,

só se oferecem à cobiça da soldadesca dinheiro e alguns vasos de prata. Em verdade vencida rapidamente a fortaleza, mais depressa do que esperavam Bagnuolo e os habitantes, os quais a julgavam capaz de resistir ao cerco quatro meses, não puderam eles tempestivamente olhar para os seus haveres.

Em chegando Maurício a Penedo, vilazinha às margens do São Francisco, a seis léguas do mar, julgou o lugar idôneo para fazer progressos no território inimigo. Mandou construir ali o forte que lhe tem o nome, e outro junto à barra do rio. O inimigo e os moradores da vila recolheram-se ao Sergipe Del Rei, distante 24 léguas do rio de São Francisco. O estuário dele tem quasi a largura do Mosa próximo ao pôrto de Delftna Holanda. As águas correm muito agitadas. Mandou-se então aos habitantes da margem austral que, com todo o seu gado, passassem para a margem setentrional, afim de não ir ali o inimigo abastecer-se, como antes já acontecera.

Página 44:

Escrevendo êle próprio [Maurício de Nassau] de Penedo a S. A. o Príncipe de Orange, stathouder das Províncias-Unidas, a respeito do que já antes fizera, exprimiu-se nestes termos:

‘...Julgo esta capitania própria para prosseguirmos na luta contra as terras inimigas, mormente no sítio onde corre o São Francisco, de notável largura noutros pontos, estreita seu álveo. Por essa razão levantei-lhe na margem, a 6 léguas da costa um forte bastante sólido, cuja planta mostra o incluso mapa, resolvendo colocar outro menos na própria foz. (...) em certos trechos é tal a sua largura que não o atravessam uma bala de canhão de seis libras; e é tal a sua velocidade e ímpeto, que as suas águas, impelidas longe da foz até alto mar, se conservam doces. Sua profundidade é tal que atinge 8, 12 e 15 côvados.’

Pg. 144

Guardamos Porto Calvo com um forte que tem nome de bom agoiro – Boaventura. Assentado no cume de um alcantil, a quarenta pés de altura, é resguardado por fossos, bastidas e coiraça e tem sete canhões de bronze, um de ferro e dois pedreiros. O forte Maurício presidia a passagem do rio São Francisco, e está construído num morro alto e inclinado, a 5 ou 6 léguas do Oceano, na margem do norte. Dá acesso apenas de um lado. Poderoso pelos seus cinco bastiões e sete peças de metal, domina a planície circundante, submersa, durante os meses estivos, nas águas estagnantes.

Pg. 145 e 146

No forte de Maurício, às margens do São Francisco, acham-se acantonados 540 homens de armas, sob suas respectivas bandeiras e comandantes.

Pg. 211

Nassau a prorrogar-se-lhe o governo por mais um tempo e, resolvido a permanecer no cargo, determinou dilatar o território da Companhia, anexando-lhe primeiramente o Sergipe Del Rei, região antes deserta e do primeiro ocupante. Com esse fim, partiu para ali com tropas André, governador do forte Maurício do Rio São Francisco. Tendo munido prévia e providamente a sua fortaleza, invadiu aquela capitania, cingiu com trincheira uma igreja ali existente, construí um arsenal e fortificou a vilazinha contra

assaltos do inimigo.

(...)

Toda a segurança dos habitantes [do Sergipe] depende do forte de Maurício, porque o sertão não pode ser defendido contra as forças ordinárias do inimigo.

Pg. 245

[Situação da Milícia – por volta de 1641:]

Apresentou o mesmo Tollner a seguinte resenha do exercito distribuído pelo Brasil e pela África: Ao Sergipe Del Rei deram-se 3 companhias; ao Forte de Maurício, às margens do São Francisco, 4;...

Pg. 259

Decidiu-se, pois, empregar toda a deligência em colonizar as Alagoas. De boa vontade resolver Maurício viajar para ali em companhia de Pedro von Hagen, para que, depois de examinar a natureza dos terrenos, os vendesse aos futuros colonos. Pôs à frente deste importante negócio Henrique Moucheron, a quem confiou a admiração das províncias das Alagoas, Porto Calvo e São Francisco.

Francisco de Brito Freire. Nova Lusitânia, 1675.

Pg. 244

Entregando o forte, agasalhou Maurício com termos mais militares que cerimoniais ao Gilberton e aos capitães, convidando-os à sua mesa. Onde, tratando os rendidos como ele quisera ser tratado se o rendessem, mostraram todo ânimo igual entre afetos diferentes. Porque os vencedores não cobriam menos o gosto da vitória, do que os nossos o sentimento da perda.

Entrando o Conde de Banholo em Alagoas, a sua mesma consideração era o seu maior desvelo, pela certeza do inimigo o seguir e pela dúvida da parte em que se poderia conversar. Mas como de conversar-se tratava agora pouco, sem ter ainda notícia do forte, caminhou para a Vila de São Francisco; chamada assim de um notável rio deste nome que por junto dela, estendendo mais oito léguas de curso e a foz em duas da abra, se vai meter no mar, com porto capaz de pequenos navios, quase dez graus e meio para o Sul”.

Quarenta léguas pela terra dentro se precipitam juntas todas as suas águas, de uma estupenda rocha, com ruído tão estrondoso, que se ouve muito distante. Não se ilustrando só com a singular monstruosidade desta catarata (que já advertimos chamar-se vulgarmente cachoeira), o enobrece mais portentosa maravilha, depois que, penetrando dez jornadas ao sertão, abre outra rocha medonha tamanha boca, que sorvendo a este rio inteiro, corre subterrâneo por um sumidouro cavernosos sem tornar-se a ver em distância de doze léguas, de onde, rebentando de novo o nosso Alfeu brasílico, continua seu curso tão caudaloso como antes”.

Pg. 245

A esta Vila de São Francisco chegou o de Banholo quando, chegando depois aviso de que marchavam os holandeses naquela volta, prosseguiu a retirada até a cidade de Sergipe d'El-Rei, com a nossa infantaria. Ainda que diminuída da guerra, da doença e dos que aprisionaram em Porto Calvo, constava de mil e duzentos soldados, fora os índios. Pro esta causa condenaram mais ao Sanfeliche, desamparar tão facilmente, este sito defensável por natureza, a Vila da Madalena, que era o quartel de Alagoas. E agora o de São Francisco, cômodos ambos para receber os socorros de Espanha e da Bahia; não lhe ficando já outro palmo de terra na província de Pernambuco. Sem defender-nos duas léguas antes do trânsito do Rio Piaguí onde, por não dar vau aos inimigos, faziam balsas de ramos com travação de varas e ervas como espadanas, que ligassem aquele modo de tão débeis embarcações. Onde se afogaram alguns pelo risco da passagem, não achando impedimento nem aparência de guarda ou gente nossa”.

Considerada a situação, conveniência e importância da Vila de São Francisco, em que alojava o Nassau, para nos impedir as entradas e se aproveitar de copiosíssimos gado que havia na campanha, levantou junto ao rio um forte real. Em benefício de sua fama e esplendor do seu nome, lhe fez chamar Maurício: guarnecendo-o com sete peças de bronze e mil e seiscentos soldados, á ordem do General Segismundo”.

Pg. 248

Só trouxe para línguas alguns dos mais noticiosos prisioneiros, em que entrou um auditor da milícia e outro sobrinho de João Gessilim. Que estimulado então da mágoa particular, começou a discorrer entre o Conde de Nassau e os outros dos enviados da Companhia: Sobre o interesse comum de lançar de Sergipe ao Banholo; pois já experimentavam sair-lhes frustrada a esperança com que supunham nos seriam de grande impedimento o trânsito de um rio tão caudaloso. Aprovado por todos o seu intento, para executa-lo Segismundo, que assistia ao Forte da Vila de São Francisco, lhe remeteram o mesmo Gessilim com dois mil homens”.

Votaram outros: Que a Bahia, atenta a seu mesmo perigo, estimaria agora o que antes desprezou, porquanto as armas que ali se desembainhavam já lá resplandeciam. E pendendo da sua defesa, como cabeça do Estado, a conservação do Brasil, tratássemos de sustentar nesta só a todas as mais praças. Que empenharmo-nos naquela, tão aberta e desviada sessenta e seis léguas, sem fortificação e sem porto de mar, era de grande risco e de nenhuma utilidade; guardando unicamente a uns currais de vacas, tendo muitos, a muito menos distância nos rios Real e Itapicuru”.

Dos que acompanham as nossas, quando entre tantas aflições se não cansam eles de o fazer, como nos cansaremos nós de o referir? Lá os vimos deixando as saudosas pátrias nas férteis campanhas do Rio Grande, Paraíba e Olinda; marcharem quase à vista do inimigo. Primeiro da Vila de Porto Calvo para a de Alagoas; e logo desta para a de São Francisco para Sergipe e agora de Sergipe para a Bahia. Distâncias que compreendem duzentas léguas. Em muitas das quais a constância abriu caminho por onde a natureza fechou o passo. E tendo sempre maiores dificuldades que vencer; por não serem poucos os retirados a que fugiram, morreram ou furtaram negros, bois e cavalos. Além dos que iam vendendo para acudir ao sustento e obrigação de suas famílias.

Pg. 258

Com a primeira notícia que teve Sanfeliche, havia despedido os capitães João de

Magalhães, Sebastião do Souto e sessenta soldados que fossem a Pernambuco saber mais particularmente dos intentos contrários. Chegados ao Rio São Francisco, para que divididos fizessem melhor a diligência, mandou o Souto passa-lo ao Magalhães e a quarenta e cinco infantes por cima da vila: advertindo-lhes lugar sinalado e dia certo em que se juntariam em Alagoas. Aos quinze que o seguiram, infundiu tanto do seu alento a sua companhia, como se as ações dele só regulassem os movimentos de todos. Ia agora por junto a barra atravessar em balsas o rio quando de um patacho surto vinha a chalupa com dez holandeses vogando para a terra. Aonde os investiu, delegou seis e prendeu o capitão do patacho entre quatro, que mandou por três dos nossos ao Conde de Banholo”.

**“Diário ou Narração Histórica
de Matheus van den Broeck” [Atos de Capitação do Forte Maurício]**

Pg. 38

“Os sitiantes enviaram ao comandante da praça vários comissários e lhe propuzeram comprar o forte por alguns curraes de gado, com o que muito se encolerizou o comandante Koyn, declarando que estava bem provido de pólvora e balas, e não tinha que ver com traidores, portanto não lhe falassem em taes infâmias.”

Pg. 39

Rendição do forte 17 de setembro de 1645

Razões:

1ª . As nossas munições de guerra, isto é, pólvora e mórões que poupamos assim antes , como durante este cerco de perto de 6 semanas, acham-se esgotadas(...)

2ª. Iguamente começo a escassear os víveres, pois amanhã será distribuída a última ração de carne.

3ª. Segundo todas as probabilidades, não seremos socorridos pelos de Recife, pois sabemos com certeza que a maior parte dos nossos, comandados pelo tenente-coronel Hous, foram votos² pelo inimigo, e que o Recife está assim apertado, que mal pôde se sustentar.

4ª. As forças inimigas, que presentemente montam a oitocentos homens, sabemos que crescem de dia em dia, ao passo que as nossas, como é manifesto, vão ao contrário diminuindo. A nossa gente válida não excede a 147 soldados, 30 homens de trem 20 paisanos, ao todo 197 homens em estado de prestar serviço. Com esta força teremos que ocupar: 1º a fortaleza, cujo circuito é de 276 varas; 2º uma obra exterior de 60 varas diante da (a partir daqui página 40) porta para defeza dos carregadores d’agua; 3º um pequeno parapeito na extremidade das pedras, onde devem estar de contínuo 7 homens para aguada e prompto socorro (?). Assim cada homem tem que ocupar perto de duas varas de terreno. Além disto, como se sabe, não há palissadas em torno da fortaleza, e as muralhas recentemente levantadas acham-se arruinadas e abatidas em consequência das continuadas chuvas, de modo que por fora são é fácil galgá-os². Está, pois, indicando a experiência militar, que com tão poucas forças é impossível defender tão largas obras contra adversários numerosos.

5°. *Tão pouco não tivemos meios de cortar a fortaleza, pois, como assentada em pedras, dentro d'ella não se pode haver a terra necessária para levantar outra muralha. Outrossim, dado que fosse isto possível, faltar-nos-iam os materiais e homens que taes obras requerem, quando realizadas as pressas.*

6°. *A guarnição mal alimentada, desnudada, vigiando continuamente nas muralhas, começa a sentir-se tão fraca e desalentada, que a continuar este estado de cousa, é impossível prevenir que se rebelle.*

Por estas e outras considerações, depois de maduro conselho, temos resolvido, como pelo presente resolvemos, entrar amanhã, 18 do corrente, em ajustes com o inimigo, e aceitar as melhores condições que d'elle podermos obter.

Pg. 41

“Entre os rendidos: soldados, paisanos, judeus, mulheres e meninos com arca, caixas, negros, negras e cavalos.”

(...)

“levaram também 3 canhões com suas carretas”.

Pg. 42

“Levaram também as armas brancas e as bandeiras. Os negros e negras carregara as bagagens dos oficiais”

(...)

“Os oficiais eram: capitães, tenentes, alferes, sargentos, guarda-mestres, mestres-de-obra, schow² Escabinos, secretario, comissário e auditor.

Pg. 43

Foi concedido para cada oficial um negro para levar a bagagem.

(...)

“Não se tocará na roupa das mulheres”

Pg. 44

dogre – barco holandês de peça

Pg. 45

Fortim de Sergipe de El'Rei – comandado pelo tenente Hans Vogeess – também foi cercado e rendido *“pois que achava-se no forno o ultimo pão e não tinha a guarnição mais o que comer”*

Os soldados do forte Mauricio ficaram no arcabouço de Serinhaém

“Creio que em outubro chegamos ao rio S. Francisco, cujo forte já os nossos haviam entregue, e empregava-se o inimigo em demolil-o”

*soldados recebiam 4,5 ***? Por dia e ração de 1 alquere de farinha por *** como os soldados do rei.*

NIEUHOF, Joan. MEMORÁVEL VIAGEM MARÍTIMA E TERRESTRE AO BRASIL.

Pg. 98

No tempo em que lá estivemos era a seguinte a situação eclesiástica do Brasil Holandês. Antes da insurreição dos portugueses, havia, ao sul do Recife, cinco igrejas protestantes, a saber: no Rio São Francisco, em Porto-Calvo, em Serinhaém, no Cabo Santo Agostinho, e no cabo Santo Antônio, conquanto raramente dispusessem todas elas de ministros, pois sempre havia algum que deveria regressar à Holanda, por já haver decorrido o tempo pelo qual deveria servir.

Pg. 302 e 303

No dia 17 de novembro o Conselho recebeu notícias de que as nossas tropas sob o comando do Coronel Hinderson desembarcam em Corasipa sem serem molestadas. Marchando daí para o Rio São Francisco e o Forte São Maurício, não encontraram oposição do inimigo, que tinha iniciado a demolição do dito forte. Depois de atravessar o rio, nossas tropas foram acompanhadas pelos navios menores, navegando rio acima. Prosseguindo a marcha para para Sergipe d'el Rei, deixaram para trás turmas encarregadas de reformar o forte. Diziam mais, as notícias recebidas, que quatro portugueses haviam solicitado anistia.

Enquanto as nossas forças operavam na região, tive ordem para lá seguir a fim de superintender ao aprisionamento da tropa (e felizmente havia, então, grande fartura). Determinei o embarque da carga que me fora confiada, a bordo do navio Bruinvisch comandado por Frans Franz.

Zarpamos a 24 de novembro. Fomos levados por vento forte em duas horas até ao pé da cadeia que o povo chama Serra da Cangalha, devido à sua conformação. O litoral e as adjacências são cobertos de dunas de areia branca. Cerca de meia hora depois do sol posto, achávamo-nos ao largo da Baía de Tamandaré, e, continuando a rota com vento à feição, dois dias mais tarde ganhávamos a desembocadura do grande rio. É tão larga a sua foz, que uma peça de grosso calibre não seria capaz de atravessá-la. A corrente ingressa suavemente no oceano; durante o inverno e suas águas são baixas; no verão, porém, aumenta de volume, talvez ao degelo que o sol ocasiona. A cerca de 50 léguas de sua desembocadura, há uma enorme catarata circundada por muitas ilhas. Em ocasiões de tempestade, é tão impetuoso o mar, na foz do rio, que mesmo os mais experimentados marujos deixam-se tomar de pavor. A corrente carrega, então, em seu dorso, grandes blocos de terra desagregada. Vencemos a desembocadura do caudal, mas logo depois do pôr do sol, fomos forçados a lançar ferro, pois o vento este, que nos deveria levar rio acima, só começa a soprar por volta das três da madrugada. A região parecia muito amena de ambos os lados, e, nas margens, conseguimos avistar grande quantidade de animais selvagens bem como algumas cabanas feitas de palha. Ficamos detidos quase um dia em um bando de areia, e, depois de o termos vencido, atingimos a

vila denominada Penedos, a cavaleiro de uma elevada montanha. Aí desembarcamos com o auxilio de nossos botes e encontramos diversas casas reconstruídas pelos nossos; as demais haviam sido incendiadas pelo inimigo em retirada. No tempo dos portugueses existia no forte uma igreja que transformamos em arsenal, era circundada por um bom muro junto ao qual o rio passava, ao norte, onde a montanha é abrupta.

APÊNDICE C – RESUMO DAS FORTIFICAÇÕES ENTRE A BAHIA E O MARANHÃO.

Este apêndice apresenta um breve apanhado das fortificações mencionadas entre a Bahia e o Maranhão, locais onde houve alguma presença holandesa. Não foi possível fazer um estudo aprofundado sobre a grande maioria das fortificações aqui apresentadas, mas buscou-se ao menos registrar algumas informações básicas, sempre a tivemos acesso a estas informações. Assim, os espaços em branco correspondem a informações que não foram localizadas na bibliografia consultada.

BAHIA

Nº	FORTE	LOCAL	ANO	BANDEIRA	REGISTRO ICONOG.	FORMA	SITUAÇÃO ATUAL	MODIFICAÇÕES
01	Torre de Francisco Pereira Coutinho			Português	-	Torre	-	
02	Torre de Garcia D'ávila	Tatuapara	1598	Português	-	Torre	ruínas	
03	Forte da Graça	-	-	Português	-	Torre	-	
04	Santo de Santo Antonio da Barra	Salvador	1534	Português	Sim	Torre Hexagonal	permanece	Foi ocupado pelos holandeses
05	Forte de Santo Alberto	Salvador	Antes de 1609	Português	Sim	Torre de base quadrada	Desaparecido	-
06	Forte de Monte Serrat ou São Felipe	Salvador	1586	Português	Sim	Torre hexagonal irregular	Permanece	Foi ocupado pelos hoandeses
07	Forte Santiado, Lagartixa ou Água de Meninos	Salvador	1594	Português	Sim	Torre de base circular	Incorporado à construção recente	Foi ocupado pelos holandeses
08	Baluarte da Ribeira	Salvador	-	Português	Sim	-	-	Modificado pelos holandeses
09	Muros da Cidade	Salvador		Português	Sim			
10	Santa Maria	Salvador	1629	Português	Sim	Irregular	Permanece	
11	Fortim São Diogo	Salvador	1629	Português	Sim	Irregular	Permanece	
12	Forte da Lage	Salvador	1609-1612	Português	sim	Quadrangular/ Abaluartado	Área reocupada	Modificado pelos holandeses
13	Forte do Mar ou São Marcelo	Salvador	1650	Português	Sim	Circular	Permanece	
14	Forte de São Pedro	Salvador	1624	Holandês	Sim	Abaluartado		

15	Bateria de São Paulo da Gamboa	Salvador	1715	Português	sim	-	-	-
16	Forte de Santo Antonio Além do Carmo	Salvador	1638	Português	Sim	Abaluartado /irregular(séc.		
17	Do Barbalho	Salvador	1638	Português	sim	Abaluartado (séc.		
18	Casa de Pólvora dos Aflitos	Salvador	Início séc. XVIII	Português	Sim		Desaparecido	
19	Porta de São Bento ou Santa Luzia	Salvador	c.a. 1581	Português	Sim		Desaparecido	Provavelmente sofreu intervenção holandesa
20	Porta do Carmo ou Santa Catarina	Salvador	c.a. 1581	Português	Sim	-	Desaparecido	Alterada pelos holandeses
21	Forte de São Bartolomeu da Passagem	Salvador	Antes de 1638	Português	Sim	Estelar	Desaparecido	
22	Fortim do Rio Vermelho	Salvador	c.a.1635	português	Sim	-	Desaparecido	
23	Reduto de Camarão	Salvador	c.a. 1638	Português	Sim	-	Desaparecido	
24	Fortim de São Francisco ou Quebra Pratos	Salvador	Antes de 1638	Português	Sim	Pentagonal	Desaparecido	-
25	Fortim do Rosário	Salvador	Antes de 1638	Português	-		Desaparecido	-
26	Casa de Pólvora do Desterro	Salvador	c.a.1678-1682	Português	Sim	Abaluartado	Desaparecido	-
27	Morro de São Paulo	Ilha de Tinharé	1630	Português	-	-	-	-
28	Itaparica	Ilha de Itaparica	1711	Português	-	-	-	-

SERGIPE

	FORTE	LOCAL	ANO	BANDEIRA	REGISTRO ICONOG.	FORMA	SITUAÇÃO ATUAL	MODIFICAÇÕES
01	Forte na barra do rio Sergipe			Portugueses	Sim	abaluartado	Desaparecido	

ALAGOAS

	FORTE	LOCAL	ANO	BANDEIRA	REGISTRO ICONOG.	FORMA	SITUAÇÃO ATUAL	MODIFICAÇÕES
01	Forte de Porto Calvo	Porto Calvo	Antes de 1635	Holandês	Sim	Abaluartado	Desaparecido	Construído pelos holandeses, tomado pelos portugueses, e retomado pelos holandeses.
02	Forte Camaragibe	Camaragibe	-	Holandês	-	-	Desaparecido	-
03	Forte de Paripueira	Paripueira	-	Holandês	-	-	Desaparecido	-
04	Forte de Porto de Pedras	Porto de Pedras	-	Holandês	-	-	Desaparecido	-
05	Forte Maurício	Penedo	1637	Holandês	Sim	Abaluartado	Desaparecido	
06	Reduto em Alagoas do Sul	Marechal Deodoro	-	Holandês	Sim	Quadrangular	Desaparecido	-

PERNAMBUCO

	FORTE	LOCAL	ANO	BANDEIRA	REGISTRO ICONOG.	FORMA	SITUAÇÃO ATUAL	MODIFICAÇÕES
01	A Bateria em Frente a Barra (Porto do Recife)	Recife	1620-22	Port.				
02	Bateria de Calhetas	Cabo de Santo Agostinho	Início sec. XVII				Arruinado	
03	Bateria em Frente ao Forte Sécula							
04	Baterias da Enseada de Calhetas	Enseada de Calhetas	1631	Português				
05	Campo de Batalha do Monte das Tabocas	Vitória de Santo Antão	1645				Sem vestígios aparentes	
06	Campo de Batalha dos Montes Guararapes	Jaboatão dos Guararapes	1648					
07	Casa-Forte de Duarte Coelho	Olinda	1538/ 1540	Português		Torre de pedra e cal	Sem vestígios aparentes	
08	Casa-Forte	Recife	1645	Portuguese			Área reocupada	
09	Castelo do Mar ou Castrum Maritimus	Cabo de Santo Agostinho	Início XVII		Sim		Ruínas	

10	Castrum Dussen	Cabo de Santo Agostinho	Início XVII		Sim	Quadrangular	Destruído. Ruínas não identificadas	
11	Castrum Giselini	Cabo de Santo Agostinho	Início XVII		Sim	Quadrangular com dois meios baluartes	Destruído. Ruínas não identificadas	
12	Duas Baterias ao Lado do Forte de São Jorge (Novo)		1620-26	Port.				
13	Engenho de Marcos André							
14	Engenho S. Pantaleao do Monteiro (Engenho Monteiro)			Com construção holandesa				
15	Estancia de Antonio Felipe Camarão			Port				
16	Estancia de Henrique Dias			Port				
17	Estancia do Aguiar							
18	Estancia Nuno de Mello	Remédios	1630-35					
19	Feitoria de Cristovão Jaques	Igarassú	1516	Portugueses			Vestígios	
20	Forte da Barreta	Recife	Início Sec. XVII	Holandês			Área reocupada	Ocupado pelos portugueses e retomado pelos holandeses
21	Forte das Cinco Pontas	Recife	1630	Holandeses	Sim	Abaluartado	Permanece	Modificado pelos portugueses
22	Forte das Três Pontas Arx Waedenburch, Forte Waerdenburch, Forte Séqua, Forte Kik In De Pot	Recife	1631	Holandeses	Sim	Abaluartado	Área reocupada	
23	Forte de Nazare	Cabo de Santo Agostinho	Antes de 1631	Português	Sim		Destruído. Ruínas não identificadas	
24	Forte de Nazare (construído após 1632)	Cabo de Santo Agostinho	C.a. 1632	Português.		Madeira e terra	Destruído. Ruínas não identificadas	Ocupado pelos holandeses
25	Forte de Pau Amarelo	Paulista	1719/ 1866	Português	Sim (relativamente recente)	Trapezoidal	Permanece	
26	Forte de Santa Cruz	Tamandaré	1630				Sem vestígios	

							aparentes	
27	Forte de Santo Amaro das Salinas ou Soutpanne	Recife	Início Séc. XVII	Português			Área reocupada	Destruido e reconstruido pelos holandeses com o nome de soutpanne
28	Forte de São Francisco (do Mar, da Lage, da Lagem, S. Francisco; S. Francisco da Barra, do Picão)	Recife	Início Séc. XVII	Português	Sim	Torre circular	Nada resta	Modificado pelos holandeses
29	Forte de São Francisco Xavier	Cabo Santo Agostinho	1630	Português	Sim (relativamente recente)	Pentágono irregular	Arruinado	
30	Forte do Arraial Novo do Bom Jesus	Recife	1645				Vestígios	
31	Forte do Brum	Recife	+1630	Holandês	Sim	Abaluartado	Permanece	Modificado pelos portugueses
32	Forte do Buraco	Recife	1630	Holandês	Sim	Quadrangular	Arruinado	Modificado pelos portugueses
33	Forte do Matos	Recife					Sem vestígios aparentes	
34	Forte do Queijo (ou S. Francisco ou Montenegro)	Olinda	1620-1622	Português			Permanece	Modificado pelos holandeses
35	Forte do Rio Formoso	Rio formoso	Antes de 1633	Português			Destruido	
36	Forte do Rio Tapado não chegou a ser construido	Olinda	Início Séc. XVII	Português		Entrincheiramentos, fossos e paliçadas	Área provavelmente reocupada	
37	Forte dos Negros	Recife	Antes 1639		Sim			
38	Forte Ernesto (Esnestus, de Santo Antônio) (Convento Franciscano)	Recife	Início séc. XVII	Holandeses	Sim	Abaluartado 2 baluartes 2 ½ baluartes	Área reocupada	Destruido pelos portugueses
39	Forte Francês	Itamaraca	1532	Francês			Sem vestígios aparentes	
40	Forte Orange Stª Cruz de Itamaracá; Stª Cruz; Castrum Auriacum	Itamaracá	1631	Holandês	Sim	Abaluartado	Permanece	Modificado pelos portugueses

41	Forte Príncipe Guilherme ou Afogados ou Piranga ou Príncipe Willem	Recife	1633	Holandês	Sim	Abaluartado	Área reocupada	
42	Forte Quebra Pratos ou Bom Jesus	Recife	Início séc. XVII				Área reocupada	
43	Forte Real do Bom Jesus	Recife	1630	Português	Sim	Abaluartado irregular	Vestígios	
44	Forte São Jorge Novo Arx Georgy	Recife	Início sec. XVII	Portugues	Sim	Abaluartado (1 baluarte e 2 meios baluartes)	Sem vestígios aparentes	
45	Forte São Jorge Velho	Recife	Fim. Sec. XVI	Portugues		De madeira		
46	Forte Tamandare ou da Barra Grande	Tamandaré	C.a. 1630	Português			Permanece	
47	Forte Thyszzon - entrincheiramento organizado em 1634 por Calabar							
48	Fortim Alternar	Recife	1629	Português			Área reocupada	Em seus lugar os holandeses construíram o forte três pontas
49	Fortim de Catuama	Itamaracá	Início sec XVII	Português			Ruínas	
50	Guarita de Joao de Albuquerque ou Guarita de Santa Cruz do Mar	Olinda	1620-22.	Português			Área reocupada	Port-holand.-port.-holand.port.
51	Outeiro do Barbosa							
52	Passo de Santa Ana		1635					
53	Passo do Fidalgo							
54	Quartel da Barra de Nazare	Cabo de Santo Agostinho					Ruínas	
55	Reduto da Passagem Da Barra dos Marcos							
56	Reduto de João Paes Barreto							
57	Reduto de Sao Tiago	Beberibe	C.a.					

			1630					
58	Reduto de Tejucupapo	Goiana	C.a. 1646	Português			Vestígios	
59	Reduto dos Marcos	Igarassú	Início Séc. XVI	Português		Madeira, depois pedra e cal	Vestígios dos alicerces	
60	Reduto Emília ou Amélia	Recife	Início Séc. XVII	Holandês	Sim		Área reocupada	Ocupado pelos portugueses
61	Reduto Frances							
62	Reduto Holandes do rio Morequipe, ao sul do Forte de Nazare							
63	Reduto Holandes, proximo à Barra, no Cabo de Santo Agostinho							
64	Redutos do Cabo de Santo Agostinho	Cabo de Santo Agostinho	Início séc XVII	Pelo menos 1 português e 4 holandeses	Sim		Destruído. Ruínas não identificadas.	
65	Redutos Holandeses a margem do Capibaribe (4)	Recife	1630-35					
66	Sirinhaém	Sirinhaém	Inicio XVII		Sim		Área reocupada	
67	Trincheira das Salinas							
68	Trincheira de Olinda (entre o Forte de S.Francisco e o Santa Cruz do Mar)	Olinda	1620- 1622			Paliçada ao longo da costa		
69	Trincheira do Istmo	Entre Olinda e Recife	1595	Português				
70	Trincheira do Mendonça	Madalena	1630-35					
71	Trincheiras da Ilha de Antonio Vaz	Recife	1630-35					
72	Trincheiras de Luiz Barbalho	Salinas	1630-35					Tomada pelos holandeses
73	Trincheiras dos Afogados		1630-35	Português				
74	Vila de Igarassu	Igarassú	C.a. 1535	Português	Sim	Estacada de pau a pique	Sem vestígios aparentes	

75	Vila de Nazare	Cabo de Santo Agostinho	Início XVII	Português	Sim		Sem vestígios aparentes	
76	Vila Velha Vila Schkoppe N.Sr ^a . da Conceição	Itamaracá	Início sec. XVI	Português	Sim	“cerca” Irregular	Vestígios	Modificado pelos holandeses

PARAÍBA

	FORTE	LOCAL	ANO	BANDEIRA	REGISTRO ICONOG.	FORMA	SITUAÇÃO ATUAL	MODIFICAÇÕES
01	Santa Catarina Do Cabedêlo	Cabedelo	1586				Permanece	
02	Santo Antonio	Cabedelo	1631				Nada resta	
03	Da Conceição	Ilha da Conceição	1579				Nada resta	
04	Da Restinga						Nada resta	

RIO GRANDE DO NORTE

	FORTE	LOCAL	ANO	BANDEIRA	REGISTRO ICONOG.	FORMA	SITUAÇÃO ATUAL	MODIFICAÇÕES
01	Dos Reis Magos	Natal-Rn	1598	Portugueses	Sim		Permanece	

CEARÁ

	FORTE	LOCAL	ANO	BANDEIRA	REGISTRO ICONOG.	FORMA	SITUAÇÃO ATUAL	MODIFICAÇÕES
01	Nossa Senhora da Assunção	Fortaleza	1649				Permanece	
02	Nossasenhora do Rosário	Jericoacoara	1613				Desaparecido	
03	São Tiago	Foz do rio Ceará	1604				Desaparecido	

MARANHÃO

	FORTE	LOCAL	ANO	BANDEIRA	REGISTRO ICONOG.	FORMA	SITUAÇÃO ATUAL	MODIFICAÇÕES
01	de Guaxenduba	Foz do Rio Munim	1614				Desaparecido	
02	Ponta da Areia	São Luis	1614				Bombeiros	
03	São Marcos	São Luis	1694				Permanece	
04	São Felipe	São Luis	1612				Ruínas	

